

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira



NAS TRILHAS DA MEMÓRIA:
TRANSFORMAÇÕES DE UM PASSADO PRESENTE EM SERRA DO FACÃO (2008/2020)

UBERLÂNDIA
2022

ANDERSON APARECIDO GONÇALVES DE OLIVEIRA

NAS TRILHAS DA MEMÓRIA:
TRANSFORMAÇÕES DE UM PASSADO PRESENTE EM SERRA DO FACÃO.
(2008 - 2020)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica Chaves Abdala

Uberlândia, MG
2022

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48
2022 Oliveira, Anderson Aparecido Gonçalves de, 1989-
NAS TRILHAS DA MEMÓRIA: TRANSFORMAÇÕES DE UM PASSADO PRESENTE EM SERRA DO
FACÃO. (2008 - 2020) [recurso eletrônico] / Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira. - 2022.
271 f.: il. color.

Orientadora: Mônica Chaves Abdala.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em
História.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.122>

Inclui Bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. História. I. Abdala, Mônica Chaves, 1958-, (Orient.). II. Universidade
Federal de Uberlândia. Pós-graduação em História. III. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902 Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	TESE DE DOUTORADO, Ata 1, PPGHI				
Data:	Vinte e quatro de janeiro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11713HIS001				
Nome do Discente:	Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira				
Título do Trabalho:	Nas trilhas da memória: transformações de um passado presente em Serra do Facão (2008-2020)				
Área de concentração:	História Social				
Linha de pesquisa:	História e Cultura				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Comida, Cultura e Sociabilidade				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores Doutores: Cairo Mohamad Ibrahim Katrib (UFU), Maria Andréa Angelotti Carmo (UFU), Tadeu Pereira dos Santos (UNIR), Ismar da Silva Costa (UFCAT), Mônica Chaves Abdala orientadora do candidato.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Mônica Chaves Abdala, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a): **Aprovado.**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Mônica Chaves Abdala, Usuário Externo**, em 24/01/2022, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cairo Mohamad Ibrahim Katrib, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/01/2022, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Andrea Angelotti Carmo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/01/2022, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de](#)

[outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ismar da Silva Costa, Usuário Externo**, em 24/01/2022, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tadeu Pereira dos Santos, Usuário Externo**, em 24/01/2022, às 18:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3273598** eo código CRC **A1F91AD4**.

NAS TRILHAS DA MEMÓRIA:
TRANSFORMAÇÕES DE UM PASSADO PRESENTE EM SERRA DO FACÃO.
(2008 - 2020)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de doutor em História social.

Orientadora: Mônica Chaves Abdala

Uberlândia, 24 de janeiro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Mônica Chaves Abdala – UFU

Prof.^a Dr.^a Maria Andréa Angelotti Carmo – UFU

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibraim Katrib – UFU

Prof. Dr. Tadeu Pereira dos Santos – UNIR

Prof. Dr. Ismar da Silva Costa – UFCAT

Dedico este trabalho aos meus amigos Flávio Martins e Glaydes Santana, à minha avó paterna Ida Leão de Oliveira e ao meu pai José Antônio Leão de Oliveira, que hoje são estrelas no céu.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os percalços e desafios enfrentados para chegar até aqui. Por várias vezes, a vontade de desistir foi gigantesca. Verdadeiramente, os últimos anos se tornaram uma grande prova em minha vida e de minha família. No entanto, nunca estive sozinho, o que me deu forças para continuar. Assim, agradecer a estas pessoas, neste momento, torna-se ainda mais especial.

À toda minha família, em especial minha mãe Sônia, minha irmã Jéssica, meus avós Aparecido e Eletizia por sempre acreditarem em mim. Vocês sempre foram minha base e o que me mantinha de pé!

À minha namorada Brenda, que segurou em minha mão e caminhou junto comigo nas horas felizes, e sobretudo nos momentos mais sombrios da minha vida.

Aos meus amigos e amigas que se tornaram irmãos da vida: Ludyo, Willian Rocha, Luiz Sérgio, Manjuba, Marcos, Adilson, Fabrício, Tassiana, Mayara França, Iana, Inarah, Ruhama e Gabi que representam tantos outros que estiveram sempre ao meu lado, me dando forças e me levantando a cada tombo da vida.

Aos meus colegas de trabalho, que passaram a ter um espaço enorme no meu coração e que hoje tenho a honra de dizer que também são meus amigos e amigas: Priscila Lemos, Maria Helena, Fernanda Santana, Lígia Saraiva, Erika Quites, Laís Cruz, Viviane, Aline, Suelen, Robson e Rafael Mascarenhas, que representam aqueles cujos nomes não aparecem aqui, mas que sempre acreditaram em meu trabalho e vivem comigo a esperança de uma melhor educação para este país.

A Neysson Maciel que tem sua contribuição neste trabalho e que, juntos a , Fernanda Naves, Iza Costa e Chileno, representam todos os amigos de Ituiutaba que sempre estiveram ao meu lado, me apoiaram e fizeram parte de minha trajetória até este momento.

Aos meus professores, seja do ensino médio, graduação e/ou pós-graduação, meus sinceros agradecimentos, afinal, nenhum caminho é trilhado de forma solitária e o papel docente é fundamental no processo formador acadêmico, como também de um sujeito como agente social.

Ao Cairo Mohamad Ibraim Katrib, por quem tenho um enorme carinho e respeito. Tornou-se exemplo a ser seguido de ser humano e de profissional.

Ao meu amigo Tadeu Pereira dos Santos, que me ensinou a nunca desistir. Sua história de superação de vida é inspiração para muitos, em especial para mim.

À minha amiga Luciana Lemes, que representa aqui os queridos do grupo carinhosamente chamado de “Facção do H”, cuja amizade é verdadeira e que muitas vezes foi fundamental com um afago, uma palavra ou um simples abraço.

À minha querida amiga Maria Andréa Angelotti Carmo, que representa todos aqueles que trabalharam comigo durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, uma das fases de maior crescimento profissional e pessoal. Como aprendemos juntos!

Ao Rafael Ribeiro, por todas as conversas e conselhos no período de construção acadêmica, representando todos aqueles que estiveram junto conosco durante o Projeto Serra do Facão. Foram vários os desafios, mas tenho orgulho do que construímos.

À profissional e amiga Rosa Maria, que me acolheu no momento em que mais precisei. São gestos como estes que mostram o quão grande é seu coração.

À Maria Clara Tomaz Machado, que carinhosamente chamamos de “Tia Clara” e que deixou marcas profundas no meu processo de aprendizagem e de formação acadêmica e pessoal. Em vários momentos acreditou mais em mim, que eu mesmo. Obrigado por cada palavra de carinho, por cada bronca necessária, sobretudo por sempre estar ao meu lado e apostar em meu sucesso. Espero não te decepcionar.

À minha orientadora Mônica Chaves Abdala, pela paciência e por enfrentar comigo este grande desafio.

À Renata e Gizele, que aqui representam a Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, pelo apoio, compreensão e humanidade com que sempre fui tratado. Essa não é uma conquista minha, mas nossa!

E, por fim, gostaria de agradecer àqueles que não se fazem mais presentes, mas que foram fundamentais em minha vida: minha prima Kátia, minha avó Ida Leão, aos meus grandes amigos Flávio e Glaydes, em especial, ao meu pai José Antônio Leão de Oliveira. Tenho certeza de que, onde estiverem, estão torcendo por mim. Tenho orgulho de ter conhecido vocês nesta vida e dedicarei todas as minhas conquistas a vocês!

“Tantas vezes parece que é o fim
Mas no fundo, é só um recomeço
Afinal, pra poder se levantar
É preciso sofrer algum tropeço”
(BESSA, 2017)

RESUMO

A presente tese procura revisitar as memórias dos antigos moradores das áreas afetadas pela UHE Serra do Facão, para compreender como ressignificaram seus modos de vida, suas sociabilidades, suas práticas culturais, uma década após a retirada de grande parte dos moradores do entorno do Rio São Marcos, no Sudeste goiano. Para tanto, visa entender os processos socioculturais, a forma como os sujeitos afetados pelo empreendimento recriaram suas relações com o lugar e com a cidade, redefinindo novas relações pós-instalação da Usina Hidroelétrica. Procura observar como percebem, na atualidade, o impacto do processo em suas vidas, como avaliam as mudanças pelas quais passaram e como aplicaram os recursos adquiridos com as indenizações. Além disso, visa entender como estas transformações ocorreram em Catalão/GO, uma vez que esta cidade é polo regional e a mais afetada, direta e indiretamente pelo empreendimento hidrelétrico. Os conceitos que norteiam o estudo são os de memória, pertencimento e lugar. Referenciados pela História Cultural, permitem redescobrir o conjunto de significados partilhados e construídos por homens e mulheres para explicar o mundo. As fontes documentais utilizadas no trabalho se constituem, fundamentalmente, de registros de memória, orais e escritos; dados econômicos e estatísticos, fotografias, reportagens e documentos produzidos no processo de construção e instalação da Usina Hidrelétrica Serra do Facão.

Palavras-chave: História, Memória, Identidade, Lugar, Catalão, Práticas culturais; Transformações; Serra do Facão; Barragem; Rio São Marcos.

ABSTRACT

This thesis seeks to revisit the memories of former residents of the areas affected by the Serra do Facão HPP, in order to understand how their ways of life, their sociability, their cultural practices reinterpreted, a decade after the removal of a large part of the inhabitants of the surroundings of the São River Marcos, in Southeast Goiás. Therefore, it aims to understand the sociocultural processes, the way in which the subjects affected by the project recreated their relationships with the place and with the city, redefining new relationships after the installation of the Hydroelectric Power Plant. It seeks to observe how they currently perceive the impact of the process on their lives, how they assess the changes they have gone through and how they applied the resources acquired with the indemnities. In addition, it aims to understand how these transformations occurred in Catalão/GO, since this city is a regional hub and the most affected, directly and indirectly, by the hydroelectric project. The concepts that guide the study are those of memory, belonging and place. Referenced by Cultural History, they allow rediscovering the set of meanings shared and constructed by men and women to explain the world. The documental sources used in the work are basically made up of oral and written memory records; economic and statistical data, photographs, reports and documents produced in the construction and installation process of the Serra do Facão Hydroelectric Power Plant.

Keywords: History, Memory, Identity, Place, Catalão (GO), Cultural practices; Transformations; Serra do Facão; Dam; São Marcos River.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGENS

FIGURA 1	Fotografia. Charqueada de Catalão.....	62
FIGURA 2	Fotografia. Frigorífico família Margon.....	63
FIGURA 3	Fotografia. Inauguração da estrada de ferro em Catalão em 1913.....	65
FIGURA 4	Fragmento de Relatório de extração de metais em Goiás, 1970-80.....	76
FIGURA 5	Caderno de Entregas e Resultados – Taxas de Homicídio, Goiás e Catalão, 2018-2022.....	115
FIGURA 6	Diagrama. Interiorização de homicídios.....	127
FIGURA 7	Cartaz comemorativo dos dez anos da UHE Serra do Facão.....	131
FIGURA 8	Print de tela. Facebook da SEFAC.....	132
FIGURA 9	Hidrelétricas – Triângulo Mineiro e Sudeste de Goiás.....	181
FIGURA 10	Print de tela. Privatização da Celg, GO (2017).....	183
FIGURA 11	Fotografia. Casa rural, pertencente ao Sr. Lourival Peixoto de Campos e Dona Helena Rosa de Mesquita – Catalão/GO.....	191
FIGURA 12	Planta baixa. Casa do Sr. Lourival Peixoto de Campos e Dona Helena Rosa de Mesquita.....	192
FIGURA 13	Fotografia. Casa da década de 1940. Exemplo de tijolões de barro maciço. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde - Catalão/GO.....	193
FIGURA 14	Fotografia. Casa rural Sr. Silvio Correia de Mesquita e Dona Lourdes de Neiva Mesquita. Fazenda Pires – Catalão, GO.....	194
FIGURA 15	Planta baixa. Casa do Sr. Sílvio Carneiro de Mesquita.....	195
FIGURA 16	Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão - Canteiro de obras (I).....	197
FIGURA 17	Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão - Canteiro de obras (II).....	197
FIGURA 18	Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão - Canteiro de obras (III).....	198
FIGURA 19	Print de tela: E-mail enviado para a empresa. 22 jan. 2020.....	210
FIGURA 20	Print de tela. E-mail de resposta da empresa. 22 jan. 2020.....	211
FIGURAS 21a e 21b	Fotografias. Entrevistas realizadas com Rayane Mesquita Dias e Sra. Sandra Maria Mesquita Dias. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009.....	214

FIGURAS 22a e 22b	Fotografias. Entrevistas realizadas com o Casal José Gonçalves Mesquita e Jaci Martins Borges. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009.....	214
FIGURAS 23a e 23b	Fotografias. Entrevista e filmagem com a Sra. Lourdes Neiva da Silva. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009.....	214
FIGURAS 24a e 24b	Fotografias. Entrevista com os Srs. José da Luz Pires e Francisco Fabrício. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009.....	215
FIGURAS 25a e 25b	Fotografias. Reunião de Sensibilização e coleta de dados. Fazenda Pires, Catalão, GO. Dez. 2008.....	215
FIGURAS 26a e 26b	Fotografias. Reunião de sensibilização e coleta de dados na região de Rancharia. Campo Alegre de Goiás. Dez. 2008.....	215
FIGURAS 27a e 27b	Fotografias. Travessia da equipe de pesquisadores pela Balsa sobre o Rio São Marcos, com destino à comunidade Fazenda Paulista – Divisa dos municípios de Campo Alegre de Goiás e Catalão - GO. Fev. 2009.....	221
FIGURA 28	Fotografia. Dona Jaci fazendo café e biscoito frito para receber a equipe em sua casa. Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009.....	231
FIGURA 29	Fotografia. Dona Jaci descalça em meio às suas atividades rotineiras Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009.....	231
FIGURAS 30a, 30b, 30c e 30d	Fotografias. Planos de aula utilizados por Lourdes de Neiva mesquita em suas aulas de estágio, 2020.....	235/236
FIGURAS 31a e 31b	Fotografias. Oficina de fotografia Realizada na Escola Municipal rural Arminda Rosa de Mesquita – Catalão, GO. 2009.....	237
FIGURAS 32a e 32b	Fotografias. Oficinas pedagógicas com professores da Rede Estadual de ensino de Campo Alegre e Davinópolis, GO. 2009.....	237
FIGURAS 33a e 33b	Fotografias. Exposição do Museu Temporário – Colégio Estadual Dona Iayá – Catalão-GO. Evento realizado em avenida da cidade, 2009.....	238
FIGURAS 34a, 34b, 34c e 34d	Fotografias. Trabalho dos alunos do Colégio Estadual Gilberto Arruda Falcão no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde – Catalão – durante o museu temporário, 2009.....	239
FIGURA 35	Fotografia. Texto original, redigido por Igor.....	241
FIGURAS 36a e 36b	Fotografias. Livro contendo os trabalhos realizados nas oficinas patrimoniais, 2010.....	243
FIGURA 37	Fotografia. Relatórios das atividades realizadas nas oficinas de patrimônio.....	243

FIGURAS 38a e 38b	Fotografias. Transcrições/Áudios/Resumos subdivididos em pastas e classificadas por entrevistado e por cidade.....	244
FIGURAS 39a e 39b	Fotografias. Fontes/Documentos subdivididos em pastas numeradas e catalogadas.....	245
FIGURAS 40a e 40b	Fotografias. <i>Banners</i> contendo informações das cidades e pessoas afetadas pela usina.....	245
FIGURAS 41a, 41b e 41c	Fotografias. Mapa do Rio São Marcos com as margens que a barragem atingiu, após a inundação.....	245/246
FIGURAS 42a e 42b	Fotografias. Filmes que compuseram a filmografia da pesquisa.....	246
FIGURAS 43a e 43b	Fotografias. Pastas das plantas dos quintais das fazendas visitadas subdivididas em pastas catalogadas por espécie e local de extração.....	247
FIGURA 44	Fotografia. Página de rosto do Relatório Final.....	248
FIGURA 45	Fotografia. Capa do livro “São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura”.....	248
FIGURA 46	Encarte do Vídeo Documentário “Sertão de dentro: travessias e veredas em Goiás”.....	249
FIGURA 47	Print de tela. Site Serra do Facão Energia S.A., 2020.....	253

MAPAS

MAPA 1	Capitania de Goyaz.....	56
MAPA 2	Inventário Hidroenergético – Sudeste Goiano.....	86
MAPA 3	Delimitação do reservatório da UHE Serra do Facão e municípios limítrofes - 2011.....	87
MAPA 4	Delimitação geográfica das seis cidades afetadas pela UHE Serra do Facão.....	96
MAPA 5	Delimitação geográfica da Microrregião de Catalão.....	100
MAPA 6	Representação da violência no estado de Goiás.....	126
MAPA 7	Rede Nacional de Energia em 2015.....	139
MAPA 8	Área de abrangência da barragem da Serra do Facão.....	140
MAPA 9	Regiões mais afetadas pela UHE Serra do Facão.....	167

QUADROS

QUADRO 1	Fragmentos de conflitos registrados no “Portal Catalão Notícias” (2015).....	116
QUADRO 2	Amostragem de Questões aplicadas ao Morador Afetado “X”.....	177

QUADRO 3	Tabulação de dados referente ao ponto: "Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família".....	180
QUADRO 4	Fragments de notícias: queda de energia em Catalão, 2015 – 2019.....	184
QUADRO 5	Amostragem de Questões aplicadas ao Morador Afetado "Y".....	185

GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Saldo de emprego formal em Catalão, GO (2002 – 2019).....	107
GRÁFICO 2	Sado de emprego formal em Goiás (2010 – 2019).....	108
GRÁFICO 3	Número de bairros em Catalão, GO (2002 – 2020).....	109
GRÁFICO 4	Índices de homicídio em Catalão, GO (2006 – 2013).....	114
GRÁFICO 5	Taxa de homicídio por 100 mil habitantes nos estados brasileiros.....	117
GRÁFICO 6	Paralelo entre Goiás e os demais estados brasileiros.....	117
GRÁFICO 7	Taxa de homicídio por 100 mil habitantes em Goiás.....	118
GRÁFICO 8	Mortes Violentas em Goiás (2013 – 2016).....	118
GRÁFICO 9	Mortes Violentas em Catalão, GO (2013 – 2016).....	119
GRÁFICO 10	Vítimas de homicídio doloso: Brasil, Goiás e Catalão.....	120
GRÁFICO 11	Furto de Veículos. Catalão, GO (2006 – 2013).....	121
GRÁFICO 12	Furto em estabelecimento comercial. Catalão, GO (2006 – 2013).....	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Valores absolutos - microrregião de Catalão/GO.....	69
TABELA 2	Varição de crescimento populacional de Catalão/GO.....	70
TABELA 3	Taxa demográfica relacional por período.....	71
TABELA 4	População total de Catalão-GO – Taxa de crescimento anual.....	75
TABELA 5	Produção dos principais bens minerais de Goiás – 2007 a 2013 (em toneladas - t).....	77
TABELA 6	População residente por situação de domicílio em Catalão/GO.....	80
TABELA 7	Taxa de urbanização.....	102
TABELA 8	<i>Ranking</i> melhores cidades para se investir. Catalão, GO.....	103

TABELA 9	Contratações e demissões da construção civil por ano em Catalão, GO.....	106
TABELA 10	Número de bairros em Catalão por ano.....	109
TABELA 11	Arrecadação do município de Catalão por ano.....	110
TABELA 12	Índices de Criminalidade em Catalão, Go - 2006/2013.....	113
TABELA 13	Comparação de taxas de homicídio – Goiás e Catalão.....	113
TABELA 14	Tabulação de dados referente ao ponto: "Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família".....	179

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED.....	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CIC.....	Centro Integrado do Cerrado
IBGE.....	Instituto Brasileira de Geografia e Estatística
SEFAC.....	Serra do Facão Energia SA
SEGPLAN....	Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento
UFU.....	Universidade Federal de Uberlândia
UHE.....	Usina Hidrelétrica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1. Preâmbulo: o pesquisador e seu objeto.....	17
2. Apresentação: a proposta de pesquisa e seu aporte teórico-metodológico.....	25
CAPÍTULO 1. O PASSADO BANHA O FUTURO: Catalão nas trilhas do progresso e os nós da memória.....	38
1.1. Catalão: quadros e fragmentos de uma história delineada pela elite.....	40
1.2. Das picadas de chão batido à cidade do progresso.....	52
1.2.1. <i>Catalão na rota da agricultura e pecuária: fios de uma memória construída</i>	58
1.3. No caminho dos dormentes: a história escrita no asfalto.....	65
1.4. Entre fosfato e nióbio: Catalão no <i>hall</i> da modernidade.....	73
CAPÍTULO 2. OS CENÁRIOS DA INUNDAÇÃO E O SOERGIMENTO DE UM NOVO LUGAR DE MEMÓRIA: a usina hidrelétrica e o desenraizamento dos modos de viver	81
2.1. No compasso das águas, um novo cenário urbano.....	83
2.2. Entre o empreendimento e desenraizamento: os municípios afetados pela UHE Serra do Facão e o protagonismo do progresso de Catalão..	94
2.3. A construção da memória no e sobre o tempo: a perspectiva da SEFAC e o sentido do progresso.....	100
2.4. Turbinas da história: narrativas oficiais dos 10 anos de SEFAC no entorno do São Marcos.....	130
CAPÍTULO 3. PELAS MARGENS DO INCERTO E AS CERTEZAS DO DESENRAIZAMENTO: a desfiguração dos modos de vida.....	142
3.1. Narrativas em disputa: a ideia do progresso como empreendimento e as lembranças dos moradores	147
3.2. A região do Rio São Marcos como território em disputa: quanto vale o meu sossego?.....	168

3.3. Nem tudo era indenização.....	190
CAPÍTULO 4. ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: as marcas do tempo e da SEFAC no presente.....	202
4.1. Entre caminhos: (re) encontros e desencontros	206
4.2. Passado e presente: um entrelace de memórias	212
4.3. Desassossego: o loteamento de ranchos e chácaras na região da Fazenda Pires.....	224
4.4. Caminhos da Memória: (re) conectando saberes.....	233
4.5. Um possível lugar de memória.....	242
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	254
REFERÊNCIAS.....	259

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por intenção retomar memórias. Neste caso, memórias de sujeitos sociais que, há dez anos, tiveram suas vidas radicalmente transformadas com a construção e a instalação da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, no Sudeste de Goiás. A barragem, erguida no Rio São Marcos, gerou um lago que inundou cerca de 214 km² em seis municípios: Catalão, Davinópolis, Cristalina, Campo Alegre de Goiás e Ipameri, no estado de Goiás; e Paracatu, no estado de Minas Gerais.

Como toda pesquisa acadêmica, esta não nasceu “sozinha”, isolada no tempo ou apartada da vida do pesquisador. Pelo contrário, nosso envolvimento com o tema já esbarra em uma década, pois de 2008 até os anos 2020 foram inúmeros os caminhos e trilhas que nos fizemos enveredar pelo interior goiano e visitar moradores afetados pela construção da usina. Por este motivo, para que o leitor compreenda as escolhas teóricas e narrativas desta tese, é mister abrir esta Introdução com um *Preâmbulo*, escrito na primeira pessoa do singular, para que as razões dessas escolhas sejam desveladas.

1. Preâmbulo: o pesquisador e seu objeto

Pensa na escuridão e no grande frio, que reinam
nesse vale, onde soam lamentos.¹

No final de 2007, eu era um recém-chegado ao curso de graduação em História na Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, *campus* avançado da Universidade Federal de Uberlândia na cidade de Ituiutaba-MG. Havia começado naquele ano e já recebi um convite para participar da seleção de bolsistas para um projeto relacionado à questão patrimonial e às memórias dos sujeitos que seriam afetados por uma empresa hidroelétrica, a Serra do Facão.

Por ter afinidade com a área rural, aceitei o convite e fui selecionado para participar com outros cinco estagiários, cinco professores e quatro pesquisadores

¹ BRECHT, Bertolt. A Ópera dos Três Vinténs. Tradução Wolfgang Bader, Marcos Roma Santa, Wira Selanski. In: _____. **Teatro Completo**. v. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

das áreas de História, Geografia, Sociologia e Biologia dos *campi* de Ituiutaba/MG e Uberlândia-MG. Uma equipe multidisciplinar que viria a se subdividir em pequenos grupos para percorrer as seis cidades afetadas diretamente pelo empreendimento.

Com o passar do tempo, fui entendendo a responsabilidade, o desafio e a grandiosidade do projeto que se intitulava "Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural: Caminhos da memória, caminhos de muitas histórias". Como uma das várias ações compensatórias, necessárias para o pleno funcionamento da Usina Hidroelétrica Serra do Facão, o projeto conferia àquele grupo de pesquisa a responsabilidade pelo levantamento do patrimônio histórico-cultural da área atingida em Goiás e Minas Gerais. Ao final da pesquisa, previa-se, ainda, a produção de um livro, "*São Marcos do Sertão Goiano: Cidades, memórias e culturas*"; um vídeo documentário, "*Sertão de dentro: travessias e veredas em Goiás*" e a produção e organização de inventários.

Na produção das memórias, cuja trama visava construir representações das experiências das pessoas que seriam desapropriadas das suas habitações e terras, a equipe tinha a percepção prévia de que o início não seria fácil. E, verdadeiramente, não foi. Por acreditar que o grupo fazia parte da empresa, e que não se tratava, apenas, de pesquisadores de uma universidade federal com o intuito de valorizar suas memórias e práticas culturais, muitos moradores da região afetada se recusaram a receber a equipe de forma cordial. Ao longo da jornada pelos seis municípios, muitas vezes o grupo foi alvo de desconfiança pelos moradores, os quais associavam o trabalho ao de funcionários da Serra do Facão, responsáveis pelo inventário dos bens e pagamentos das indenizações.

No entanto, na medida em que o trabalho de campo foi sendo desenvolvido, a equipe foi conquistando a confiança dos moradores da região, saindo da posição de intrusos para a de "escutadores". A prova da nova confiança se expressava na hospitalidade da mesa farta: o "cafezinho" passado na hora, o queijo fresco, os doces e quitandas, temperavam os "dedos de prosa" dos quais saíram falas significativas e entrevistas enriquecedoras. No meu entendimento, no momento em que a equipe foi *aceita* e chamada a partilhar de uma prática cultural inerente à região, consubstanciada na hospitalidade da mesa

farta, foi que passou a dimensionar, *de fato*, como a chegada da Usina Hidroelétrica afetava o cotidiano daqueles sujeitos, transformando a região em um tenso campo de disputas.

No período de pesquisas, eu era apenas um estagiário, mas pude perceber o trabalho do historiador em campo, tanto com relação às dificuldades, como também ao quão rico e relevante é contribuirmos para com as relações humanas e para a sociedade em que vivemos. Assim, mesmo sendo muito jovem, entendi que era *praticamente impossível* o historiador se desvincular do processo de pesquisa. Ainda que conseguisse, e devesse, garantir um distanciamento analítico, não conseguiria ser neutro face ao seu objeto. Sobretudo quando a documentação a ser analisada é produzida pelos sujeitos juntamente com o historiador, no fazer-se interativo das fontes orais.

Ora, eu pertenço a uma família de pequenos agricultores do interior do estado do Paraná e que, em decorrência da geada e dos grandes prejuízos na lavoura de café, decidiu abrir mão de tudo, rumo ao incerto, para embrenhar-se nas terras mineiras do município de Araguari-MG. Durante anos, portanto, presenciei momentos de nostalgia, tristeza e saudades do lugar e de pessoas que ficaram para trás. Com a minha família vivi a dificuldade de inserção em novos grupos, na criação de novos vínculos identitários e também a resistência de tantos outros que nos viam como intrusos, que chegaram para “tomar o lugar” de quem havia nascido em Araguari.

Logo, a cada fala e a cada memória dos sujeitos da região do São Marcos, era inevitável o exercício da alteridade. Reiteradamente me coloquei no lugar deles, para imaginar as dificuldades de perder por completo as próprias terras e se mudar para outras cidades. Naquele movimento, porém, havia algo que me inquietava ainda mais. Afinal, a trajetória da minha família nascera da *escolha de se mudar* e deixar tudo para trás. Mas, para aqueles sujeitos do Sudeste Goiano *não havia escolha*. Sair, deixar tudo para trás, desenraizar-se completamente era um impositivo, uma decisão que não tinha sido tomada por eles. Vinha de “cima para baixo”, decorrente de uma entidade impalpável denominada de “políticas públicas” com vistas a algo ainda mais impalpável, o “progresso”.

Durante cerca de dois anos, entre 2008 e 2010, a equipe da qual eu fazia parte, percorreu centenas de quilômetros, batendo de porta em porta e realizando mais de 400 entrevistas, transcritas e arquivadas para futuras pesquisas. Além disso, a equipe efetuou um levantamento bibliográfico e documental, construindo um rico acervo que deveria ser disponibilizado para consultas em um Centro de Referência em Catalão, GO, e, ainda, no Centro de Pesquisa e Documentação em História (CDHIS) da Universidade Federal de Uberlândia. O volume de documentação produzida e arrolada foi impressionante. No entanto, para além da questão numérica, o processo de pesquisa propiciou aos sujeitos sociais, afetados pela UHE Serra do Facão passarem da condição de silenciados invisíveis para, então, protagonistas de suas próprias histórias.

No período de dois anos, compreendidos entre o início do processo de produção e organização de dados, até as análises e escrita, a equipe do projeto publicou o livro e o “vídeo documentário” acima referidos. Estes produtos, conforme acordado com a empresa, como parte das ações compensatórias que lhe eram obrigatórias, deveriam ser distribuídos para os sujeitos afetados e entregues às autoridades competentes, como requisito para permitir o funcionamento da Usina Hidroelétrica.

Todavia, nenhum dos dois produtos foi bem aceito pela direção executiva da Hidrelétrica. Afastado no tempo e revisitando minhas próprias memórias, compreendo hoje, como pesquisador, que o que estava em xeque, entre a empresa e a equipe responsável pelo projeto era a *noção de progresso*. Afinal, não compactuávamos com a ideia de progresso, da qual a empresa se fazia representante no processo e que “vendia” em seus jornais e espaços publicitários.

Dentro dos embates travados, houve, inclusive, um momento inusitado nas reuniões da equipe de pesquisa e representantes da empresa, quando uma das diretoras do empreendimento tentou “ensinar” para três professores, pesquisadores doutores, *especialistas no tema*, o que era “cultura popular”. Estabelecido o estranhado – e por que não, o *horror* – percebeu-se, ali, que superada a dificuldade da equipe ser recebida pelos sujeitos em suas casas e abrirem-se, demonstrando seus anseios e contando suas histórias, novo

problema se colocava: a expectativa da empresa em garantir, nos produtos, a sua autorrepresentação.

Por muitas vezes, os representantes da Hidrelétrica tentaram interferir na nossa escrita e na idealização do vídeo documentário que, naquela altura, já estava em fase de edição. Registre-se que foram *mais de sete versões* do documentário, retirando partes ou readaptando, para atender ao setor jurídico da Universidade Federal de Uberlândia, acionado pela empresa, a qual alegava que o trabalho difamava a imagem das empresas pertencentes ao consórcio da Usina Hidroelétrica Serra do Facão.

É importante deixar claro que as alegações eram inverossímeis. Ocorre que, ao tratar com o máximo de respeito todos os interlocutores da pesquisa, retratando com verossimilhança suas inquietações e relações com o lugar, a equipe de pesquisa traz à cena *outras versões do processo*. Tecidas por outras narrativas fazem emergir *outras memórias*, garantindo para o futuro, uma *outra história*, diferente e dissonante daquela pretendida pela SEFAC.

Ora, cada capítulo e cada imagem dialogava intrinsecamente com o aporte teórico-metodológico escolhido pelos pesquisadores para conduzir a analítica. Desnecessário dizer, que passava ao largo da perspectiva historicista, assentada em “grandes feitos e nomes”, defendida pela empresa. Em conformidade com a perspectiva histórica abraçada pela equipe, procurou-se deixar claro o ponto de vista *dos sujeitos afetados*. Desta feita, emergiram as incertezas e o medo enfrentados pelas famílias, sobretudo daquelas que deveriam deixar suas terras sem olhar para trás e se reestabelecer em outros locais. Este mesmo olhar foi garantido no vídeo documentário que, longe de ser uma peça de propaganda, narrou com a poética das imagens uma história “vista de baixo”.

Dentro desse contexto, as transformações sociais, culturais e econômicas também foram partes fundantes do trabalho. O material, fruto da pesquisa, foi concretizado em conjunto, pois pautado pela relação de respeito com os entrevistados e pela coerência entre o que a equipe presenciava e o que era narrado pelos sujeitos. Por esse motivo, o embate com a empresa chegou ao seu termo quando a equipe se recusou a realizar novas modificações nos produtos finais. Principalmente aquelas que mudariam a perspectiva histórica assumida,

alterando o sentido da pesquisa e, também, do que era esperado pelos moradores das comunidades.

Não obstante, quando do lançamento do livro e do vídeo documentário, a equipe de pesquisadores se deparou com uma situação inusitada, mas já aguardada: o cancelamento da apresentação pública do resultado da pesquisa. Os materiais que deveriam ser publicizados nas mais variadas plataformas, e entregues aos moradores das regiões afetadas, como parte das obrigações da empresa, foram simplesmente elididos. Silenciados, como se nunca tivessem existido.

Como se sabe, parte da região foi inundada, as pessoas realocadas e indenizadas, mesmo que não necessariamente de forma justa. A Usina Hidroelétrica Serra do Facão entrou em pleno funcionamento em meados de agosto do ano de 2010, ocultando com as águas tudo o que lhe era divergente. A ideia de progresso, da qual era laudatória, erguia-se sobre as ruínas como vencedora do processo histórico. O sentimento de impotência tomou conta da equipe da pesquisa. Hoje, dez anos depois, penso que a imagem que mais consegue expressar aquele momento é a do anjo da História, oferecida por Walter Benjamin:

Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele [o anjo da história], vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.²

Para os pesquisadores, havia duas opções: conformar-se e aceitar a vitória do “progresso”, ou agir no presente “saturado de agoras” que, afinal é o tecido constituidor da própria história. Foi feita a segunda opção. Como a equipe de pesquisadores e a Universidade Federal de Uberlândia tinham o direito a uma

² BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986, p.226.

quantidade dos livros impressos, com veículo próprio e combustível pago pelos coordenadores do projeto, voltamos à região para entregar o livro e o documentário aos moradores.

Vale dizer que o documentário foi reproduzido um a um, nas dependências do espaço que agora recebe o nome de DOCPOP – Laboratório de Pesquisa em Ensino, Cultura Popular e Vídeo Documentário–, com mídias remanescentes do projeto e o restante do material disponibilizado pelo Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia.

A experiência de todo este processo foi única e inigualável. Minha trajetória acadêmica se anela a ela, tendo início com uma Iniciação Científica (IC) na qual o objetivo principal era mapear as práticas festivas das áreas afetadas dentro dos limites do complexo hidroelétrico. Construindo um quadro comparativo e analisando as possíveis ligações entre elas, foi possível entender a dinamicidade dessas práticas no interior goiano, o que me abriu um leque de possibilidades para análises futuras.

Dando sequência a pesquisa de IC, fiz meu trabalho de monografia estabelecendo a ligação das práticas festivas com os sujeitos dos locais afetados, sobretudo entendendo-as como espaços de sociabilidades, de movimento e práticas sociais relacionadas ao processo organizacional e da própria realização da festa. Tornaram-se nítidos, durante esta reflexão, os vínculos identitários e as marcas culturais significativas e difundidas durante as comemorações.

No decorrer da construção da monografia percebi, ainda, que as práticas festivas em devoção a São Sebastião eram muito recorrentes na região afetada pela UHE Serra do Facão. Assim, no Mestrado, me propus a entender o porquê da escolha quase unânime deste santo, pelas comunidades atingidas pela barragem. Por tratar-se de áreas com economia familiar, e pelo fato de o santo dardejado ser protetor das plantações, animais e tudo o que mantém o homem vivo, havia uma motivação plausível para esse apreço. No entanto, a pesquisa revelou não ser este o único motivo. Por se tratar de um sujeito que teria sido soldado no antigo Império Romano, São Sebastião também é visto como protetor contra as guerras. E, durante as Grandes Guerras, em especial durante a

segunda, muitos se apegaram ao santo, levando à construção de inúmeras capelas e ao início de várias festas em sua homenagem.

Em minha dissertação de mestrado, também analisei as transformações nas práticas festivas rurais, religiosas ou não, causadas pelo deslocamento dos sujeitos afetados pelo empreendimento hidrelétrico. Levei em consideração que, embora a UHE Serra do Facão não fosse a única empresa responsável por modificar a estrutura socioeconômica e cultural local – já que outras grandes empresas já haviam se instalado anteriormente na região – ela seria determinante para as comunidades rurais diretamente afetadas pelas águas do Rio São Marcos. Pesquisei, ainda, a religiosidade popular, as relações de cooperação, vínculos identitários e sociabilidade dos sujeitos, lendo as práticas festivas como espaços de visibilidade e promoção social e/ou como válvula de escape da vida urbana, corrida e estressante.

Voltar ao tema, dez anos depois, possui um significado extremamente importante para mim, como sujeito e como pesquisador. Ainda que fosse a intenção de todos os pesquisadores envolvidos no projeto original, dentre eles eu, de que os moradores afetados pela usina aproveitassem o livro e o vídeo documentário para salvaguardar a *memória do lugar*, fato era que, éramos vistos como os "outros". As pessoas *da universidade* que faziam suas pesquisas e iriam embora. Assim, quando retomo as discussões, não apenas me projeto ao passado, voltando às regiões afetadas apenas para “reanalisar dados e captar novos depoimentos”. Trata-se, acima de tudo de um *dever da memória*.

Uma vez que vivenciei as angústias e expectativas positivas e negativas dos moradores, o dever de memória me impele a entender as dimensões e os impactos que a efetivação da usina Serra do Facão trouxe, de fato, para os moradores de Catalão, GO. Dez anos depois, a inquietação que norteia meu trabalho de doutorado é compreender como se encontram os entrevistados da pesquisa Caminhos da Memória, após a efetivação da UHE.

Infelizmente, as condições do presente, assolado pela pandemia de COVID19, não me permitiram uma aproximação maior e mais efetiva com os personagens que compuseram a pesquisa original. Assim, fui obrigado a recuar alguns passos e reler o acervo arrolado e produzido entre os anos de 2008 a

2011. No entanto, ao revisitar as memórias, mesmo que a partir de um presente completamente novo, entendo que continua sendo dever do historiador escrever a “história a contrapelo”, como sugere Benjamin.

2. Apresentação: a proposta de pesquisa e seu aporte teórico-metodológico

[...] Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto [...]³

Conforme adiantamos no início desta Introdução, o que nos impulsiona neste trabalho é o dever de compreender como os afetados pela UHE Serra do Facão, após uma década de sua inauguração e funcionamento efetivo, repensam seus impactos, o processo indenizatório e, ainda, como lidam com a realidade, individual ou coletiva, de uma "nova" vida perto ou longe de suas comunidades.

Aqueles aos quais adjetivamos de “afetados” são os sujeitos sociais, em sua larga maioria moradores da região inundada pelas águas do Rio São Marcos, para a construção da usina hidrelétrica. Trata-se, portanto, de pessoas que residiam na região do Sudeste goiano, em especial, no município de Catalão/GO, situado na divisa com o Triângulo Mineiro e um dos locais mais afetados pela usina. Nosso desejo é compreender a miríade de fios que tangenciam, conectam e desconectam esses sujeitos no processo de (des)enraizamento de seus modos de vida.

Por outro lado, ao centrarmos nossa análise em Catalão⁴, procuramos compreender em que medida a chegada da usina hidrelétrica correspondia às

³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.35.

⁴ O município de Catalão/GO, representa uma região de grande impacto direto e indireto no processo de instalação e pós-funcionamento da Usina Hidrelétrica Serra do Facão. Ademais, é nesta cidade

aspirações de progresso⁵ da cidade, capitaneadas pela elite local. Por fim, também objetivamos com esta análise entender como os discursos antes e pós-instalação da UHE Serra do Facão a interpretam, no antes e no agora, comparando projeções e realidade. Transformados em questões, nossos objetivos podem ser assim pontuados:

1. Como os moradores se sentem e se encontram uma década depois da concretização e funcionamento da Usina?
2. Como a narrativa histórica do município de Catalão/GO pavimentou o caminho para a chegada da usina hidrelétrica, através do ideário de progresso?
3. Que tipo de representações foram produzidas na cidade, pela UHE Serra do Facão, para referendar sua presença no universo sociopolítico e econômico local?
4. Como a empresa Serra do Facão lidou e lida com a história e a memória das comunidades afetadas e como se relaciona, na atualidade, com o Programa de Preservação Patrimonial coordenado pela equipe da UFU?

Nossa proposta contempla a ideia de que a história é plural e pode ser interpretada por múltiplos olhares. Dessarte, ao colocarmos em tela as perspectivas dos moradores e da empresa, dentro de um contexto histórico específico, procuramos refletir sobre como se deram as transformações na vida dos moradores do entorno do São Marcos e como a SEFAC vem se mantendo presente no cotidiano da cidade de Catalão/GO.

Entendemos, assim, que a relevância acadêmica e social deste trabalho consiste no fato de ser um dos poucos, se não o único que, nos dias atuais, se propõe a fazer este movimento de retorno, assumindo a responsabilidade do seu

que a sede principal da Serra do Facão Energia S.A. está situada. Desse modo, a escolhemos como recorte de análise.

⁵ Na proposta inicial da pesquisa o progresso não constituía foco da análise. Esse recorte se colocou devido às dificuldades em realizar pesquisas de campo, enfrentadas no período de pandemia de COVID 19, em que nos vimos obrigados a fazer adaptações na discussão.

dever de memória. Ao revisitarmos os sujeitos afetados pelo empreendimento hidrelétrico e sua área de impacto, observamos a continuidade de um processo histórico que teve início há dez anos e que permanece se desdobrando na realidade vivida pelos sujeitos.

Além disso, é importante que se diga que o desenraizamento cultural nunca é fácil. Conforme destaca Sueli Damergian, o desenraizamento produz sofrimentos psicológicos na vida das pessoas, na medida em que elas perdem as referências espaciais, identitárias e afetivas com o lugar. Este processo é marcado por subjetividades, o que dificulta lidar com as diferenças. Como o desenraizamento afeta a relação com o lugar, os sujeitos perdem suas referências, suas vivências naquele espaço-tempo e depositam nas suas recordações os relembramentos, as subjetividades e as historicidades desencadeadas pelo processo⁶. Torna-se evidente que o desenraizamento amplifica a importância da memória, de tal sorte que ela se entrelaça com a história do lugar, refletindo a complexidade das relações sociais, econômicas, políticas e culturais da região, tecidas ao longo do tempo.

Não é demais lembrar que a relação entre Memória e História se tornou um campo particularmente fecundo para os historiadores, sobretudo depois da Segunda Grande Guerra Mundial. As reflexões sobre esta relação ligavam-se, inicialmente, ao Holocausto e às inúmeras memórias construídas e partilhadas naquele período. A experiência dolorosa da chamada “Solução Final”, levou a historiografia a olhar de uma forma diferente para o conceito de memória, percebendo que lembrar o passado e escrever sobre a memória não são processos inocentes. Afinal, nem memórias, nem a História são objetivas, pois ambas são influenciadas por grupos e sujeitos sociais.

A memória é construída e tecida a partir das relações *dos e entre* os grupos sociais, sobretudo no que se refere à memória institucionalizada, oficializada como a do grupo social⁷. A forma como ela será lida ou interpretada é

⁶ DAMERGIAN, Sueli. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. In: TASSARA, E. T. O. (org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2001, p. 87-119.

⁷ HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

o que permitirá ao pesquisador trilhar os muitos caminhos de recondução da narrativa, que compõem a trajetória dos atores sociais e suas muitas interpretações sobre a história do grupo. Portanto, existe uma dinâmica que envolve os diversos sentidos em relação à memória e à história, que são fundamentais para a compreensão da realidade.

Neste sentido, memória e história estão longe de se desvincularem. Todas as tramas tecidas ao longo da construção da história dos homens não foram efetivadas somente mediante atos ou pensamentos racionais. Elas estão envoltas nas subjetividades, as quais retroalimentam as interpretações, recompondo imagens, sentimentos e sentidos da história em suas múltiplas facetas. Firmam-se enquanto prática social, em constante movimento e transformação.

Todavia, ainda que intimamente relacionadas, a memória não é “História”, a resultante da escrita pelos historiadores. Conforme afirma Paul Ricoeur, “[...] não há equivalência entre o sentido na história, a memória do passado e a escrita da História; nem o sentido, nem a memória dependem finalmente do gênero da História”⁸.

Por certo, Ricoeur abraça uma perspectiva de análise que se distancia das interpretações historiográficas que igualam memória e história, assim como daquelas que as opõem⁹. Não obstante, por se tratar de algo intrínseco ao ser humano, a memória deve ser trabalhada com cautela para não nos perdermos nas armadilhas da lembrança. A despeito dos perigos e das controvérsias, nas últimas décadas, a memória se tornou um campo de pesquisa profícuo, sendo seara reflexiva de vários e talentosos historiadores¹⁰. Por ser memória, permite

⁸ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 226.

⁹ Ver: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, n.10, dez. 1993.

¹⁰ Dentre outros, ver: FERREIRA, Rosa Maria da Silva. **As águas e o tempo: memórias de Nova Ponte**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1996. 188 p.. Para ver outras perspectivas de reflexão acerca da memória, consultar o trabalho inaugural de HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** (1950). Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. Uma interessante reflexão sobre o conceito de memória em Halbwachs pode ser lida em: SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. **História** (UNESP. Impresso). São Paulo, v. 20, p. 93-108, 2001. Da mesma autora, seguem-se: Comemorar

recompor histórias e narrativas, em níveis dinâmicos de análise que se movimentam *no tempo*. Sobretudo para os pesquisadores que se servem das ferramentas da História Oral, para os registros das memórias dos sujeitos, o processo da lembrança se dá no presente em que se lembra, sendo inevitavelmente influenciado por ele. É a experiência do presente, portanto, que definirá, no movimento mnemônico, a *escolha*, do que deve ou não ser lembrado.

Não por acaso, dentre os vários intelectuais¹¹ que transitam por esse campo, o já citado filósofo Paul Ricoeur, destacou a importância desse movimento na obra, já clássica, "*A história, a memória e o esquecimento*". Neste trabalho, ele reúne estudos relacionados à temática, recorrendo, por diversas vezes, ao diálogo com inúmeros autores, dentre eles Santo Agostinho:

[...] a memória das "coisas" e memória de mim mesmo coincidem: aí, encontro também a mim mesmo, lembro-me de mim, do que fiz, quando e onde fiz e da impressão que tive ao fazê-lo. Sim, grande é o poder da memória, a ponto de "eu me lembrar até de ter me lembrado" (X, XIII, 20). Em suma "o espírito é também a própria memória" [...]¹²

entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória história. **História. Questões e Debates**. Curitiba, v. 32, n.32, p. 75-95, 2000; e Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? **Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 24, p. 43-63, 2002. Além destes, seguem-se: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TA Queiroz Editor 1979 e **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003; NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares* (1984). Tradução: Yara Aun Houry. **Projeto História**. São Paulo, n.10, p. 7-28, dez.1993; THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, 1992; LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996; LOWENTHAL, David et al. *Como conhecemos o passado*. **Projeto História**. São Paulo, n. 17, nov., p. 63-201, nov.1998; PORTELLI, Alessandro et al. *O que faz a história oral diferente*. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História.v. 14, p. 25-39, 1997; RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** (2003). Campinas, Editora da Unicamp, 2007; MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007; AZEVEDO, Cecília et. al. **Cultura política, memória e historiografia**. São Paulo: FGV Editora, 2009; ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

¹¹ Alguns desses intelectuais são: Santo Agostinho, Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Pierre Nora, Peter Burke, Alistair Thomson, Eric Hobsbawm e Paul Ricoeur entre outros que partem da perspectiva de pensar a memória, "seu lugar" e o seu "ser social" e, no Brasil, Marcia Barbosa Mansor D' Alessio, entre outros.

¹² RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 110.

Ao entender que a memória é um conceito multiplicador de sensações e sentimentos, é inevitável recorrer a Marcel Proust, também presença constante nos diálogos de Paul Ricoeur. Proust mergulha nesse universo singular da memória na obra "*Em busca do tempo perdido*". Especialmente no primeiro volume, intitulado *No caminho de Swann*, deixa fluir suas vivências a fim de compreender os múltiplos sentidos da memória. Junto com seu traço e suas próprias reminiscências, nos leva a repensar o sentido do passado e da memória, além de nos alertar sobre seus perigos¹³.

Para ele, o passado é finito, o que nos limita a percorrer o tempo vivido e o tempo lembrado. Podemos experimentar sentimentos já experienciados, mesmo que momentaneamente, desde que os entendamos como não sendo os mesmos de outrora. O lembrar pode **até** ser infinito, mas a cada momento é atualizado de uma forma diferente, face aos sentimentos, às provocações da atualização dessa memória, ressurgindo de modo intencional ou de repente. Com Proust entendemos que os gatilhos que unem passado e presente são sempre subjetivos e individuais, por isso de difícil compreensão.

Nessa dimensão, a *memória lembrança* se interliga à *memória hábito*, de modo a conferir sentido às representações construídas no presente como resultantes da sobrevivência delas *no e sobre o tempo*, mas indicando que ela decorre da experimentação, fruto do movimento vivido de fluidez dessas lembranças no cotidiano. Conforme Ricoeur:

[...] Nos dois casos extremos, pressupõe-se uma experiência anteriormente adquirida; mas num caso, do hábito, essa aquisição está incorporada à vivência presente, não marcada, não declarada como passado; no outro caso, faz-se referência a anterioridade, como tal, da aquisição antiga. Nos dois casos, por conseguinte, continua sendo verdade que a memória "é do passado", mas conforme dois modos, um não marcado, outro sim, da referência ao lugar no tempo da experiência inicial [...]¹⁴

¹³ PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 3 v.

¹⁴ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 43.

Com o auxílio da obra de Proust e com as considerações de Ricoeur, é possível analisar as complexas relações existentes no processo de implantação da Usina Hidroelétrica Serra do Facão e as memórias e histórias dos sujeitos por ela afetados. Afinal, suas histórias são contadas tendo por marco o antes e o depois da chegada da usina, transformando lembranças às vezes corriqueiras em verdadeiras explosões de sentimentos e ressentimentos.

Também aqui, sob o ponto de vista dos sujeitos afetados pelo empreendimento hidrelétrico, a memória pode ser compreendida como dever. Neste caso, o que Paul Ricoeur chama de dever da memória, podemos reler como o dever de não esquecer, referindo-se àquele momento em que o medo do esquecimento leva à obrigação do lembrar. Como pondera o autor,

[...] o dever da memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si [...] o dever de memória não se limita a guardar o rastro material, escrito ou outro, dos fatos acabados, mas entretém o sentimento de dever a outros, dos quais diremos mais adiante que não são mais, mas já foram. Pagar a dívida, diremos, mas também submeter a herança a inventário [...] ¹⁵

É nesta esfera que a relação entre memória e esquecimento ganha um lugar de destaque. Nas reflexões expostas em *“O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias”*, Paolo Rossi deixa transparecer que a memória pode ser “esquecida” e “apropriada” da mesma forma que é “recordada” pelos atores sociais. Segundo o autor, no campo de disputas “ocultas”, somos “lembrados” constantemente “do que não devemos esquecer”. Até porque, ainda segundo Rossi, vivemos em um espaço “envolto” de significados, os quais surgem justamente com o objetivo de nos “fazer lembrar”. Ressalta, ainda, que a memória não advém apenas do passado, pois também está conectada à identidade, o que aumenta sua relevância perante a “construção” e “análise” do sujeito.

Partindo do entendimento de que é a memória que possibilita a reconstrução consciente e, ao mesmo tempo, não separada do real, vários outros

¹⁵ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 101.

autores também nos auxiliaram a pensar a temática central desta tese. Começando por Júlio César Bentivoglio, no artigo: "*Os pontos cegos da História: a produção e o direito ao esquecimento no Brasil - breves notas para uma discussão*". O autor atenta quanto aos "usos" da memória e do esquecimento, os quais são importantes instrumentos dentro do campo da construção histórica. Além disso, Bentivoglio nos recorda que, em períodos díspares, os historiadores consideraram os diferentes aspectos do passado como memoráveis, apresentando-o de múltiplas maneiras e sob novas lentes: concentrando-se em fatos ou estruturas, grandes homens ou pessoas comuns, a partir do ponto de vista do seu grupo social.

Já Maurice Halbwachs, na leitura obrigatória de "*Os quadros sociais da memória*", afirma que a memória é sempre social. Nesse sentido, o fundo teórico de Halbwachs difere de Bergson e Proust. Para ele, a memória vem do exterior, o que nos coloca frente ao seu primeiro traço definidor, para o autor: a *exterioridade*. Ou seja, a memória vem do exterior e se internaliza como se fosse nossa. Deste ponto de vista, podemos enxergá-la sempre como coletiva, distanciando-se da individual, dos sonhos e da imaginação. Lembrança real é, pois, lembrança consciente, pensada, posto tratar-se de uma memória que precisa de um quadro racional. Para lembrar é preciso pensar e comparar. Já Henri Bergson parte de outra perspectiva. Para este pensador, deve-se afrouxar o pensamento para que a verdadeira memória apareça. O calor do presente é o que aquece as lembranças, existindo dimensões pessoais que não podemos enquadrar socialmente, portanto, existiria uma dimensão não racional e sim afetiva.

Face ao exposto, podemos observar que o tema da memória se apresenta em um vasto campo de discussões e perspectivas, que se diferenciam à medida que as discussões relacionadas ao conceito amadurecem. Segundo Bentivoglio, por exemplo, Paul Ricoeur divide o campo da memória em três grandes frentes:

[...] Na *memória impedida* que se repete e se reelabora como uma atividade de luto, como uma compulsão, cujo "trabalho é a palavra repetida várias vezes, e simetricamente oposta à compulsão: trabalho de rememoração contra compulsão de repetição"

(RICOEUR, 2007, p. 85). Na *memória manipulada* “o trabalho de luto é o custo do trabalho da lembrança; mas o trabalho da lembrança é o benefício do trabalho de luto” (RICOEUR, 2007, p. 86), ou seja, ele se relaciona com o trabalho de libertar-se da perda. Neste segundo tipo encontram-se as modificações feitas no passado pelos regimes autoritários, relacionadas com o negacionismo e o relativismo, em outras palavras, com os “assassinos da memória”. Na *memória obrigada*, encontramos o dever de memória que visa curar as feridas do corpo político, de apaziguar um passado que jamais seria esquecido (RICOEUR, 2007, p. 99-100). Assim a memória surge como uma obrigação, uma dívida a ser paga e um inventário (RICOEUR, 2007, p. 101) [...] ¹⁶

É válido ressaltar que a busca pela memória é diferente em cada lugar. Como reconstrução do passado e/ou como maneira de buscar uma identidade, seus usos são múltiplos. Desta forma, é legítimo avaliar como as sociedades lidam com a memória: como transmitem, expressam e interagem com essas lembranças. Dito de outra forma, importa perceber nas sociedades e ao logo do tempo, qual é o *lugar da memória*, ou seja, o vínculo entre memória e o lugar.

Colocar em tela a questão dos lugares de memória, nos aproxima de Michel de Certeau¹⁷. Com base nas reflexões de Certeau, podemos dizer que o lugar é onde são realizadas as estratégias. É *no e do lugar* que vêm à tona os conflitos e são geradas as incertezas, sejam elas socioeconômicas, políticas e/ou culturais. O lugar, portanto, é permeado por relações de poder que visam produzir a submissão, intensificando as imposições e as ações (não) pensadas e (não) articuladas, mas que constroem códigos e expressões. Todavia, também no lugar são estabelecidas estratégias e táticas de sobrevivência, por parte daqueles aos quais são impostas as ações.

Conseguimos enxergar esses embates nas entrelinhas das memórias dos sujeitos afetados pela SEFAC. Logo, o lugar social, aqui definido como o cotidiano dos moradores, suas casas, seu pedaço de chão, ou os novos espaços habitados com as transformações provocadas pela efetivação da hidrelétrica que

¹⁶ BENTIVOGLIO, Júlio César. **Os pontos cegos da História:** a produção e o direito ao esquecimento no Brasil - breves notas para uma discussão. OPSIS, Catalão/GO, v. 14, n. 2, p. 378-395, 2014.

¹⁷ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano:** Artes do Fazer. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

os expulsou de suas terras, se reconstrói movido pelas táticas e estratégias, como bem destacado por Michel de Certeau.

Certeau define estratégia como o cálculo das relações de força que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de “querer e poder” é isolável de um “ambiente”. No entanto, a estratégia demanda um lugar capaz de inserção própria, adequada às movimentações e interações de suas relações com uma exterioridade distinta. Em outras palavras, nos momentos de tensão desse campo minado, os sujeitos enxergam suas forças e fragilidades, confeccionam suas armas de combate e suas estratégias para desfazer o jogo do outro.

As estratégias estão amalgamadas aos valores criados por instituições, grupos sociais, famílias, grupos políticos, dentre tantos os que visam controlar os comportamentos daqueles que delas fazem parte ou que, de alguma forma, estão ligados a elas. As estratégias trazem à tona formas de agir em comunidade, ou de se movimentarem sozinhos. E, no caso dos afetados pela Usina Serra do Facão, põem em evidência as formas de lutarem contra a dominação, nas relações de poder que sustentaram o processo de instalação e manutenção da usina hidrelétrica.

Já a tática, é definida por Michel de Certeau como um cálculo que não pode contar com uma fronteira, capaz de distinguir o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar, “o lugar do outro”. Assim, em se tratando dos afetados pela UHE Serra do Facão, cabe a esses atuarem nas brechas, jogando com os acontecimentos; criando, para transformá-los em “ocasiões” positivas e propositivas de articulação, de visibilidade e de ocupação, a concretização de campos de disputas. Nesse sentido, como apontado pelo estudioso, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.¹⁸

Se estratégias e táticas se movimentam e se concretizam no cotidiano, como podemos conceituá-lo? A nosso ver, ele é *o lugar* por excelência, no qual as tensões, as interações, os conflitos, as disputas, o conformismo, as resistências e as negociações se dão. É também neste lugar que se constrói e

¹⁸ Id. Ibid., p. 102.

reconstrói a *memória*, também ela um campo de luta no qual se podem tecer estratégias e táticas, pois lembrar e recursar-se a esquecer são, igualmente, instrumentos de sobrevivência.

Na presente tese, as histórias narradas por nossos interlocutores, os afetados pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão, entrelaçam temporalidades e pontos de vista, trazendo à tona não apenas as rugosidades das memórias individuais e coletivas, mas o avesso da narrativa oficial sobre a qual se assenta a memória histórica da construção da hidrelétrica, em Catalão, GO. Quando desdobradas em histórias, narrativas e memórias permitem diferentes leituras do cotidiano, pois suas tessituras conduzem a diversas searas, as quais possibilitam ao historiador visitar e revistar tramas tão complexas quanto instigantes.

Mediante o exposto, resta evidente que a nossa proposição investigativa se baliza na História Cultural, cuja tendência prioriza a unidade entre teoria e empírico, como elemento que operacionaliza a atuação do pesquisador na dialogicidade com os pesquisados. Assim, o diálogo estabelecido não desqualifica os pontos de vista dos envolvidos no processo estudado, de tal forma que neste exercício a alteridade prevalece, otimizando a compreensão das interpretações construídas pelos atores sociais que vivenciam o processo.

É, portanto, o processo dialógico que nos permite compreender que o vivido faz parte da construção cultural das relações sociais estabelecidas entre os moradores das comunidades do entorno do rio São Marcos em Catalão. Esses modos de vida, trazido à tona pela narrativa mnemônica, confere sentidos ao lugar e, também, provocam inquietações no historiador ao reinterpretar o social. Afinal, na geografia do lugar não encontramos apenas a natureza, mas as vidas que mudaram seu percurso, reinventando táticas de sobrevivência, resistindo e persistindo, face às agruras do cotidiano radicalmente impactado.

Destarte, a trama mnemônica, expressa através das narrativas é, aqui, lida à luz de Paul Veyne ao destacar que “[...] historiadores narram tramas, que são tantas, quantos forem os itinerários traçados por eles”¹⁹. Desta forma, quando, dez anos depois, revisitamos e releemos as histórias de vida dos envolvidos nos

¹⁹ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. rev. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed.UNB, 1998. p. 45.

impactos da Hidrelétrica Serra do Facão com um novo olhar, a trama se reconstitui, ainda, na nossa interpretação. Afinal, ela é, também, tecida pelo historiador, que escolhe os itinerários e lhes dá um sentido, posto que em seu processo narrativo o historiador separa, recorta e toma uma visão parcial “[...] por um ponto de vista sobre uma totalidade”.²⁰

Neste trabalho, iniciamos nosso itinerário pelo “lugar”. Mais especificamente, o lugar que mais sofreu os impactos da UHE Serra do Facão, em cujo entorno revisitamos os sujeitos afetados pelo empreendimento e cuja elite abraçou a usina como expressão última de um progresso sempre perseguido. Em nosso primeiro capítulo, intitulado “*O passado banha o futuro: Catalão nas trilhas do progresso e os nós da memória*”, realizamos uma reflexão sobre como foi construída a narrativa oficial de sua história. Uma história sem sujeitos, na qual a cidade é protagonista e caracterizada como a “Atenas de Goiás”, nascida e projetada pelos ideais de progresso. O movimento a que nos propomos foi nos embrenhar na memória histórica de Catalão, expressa nos relatos dos memorialistas, com o intuito de compreendermos “que cidade é essa” e “que lugar é esse”.

Na sequência do itinerário, em nosso segundo capítulo, “*Os cenários da inundação e o soerguimento de um novo lugar de memória: a usina hidrelétrica e o desenraizamento dos modos de viver*”, o ponto de partida foi pensar as transformações da cidade de Catalão após a construção e a instalação da Usina Hidroelétrica Serra do Facão. Nosso propósito foi o de *revisitar o lugar*, dez anos depois, para entendermos quais os principais impactos sofridos pela cidade com o funcionamento efetivo da Serra do Facão. Este movimento foi fundamental para refletirmos acerca do ônus e do bônus da ideia de progresso assumida pela narrativa oficial, vista no capítulo anterior, expressa concretamente na construção da usina.

Em nosso terceiro capítulo, intitulado “*Pelas margens do incerto e as certezas do desenraizamento: a desfiguração dos modos de vida*”, destacamos o período de construção da Usina Hidroelétrica Serra do Facão, revisitando

²⁰ Id. Ibid., p. 47.

entrevistas feitas ainda durante o projeto "Caminhos da Memória: caminhos de muitas histórias", a fim de compreendermos como os discursos dos moradores apregoavam os prenúncios de um cenário de incertezas latentes e como, àquela época, teceram estratégias e táticas de sobrevivência, frente ao poder da SEFAC.

Por fim, em nosso quarto capítulo, "Entre mudanças e permanências: as marcas do tempo e da SEFAC no presente", vamos em busca dos protagonistas, sujeitos afetados pelo empreendimento. Encontrados, particularmente, na região da Fazenda Pires, em Catalão/GO, nos apresentam novas narrativas, assentadas e tecidas em um novo presente, construído nestes últimos dez anos de transformação. Além disso, o capítulo também se propõe a revisitar o "Centro de Referência do Cerrado", espaço erguido como um lugar de memória dos afetados pelo empreendimento hidrelétrico.

Aos que nos acompanham nestas trilhas, sigamos viagem!

CAPÍTULO 1

O PASSADO BANHA O FUTURO: Catalão nas trilhas do progresso e os nós da memória

SOU DE CATALÃO... (Goiás)

Sou de Catalão. Por isso essa mistura de boiada e minério, nessa cara de bravo. Brotei no campo como brota o arroz, mãos grossas de calo seguraram-me primeiro. Agora essa textura fina das minhas mãos abanam uns risos falsos por isso queria recrescer naquela casa simples cercada de pés de milho e tornar-me outro, com casca dura e espinhos que repelisses gente cínica. Entre os paus a pique incinerar insaciáveis barbeiros chaguentos para poder sobreviver depois dizer que nessas veias corre sangue poeta de tantas gerações. Sou de Catalão, sim, por isso sou essa mistura de boiada e minério com cara de corajoso, por isso é que peço uma chuva cortês para poder germinar outros tantos de mim. E que em cada quintal toda manhã brotasse poesia com folhas bem verdes, fortes e orvalhadas!

Ivan Cortez

A memória histórica de Catalão, cidade localizada no interior do estado de Goiás, também silencia sujeitos e referenda a história dos vencedores²¹. Como tantas outras, embora a sua construção social se assente em relações complexas, derivando uma pluralidade de memórias, a sua história oficial igualmente dispensou as redes interligadas de linguagens e narrativas mnemônicas, para produzir uma história de mão única.

Pari passu, a chegada da Usina Serra do Facão, na região Sudeste de Goiás, redesenhou os contornos daquela memória²². Renovando as formas de silenciar os sujeitos, em função de uma narrativa na qual a pujança econômica

²¹ A memória histórica é a memória do grupo dominante, alçada, hegemonicamente, à história da coletividade. Como tal, ela elide todas as memórias que lhe são concorrentes e, ainda, os conflitos inerentes ao processo histórico. Trata-se, portanto, da “memória do vencedor”, definida por Carlos Alberto Vesentini ao discutir a construção da memória histórica acerca da chamada “Revolução de 1930”. Sobre o tema, consultar: VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do fato**. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997; e SILVA, Rosa Maria Ferreira da. **A República dos Patos, ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes**: representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

²² A chegada da Usina, sua historicidade e seu impacto na cena urbana de Catalão serão discutidos a partir do segundo capítulo desta tese.

foi guia do progresso regional, a memória histórica de Catalão agregou-se ao discurso progressista da região, inscrevendo a cidade como a “Atenas de Goiás”. Esta imagem se fortaleceu e frutificou no imaginário citadino, intensificada pelos memorialistas locais. Canetas em punho, cravaram na História local “verdades” que se arraigaram à memória urbana de Catalão, as quais, ainda na atualidade, alicerçam solidamente a narrativa histórico-cultural do município.

Isto posto, a proposta do presente capítulo é pensar como a história de Catalão foi assumindo o discurso do progresso, ressignificando o seu *status* inicial de “pouso de tropeiros” para “cidade das riquezas minerais e entreposto comercial nacional”. Dessarte, a memória histórica de Catalão faz dela a protagonista de sua própria história, silenciando sujeitos e conflitos, apresentando-a como naturalmente pujante e isenta de mazelas sociais.

O caminho que trilhamos tem como ponto de partida a imagem icônica de progresso marcada pela chegada das ferrovias e, posteriormente, pelos significados impressos à rodovia BR 050; a exploração mineral das jazidas de fosfato e nióbio; a instalação das montadoras automobilísticas e, por fim, a incorporação da cidade no contexto contemporâneo como sede da SEFAC – Serra do Facão Energia S.A. –, empresa de capital misto que explora a UHE Serra do Facão, construída no Rio São Marcos no início dos anos 2000.²³

Entendemos que os momentos listados acima são representações de diferentes contextos, mas que balizam a recriação de uma memória histórica protagonizada por Catalão em conformidade com os interesses da elite política local, comprometida com o ideário de progresso e de prosperidade. A recomposição histórica a seguir tem, portanto, o intuito de destacar como os historiadores locais e a imprensa²⁴ fabricaram esse discurso, silenciando, ao

²³ É válido ressaltar que, para além dessas percepções, existem outros pontos de vista sobre Catalão e sua história. No processo de pesquisa e análise, a escolha da trajetória e dos fragmentos trabalhados teve intenção de apresentar uma história das elites que se mantém, entendendo que os sujeitos vão se readaptando no tempo. Neste sentido, nosso propósito foi recuperar o fio da história oficial mantenedor dos ideais de progresso, desenvolvimento e modernidade que privilegia alguns sujeitos e invisibiliza uma maioria. E, ao elegermos a SEFAC como interlocutora desse processo, pretendemos lê-la como representante dessa elite e da continuação de sua perspectiva da história.

²⁴ Para esse movimento elegemos o jornal Gazeta do Triângulo, o qual era o mais veiculado na região na década de 1950, período de desmembramentos e emancipações de cidades que envolvem diretamente Catalão.

mesmo tempo, sujeitos e memórias concorrentes, partes igualmente constitutivas da tessitura social de Catalão.

1.1. Catalão: quadros e fragmentos de uma história delineada pela elite

A imagem de progresso, veiculada nos discursos das elites de Catalão, referendados por diferentes registros narrativos, é a mesma que permeia as lembranças de seus moradores. Desta forma, também estas memórias referendam a memória oficial, que molda o presente e delinea o futuro, selecionando do passado os aspectos que reafirmam a imagem de cidade progressista.

Não obstante, a despeito de os escritos sobre Catalão terem sido tecidos como um grande *patchwork*, pois feito por diversos fragmentos, estes foram alinhavados em *linha reta*, traduzindo o passado de forma teleológica, rumo a um futuro inexorável e predeterminado. Todavia, como já salientou Marc Bloch, “[...] todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja no tempo, seu ponto de aplicação irá beber sempre nos testemunhos dos outros, uma grande parte de sua substância”²⁵. Assim, ao serem lidos na contramão do aparente, aqueles fragmentos nos ajudam a identificar as memórias contraditórias, devolvendo a voz aos sujeitos silenciados pelo discurso oficial. Permitem-nos, outrossim, lançar luzes nas rugosidades dos conflitos e das disputas, que marcaram o processo histórico de construção do município.

Este movimento “ao contrário”, por mais que caminhe por uma “via de mão única”, o faz, como nos sugeriu Walter Benjamin, “a contrapelo”²⁶. Desta forma, permite trazer à tona histórias outras, adormecidas; e, mesmo que algumas tenham se perdido no tempo, podem ser reencontradas nas entrelinhas da própria memória histórica. É assim que podemos nos encontrar com os migrantes, imigrantes, jagunços, anti-heróis, homens e mulheres que anelaram suas histórias à história do lugar. Esses sujeitos marginais, com suas vidas

²⁵ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 70

²⁶ BENJAMIN, Walter. Op. Cit., 1986.

paralelas, corpos indóceis e memórias desarmônicas, desdizem o epítome de terra pacífica, seara de intelectuais, reiteradamente recomposta nas narrativas oficiais, como, por exemplo, o seu hino: “[...] na lembrança dos teus viverás/Fostes terras de doutos heróis, Catalão Atenas de Goiás”.

Em nossa busca pela dissonância, encontramos uma referência interessante em matéria publicada no mês de agosto de 1959, pelo jornal “A Gazeta do Triângulo”. No artigo “Alvorada”, de Jamil Sebba, lemos o registro de que a cada *desencontro ou turbulências*, Catalão se reorganiza rumo à imagem a ser consagrada. De acordo com o autor, “[...] Catalão de fama ruim, da gente má e das mortes sucessivas de outrora”, foi superada pela “Catalão de progresso, de povo ordeiro, pacato, hospitaleiro dos dias de hoje”²⁷. Como se vê, Sebba entende no seu presente, Catalão “desponta [numa] nova era”; também chamada de “alvor de um novo dia”, pois a cidade está substituindo o passado cheio de *truculências e jagunçagem* por um presente de paz, tranquilidade, progresso e instrução²⁸. Assim, neste pequeno vão, na entrelinha do discurso que celebra um presente-futuro saneado e “douto”, enxergamos as mazelas e os conflitos que o próprio discurso intenta silenciar.

Se observarmos atentamente, a imagem refinada de uma Catalão “grega”, incrustada no cerrado goiano, é o franco oposto do que a realidade histórica pode revelar, através das ranhuras da tela. Por elas, podemos ver histórias escritas com sangue e violência, conforme anotou Luiz Palacin Gomes, ao retratar o “Coronelismo em Goiás”²⁹ e, ainda, Jaciely Soares da Silva, ao discutir justamente a violência e a religiosidade popular em Catalão³⁰.

Para Gomes, o ano de 1936 foi um marco na rivalidade política local, pois nele ocorreu a morte do farmacêutico, poeta e jornalista Antero da Costa Carvalho. Acusado de ter sido o mandante do assassinato de Albino Felipe do Nascimento, fazendeiro da região de Catalão, de 78 anos de idade, Antero foi

²⁷ SEBBA, Paulo Fayad. Significado de um Acontecimento. **Gazeta do Triângulo**. Agosto de 1959, p. 22.

²⁸ Essa afirmação se deu em virtude do Centenário de Catalão/GO. Ver: SEBBA, Jamil. Alvorada. In: **Gazeta do Triângulo**. Agosto de 1959. p. 10.

²⁹ GOMEZ, Luiz Palacin. **Coronelismo em Goiás**, Goiânia: Cegraf, 1992.

³⁰ SILVA, Jaciely Soares da. **Violência e religiosidade popular em Catalão-GO: a construção da santidade de Antero 1932-2012**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História UFU. Uberlândia, 2014.

preso sem julgamento e sem o devido processo legal. Seu destino, porém, foi bem mais trágico, conforme destaca Silva:

[...] foi retirado da cadeia por jagunços e parte da própria população local, sendo morto, segundo a tradição oral, por linchamento, no dia 16 de agosto de 1936. Linchamento este que hoje é tomado como martírio ante as brutalidades que o mesmo suportou.³¹

Antero seria eternizado pelo imaginário popular como santo. Não obstante, seu martírio e morte se inscrevem numa miríade de disputas políticas locais, que tiveram lugar na cidade desde as primeiras décadas da República. Retomando o já citado Luiz Palacin Gomes, Silva observa que:

Em Catalão, durante a primeira década da República, ocorreram inúmeras disputas pelo poder local. Dentre as famílias que disputavam o poder destaca-se a família Paranhos, tendo como opositores membros do Partido Republicano Federal, particularmente, José Maria da Silva Ayres e Carlos Antônio de Andrade. Segundo Gomez, as disputas ocorridas em Catalão, especificamente neste período, foram resultado do cruzamento de três tipos de conflitos da conjuntura política: a disputa local pelo poder, a disputa pelo poder do Estado e a disputa pelo poder federal, inseridas dentro do contexto político do coronelismo. Em outros termos, as disputas coronelísticas giravam em torno de quem iria possuir o poder local³².

É importante notar que o favorecimento das elites pelo poder central retroalimentava o domínio amplo dos coronéis, estendendo-o sob os mais diversos setores da sociedade. Compreende-se, porque, para Leal,

[...] o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil [...]³³

³¹ Id. Ibid., p.12.

³² Id. Ibid., p. 36.

³³ LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.42. Consultar também: FARIAS, Francisco Pereira de. Clientelismo e democracia capitalista: elementos para uma abordagem alternativa. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba: nov. 2000, n.15, p.51; MACHADO, Raphael de Sousa. **A cultura política do coronelismo e suas representações sociais**: Araguari/MG - 1930/1945. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2016.

Visto sobre este pano de fundo, o crime contra Antero da Costa Carvalho pode ser entendido como um substrato do coronelismo e da sensação eminente de impunidade que subjazia a ele. Com um poder extensivo, que alcançava os mais diferentes setores da sociedade, os coronéis se sentiam confortáveis para suplantar a justiça formal e resolver seus problemas à bala, legitimando-se politicamente através do uso excessivo de violência. Com isso, não apenas demonstravam, mas também asseguravam o controle sobre a sociedade.

É fato considerarmos que a violência foi marca do período coronelista e que não se restringia a Catalão. Esteve presente em todo o estado de Goiás e em várias outras regiões do país. Contudo, como afirma Silva:

[...] o estado de Goiás e especificamente a cidade de Catalão/GO tem como abordagem central uma narrativa histórica na qual a violência social e política foram postas como elementos marcadamente presentes na construção e na formação da cidade. Vale destacar que a cidade de Catalão/GO, [...] se destacava nesse quesito sendo considerada, notoriamente, uma das cidades que possuía um alto nível de violência. Entretanto, seria ingênuo pensarmos que ações violentas eram generalizadas, pelo contrário, elas pertenciam a um grupo restrito formado pelo poder político-econômico e pela polícia local, sendo esses representados, consubstancialmente, por fazendeiros, jagunços e polícia, uma política calcada ainda no coronelismo [...]³⁴

O crime bárbaro de Antero da Costa Carvalho, que foi preso sem provas, retirado à força da cadeia, arrastado pelas ruas da cidade, tendo suas unhas arrancadas e seu corpo perfurado por pontas de facas e outros objetos cortantes, possui a marca desse coronelismo entranhado naquela região de Goiás. As narrativas dos memorialistas e a reconfiguração da história local, funcionam como um “espelho invertido”, pois cumpre a função de abafar o som da violência, dos mandos e desmandos políticos locais, suplantando-a pela expansão asséptica e harmoniosa do município.

No entanto, é preciso lembrar que esse processo, do mesmo modo que provoca a ascensão de Catalão como sujeito da sua própria história, elidindo os

³⁴ SILVA, Jaciely Soares da. **Medo do passado ou passado do medo?** História, memória e violência em Catalão-GO (1978-2012). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019. p. 118.

barbarismos das elites coronelistas, também exclui as camadas pobres da população. Os pequenos agricultores e comerciantes, as mulheres, os escravizados que acompanhavam as comitivas, os imigrantes que laboraram no campo e na cidade, “a gente de fora” são tratados na memória histórica como, no máximo, figuração. Sua existência, quando não pode ser simplesmente negada, serve para alimentar a trajetória evolutiva de Catalão, seguindo em passos largos rumo ao progresso.

Na urdidura das narrativas produzidas por parte dos historiadores locais³⁵, a cidade em crescimento é por si mesma o sujeito da sua própria história. Configura-se como um “ente”, que percorre sozinho o devir do tempo, sem pessoas e sem conflitos. Quando muito, o “Anhanguera”, o bandeirante que passando por aquelas paragens, observou que Catalão tinha “vida própria” e um destino inelutável.

Desta feita, o discurso reforça a necessidade da memória isenta de conflitos, pois sua assepsia atende os interesses das elites que, no presente no qual a memória histórica está sendo produzida, é fundamental apresentar Catalão como um lugar pacífico. Neste sentido, é mister selecionar do passado os fragmentos que corroboram os ideais de progresso, concretizando uma identidade que cimentará, nos tijolos da história local, a imagem de cidade que se pretende erguer no futuro. Trata-se de soerguer uma nova identidade que,

³⁵ Ver: AZZI, Antônio J. **Catalão Ilustrado**. SP: Linotechnica, 1938; CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976; CHAUD, Miguel Jorge. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Agepel, 2000; DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008; GOMEZ, L. P.; CHAUL, N. F.; BARBOSA; J. C.; **História política de Catalão**. Goiânia: UFG, 1994. (Coleção Documentos Goianos, n. 26); GOMEZ, Luiz Palacin et.al. **História Política de Catalão**. Goiânia: Cegraf, 1994; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF, 2009. 257p. RAMOS. Cornélio. **Catalão: poesias, lendas e histórias**. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Histórias e confissões: páginas escolhidas** – Goiânia: O Popular, 1987; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984; SILVA, Jaciely Soares da. **Violência e religiosidade popular em Catalão-GO: a construção da santidade de Antero 1932-2012**. Dissertação Programa de Pós-graduação em História UFU. Uberlândia, 2014; SILVA, Ronaldo da. **A implantação da Mitsubishi em Catalão: estratégias políticas e territoriais da indústria automobilística nos anos 90**. 2002. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia, 2002.

como afirmou Bakhtin, ao se referir à “identidade nacional”, como qualquer discurso, é constituído dialogicamente”³⁶. Como lembra José Carlos Reis:

[...] As identidades são relacionais e mudam em cada relação. A identidade precisa de algo fora dela, da alteridade, outra identidade, que ela não é, e nessa relação com o outro, as identidades são construídas. Uma identidade exclui, cria o exterior. Ela é uma homogeneidade interna, um fechamento. É um ato de poder. As identidades são construídas no interior do jogo de poder e da exclusão. Não são naturais, mas difundidas em lutas históricas [...] ³⁷

A identidade local de cidade em expansão torna-se cada vez mais relevante nesse processo. Por óbvio, a memória individual e/ou coletiva se torna um campo muito relevante na composição discursiva com vistas à formação de nova identidade, imaginada e reforçada. Como afirma Le Goff,

[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória [...] ³⁸

Neste sentido, a difusão da memória de uma “Catalão orgulho do Brasil” se assenta sobre narrativas selecionadas criteriosamente para priorizar a imagem do desenvolvimento, com vistas a torná-la uma referência para o estado de Goiás e, quiçá, para o mundo. Não por acaso, encontramos no Jornal Gazeta do Triângulo, um texto que *compara Catalão à Nova York e capitais europeias*, para reafirmar a ideia de cidade em franca expansão econômica e cultural:

[...] Nova York é demonstração eloqüente da moderna técnica e da civilização capitalista. Londres espelha a grandeza de um império que dominou o mundo. Roma traduz a força espiritual da religião cristã. Paris é a capital ocidental. Tal como essas, o pequeno burgo edificado nas margens do Pirapitinga tem também suas características próprias. Seu povo conserva muita das características

³⁶ BAKHTIN, Mikhail. **L’oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance**. Paris: Gallimard, 1970. p. 34-36.

³⁷ REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 12.

³⁸ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

dos bandeirantes e pioneiros que desbravaram os nossos sertões. O progresso e a civilização eliminaram as manifestações truculentas desse espírito bravio [...] A devoção à liberdade é outra dominante na personalidade do catalano. O espírito de aventura está no sangue da gente da terra [...] ³⁹

Eliminadas as “manifestações truculentas”, decantadas sob o sol do progresso, a memória harmoniosa soergue Catalão à luz da razão e da liberdade, sem que isso, é claro, rescinda o espírito aventureiro da gente *da terra*. É a terra, portanto, a própria Catalão que imprime os epítetos. Neste processo de construção e reconstrução histórica, a memória que se forja nos fragmentos discursivos, silencia os sujeitos reais, homens e mulheres que integram a população, ocultando a violência e as práticas sociais de exclusão.

Como observa Pierre Nora, a história como historiografia é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que já não existe mais. É um fenômeno sempre atual, presente, uma representação do passado. Nestes termos, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, pois se alimenta de lembranças vagas⁴⁰. Vista sob este prisma, a memória é também revolucionária, pois não se permite aprisionar. De tal sorte, se conforma *ao presente* e, ao mesmo tempo, pelo seu caráter fugidio, produz rastros que enunciam fraturas, as quais indicam outras possibilidades que o campo escriturário não consegue abarcar.

Por tudo isso, a relação tecida entre História e memória nos leva a um campo de possibilidades que transitam entre as representações e imagens do passado no presente. Nesta perspectiva, a História se apresenta com certa criticidade que enseja o campo da memória. Afinal, não existe verdade absoluta nas lembranças de outrora. No entanto, essas diversidades de lembranças tentam conferir uma dinâmica histórica por meio de fragmentos, ao transformá-los em um grande cenário sobre o tempo e os relembramentos. Desta forma, para Nora,

³⁹ SANTANA E SILVA, Sebastião de. Saudade. **Gazeta do Triângulo**. (Página Literária) ago. 1959. p. 6.

⁴⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. **Projeto História**, São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n.10, dez. 1993. p. 19.

[...] A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações [...]⁴¹

Em se tratando de Catalão, se memória é vida e fugidia, não se permitindo aprisionar, tem-se a necessidade de renovação de dadas lembranças *no e sobre o tempo*, com vistas a dinamizar o discurso edificado para ser difundido entre os moradores da cidade, como um *presente sempre atualizado*. Assim, as lembranças retroalimentam uma esfera do passado, na qual são desconsiderados os próprios atores sociais. Elididos na pluralidade do tempo, os sujeitos históricos sucumbem à Catalão e seu destino glorioso, como bem ilustra o Hino da cidade.

De um passado glorioso desperta, Catalão vem viver o esplendor!
Tua história teus filhos em festa. Querem hoje cantar com ardor.
Terra ativa de encantos e escóis/ Na lembrança dos teus viverás,
Foste terra de doutos e heróis/ Catalão, Atenas de Goiás / De Goiás,
de Goiás/ Catalão e símbolo de paz/ De Goiás, de Goiás/ Catalão e
símbolo de paz/ Quando em sonhos partiu Anhanguera/ No afã
bandeirante de então,/ Como marco deixou nesta terra/ Uma cruz a
brilhar na amplidão/ E da luz desses raios vivemos/ Numa fé mais
ardente e viril,/ Esperando que um dia veremos/ Catalão, orgulho do
Brasil/ Do Brasil, do Brasil/ Catalão e terra varonil/Do Brasil, do
Brasil/ Catalão e terra varonil⁴²

Para Gastal, a memória de uma cidade é composta por recordações e histórias, que emergem para o entendimento da urbe como um todo. Lugar vivo, a cidade é simbolicamente construída, interferindo na concretização de suas narrativas. Dito de outra forma, ela acumula memórias em camadas que, ao se somarem, vão constituindo um perfil único. Assim, surge o lugar de memória “[...] onde a comunidade vê partes significativas do seu passado com imensurável valor afetivo”⁴³.

Nesta dimensão, podemos ler as singularidades presentes no hino de Catalão que, por um lado, qualificam os esforços das elites locais para

⁴¹ Id. Ibid., p. 19.

⁴² **Hino do município de Catalão**. Letra de Aguinaldo de Campos Neto. Melodia de Maestro Frederico Campos.

⁴³ GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, Susana. (org.). **Turismo, investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

alimentarem a ideia de progresso, se renovando nas aspirações de futuro; e, por outro, evocam um cenário que encobre as imagens do cotidiano vivido, refeito e reelaborado por sujeitos comuns. Esta narrativa se apresenta através de imagens parciais da realidade, excluindo dela uma parcela significativa da população. Silenciada, acaba por absorver o discurso oficial sobre o lugar, assumindo como verdade única o ideário de progresso, naturalizado como característica inerente à Catalão.

É preciso considerar que o convencimento também se dá através do *habitus*. Se compreendido como propõe Maria da Graça Jacintho Setton, a partir de uma releitura de Bordieu, a noção de *habitus* nos auxilia a “[...] pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente”⁴⁴. Assim, percebemos que o processo de difusão e circulação do hino de Catalão, no e sobre o tempo, exprime a leitura acerca da identidade social forjada para a cidade, por suas elites.

O hino referenda uma história, que se pretende cimentada em um passado glorioso, peça chave para o desenvolvimento do país por ter sido passagem e entreposto comercial. Desta maneira, Catalão serviu de abrigo aos bandeirantes, os bravos que singraram o coração das matas, abrindo picadas e estradas, facilitando a exploração do ouro em Goiás. Do passado de glórias, anelado à construção do país, a cidade se torna o orgulho do Brasil. Outrossim, na memória histórica que atravessa o tempo, pois continua sendo atualizada, o protagonista do surgimento de Catalão, permanece sendo o Bandeirante Bartolomeu Bueno Filho, cujos feitos “fundacionais” se tornaram o fio condutor da sua história oficial⁴⁵.

Resta assim, perguntar: que cidade é essa, que se refaz em uma história sempre positiva, inclusive redimensionando – para caber no discurso – as contradições inerentes aos próprios “pontos positivos”, como a saga bandeirante, por exemplo?

⁴⁴ SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.20, maio/jun./jul./ago. 2020, p. 61.

⁴⁵ Informação disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/catalao.pdf>

Ora, na perspectiva dialógica proposta por Pesavento⁴⁶, podemos afirmar que "ler" a cidade de Catalão é um desafio, uma vez que a história linear, sem percalços nem conflitos, registrada pela maioria dos historiadores locais, reproduz *um mesmo discurso*. Mas, como lembra a historiadora, é preciso compreender que a história da cidade se alicerça para além do que se poderia chamar de seu "espaço real". Ou seja, é necessário partir das palavras e das imagens que a representam, para que possamos configurar caminhos de possibilidades interpretativas, de múltiplas abordagens, alcançando o seu "imaginário urbano". Desta sorte, a cidade se revela através das muitas visões tecidas e imaginadas sobre o urbano, e que devem ser relidas como:

[...] uma espécie de espelho do mundo: um microcosmo do real, um macrocosmo do social, um espaço onde as coisas acontecem num tempo em que se realiza e atualiza a história e a memória que os homens constroem para si"⁴⁷.

Conforme Pesavento, a cidade se constrói de memórias, de lembranças referendadas por sujeitos conforme as suas intencionalidades. Cabe, aqui, o desejo de transformar narrativas mnemônicas recortadas do tecido social em histórias oficiais e hegemônicas. Trata-se de "memórias que os homens constroem para si" com o objetivo de inserir nesses contextos e nessas histórias suas memórias individuais ou transportá-las para um contexto coletivo.

Vale lembrar que, partindo de Bergson e Halbwachs, Pollak afirmou que existem dois tipos de memória, a individual e a coletiva⁴⁸. A primeira, se reconstrói das percepções e vivências do cotidiano dos sujeitos que lembram e relembram numa temporalidade e numa espacialidade própria. Já a memória

⁴⁶ Cf.: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Um novo olhar sobre a história: a nova história cultural e as representações do urbano. *In*: MAUCH, Cláudia, *et al.* **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1994; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, nº 16, 1995, p. 279-290.

⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Pedra e Sonho: os caminhos do imaginário urbano. *In*: **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro e Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002. p. 7-27.

⁴⁸ POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. Veja, ainda: BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999; BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979; HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006; SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

coletiva se insere na história em comum dos grupos sociais, conservando-se mais, pois pretende, em geral, ser algo maior de que o próprio indivíduo. Neste ato de rememorar coletivamente, a seleção do que deve ser lembrado se insere em um contexto de escolhas, privilegiando memórias e esquecimentos, uma vez que não é possível preservar todas as lembranças e também não há o interesse de que isso ocorra.

É válido reforçar que a repetição dos fragmentos do passado se dinamiza no presente, expressando-se numa única paisagem. Ao atualizar as representações, que se pretendem perenes, as mesmas são dotadas de uma significação social extensiva aos diversos grupos que compõem a cena local, seja no campo ou na cidade. Todavia, trata-se de memória construída pelos grupos hegemônicos e dada como se fosse pertencente ao coletivo.

Existe, pois, uma relação intrínseca entre a memória e a identidade na recomposição do passado. Esta última é “[...] constituída de acontecimentos, lugares, pessoas/ personagens (efetivamente vivenciados, vividos por tabela ou que não pertencem efetivamente ao espaço-tempo da pessoa)”⁴⁹. Isto é bem nítido na memória coletiva de Catalão, erigida pelos grupos hegemônicos, política e economicamente. Não obstante, a memória também é um campo de luta e neste amplo cenário os diversos sujeitos disputam o direito à lembrança. No cotidiano da sua existência, igualmente produzem relações de pertencimento na vivência diária dos seus modos de vida. Por isso, os atores sociais produzem rastros de sua existência, e no presente que não mais habitam, reclamam o direito às memórias. Assim, o passado silenciado, ocultado, mas não apagado, bate à porta e espera ser considerado.

Nas entrelinhas dos discursos, brotando por entre os rasgos da tela hegemônica, alguns moradores, inclusive pertencentes à elite local, oferecem vislumbres de outra Catalão, submersa na placidez do progresso inevitável. As vozes dissonantes, muitas delas cronistas da sua própria época, precisam ser resgatadas dos baús do tempo. Escritores locais como Campos⁵⁰, Ramos⁵¹,

⁴⁹ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 2.

⁵⁰ CAMPOS, M. das D. **Estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Bandeirante, 1976.

Chaud⁵², Democh⁵³ e Braz José Coelho, por meio de suas crônicas, destacam outros olhares e pontos de vista, revelando as camadas do “imaginário urbano”, do qual nos falou Pesavento.

[...] descia a ladeira fraca, antes de chegar a primeira grotta, trouxa de roupa na cabeça [...] [...] Dois quarteirões abaixo, um trator de esteira revolvía o chão cascalhento da rua [...] Na altura da Cruz do Antero, logo depois da segunda grotta, uma turma de empregados da Prefeitura limpava, a golpes de foices e enxadas, o capinzal que crescera alto nos dois lados da rua sem meio-fio [...].⁵⁴

É preciso buscar nos monturos das narrativas, o marginal, os indícios, os vestígios e os rastros cujos fios nos abrem possibilidades outras. Por essas frestas percebemos histórias e olhares diferentes, pois nos apresentam outras memórias da tessitura social e da vivência cotidiana das gentes comuns de Catalão. Conseguimos enxergar que, para além do ideário do progresso, existe uma cidade na qual habitam os desvalidos, os simples, os pretos, pardos e populares presentes e vivos no cenário sociocultural da cidade. Para vê-los, é necessário compreender os referentes que produzem o silenciamento das suas experiências, pois transitam num campo de invisibilidade frente a realidade histórica, não os reconhecendo em sua condição de sujeitos. Como aponta Samuel,

[...] requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos [...].⁵⁵

Mergulhar nas fissuras desta história não é tarefa fácil. Entretanto, é um salto necessário, pois condição para compreendermos outras versões construídas sobre a cidade.

⁵¹ RAMOS, C. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984. 110 p.

⁵² CHAUD, Miguel Jorge. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Agepel, 2000. 180 p.

⁵³ DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. 104 p.

⁵⁴ COELHO, B. J. **Um Homem e sua família**. Goiânia: Ed. Kelps, 1997. p. 53-4.

⁵⁵ SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. v. 9, n. 19, set. 1989 / fev. 1990. p. 220.

1.2. Das picadas de chão batido à cidade do progresso

[...] Catalão, pequena cidade hoje em condições de crescer e desdobrar-se pela amenidade de seu clima, abundância e excelência de suas águas, é o entreposto natural do comércio do Norte e do Sul de Goyaz; nada mais lógico do que o imediato prolongamento, custe o que custar, da linha férrea a esta cidade. Só assim a Companhia (mogiana) ressarcirá os prejuízos que lhe tem dado [...] (O Goiaz, 29 mar. 1889).

A história oficial do município de Catalão elege como seu marco fundador o cenário das Entradas e Bandeiras, através de um grupo de bandeirantes liderado por Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Subjaz no marco a ideia de que o desbravamento da região foi o que levou à sua ocupação, conforme descrito por Luiz Palacin Gomez, citando Cornélio Ramos, ao afirmar que:

[...] A cidade de Catalão fundada em fins de junho de 1722, por ocasião da passagem da bandeira de Bueno Filho, pelo Porto Velho, aberto pelos bandeirantes no rio Paranaíba, quando rumava para o interior goiano. Deixou ele como marco uma cruz de aroeira cravada nas proximidades do Ouvidor, na fazenda dos Cassados. Deixou também alguns integrantes da sua bandeira, para roçar e formar uma estalagem que servisse de ponto de apoio e referência aos exploradores, que posteriormente transitassem entre São Paulo e Goiás, acontecimento que deve ter dado origem à fundação da cidade, por um espanhol originário da Catalunha e apelidado por Catalão. Nome que passou para a vila, da vila para a cidade e que vem sendo conservado até agora [...] ⁵⁶

As narrativas acerca da história do município tentam se alinhar com as tramas construídas nos diversos territórios do país e seus respectivos processos de desenvolvimento. Neste sentido, alçam a cidade de Catalão à condição de grandeza, vivenciada por outras localidades, as quais também creditam a sua existência social ao processo de desbravamento das Bandeiras, motores que abriram o caminho para transformar as regiões que percorreram, de modo a criar os trilhos do progresso.

A perspectiva que associa a ideia dos desbravadores e das Bandeiras alinha Catalão a um movimento externo. Já a perspectiva do entroncamento geográfico, que qualifica o lugar como paragem, é expressiva nas interpretações

⁵⁶ GOMEZ, Luiz Palacin *et al.* **História Política de Catalão**. Goiânia: Cegraf, 1994. p. 20

que colocam em evidência os primeiros sujeitos que ali se instalaram e, desta feita, se fizeram responsáveis pelo desenvolvimento local. Portanto, compreender esses diferentes momentos históricos, e como eles dialogam na construção da identidade da cidade como a “mais promissora do estado de Goiás”, é fundamental para o movimento dialógico que aqui nos propomos.

Segundo Katrib⁵⁷, a versão apresentada por Ramos⁵⁸, se confrontada com a de Azzi⁵⁹, revela que muitos dos historiadores locais, que recontam a história de Catalão, fazem da historiografia a história, por assumirem a interpretação de Azzi como se fosse a única possível. Observe-se que dentro desta lógica, são produzidos usos e abusos uma vez que esta interpretação produz a naturalização de uma história que torna as elites locais as protagonistas do processo histórico, silenciando os indígenas e os negros que ocuparam a região. Por sua vez, produzem o silenciamento sobre a ocupação de outros cenários, promovendo o apagamento das memórias e narrativas acerca de um campo cultural conflituoso, marcado pela violência dispensada aos demais sujeitos que, a despeito de também vivenciaram o processo histórico, lhes foi negado o direito de se fazer presentes na construção do discurso histórico.

No entender de Katrib, a interpretação referendada por Azzi, com base nas leituras de Saint-Hilaire do século XIX, credita aos bandeirantes a responsabilidade pela ocupação do sertão goiano, pois foram eles os fundadores de uma série de cidades pelo interior do país.

[...] O fato da existência das Entradas e Bandeiras vindas de São Paulo e de suas incursões, por Minas Gerais e Goiás, reforça os indícios da passagem de comitivas pela região onde se formou Catalão, mas não garante que a fundação do município tenha, de fato, se dado por Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Todavia, segundo Azzi destaca em seu estudo, levando em consideração os relatos de Saint-Hilaire e D’Alincourt (1975), essas comitivas atravessavam o Rio Paranaíba abrindo passagem e, depois prosseguiram viagem

⁵⁷ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram**: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF, 2009. 257p.

⁵⁸ RAMOS. Cornélio. **Catalão**: poesias, lendas e histórias. 3 ed. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997; RAMOS. Cornélio. **Histórias e confissões**: páginas escolhidas – Goiânia: O Popular, 1987. 120p.; RAMOS. Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984.

⁵⁹ AZZI, Antônio J. **Catalão Ilustrado**. SP: Linotechnica, 1938.

pelos sertões de Goiás, e a região onde hoje se localiza Catalão, provavelmente se constituiu local de pouso e apoio às comitivas [...] ⁶⁰

O apagamento da existência indígena é uma das premissas de Ramos para construir uma interpretação que vincula o nascimento de Catalão à passagem do bandeirante Bueno Filho pela região. Expressiva de uma dimensão narrativa da História, relacionada aos grandes feitos pela eleição de personagens heroicos, a passagem do Anhanguera pelo lugar funciona como uma espécie de “atestado de verdade”, pois capaz de comprovar a veracidade da história oficial:

[...] O único fato anterior a 1810, que pode figurar como verídico nos anais de nossa história [...] é a passagem do aventureiro paulista - Bartolomeu Bueno, o Anhanguera, por este lugar em demanda do interior da então capitania de Goiás, o qual abriu o Porto Velho, deixando três léguas aquém do rio Paranaíba, nas proximidades do ribeirão Ouvidor, um marco que ainda existe, como atestado de sua passagem. Foi em 1810 que o terreno que ocupa esta cidade, que então pertencia à Sesmaria do Ribeirão, foi por Antônio Manoel doado à Nossa Senhora Mãe de Deus que passou a ser a padroeira da localidade em formação [...] ⁶¹

O fato de a região de Catalão ter sido passagem das Bandeiras, não pode apagar a participação efetiva de outros atores sociais que também se fizeram presentes. As fraturas das narrativas que soerguem e também compõem o repertório das representações sobre a tessitura da cidade, trazem para a interpretação historiográfica a exigência de decodificar os silêncios e os ocultamentos que a lógica do progresso pretendeu apagar. Por sua vez, são centelhas adormecidas que reluzem no presente, pois como indicativos de outros horizontes de expectativas. Permitem a leitura do que se configura hoje como território de Catalão, através de outra lógica, que procura dar visibilidade a outros sujeitos sociais.

Tal lógica pode ser vista à luz de Edson Democh em seu livro: “1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão” ⁶². O autor apresenta outra possibilidade para o surgimento do povoado que dará origem à Catalão.

⁶⁰ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Op. cit., 2009. p. 46.

⁶¹ RAMOS. Cornélio. Op. cit., 1984. p. 24.

⁶² DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008.

[...] Um grande esforço que nos sustenta de que nossa cidade surgiu a partir de 1810 é a arquitetura de casarões que sobreviveram até nossos dias, como já foi citado, a arquitetura usada foi a do século XIX estilo paulista rural. Se Catalão tivesse surgido no século XVIII a arquitetura teria características portuguesas como no colonial mineiro, tipo de construção não encontrada em nenhuma foto do início do século XIX, as cidades conservavam a mesma arquitetura comprovado pelas ainda existentes e preservadas pelo IPHAN ou tombadas pelo mesmo órgão [...]⁶³

Para este historiador local, a região possuía inúmeros quilombos no início do século XIX, o que poderia ter dado origem ao lugar e ao desenvolvimento da cidade. Democh defende essa tese com base nas evidências do refúgio de escravizados, que ocuparam a região por volta de 1840, inclusive citando a existência de um leilão de negros escravizados decorrente da falência de seus proprietários.

Com um olhar diferenciado sobre o documento histórico, a versão defendida por Democh por várias décadas, respaldou-se também em dados estatísticos de 1919, os quais, segundo ele, indicavam que Catalão era a cidade com maior número de negros do estado de Goiás. Democh foi o único que procurou recompor a história da cidade por outros olhares. Entretanto, não abriu mão da versão consagrada por outros historiadores locais e, nos seus escritos, acaba reforçando uma leitura linear que também elege a figura de Bartolomeu Bueno Filho como o desbravador responsável pela ocupação territorial que deu origem à cidade.

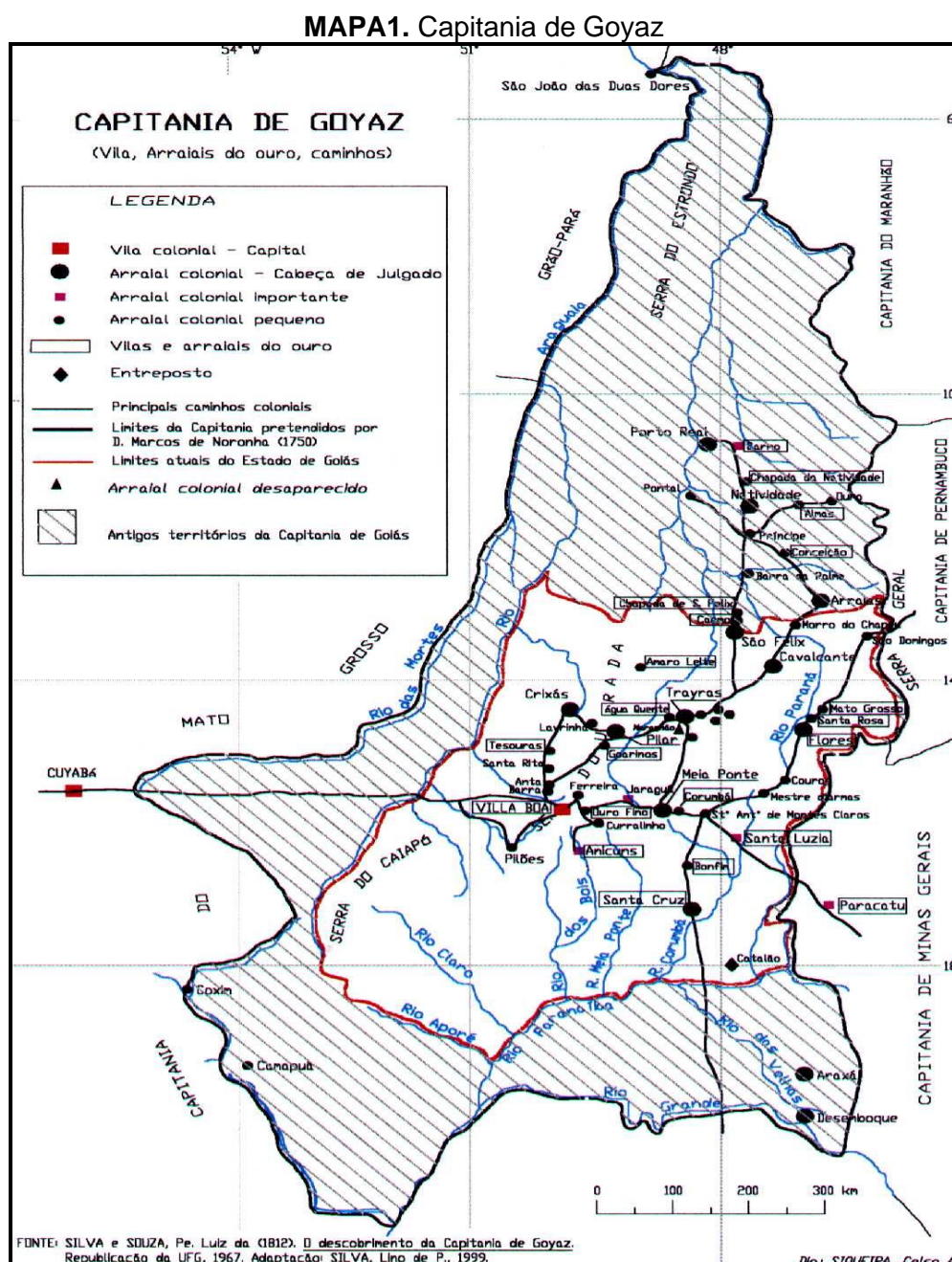
Já Chaud⁶⁴, menos ousado que Democh, se restringe a afirmar que a fundação de Catalão se deveu ao aumento de uma população de refugiados, perseguidos e aventureiros de toda sorte que, atraídos pelo excelente clima e pela fertilidade da terra, se instalaram no Sítio do Catalão, às margens do Pirapitinga, onde viveram tranquilamente.

Embora Catalão não estivesse inserida na rota do ciclo do ouro, que teve lugar nas Minas Geraes dos séculos XVII-XVIII, os historiadores locais são unânimes em afirmar que a cidade era um ponto de referência geográfico para a chegada às terras goianas. Era ali, portanto, que as comitivas paravam para o

⁶³ Id. Ibid., p. 63.

⁶⁴ CHAUD, Miguel Jorge. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Agepel, 2000. 180 p.

descanso e alimentação a fim de seguir viagem. Desta feita, ao redor dessa “roça” ou “pouso”, muitas das pessoas que transitavam do Sudeste para a Cidade de Goiás, teriam fixado residência na região de Catalão, contribuindo para seu crescimento populacional, conforme ilustrado no Mapa 01, adaptado por José Graziano da Silva, em 1996⁶⁵.



Fonte: SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp-Instituto de Economia, 1996. 217 p.

⁶⁵ SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp-Instituto de Economia, 1996. 217 p.

Embora os registros cartográficos sirvam para referendar aquele momento histórico, não evidenciam a dinamicidade do processo, uma vez que não revelam os conflitos, os sujeitos excluídos, os embates da ocupação, os mandos e desmandos contidos no caminho da mineração, ao elegerem Catalão como entreposto comercial. Ao contrário, o que se vê nos mapas é o traçado da produção de esquecimentos, haja vista que as linhas indicam configurações espaciais e temporais que evidenciam percursos. São linhas que configuram a tessitura da cidade como entreposto comercial e que a interligam a outras localidades, alimentando o ideário do progresso que, ao mesmo tempo, acentua a territorialidade sem sujeitos.

Assim, conforme destaca Katrib⁶⁶, Catalão pode até ter sido erigida em conformidade com o marco fundador, eleito pela memória histórica, dentro do qual nasce mediante a passagem das Entradas e Bandeiras. Destas, o grande elemento explicativo da sua existência, evoluiria para a condição de entroncamento comercial, dando continuidade ao desígnio progressista a que estava fadada. Não obstante, esta história oficial se funda na violência, justamente por silenciar os sujeitos sociais relegados ao esquecimento. Destarte, ouvir as vozes que ecoam através dos silêncios da historiografia hegemônica, lança luzes na existência de muitos, devolvendo seu direito à memória. Conforme Katrib:

[...] entre os séculos XIX e XX o número de pessoas oriundas das Minas Gerais no município aumentou substancialmente e muitas delas se estabeleceram como fazendeiros em Catalão e, devido a essa atividade, trouxeram consigo grande parte da mão de obra a ser empregada em suas terras, principalmente remanescente da escravidão, com a finalidade de trabalhar na produção de café. [...]⁶⁷

Na entrelinha da memória oficial, é possível ler uma história a contrapelo que também pode ser renovada ao longo do tempo. Ao observamos com outros olhos os autores que reafirmam a memória histórica, igualmente renovamos a

⁶⁶ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Op. cit., 2009. 257p.

⁶⁷ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Religiosidade e devoção: caminhos para pensar a cidade. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 24, n. 37, p.65-85, ago. 2017. p. 68.

interpretação histórica corrente. Por esse veio, notamos que Campos⁶⁸ e Ramos⁶⁹ mostraram que o fluxo populacional e comercial possuía duas entradas de escoamento e trânsito de pessoas que, obrigatoriamente, passavam por Catalão. Uma, por meio da travessia do Rio Paranaíba; e a outra, passando por Paracatu, atravessando o Rio São Marcos até chegar na cidade. Esta, aliás, era mais utilizada por quem seguia a rota vindo de Minas Gerais, o que é também defendido por Katrib⁷⁰. É sobre este contexto, portanto, que podemos situar a transformação de Catalão de vila para cidade, vinculando o processo à agricultura e à pecuária, suas principais atividades. Na visão de Ramos⁷¹, entre anos de 1900 a 1940, a cidade aumentou sua área geográfica, delimitando seus bairros a partir da região central da cidade, cortada pelo Ribeirão Pirapitinga e pela passagem da ferrovia por suas ruas. Neste novo recorte geográfico, a cidade se consolidou e junto dela uma série de atividades comerciais significativas afloraram.

1.2.1. Catalão na rota da agricultura e pecuária: fios de uma memória construída

A partir da década de 1940, as narrativas que reforçam a memória do progresso situando-as na segunda metade do século XVIII passaram a ser acentuadas pela historiografia tradicional. Desta feita, a imagem de Catalão como pouso de tropeiros se enfraquece, dando lugar para um novo marco fundacional do progresso anunciado: a condição de entreposto comercial, na rota da exploração aurífera em Goiás.

Nesta nova lógica, elegem-se as atividades agrícolas e a criação de gado como os novos cenários a serem celebrados como referências originais. Assim, renova-se a memória histórica com vistas a fazer resplandecer a imagem de Catalão, agora como referência geográfica nos caminhos do ouro. Na carona

⁶⁸ CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976. 164 p.

⁶⁹ RAMOS, Cornélio. Op. cit., 1984.

⁷⁰ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Op. cit., 2009.

⁷¹ RAMOS, Cornélio. **Histórias e confissões: páginas escolhidas** – Goiânia: O Popular, 1987.

deste novo marco temporal, a cidade é retraduzida como um dos mais importantes entrepostos comerciais do Brasil.

Gomez, Chaul e Barbosa⁷² apontam que o aparecimento de pequenas cidades em Goiás influenciou o processo de ocupação territorial de Catalão, através de doação de terras, feitas por fazendeiros à igreja. No local se ergueu uma capela e, ao redor dela, se foram fixando pessoas, comércios, moradias e roças. Nesse contexto, o comércio torna-se o elemento que, no discurso, renova a memória do progresso ao se transformar no instrumento que dinamiza o cenário local.

Em paralelo, novos sujeitos emergem no novo marco fundador. São os mascates, vendedores de porta em porta, geralmente imigrantes sírio-libaneses que eram os interlocutores das novidades dos centros urbanos com o interior. Muitos destes se fixaram em Catalão no início dos anos de 1900, montando suas vendas, seus armazéns e contribuindo para o crescimento e desenvolvimento da localidade.

Segundo Ramos⁷³, Catalão surgiu em torno de uma área de 3300 metros de comprimento por 2000 metros de largura, doada por Antônio Manoel à Nossa Senhora Mãe de Deus, o que é reafirmado por Gomez e outros⁷⁴. Por seu turno, as narrativas de doações de igual modo reforçam uma interpretação que estabelece os contornos rurais do que viria a ser Catalão. Por isso, é plausível afirmar que a narrativa de Gomez também celebra a memória rural do lugar.

[...] a maior cultura de nosso município são, em primeiro lugar, o Milho, o Arroz, que por sua abundância e facilidade de cultura, seriam suficientes para a manutenção do povo e a criação de diversos animais, cultivava-se igualmente em maior escala a cana de açúcar, o café, o tabaco, a mandioca e o algodão. A criação mais avultada é a de gado e de suíno que só depende de milho e mui pequenos capitais, e por isso está ao alcance de todos – e do gado vacum, a mais importante por seu grande merecimento não é ainda abundante; vai-se desenvolvendo com todo o justo interesse que ele

⁷² GOMEZ, Luis Palacín; CHAUL, Nasr Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão**. Goiânia (Go): Editora UFG, 1994

⁷³ RAMOS, C. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984. p. 20.

⁷⁴ GOMEZ, L. P.; CHAUL, N. F.; BARBOSA; J. C.; Op. cit., 1994, p.24-25.

inspira, e os criadores têm-se esmerado ultimamente no melhoramento das raças com introdução de touros escolhidos [...]”⁷⁵

Ainda de acordo com Gomez, as terras que deram origem à Catalão, doadas pelo fazendeiro Antônio Manoel, incluíam uma área já ocupada por sítios e fazendas. Além destas, ele também decidiu fazer a doação de um lote de terras para construção de uma igreja. E, ao redor da capela erigida, se fortaleceram as relações agrícolas, comerciais bem como o trânsito de pessoas produzindo para a própria subsistência. Depois, com a produção do excedente, passou-se a ter o escoamento da produção local, fixando as pessoas no lugar e, conseqüentemente, o surgimento de um vilarejo. Este vem a ser o núcleo urbano original de Catalão.

Ainda que não tenhamos localizado imagens ilustrativas deste período em particular, é evidente que, na medida em que crescia o vilarejo, também foram produzidos registros iconográficos que o tomaram como plano de fundo ou protagonista de cena. Em qualquer dos casos, é pertinente refletir sobre como as iconografias podem funcionar como suportes da memória histórica, apresentadas como partes expressivas e ilustrativas de uma memória única.

Por suposto, é importante problematizar as imagens, sobretudo as fotográficas, dentro de um processo que dialoga diretamente com memórias que se firmam como tradição e que, também, reafirmam a ação de determinados sujeitos, em detrimento de outros, na construção da cidade. Afinal, as imagens da narrativa visual somam-se aos objetos da cultura material e também aos gestos, olhares e sinais que compõem o vivido e, ainda, à tradição e às crenças que nortearam as vidas.

Podemos afirmar, aqui, que o passado se expressa por meio de uma estetização simbólica e de ornamentação de signos e significados daquele cotidiano, especialmente se considerarmos os entraves e as incógnitas de um futuro que agora se apresenta.⁷⁶ Podemos entender, ainda, que nesse processo

⁷⁵ Id., *Ibid.*

⁷⁶ DIEHEL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru – SP: EDUSC, 2002.

(re) memorizar é também (re) subjetivar um passado através de imagens que se delineiam e produzem uma nova estética do tempo que se foi.

Diante disso, as imagens nas suas múltiplas transversalidades ainda assombram o historiador que não se acostumou a lidar com elas.⁷⁷ Todavia, as imagens do passado podem ser traduzidas em palavras e, por sua vez, os acontecimentos também podem materializar-se em imagens. De forma complexa, é como os sujeitos sociais expressam o seu mundo. Essas imagens são delineadas por meio de símbolos, sinais, mensagens ou alegorias e revelam a matéria de que somos feitos; o real por nós construído ou imaginado.⁷⁸ Portanto, o que interessa aqui, entre o real e o vivido, são as representações produzidas pelos sujeitos sociais, cujas referências estavam sendo fragmentadas.⁷⁹

A partir delas, podemos seguir além dos entroncamentos comerciais que se juntam em um processo que destitui a diversidade dos sujeitos que constroem ativamente o tecido social que dinamiza o fazer e refazer no e sobre o tempo.

Tal lógica do progresso, das rotas comerciais e do desenvolvimento, se espalha produzindo consenso ao apagar os sujeitos. Assim, as interpretações que por vezes silenciam essa historiografia ao longo dos tempos, se cristalizam e são renovadas pelos fios que dinamizam o passado que se quer presente e persistem em não reconhecer que são os sujeitos que constroem a cidade.

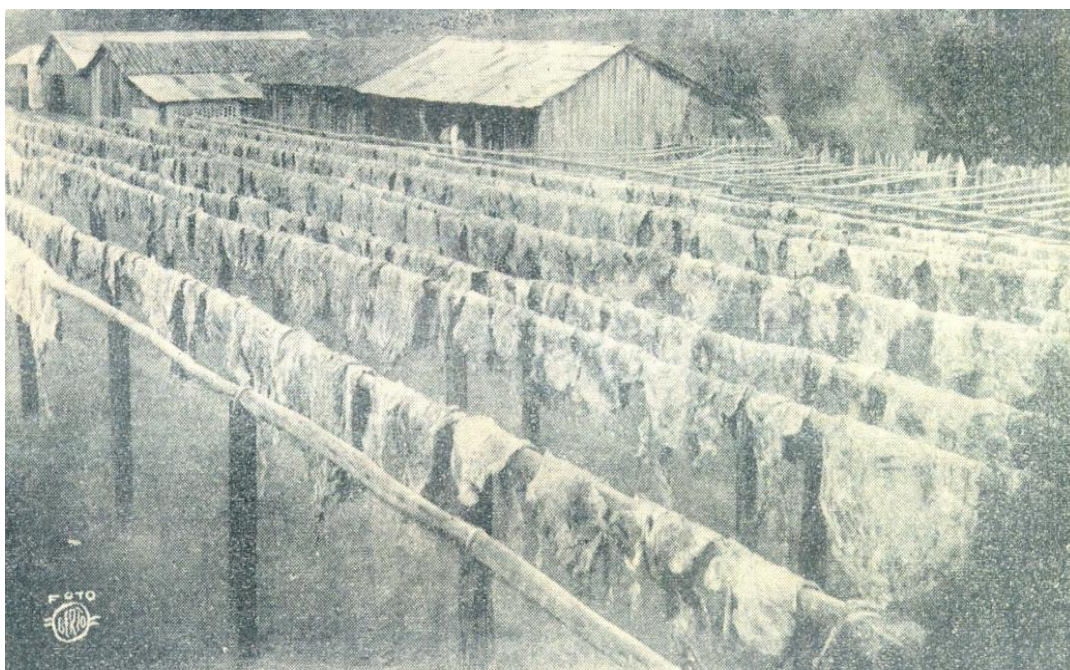
Isto posto, observa-se que algumas imagens servem de alicerce à memória que dará vida à história de Catalão. As iconografias sobre a cidade se concretizam e se renovam no tempo, em tentativa de dar sentido aos próprios fragmentos.

⁷⁷ LEHMKUHL, Luciene. **Fazer História com imagens**. In: PARANHOS, Kátia. et al. (org.). **História e imagens: textos visuais e práticas de leituras**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

⁷⁸ MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001. Conferir também: DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das Ciências e da Filosofia das Imagens**. Rio de Janeiro: Difel 2004; e HAGEMeyer, Rafael Rosa. **História e Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

⁷⁹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990; CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In.: **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, 11(5), 1991; CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FIGURA 1. Charqueada. Catalão, início dos anos 1900

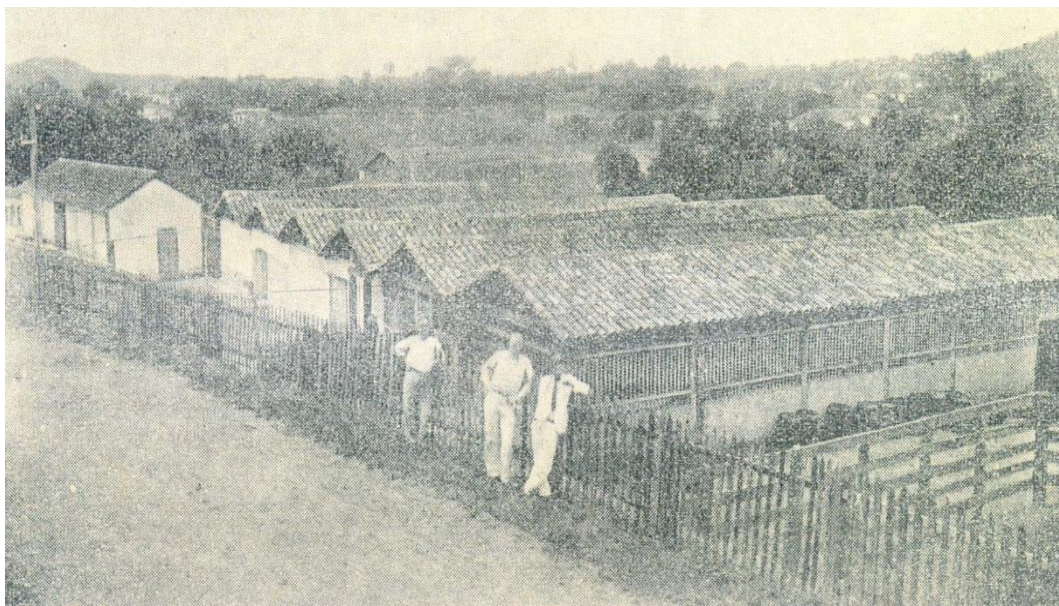


Fonte: Acervo: Fundação Cultural Maria das Dores Campos – Catalão/GO.

Muitas dessas imagens atravessaram temporalidades e espacialidades, de modo que seu uso e sua difusão foram naturalizados como iconografia de ilustração, em vários livros que contaram a história das origens de Catalão. E, por mais que haja uma memória em disputa, as fotografias datam o tempo e ditam o tom do discurso, qualificando a inserção de Catalão na trilha do especial progresso.

A imagem do frigorífico, eternizada pela Foto 2, foi utilizada por memorialistas como Ramos (1986) e Campos (1979) para selecionar do passado uma narrativa visual progressista, ligada ao comércio e à pecuária. Na leitura apresentada pelos historiadores locais, mesmo sendo Catalão uma singela cidade do interior de Goiás, no início dos anos de 1900 estava “à frente do seu tempo”. Afinal, possuía um frigorífico, com produção excedente, que já abastecia a região e cidades de outros estados.

FIGURA 2. Frigorífico família Margon. Catalão, GO, início dos anos 1900



Fonte: Acervo: Fundação Cultural Maria das Dores Campos – Catalão/GO.

Desse ponto de vista, as duas imagens cumprem a função de referendar, no discurso, a importância da atividade agropecuária para o despertar do crescimento local. A estratégia iconográfica, utilizada pelos memorialistas, busca apresentar o campo como espaço de produção e a cidade como lócus da transformação da matéria prima e da sua circulação, impulsionando o consumo na cidade e seu entorno.

Se por um lado o comércio se constituiu como uma das atividades promissoras, a agricultura se fortaleceu ainda mais. Afinal, ela foi remodelada a cada momento histórico a fim de se tornar protagonista, convertendo-se em marca identitária do município. E é nesse momento que a ideia de progresso passa a se inserir no contexto dos sujeitos que forjaram o município a partir de um discurso de desenvolvimento econômico e, por consequência, político, tendo a cidade como palco desses discursos.

Não obstante, na visão de Edson Democh⁸⁰, o desenvolvimento econômico e o crescimento populacional de Catalão são anteriores aos anos de 1900. O autor demonstra que, para além da sua importância agrícola, já em 1837 a cidade se tornou um colégio eleitoral, passando a ter juiz e eleitores, inserindo-

⁸⁰ DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão**. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. 104 p.

a no mesmo cenário político das localidades mais importantes da Província de Goiás. Com isso, Catalão saiu da condição de vila. Para Democh, a rápida passagem por esse processo se deveu ao seu desenvolvimento em ascendência, mesmo estando distante de Vila Boa de Goiás, a então capital da Província.

Já nas análises de Gomez, Chaul e Barbosa⁸¹, mesmo sendo uma cidade recém-criada, no início dos anos de 1900, Catalão foi contemplada com inúmeras benfeitorias, dentre elas a passagem da ferrovia e a edificação da estação ferroviária. É possível perceber, à luz da historiografia goiana e de outras áreas dos saberes, que a chegada da ferrovia foi outro momento que trouxe à tona o discurso do progresso e da modernidade. Ter a ferrovia cortando a cidade, inclusive com uma estação própria, possibilitou, na visão dos escritores locais, o trânsito de pessoas, o acesso a mais mercadorias, o fluxo e escoamento da produção local. Além de marcar a inserção definitiva do município nas trilhas do progresso, proporcionou o desenvolvimento agrícola, em especial, o cultivo do café e seu escoamento. Corroborando essas assertivas, o geógrafo João Batista de Deus⁸² destaca que a passagem da estrada de ferro proporcionou, além da melhoria das relações comerciais, o aumento populacional da região, atraindo um grande número de migrantes e também de imigrantes.

Considerando, portanto, o viés da historiografia local que celebra o progresso “inevitável” de Catalão, como marca histórica, não é surpreendente que os sujeitos eleitos para eternizarem a inauguração da estação ferroviária, sejam os membros da elite de Catalão.

⁸¹ GOMEZ, Luis Palacín; CHAUL, Nasr Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão**. Goiânia (Go): Editora UFG, 1994. p. 38.

⁸² DEUS, João Batista de. **O sudeste goiano e a desconcentração industrial**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, Universidade Federal de Goiás, 2002.

FIGURA 3. Inauguração da estrada de ferro. Catalão, GO, 1913



Fonte: Acervo: Fundação Cultural Maria das Dores Campos – Catalão/GO

Nós os observamos e identificamos através do símbolo discricionário por excelência: os *sapatos*. Assim, na foto, calçando lustrosas botinas e elegantes chapéus, homens e meninos foram registrados no centro, ao passo que poucas senhoras e meninas, igualmente elegantes com seus vestidos de cintura baixa e sapatos de fivelas compõem o restante da cena, em suas laterais. Como dissemos acima, a iconografia *seleciona*. Seja pelos memorialistas, e, claro, pelo olhar do próprio fotógrafo, que colou na sua criação “as gentes” que representavam o novo tempo. Todavia, a imagem é traiçoeira. Assim como os sujeitos que, deliberadamente, foram excluídos do enquadramento. Eles aparecem, insidiosamente, sem sapatos nem chapéus, à esquerda da imagem, pés descalços enfiados na terra, olhar atento para a imagem eternizada do progresso.

1.3. No caminho dos dormentes: a história escrita no asfalto

Ao longo do processo de constituição e reconstituição da cidade de Catalão, as elites renovam os elementos que, selecionados do passado, continuam referendando a sina inelutável do progresso.

Nessa dinâmica, cada lugar de memória estabelecido possui um caráter simbólico e, igualmente, uma dimensão pedagógica, com vistas à promoção dos valores progressistas. Assim, tem-se o corolário de interpretações que passam a sustentar o processo de instalação da ferrovia, tendo por esteio a descrição do seu estabelecimento e os seus efeitos na promoção do desenvolvimento.

Por seu turno, as narrativas em torno da ferrovia são impulsionadas tanto nas páginas da imprensa quanto em outros suportes de memória. Nesta nova dimensão, a ferrovia é transmutada em sujeito do processo, assumindo vida própria. Ela passa, assim, a alavancar não apenas a vida de Catalão, mas de toda a região.

Os dormentes da ferrovia foram cortando a cidade de ponta a ponta. Após sua instalação, Catalão foi posta em nova rota de progresso, agora de outra forma aos grandes centros urbanos, inclusive se transformando em um chamariz para novos moradores, os quais viam no município a oportunidade de prosperarem.

Há um consenso de que a ferrovia possibilitou a chegada de um grande número de imigrantes e migrantes, que se fixaram na cidade. Para Ramos⁸³, este processo foi consequência do fato de que, nas mais diferentes cidades, por onde a locomotiva passava, era anunciada a existência de Catalão, no interior de Goiás, cidade promissora, cujo comércio já se consolidava como uma das atividades mais significativas do estado. Segundo o memorialista, sírios, libaneses, portugueses, espanhóis, sulistas e nordestinos fincaram suas raízes na cidade, dedicando-se ao comércio e às atividades agrícolas, contribuindo, sobremaneira, para o seu crescimento econômico.

À luz da historiografia oficial de Catalão, depreende-se que o comércio local, no início do século XX, girava em torno da produção agrícola do município. Contudo, segundo Chaul, Gomez e Barbosa, desde 1902 o município já exportava cereais e outros produtos para Araguari e São Pedro

⁸³ RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984.

de Uberabinha (Uberlândia/MG); banha, toucinho, manteiga e charque para São Paulo, até o porto de Santos. Estes dados reiteram que a ferrovia foi um marco na conexão de Catalão com o progresso, expresso no desenvolvimento econômico. Conforme escrevem os autores, “[...] a estrada de ferro foi o elo de ligação que faltava na corrente comercial de Catalão com Triângulo Mineiro e São Paulo, para uma maior desenvoltura e um maior incremento”⁸⁴.

Se Catalão colhia os louros do progresso, a violência nas relações sociopolíticas não deixou de existir, ainda que ocultada pelo discurso. Segundo Campos⁸⁵, nos primeiros 50 anos do século XX, mesmo tendo desaparecido as velhas rixas coronelísticas entre os caciques políticos das famílias Paranhos e Andrades⁸⁶, várias mortes de chefes políticos mancharam de sangue a história de Catalão. O autor revela que na entrelinha do seu decantado progresso e harmonia, a cidade continuou violenta e sob a batuta política de famílias tradicionais.

Neste processo de elaboração de silêncio, ocultamento e operacionalização da lembrança, devemos considerar que as narrativas jornalísticas e as crônicas sobre o viver da cidade, têm por tarefa avivar as experiências das elites locais, enaltecendo a sua vida social. Enquanto os eventos e registros da elite são estampados nas páginas dos periódicos da época, subjaz sob eles as vivências dos populares. Desta forma, nas páginas dos jornais, o protagonismo histórico “relevante” torna-se prerrogativa de um seletivo grupo social, capaz de ocupar o espaço da política. Este campo é, então, a grande vitrine que seleciona sujeitos e eventos dignos de serem lembrados, retroalimentando a memória do progresso.

Compreende-se, assim, porque Catalão e sua elite não estiveram alheios às questões políticas nacionais. Estas também reverberavam na região, conduzindo as demandas partidárias da cidade. Por exemplo, durante

⁸⁴ GOMEZ, L. P.; CHAUL, N. F.; BARBOSA, J. C.; **História política de Catalão**. Goiânia: UFG, 1994. (Coleção Documentos Goianos, n. 26). p.121.

⁸⁵ CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976. 164 p.

⁸⁶ Estas famílias se alternaram no poder político, econômico e social de Catalão/GO até serem substituídos pela família Sampaio.

o Estado Novo de Vargas, a política em Catalão elegeu para a cena local outros atores, que assumiram o comando da cidade, desbancando famílias tradicionais com os apoiadores de Vargas na região. Segundo Chaud⁸⁷, as famílias Netto, Campos, Paranhos e Carneiro, que se revezavam no controle político local, perderam prestígio e foram substituídas pela família Sampaio, amenizando as rivalidades entre os coronéis locais. Na visão de Campos:

[...] Catalão nos primeiros 50 anos deste século XX, apesar de ter desaparecido as velhas rixas políticas entre Paranhos e Andrades, que provocaram os 2 “fogos” e a morte dos principais chefes políticos, continuou com incidentes violentos [...]⁸⁸

Esta narrativa é representativa da produção de memória que integra a leitura jornalística e as interpretações de diversos trabalhos científicos, empenhados na discussão da memória local e que colocam em evidência as ações das elites na disputa pelo controle e direção de Catalão. A depender de “como são lembrados”, a instituição da lembrança separa, de um lado, a elite; e, do outro, os diversos grupos sociais que congregam os demais sujeitos da cidade. Quando são lançados às páginas da imprensa, os “outros” são transformados em figurantes da transformação da cidade, pois suas práticas, ações e comportamentos não acentuam o viver para o progresso.

Todavia, a era Vargas não só propiciou mudanças no cenário político de Catalão, como também abriu oportunidades de sua inserção no novo contexto econômico, marcado por subsídios do Estado na maioria das cidades de médio porte do país. Por meio de recursos federais, buscou-se solucionar os problemas de infraestrutura básica como calçamento das ruas e melhoria do sistema de energia e água encanada. Estas obras foram absorvidas nas reivindicações do poder público local às instâncias superiores do Estado. Foi durante os dois mandatos de Vargas, que Catalão teve um impulso desenvolvimentista com a edificação das primeiras estradas ligando o município às regiões circunvizinhas.

⁸⁷ CHAUD, Miguel Jorge. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Agepel, 2000. 180 p.

⁸⁸ CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976. p. 108.

A historiografia local transformou os anos de 1940/50 nos mais promissores para o desenvolvimento catalano. Estabelece o diálogo local com o nacional, dentro da memória histórica construída para o país e na qual são instituídos os marcos que a sustentam. Neste sentido, a construção de Brasília e a conclusão das obras da BR-050 conectam Catalão à memória construída para o Brasil, através do progresso. Tem-se, a partir de então, a inclusão da cidade no cenário nacional de desenvolvimento urbano, através da rota de produtos e serviços destinados aos grandes centros urbanos, notadamente Brasília e São Paulo.

Como resultado, redimensiona-se o fluxo de serviços, produtos e pessoas, além de proporcionar modificações latentes, dentre eles no contingente populacional local. Por este veio interpretativo, é possível localizar nos escritos dos memorialistas Chaul, Gomez, Campos e Ramos, uma celebração daquele momento histórico enaltecendo-se tanto a estrada de ferro quanto a rodovia BR 050. No caso da estrada de ferro, esta desempenhou um importante papel para o tráfego de pessoas e mercadorias. Contudo, a rodovia trouxe agilidade no contato com bens e serviços, o que era tão apregoado nos discursos políticos de integração nacional.

Nesse tipo de construção da memória, que repousa no crescimento como expressividade do progresso, os dados numéricos são fundamentais para comprovar a interpretação de como a microrregião de Catalão cresceu a passos largos⁸⁹. Os quadros abaixo, ao serem utilizados por memorialistas, cumprem a função de produzir o efeito de verdade, referendando seus pontos de vista:

TABELA 1

VALORES ABSOLUTOS - MICRORREGIÃO DE CATALÃO/GO

	1960	1970	1980	1991	2000
URBANA	31.762	40.738	61.023	82.841	100.129
RURAL	47.043	43.701	29.589	21.589	18.134
TOTAL	78.805	84.439	90.077	104.430	118.263

Fonte: IBGE, Censos demográficos, 1970 e 1980; IBGE, 1982 e 2005

⁸⁹ A microrregião de Catalão é composta pelas seguintes cidades: Anhanguera, Campo Alegre de Goiás, **Catalão**, Corumbaíba, Cumari, Davinópolis, Goiandira, Ipameri, Nova Aurora, Ouvidor e Três Ranchos.

TABELA 2
VARIAÇÃO DE CRESCIMENTO POPULACIONAL DE CATALÃO/GO

ANO	POPULAÇÃO ABSOLUTA	INCREMENTO DEMOGRÁFICO
1970	27.338	-----
1980	39.172	43%
1985	46.143	17,7%
1991	54.525	17,5%
2000	64.347	18%
2003	67.370	4,6%
2010	86.647	28,6%
2018	106.618	23%

Fonte: IBGE 1970,1980, 1991, 2000, 2010 e 2018

Além de utilizados para produzir efeito de verdade, sustentando a memória do progresso, os dados acima ressitua Catalão numa escalada desenvolvimentista, amparada na cronologia e na linearidade, pois revelam seu expressivo crescimento econômico e populacional. Todavia, esta nova memória, aponta que na década de 1950 a população rural era superior à urbana, fazendo das atividades agrícolas o seu porto seguro e justificando a versatilidade da economia local. Trata-se de uma via que confere sentido à distribuição espacial da população no município, sem “desdizer” a memória do progresso.

Para consolidação dessa memória progressista, a década de 1950 é transformada no marco histórico local. Nesse sentido, existem diversas interpretações de que Catalão teve, a partir daquele momento histórico, um desenvolvimento expressivo, marcado pela melhoria de oportunidades. Tanto é que os historiadores locais alardeiam repetidas vezes em seus escritos, os anos 50 como o início da transposição da cidade a outro patamar⁹⁰.

Nesse processo de fabricação da memória, os dados transformam-se na pedra de toque para construção de um viés interpretativo em que as estatísticas passam a ser sinônimos da realidade descortinada. Com este objetivo, por exemplo, apontam o desmembramento e a emancipação de distritos – como Ouvidor e Três Ranchos – para justificar o decaimento numérico da população e, em seguida, justificar o processo de crescimento da localidade, reafirmando o progresso nas décadas subsequentes.

⁹⁰ RAMOS, Cornélio. **Histórias e confissões**: páginas escolhidas – Goiânia: O Popular, 1987. CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976.

Por outro lado, se tomarmos como referência o quadro a seguir, observamos a intensidade do processo de urbanização a partir de 1970. Nesta década, a população urbana correspondia a cerca de 47,1% da população total do município, subindo para mais de 90%, acompanhando inclusive o ritmo de desenvolvimento populacional nacional e do estado de Goiás.

TABELA 3
TAXA DEMOGRÁFICA RELACIONAL POR PERÍODO

ANO	BRASIL	GOIÁS	CATALÃO
1950	51.944.397	1.214.921	24.562
1970	93.139.037	2.933.024	27.338
1980	119.002.706	3.859.602	39.168
1991	146.825.475	4.936.766	54.486
1996	157.079.573	5.550.180	58.507
2000	169.799.170	5.003.228	64.347

Fonte: Censos Demográficos: IBGE. 1950, 1970, 1980, 1991 e 2000

Os dados acima também amparam a memória de progresso, reafirmada com a consolidação da BR-050 como suporte do crescimento demográfico. Soma-se, ainda, a construção da nova capital federal Brasília, no Planalto Central, antecipando a inserção de Catalão no ritmo acelerado do crescimento econômico, a partir da segunda metade do século XX. Por essa constante construção de significações, a ideia de progresso é continuamente atualizada.

Vale ressaltar que a construção dessa memória sempre se valeu de aspectos externos, para ressignificar o referido processo. Assim, ela também se apropria do desenvolvimento econômico da região Sudeste de Goiás, sem considerar a sincronicidade dos discursos que foram reescrevendo o percurso histórico da região, tomando como suas as mudanças nas relações econômicas, culturais, sociais e políticas que balizaram o crescimento de muitos municípios de Goiás. Pode-se afirmar que esta é uma interpretação construída para justificar o crescimento de 1930, por Catalão. Afinal, as atividades agrícolas, por si só, atendiam às especificidades locais e regionais, não sendo suficientes para atender outras regiões do país. Não obstante, no nível do discurso, essas atividades alimentavam as políticas de Estado voltadas à consolidação do projeto de integração nacional.

Por esse prisma, Pires⁹¹ destaca que a decadência da ferrovia em Goiás veio rápida, sendo sobrepujada pela BR 050. Já nos anos de 1940, a construção de estradas de rodagem se tornou uma das medidas mais efetivas do governo federal. Dentre elas, a que ligaria Brasília ao resto do país.

[...] a abertura de estradas (rodovias e ferrovias), como forma de contribuir para a criação de várias cidades goianas, bem como para o fortalecimento dessas cidades, especialmente no sudeste goiano. Outros fatores de povoamento como presídios, postos aduaneiros, locais de pouso de tropas e boiadas foram também importantes, pois é muito forte a influência destes na fixação de populações, que posteriormente, transformou-se em cidades. É preciso salientar o papel da ferrovia e das rodovias na economia goiana e sua fundamental contribuição para o fortalecimento dos núcleos urbanos no sudeste goiano. De fato, a utilização da ferrovia como meio de transporte no Brasil só ocorreu a partir do final do século XIX e início do século XX, para fazer a ligação das zonas produtoras de café, principalmente do interior de São Paulo, Paraná, Espírito Santo, ao litoral [...]⁹²

Na ligação entre memória e progresso, podemos dizer que existe uma interpretação síntese, na qual Catalão, durante a década de 1950, “reentrou” na rota do progresso com a passagem da rodovia BR-050 pela região, transformando-a em caminho obrigatório para o trânsito de pessoas e mercadorias, e, ainda, na integração entre o Sudeste goiano e o restante do Brasil. Por sua vez, isto foi a consequência mais direta das ações do governo federal, mas mais especialmente de Juscelino Kubitschek, através da construção de Brasília, impulsionando a integração do Centro-Sul com o restante do país.

Nesse sentido, Catalão passou de hospedagem de aventureiros em busca de ouro e pedras preciosas na antiga Goiás Velho, para a cidade onde a fumaça das locomotivas, trazendo pessoas e mercadorias, alardeava um futuro certo, porém efêmero; e, enfim, para a cidade cortada por uma rodovia federal, presenteada pelas políticas governamentais dos anos 1950-60, vendendo a imagem do progresso e da modernidade.

⁹¹ PIRES, C. M. **Catalão (GO):** uma contribuição no estudo de cidades médias. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia (MG), 2009. p. 68.

⁹² MARTINS, Priscila Celeste. **Os "gigantes" na dinâmica urbana de Catalão (GO):** a atuação do capital - da especulação à verticalização (1975-2010). Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia - Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão, 2011. p. 68-69.

Mal sabiam todos aqueles desbravadores, que nas terras de Catalão os trilhos do progresso também seriam fincados em seu subsolo.

1.4. Entre fosfato e nióbio: Catalão no *hall* da modernidade

Vestindo a toga da modernidade, desejo sempre almejado por Catalão, a cidade nunca titubeou em renovar-se com facilidade aos olhos da elite local. As turbulências econômicas vivenciadas em cada momento histórico podem ter outro tom se levarmos em consideração as entrelinhas desse momento.

Considerando os apontamentos de Araujo⁹³, ao analisar o processo de expansão das economias nacionais, é possível afirmar que a partir do último quartel do século XIX, a economia mundial passou a ditar os caminhos a serem percorridos pela economia nacional de diferentes países. Em especial, pelo processo de incorporação ao capitalismo internacional, que orientou o modelo de desenvolvimento adotado em diversos países. O urbano tornou-se local por excelência da modernização econômica e, também da sua experiência cultural derivativa. Sem dúvida, não surgiu de forma autônoma, pois dependeu das inovações técnicas, econômicas e materiais na consolidação do processo de produção; e, ainda, da circulação de representações culturais, que confrontavam e conferiam sentidos multifacetados às transformações experimentadas nas cidades.⁹⁴

No caso do Brasil, a modernização também perpassou o campo, através da ocupação do solo pelas grandes propriedades agrícolas voltadas à produção de grãos. A modernização do campo é intrínseca ao agronegócio e foi impulsionada pela efetivação do Polocentro – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados e pelo Prodecer/Campo – Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro

⁹³ ARAUJO, V. da S. Cidade, modernidade e imaginação: as metrópoles do século XXI na imprensa ilustrada carioca e bonaerense do século XX. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v.16, n.2, supl., p. 33-45, abr./jun, 2018.

⁹⁴ Idem. p. 34

para o Desenvolvimento Agrícola dos Cerrados, instituído em 1979, dentre outros.⁹⁵

Essa modernização é vista por Graziano da Silva⁹⁶ como transformações capitalistas na base técnica da produção agrícola, que passou a utilizar insumos fabricados industrialmente. Para o autor, o termo modernização se aplica especificamente durante o período pós-guerra, quando começaram as importações de tratores e fertilizantes em um esforço por aumentar a produtividade. Mas, para ele, o período que marca realmente a transformação no meio rural brasileiro é a década de 1970, quando o Estado começou a atuar de forma incisiva no sentido de impulsionar o surto modernizador.

No caso de Catalão, a memória que se estabelece, vinculada ao progresso, paulatinamente opôs rural ao urbano, com vistas a construir representações que qualificassem o desenvolvimento, tomando espaço urbano como o elo com o progresso. Isto posto, uma nova memória ecoa no universo de transformações do campo, transferindo-as para a cidade, sem deixar de referendar as elites locais como os protagonistas desse processo.

A narrativa que se conta, a partir da década de 1960, é a de que o Centro-Oeste brasileiro, em especial o estado de Goiás, possuía uma economia agrária muito forte. Essa economia se desenvolveu, principalmente, com a efetivação do Polocento e do Prodecer, voltados às mudanças econômicas e tecnológicas da área rural do país. Todavia, estes programas não beneficiaram a todos. Isto é, privilegiaram os grandes proprietários de terras de tal sorte que as economias familiares passaram a sofrer uma grande transformação. Ao final, dois caminhos se afiguraram: o primeiro, referente ao processo de adaptação àquela nova realidade e o segundo, marcado pela transferência das terras dos pequenos produtores para os grandes latifundiários. Por não conseguirem competir com a nova lógica rural, a grande maioria migrou para a cidade.

Por outro lado, à luz da historiografia local, existe um processo de produção de memória na qual as atividades agrícolas em Catalão, em especial

⁹⁵ Podemos incluir como ponto de destaque a grande produção de soja, *commodity* que também constituiu significativo fator de transformação econômica da região de Catalão/GO e seu entorno.

⁹⁶ SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp-Instituto de Economia, 1996. 217p.

as monoculturas da soja, milho e feijão, se deveram à chegada de famílias vindas do Sul do país, de Mato Grosso e até de outros países. Isso, impulsionadas pela prosperidade da região, o valor e a fertilidade das terras, pela mão de obra abundante e barata e pela facilidade de escoamento da produção. Tais mudanças não tiveram reflexos apenas no campo, mas também na cidade e na região.

Segue-se, por esse prisma interpretativo, a definitiva “redenção” da cidade, na jornada catalana rumo ao progresso, a descoberta de nióbio e fosfato, na região, no final do ano de 1970⁹⁷. A descoberta aumentou o contingente populacional, agora acrescido dos trabalhadores das mineradoras. Face à nova população e às suas demandas, o setor de bens e serviços também foi alavancado, de tal sorte que a mineração segurou a batuta do progresso, regeu soberana a cidade até o início dos anos 2000.

TABELA 4

POPULAÇÃO TOTAL						TAXA DE CRESCIMENTO POPULACIONAL
1970	1980	1991	2000	2010	2018	
27.338	39.172	54.525	64.347	86.647	106.618	289,9%

Fonte: IBGE 1970,1980, 1991, 2000, 2010 e 2018

Nesta nova lógica, a produção da memória, que alimenta o imaginário do progresso, tem nos registros oficiais o grande aliado na construção dos efeitos de verdade. Como exemplo, a imagem abaixo reforça a interpretação dada pela memória histórica à exploração de minérios na cidade. Este fragmento do relatório de extração de metais de Goiás reforça que, além do nióbio, havia uma presença marcante da mineração na região, entre as décadas de 1970 e 80.

⁹⁷ O complexo Ultramáfico de Catalão como é conhecido em termos geológicos, foi descoberto em 1884 pelo geólogo francês Eugene Hussak, porém somente em 1967 o DNPM iniciou as prospecções da jazida, visando um programa conjunto de fosfato, nióbio e titânio. Ver: DEUS, João Batista de. **O sudeste goiano: as transformações territoriais decorrentes da desconcentração industrial brasileira**. São Paulo, 2002. Tese. (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo – FFLCH, 2002.

FIGURA 4. Fragmento de Relatório de extração de metais em Goiás, 1970-80

	Profição
	Fls.: 91
A avaliação dos dados obtidos durante o decorrer destas pesquisas levou à individualização de expressivas reservas de fosfato, nióbio, titânio, terras raras e vermiculita no complexo Catalão I (Araújo et al., 1971; Valença et al., 1.975 a e b; Barros et al., 1975; Carvalho, 1974 b e c; Carvalho e Valença, 1974 e Carvalho e Araújo, 1974).	*
Em agosto de 1974, o Governo Federal emitiu o Decreto de Lavra nº 74.396, que autorizou a lavra de minério de fosfato nos dois primeiros alvarás de pesquisa concedidos à METAGO no complexo Catalão I. Em 1975, a Mineração Catalão de Goiás S/A obteve a competente autorização para lavra de minério de nióbio em sua área.	
O aproveitamento econômico dos depósitos minerais do complexo Catalão I iniciou-se em 1976, com a instalação, pela Mineração Catalão de Goiás S/A, de um empreendimento minero-metalúrgico para a produção de liga ferro-nióbio.	
Em 1978, foi implantada a FOSFAGO - Fosfatos de Goiás S/A, também controlada acionariamente pelo Grupo BRASIMET, visando a produção de concentrados de apatita, a partir das reservas de fosfato existentes na área da Mineração Catalão de Goiás S/A, bem como em uma das concessões de pesquisa da Mineração Bálamo Ltda, adquirida por este grupo (Carvalho e Bressan, 1981).	
Em 1979, a METAGO, a PETROFERTIL e a FIBASE, formaram a Goiás Fertilizantes S/A-GOIASFÉRTIL, que iniciou, a partir de 1982, a lavra e o beneficiamento das reservas de fosfato avaliadas pela METAGO na área do Decreto de Lavra 74.396/74. Em 1992, a GOIASFÉRTIL foi privatizada, tendo sido adquirida pela Ultrafertil S/A.	
Em 1983, o Grupo Anglo-American Corporation, adquiriu o controle da Mineração Catalão de Goiás S/A e da FOSFAGO - Fosfato de Goiás S/A, está última posteriormente incorporada pela COPEBRÁS S/A, pertencente ao mesmo grupo.	

Fonte: Relatório de extração Metais de Goiás S/A - METAGO / Projeto de Catalão. Departamento Nacional de Produção Mineral Superintendência do DNPM-GO/DF. 2004.

É importante considerar que, para a produção do efeito de verdade, documentos de diferentes naturezas contribuem para acerar a memória oficial que transforma a cidade de Catalão em moderna, acentuando seu progresso. Neste sentido, aos documentos é conferido o poder de expressar uma realidade sem conflitos, que cria a regularidade das lembranças e que imprime o ritmo do progresso. Desta forma, também se retira do cenário histórico a lembrança dos atores sociais que construíram cotidianamente o viver local.

Trata-se de um processo narrativo que assume o mesmo padrão escriturário, apesar de ser produzido em espacialidade e temporalidades distintas. Nessa lógica, o novo, o próximo marco que se estabelece como lugar de memória, continua sendo o ideário do progresso. O quadro a seguir apresenta uma massa significativa de dados, os quais são comumente utilizados para

amparar a interpretação progressista, decantados do crescimento da extração mineral.

TABELA 5

PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS BENS MINERAIS DE GOIÁS – 2007 A 2013 (EM TONELADAS - T)						
ANO	AMIANTO	COBRE	FOSFATO	NIÓBIO	NÍQUEL	OURO
2007	254.204	60.936	2.118.140	4.702	33.397	11,56
2008	287.673	67.665	1.309.737	4.618	45.013	11,86
2009	288.452	67.762	2.278.179	8.225	38.190	6,24
2010	302.257	73.424	2.574.152	6.226	40.450	12,43
2011	306.321	80.824	2.061.134	10.968	48.766	11,23
2012	304.569	75.055	2.049.546	13.037	65.178	11,24
2013	290.826	62.802	3.484.689	12.464	66.919	6,28

Fonte: Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM, 2014

Observa-se que o Nióbio bateu recordes de produção. Além disso, é válido ressaltar que, na atualidade, é uma das poucas regiões do mundo que possuem esse minério, inserindo Catalão no cenário nacional e internacional de exploração mineral.

Entretanto, mesmo com a presença maciça da mineração no local, a agricultura se manteve ativa no município, ainda que o modelo agropastoril com tecnologias rústicas, e grande parte de economia familiar, tenham cedido lugar à exploração mineral e à modernização da agricultura. Esta última, com as grandes fazendas de monoculturas, utiliza cada vez mais tecnologias, investimentos de capital e menos mão de obra.

Paradoxalmente, a memória que confere à Catalão a senda do progresso, por definição se distancia do campo. Assim, percebemos os muitos esforços neste sentido, a partir da historiografia local. Novamente, os dados numéricos, ou seja, a estatística, são utilizados para corroborar e conferir um efeito de verdade. Desta vez, constrói-se a argumentação de que na década de 1980, ocorreu uma aceleração do desenvolvimento da cidade de forma muito intensa, levando a população a alcançar, em 1991, o número de 54.486 de habitantes; o que representava um aumento de mais de 28%.⁹⁸

⁹⁸ Destacamos que a instalação da Universidade Federal de Goiás, unidade regional de Catalão/GO, nos anos de 1980, também constitui importante contribuição ao desenvolvimento local. Atualmente, a unidade é independente e recebe o nome de Universidade Federal de Catalão – UFCAT.

Os anos de 1980 marcaram também a interligação entre municípios. A GO-330 propiciou a Catalão se conectar à Goiânia e a outras cidades da região. Isso repercutiu positivamente no processo de expansão da fronteira agrícola e no imbricamento entre campo e cidade. Tal desenvolvimento ficou mais intenso na medida em que as mineradoras iniciaram sua produção.

Com a instalação do Complexo Mineral Catalão/Ouvidor, outras empresas prestadoras de serviços foram se instalando no município, a fim de atender às demandas da nova produção econômica. Junto delas, um contingente expressivo de trabalhadores especializados passou a compor o cenário da cidade, que teve de se reelaborar para atender ao novo público que ali se fixava. Na visão de Democh:

[...] A cidade transformou-se. As ruas encheram-se de carros novos, de caminhões. De ônibus conduzindo operários. Milhares de casas novas foram construídas. Surgiram as gigantescas instalações da Goiásfértil, da Fosfato e da Mineração Catalão de Goiás S.A. [...] ⁹⁹

O quantitativo de pessoas rapidamente se expandiu. O comércio de bens e serviços ampliou-se consideravelmente, com o impulso das mineradoras. Não obstante, com a privatização de uma das maiores mineradoras, a cidade sofreu o impacto direto desse processo.

Segundo Katrib¹⁰⁰, com a estagnação da economia local devido à privatização da estatal Goiás Fertilizantes, responsável pela exploração do fosfato no município nos anos de 1990, parte da mão de obra empregada nessa empresa se desloca para o setor terciário ou para outras cidades. Mas, ressalte-se, essa migração não interferiu de forma drástica na distribuição da população no município. Katrib ainda destaca um aumento significativo do desemprego local, resultado da privatização da principal empresa de exploração de fosfato, impactando na economia do município, em especial, no comércio local que,

⁹⁹ DEMOCH, Edson. **1810**: das terras da Mãe de Deus a Catalão. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. p. 18.

¹⁰⁰ KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Foi assim que me contaram**: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF, 2009. 257p.

lentamente tinha se reordenado para atender à nova conjuntura social e econômica.¹⁰¹

Com a privatização da principal exploradora de fosfato, Catalão teve que se reinventar e reconquistar seu espaço no cenário econômico nacional. Isto ocorreu por meio da instalação das empresas montadoras que, conforme a historiografia local, aproveitaram a posição geográfica estratégica do município. Assim, na década de 1990 instalou-se em Catalão a empresa Mitsubishi permitindo à cidade se consolidar no ramo de montagem automobilística. Conforme Ronaldo da Silva, a facilidade de escoamento de peças trazidas de São Paulo e o reenvio de produtos acabados para os grandes centros nacionais e até para fora do país, facilitaram a instalação da montadora. O pesquisador também destaca que as relações comerciais entre Catalão e São Paulo foram importantes neste processo, visto que representavam grande parte dos produtos que abasteciam a capital Goiânia.

[...] Catalão, mais do que a maioria das cidades do Estado, sempre recebeu as novidades do Sudeste, em particular São Paulo, mais rapidamente. Isto ocorre, como já foi observado, devido à sua posição geográfica próxima à região sudeste e a rede rodoferroviária de que ela participa, pois esta permite a rápida participação da cidade nas inovações sulinas [...]¹⁰²

Por fim, é pertinente lembrar que não foi apenas a cidade que sentiu os ventos tortuosos na busca incansável pelo progresso. O campo também precisou se reinventar para manter-se presente na economia local e regional, conforme se observa no quadro a seguir.

¹⁰¹ Id. Ibid., p. 51.

¹⁰² SILVA, Ronaldo da. **A implantação da Mitsubishi em Catalão: estratégias políticas e territoriais da indústria automobilística nos anos 90.** 2002. 198 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais. Goiânia, 2002. p. 79.

TABELA 6

POPULAÇÃO RESIDENTE POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO EM CATALÃO/GO					
	1970	1980	1991	2000	2010
POPULAÇÃO RURAL	13.634	8.487	7.373	6.741	5.583
POPULAÇÃO URBANA	13.983	30.685	47.152	57.606	81.064
POPULAÇÃO GERAL	27.617	39.172	54.525	64.347	86.647
TAXA DE URBANIZAÇÃO	49,36%	78,33%	86,47%	89,52%	93,55%

Fonte: Federação das Indústrias do Estado de Goiás (FIEG), 2017.

Os dados acima reforçam o caminho trilhado por aqueles que não conseguiram competir com a nova forma moderna de agricultura, sendo expulsos do campo. Ao migrarem para a cidade, precisaram se adequar aos moldes de crescimento da cidade e à sua lógica mercadológica. Aqueles que conseguiram resistir, permanecendo no campo, se deparariam com outro obstáculo, anos mais tarde: a construção da Usina Hidroelétrica Serra do Facão que viria, novamente, transformar a face da região.

CAPÍTULO 2

OS CENÁRIOS DA INUNDAÇÃO E O SOERGUIMENTO DE UM NOVO LUGAR DE MEMÓRIA: a usina hidrelétrica e o desenraizamento dos modos de viver

[...] por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista [...] ¹⁰³

Há uma década a Usina Serra do Facão entrava em funcionamento. O Sudeste goiano se viu, de fato, envolto pelas águas e pelas incertezas de um futuro não tão distante. Cidades como Davinópolis/GO e Catalão/GO tiveram suas histórias transformadas, sua gente deslocada e as marcas do progresso acentuadas pelas correntezas do rio São Marcos, produtor de energia elétrica e dividendos para as prefeituras.

É necessário considerar que o empreendimento e o desenraizamento são as faces de um mesmo processo, que redesenha uma região inundada pelo soerguimento da barragem. Por sua vez, também reconfigura o campo da memória, pois permite estabelecer as ligações entre esta e a História, em especial pelo fio do esquecimento. Este, se opõe à memória ao acentuar o apagamento das experiências dos atores sociais afetados pela barragem, silenciando-os e ocultando-os no mesmo processo de desintegração de seus modos de vida e expulsão de seus territórios.

Por outro lado, as tramas da memória também são tecidas com fios de esquecimento. Assim, no processo de seleção do que deve ou não ser lembrado, uma miríade de experiências fragmentadas eclode, permitindo aos sujeitos se livrarem do silêncio e do ocultamento de suas existências. Desta forma, iluminados pela pesquisa historiográfica, os sujeitos são reintegrados no

¹⁰³ BOSI, Ecléa Bosi. **Memória e Sociedade**, 1998, p.53-54.

movimento que ergueu a usina e vistos no tabuleiro do jogo que os deseja marginalizados.

O empreendimento da usina e o desenraizamento que ele provocou, foi permeado por conflitos e disputas. Por isso mesmo, inundação de terras, casas e modos de viver, pode ser lida também no sentido de apagar, pois tentou submergir “com as águas”, as memórias dos sujeitos do lugar. Este processo se deu, primeiro, com a retirada da população de seu próprio território, destituindo-a do sentido de viver no campo. A construção da memória que se aviva se dá em um cenário no qual não se atingiu apenas grandes extensões de terras, mas que mexeu com a identidade local sobretudo devido à violência acentuada com dezenas de famílias, que tiveram inúmeras práticas e seus modos de vida despedaçados.

O cenário de luta, desolação e de desesperança produziu uma série de traumas, devido à perda e destituição de todo um universo material de cultura, correlacionado à experiência de vida no campo. Desta forma, os viveres foram colocados em xeque. Os sujeitos foram forçados a experimentar novas negociações, transformando a vida econômica, as referências espaciais e os "lugares de memória".

Vale lembrar que a Usina Hidrelétrica Serra do Facão foi um empreendimento que produziu o desenraizamento do território, capitaneado pelo Ministério de Minas e Energia / Eletrobrás / Furnas, associados a empresas como Alcoa, Camargo Corrêa e o BNDS. Aglutinado no Consórcio Serra do Facão Energia S. A, a SEFAC, o empreendimento atingiu cerca de 440 proprietários rurais que viviam no entorno do Rio São Marcos/MG-GO, em especial no município de Catalão. Este respondeu com a maior parte de território e de famílias que foram atingidas pelos novos ventos do progresso, agora representados pela SEFAC.

A memória que referenda o progresso inevitável de Catalão foi reatualizada para congregar o empreendimento e o desenraizamento promovidos pela Usina. Assim, é nossa intenção neste capítulo entender as várias transformações que ocorreram na cidade após a construção da usina. Discutir o lugar como parte da memória que qualifica a existência da SEFAC por meio da

relação entre empreendimento e desenraizamento é um convite à reflexão que, dialogicamente, se propõe a lançar luzes no presente através da compreensão do passado.

Desta forma, é possível descortinar do presente as realidades escondidas em relação às transformações advindas da instalação da Barragem e do alegado apoio da empresa à comunidade local. Para tanto, elegemos como documentos de análise, matérias publicadas pelos meios de comunicação, como alguns jornais locais¹⁰⁴ e, ainda, dados oficiais¹⁰⁵ acerca das transformações que tiveram lugar em Catalão, focando no conseqüente aumento da população e da criminalidade.

As muitas formas de reinterpretar perpassam a interlocução contínua entre empreendimento, progresso e desenraizamento, como parte integrante de um mesmo processo, dentro do qual são reconfiguradas as interações entre os diferentes sujeitos, em seu grupo e lugar. Por certo, nem todos os nossos questionamentos serão sanados neste capítulo. Mas, entender as transformações nesses últimos anos nos auxiliará na continuidade das análises que pretendemos efetivar nesta tese.

2.1. No compasso das águas, um novo cenário urbano

As Usinas Hidrelétricas são expressões contemporâneas do crescimento econômico nacional e responsáveis pela reinserção dos municípios na era do progresso e da modernidade. Esta percepção pode ser explicada pelas características hidrográficas da região na qual são instaladas.

¹⁰⁴ Elegemos aqui jornais locais como: Portal Catalão Notícias, Blog Zap Catalão Notícias e G1.com, pois, esses têm maior acesso pelos moradores de Catalão e região. Procuramos, nesses portais de notícias, matérias que pudessem auxiliar as discussões que apresentamos nesta tese a partir de palavras-chave (SEFAC, Serra do Facão, energia, violência, economia e barragem). Salientamos que todos são versões virtuais. Afinal, em decorrência da pandemia do Covid-19, pesquisas presenciais tornaram-se proibidas.

¹⁰⁵ Utilizamos arquivos disponibilizados pela SEFAC, Prefeitura Municipal de Catalão, Governo do Estado de Goiás, de órgãos federais e de outros que tratem temas relevantes para este trabalho de pesquisa como: transformações urbanas, demográficas, econômicas, políticas e sociais.

Segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, Goiás tem uma rede hidrográfica vantajosa, pois está situada no Centro-Oeste, local onde nascem a maioria dos rios brasileiros. No caso de Catalão, o município se localiza na bacia platina, tendo por principal rio o Paranaíba. Este se encontra na região sul do município, fazendo divisa com o estado de Minas Gerais e separando Catalão dos municípios de Cascelho Rico, Araguari, Coromandel e Abadia dos Dourados. Além do Paranaíba, o município conta com rios menores: São Marcos, Veríssimo, Verde, São Bento e Ribeirão Ouvidor, e com cursos d'água, sendo os principais o córrego Pirapitinga e o córrego do Almoço.

Na década de 1970, os historiadores locais já apregoavam a pujança hídrica da região. Campos, por exemplo, destaca a existência de um grande número de quedas d'água beneficiadas pelo relevo¹⁰⁶. A historiadora se refere a uma usina de pequeno porte, no córrego Pirapitinga, já nos idos de 1900. Teria sido esta, a primeira a fornecer luz elétrica para Catalão, Goiandira, Cumari e Anhanguera, municípios do Sudeste de Goiás. Campos menciona ainda que aquela usina teve sua construção em 1919, o que nos permite supor que essas características também serviram de referência para a instalação de usinas hidrelétricas nos últimos anos. Porém, para compreendermos a inserção do município na rota recente de usinas, é importante destacarmos as políticas públicas no setor.

Os anos de 1990 foram marcados por inúmeros processos de privatização no país, fruto de uma política governamental que incentivava a transferência da responsabilidade estatal para a iniciativa privada. O governo de Fernando Collor de Melo trouxe à tona a efetivação dessa prática, em especial, impulsionando a privatização da produção de energia brasileira.

O viés neoliberal que se concretizava retirava do Estado as obrigações relevantes. Segundo seus defensores, se tratava de uma forma de agilizar a engrenagem da máquina pública e desburocratizar a economia. Desta forma:

¹⁰⁶ CAMPOS, M. das D. **Estudo histórico e geográfico**. Goiânia: Bandeirante, 1976.

[...] O governo Collor lançou o Programa Nacional de Desestatização – PND, que foi apresentado à sociedade como uma peça-chave do ajuste fiscal pretendido. A estratégia foi alinhar o PND às demais medidas anunciadas pelo Ministério da Economia, associando-o a um programa mais amplo de saneamento financeiro do Estado. Assim, pela primeira vez, o governo adotou como estratégia atrelar seu programa de privatização à política macroeconômica, na qual o ajuste interno pareceu ser a preocupação central, dentro de uma opção, portanto, predominantemente fiscal [...]¹⁰⁷

O Programa Nacional de Desestatização, efetivado por meio da Lei nº 8.031 de 12 de abril de 1990, teve como propósito referendar uma reforma estatal, voltada para a abertura comercial em 1990; a renegociação da dívida externa, em 1992; a efetivação do Plano Real, em 1994; a quebra do monopólio e restrição ao capital estrangeiro, em 1995; e, ainda, a lei de concessão de serviços públicos.¹⁰⁸

O setor energético foi um dos mais afetados pelo Programa. De acordo com Pinheiro, esse setor foi o mais visado pelo capital privado, em virtude dos altos ganhos com a monopolização da produção de energia nacional. Tal processo foi marcado pela reestruturação do setor elétrico com as privatizações e, também, com os licenciamentos ambientais por meio de leilões de concessões.¹⁰⁹

O setor elétrico iniciou a fase dos processos de licenciamento ambiental por meio dos leilões de concessão. Tal procedimento visava reduzir as responsabilidades do Estado, o que reverberava na ação-atuação dos empreendedores. Ainda conforme Pinheiro, esse processo foi nebuloso, uma vez que não eram claras as atribuições do poder da concedente ANAEEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica, dos representantes das empresas concessionárias e das agências ambientais. Isso fez com que esse mosaico de privatizações fosse marcado por reticências e incertezas para os consumidores da energia produzida, e da certeza de altos lucros e baixos custos para as empresas

¹⁰⁷ SAUER, I. L. Energia elétrica no Brasil contemporâneo: a reestruturação do setor, questões e alternativas. In: BRANCO, A. M. (org.). **Política energética e crise de desenvolvimento**: a antevisão de Catullo Branco. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.128.

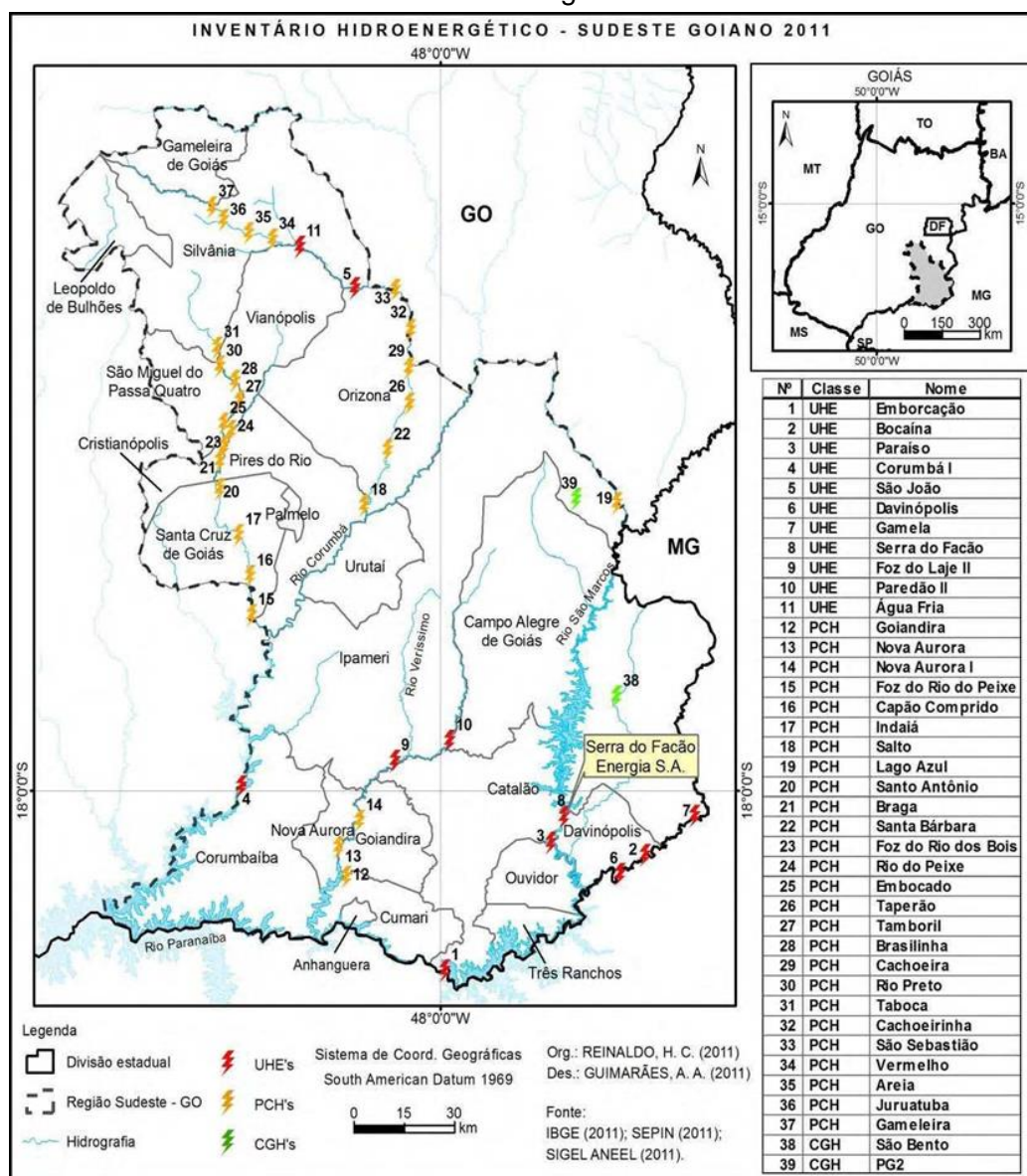
¹⁰⁸ Id. Ibid.

¹⁰⁹ PINHEIRO, D. C. **Reestruturação do setor elétrico no Brasil e suas consequências no tratamento de questões sociais e ambientais**: O Caso da Usina Hidrelétrica de Cana Brava, GO. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

privadas, que assumiram a produção de energia no Brasil. Na análise de Pinheiro, com a realização dos leilões de concessão dos projetos hidrelétricos, os problemas do setor só se intensificaram, e as privatizações só geraram desconfianças em relação à autoprodução de energia e a não preocupação com os impactos socioambientais.

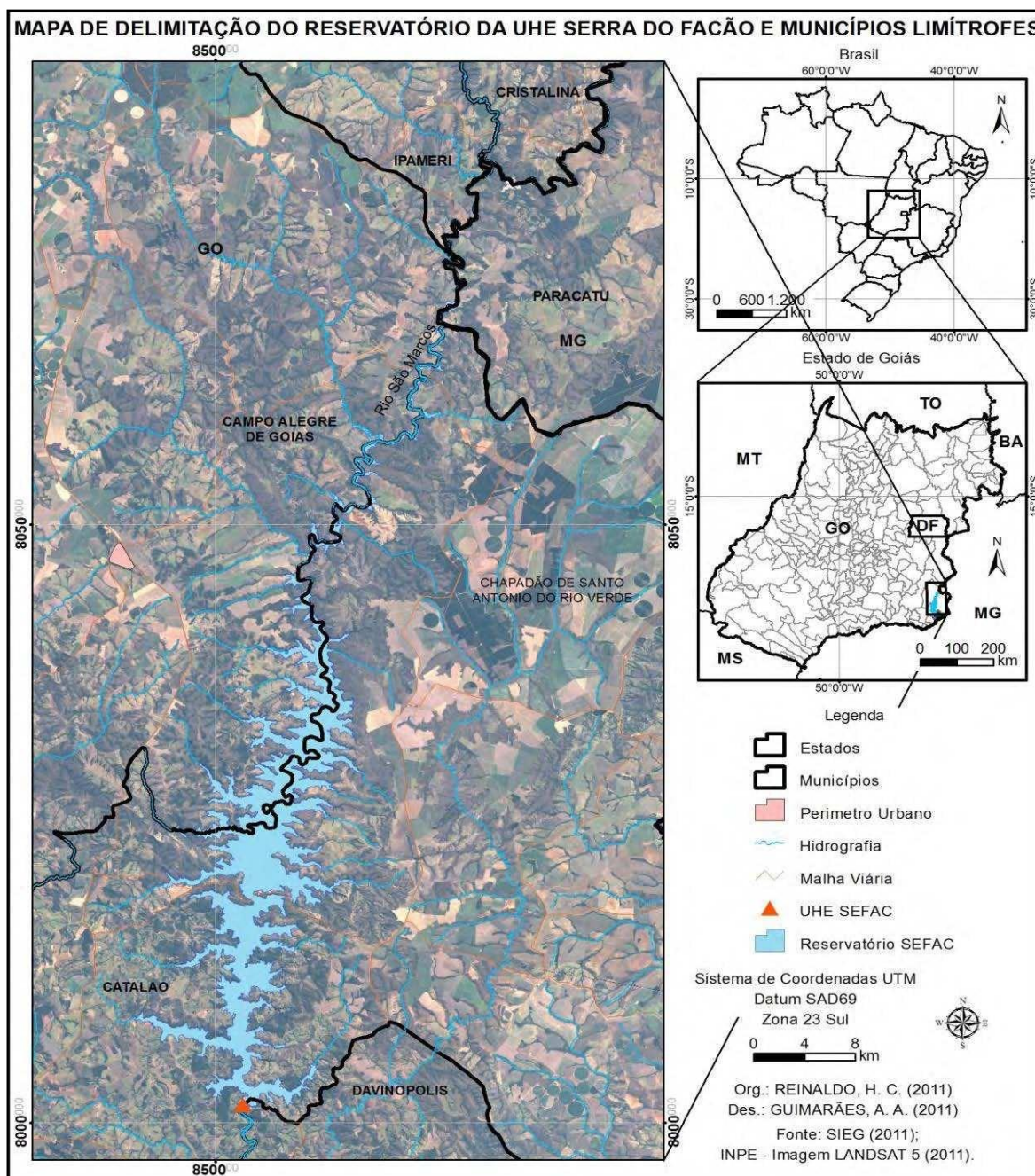
O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação realizaram um inventário hidroenergético no Brasil, em 2011. O inventário foi feito com vistas a mapear as principais pequenas hidrelétricas produtoras de energia no país.

MAPA 2. Inventário Hidroenergético – Sudeste Goiano



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação (2011).

MAPA 3. Delimitação do reservatório da UHE Serra do Facão e municípios limítrofes - 2011



Fonte: Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação de Goiás (2011).

No recorte da região Sudeste de Goiás, foram encontradas 11 (onze) UHEs – Usinas Hidrelétricas – (Capacidade Instalada maior que 30.000 kW); 26 (vinte e seis) PCHs – Pequenas Centrais Hidrelétricas – (Capacidade Instalada entre 3.000 kW e 30.000 kW e com área de reservatório de até 13 km²); e 02 (duas) CGH – Centrais Geradoras Elétricas – (Capacidade Instalada até 3.000 kW), conforme o mapa 2.

Dentre as UHE, a que nos interessa mais de perto é a UHE Serra do Facão, construída no Rio São Marcos e que atingiu municípios da região Sudeste de Goiás. O lago inundou uma área de 214 Km², alcançando seis municípios: Catalão, Davinópolis¹¹⁰, Cristalina, Campo Alegre de Goiás e Ipameri, no estado de Goiás; e Paracatu, no estado de Minas Gerais, conforme o mapa 3.

Segundo o site de empresa, a energia produzida gira em torno de 210 megawatts. No entanto, a energia firme não passa de 150 megawatts, ou seja, muito impacto para pouca energia.¹¹¹ A Serra do Facão Energia S.A. (SEFAC) é uma Sociedade de Propósito Específico [SPE], cuja formação societária é composta por Furnas¹¹² (49,47%), Alcoa Alumínio¹¹³ (34,97%), DME Energética¹¹⁴ (5,47%) e Camargo Corrêa¹¹⁵ (10,09%). Foi constituída para instalar e gerenciar o aproveitamento hidrelétrico Serra do Facão, formado pela

¹¹⁰ Embora Catalão seja uma das cidades mais afetadas pelo empreendimento, a barragem foi construída na área de influência de Davinópolis, também no estado de Goiás, e que se situa a cerca de 50 km de Catalão.

¹¹¹ “O conceito de energia firme foi a seguir estendido para um conjunto de usinas, com o objetivo de garantir a máxima produção de energia, constante no tempo, admitindo-se flutuações de produção de cada usina. Este conceito foi amplamente aplicado em estudos de inventário, que serviram para definir a “divisão de quedas” de cada rio”. Disponível em: KELMAN, Jerson; KELMAN, Rafael; PEREIRA, Mario Veiga Ferraz. **Energia firme de sistemas hidrelétricos e usos múltiplos dos recursos hídricos**. PSR - energy consulting and analytics. Disponível em: file:///C:/Users/DOCPOP%20-%20PC/Downloads/K-K0002.pdf

¹¹² FURNAS Centrais Elétricas surgiu na década de 1950 na construção da Usina de Furnas no estado de Minas Gerais, e é uma empresa de capital fechado e controlado pelas Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (ELETROBRAS), atuando na geração, transmissão, distribuição e comercialização de energia elétrica. Essa empresa atua atualmente em mais de quinze estados e no Distrito Federal, integrando seu sistema vinte e uma usinas hidrelétricas. Apenas em 2019, Furnas chegou a um lucro de mais de três bilhões de reais com a geração de energia. Mais informações sobre a empresa: www.furnas.com.br

¹¹³ ALCOA Brasil é uma empresa norte americana que atua no setor de extração e transformação de metais como: bauxita, alumina e alumínio. Ela possui empreendimentos em São Luís/MA (Alumina), em Juriti/PA (Bauxita) e em Poços de Caldas/MG (Alumínio). Mesmo passando por graves problemas financeiros atualmente, a empresa fechou o último trimestre de 2019 com um lucro total de cento e quarenta e três milhões de dólares, o equivalente a mais de meio bilhão de reais. Mais informações sobre a empresa: www.alcoa.com

¹¹⁴ DME Energética é uma empresa de capital público privada e com sede na cidade de Poços de Caldas e que surgiu no ano de 2000 (dois anos antes da construção da U.H.E. Serra do Facão), registrando um lucro de mais de trinta milhões no ano de 2018. Mais informações sobre a empresa: www.dme-pc.com.br

¹¹⁵ CAMARGO CORREIA é uma empresa de engenharia e construção que a alguns anos vem investindo no setor elétrico. Atualmente, a empresa já participou da construção de cerca de trinta e cinco usinas hidrelétricas pelo país. Entre elas Itaipu (É uma usina Binacional, com sua parte brasileira situada Estado do Paraná, e outra parte no território paraguaio), Belo Monte (Vitória do Xingu/PA), Guri (Venezuela) e a de Tucuruí (Tucuruí/PA). Todas elas entre as cinco maiores hidrelétricas do mundo. A empresa registrou mais de trezentos e oitenta milhões de reais em lucro no ano de 2018. Mais informações sobre a empresa: www.construtoracamargocorreia.com.br

usina de 212MW, pelo reservatório de 226,26km² e pela linha de transmissão de 138kV de 32km.¹¹⁶

As obras realizadas entre 2007 e 2010 só foram possíveis graças aos investimentos da ordem de R\$ 1.063,00 milhões. Durante sua implantação, foram gerados 1,6 mil empregos diretos e 3,2 mil indiretos. Em 2005, a Agência Nacional de Águas, por meio da Nota Técnica n. 331/2005/SOC, destacava que:

[...] O estudo de inventário da bacia do rio São Marcos, elaborado por FURNAS entre 1984 e 1985, selecionou quatro aproveitamentos para o rio São Marcos, das suas nascentes até o remanso da UHE Emborcação, denominados Mundo Novo, Paulistas, Serra do Facão, com alternativas de nível máximo normal de 740m ou 753m, e Paraíso. Em 1988, foi elaborado o estudo de viabilidade do AHE Serra do Facão que avaliou as duas alternativas de níveis d'água e recomendou a adoção da alternativa de nível d'água máximo à cota 753m. Entretanto, o mesmo estudo destaca que, sob determinadas condições operativas, a restrição do tempo de reenchimento do reservatório em, no máximo, três ciclos hidrológicos poderia limitar seu volume útil em 2.800 hm³. Porém, ao avaliar três alternativas de volumes úteis, concluiu que o melhor valor seria 5.600 hm³. Esse estudo alterou, ainda os níveis d'água máximo e mínimo para as cotas 756 m e 732,5 m, respectivamente, em razão de diferenças no levantamento topográfico referente ao AHE Paulistas. Essa alteração não modificou o volume útil adotado. A atualização e complementação do estudo de inventário do rio São Marcos, de 1998, ratifica a divisão de quedas do estudo de viabilidade do AHE Serra do Facão, não alterando, entretanto, os níveis d'água máximo e mínimo. A atualização dos estudos de viabilidade do AHE Serra do Facão, de 1999, descreve que a atualização e complementação do estudo de inventário do rio São Marcos, de 1998, constatou uma divergência nos estudos cartográficos que resultou na alteração das curvas cota x área x volume dos reservatórios e na redução dos valores de áreas e volumes anteriormente adotados. Com isso, o volume útil do reservatório do AHE Serra do Facão foi reduzido para 3.580 hm³, definido pelos níveis d'água máximo e mínimo às cotas 756 m e 732,5 m, respectivamente. Com essas características, a exploração do AHE Serra do Facão foi concedida por meio do Contrato de Concessão nº 129/2001 – ANEEL – AHE Serra do Facão. 14. O Projeto Básico do AHE Serra do Facão manteve os níveis d'água máximo e mínimo definidos anteriormente e alterou o volume útil para 3.474 hm³. O estudo "Revisão do inventário Hidrelétrico do Paranaíba a montante da UHE Emborcação", concluído em 2003, que teve por premissa a manutenção dos aproveitamentos com concessão, como o AHE Serra do Facão, ou em fase de estudo de viabilidade, como o AHE Paulistas, concluiu pela desconsideração do AHE Novo Mundo, por possuir potência instalada inferior a 30MW [...]¹¹⁷

¹¹⁶ Disponível em: <https://SEFAC.com.br/>. Acesso em janeiro de 2020.

¹¹⁷ ANA, Nota Técnica 331, de 22 de agosto de 2005. Disponível em: http://portal1.snirh.gov.br/arquivos/drdh/NT_UHE_Batalha.pdf Acesso em janeiro de 2020.

Segundo dados da própria empresa, A UHE Serra do Facão produz energia suficiente para suprir a demanda de uma cidade com 1,2 milhões de habitantes e propagandeia que a energia gerada pela usina tem como propósito contribuir para o desenvolvimento da região. Entretanto, a despeito de ter alavancado a receita das cidades, aumentando a arrecadação devido ao recolhimento de impostos e, sobretudo, à Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos (CFURH), que totalizou de janeiro a dezembro de 2012, o valor de R\$ 2,280 milhões repassados aos municípios da área de abrangência do reservatório, o empreendimento trouxe uma série de problemas. Foram mais de 400 famílias atingidas, que perderam suas referências identitárias com o campo e, muitas delas, se viram obrigadas a se deslocarem para as cidades circunvizinhas, em busca de novas condições de sobrevivência.

Segundo Reinaldo e Mesquita¹¹⁸, a implantação da Hidrelétrica Serra do Facão teve seus primeiros estudos voltados para avaliar o potencial hidrelétrico da bacia do rio São Marcos (curso d'água represado) em 1965. Este levantamento preliminar ficou a cargo da CANANBRA *Engineering Consultants Limited*, com participação da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais). Em 1987, Furnas – Centrais Elétricas S.A – e empresas parceiras concluíram os estudos, apresentando relatório sobre o aproveitamento hidroelétrico da Serra do Facão (Estudos de Viabilidade – Volumes I a IV). Dez anos após esse estudo, o DNAEE (Departamento Nacional de Energia Elétrica) autorizou Furnas, por meio da portaria nº 383, a realizar novos estudos, agora para atualização e complementação dos Estudos de Viabilidade do AHE Serra do Facão, com potência de 210 MW.

Entre o processo de autorização e o início das obras, uma série de desencontros surgiram. Em especial, os que apontavam que os impactos ambientais e sociais não tinham sido analisados de forma atenta, como frisam Reinaldo e Mesquita¹¹⁹. As pesquisadoras destacam, ainda, que a concessão da usina, leiloada em junho de 2001, foi arrematada pelo Consórcio GEFAC - Grupo

¹¹⁸ REINALDO, H. C.; MESQUITA, H. A. de. Davinópolis (GO) e a hidrelétrica Serra do Facão no Rio São Marcos: algumas controvérsias. **Revista OKARA: Geografia em debate**, João Pessoa-PB, v.7, n.1, 2013, p. 96-111.

¹¹⁹ Id. Ibid.

de Empresas Associadas Serra do Facão (hoje SEFAC), constituído por um *pool* de empresas. Em 16 de outubro de 2001, entrou em vigor a outorga de concessão para a exploração do potencial hidráulico, por meio da usina hidrelétrica Serra do Facão, no Rio São Marcos. Reinaldo e Mesquita reconstroem o caminho de idas e vindas em relação à autorização de funcionamento do empreendimento. Vejamos:

[...] Mediante a apresentação do EIA-RIMA - Estudo de Impacto Ambiental - Relatório de Impacto no Meio Ambiente e do PBA - Plano Básico de ação, professores vinculados a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), sessão Catalão, elaboraram um documento explicitando os principais problemas, apontando a farsa científica dos estudos realizados pelos empreendedores do AHE Serra do Facão com a conivência dos órgãos licenciadores. O documento contemplou as principais indagações dos atingidos e demais apoiadores exprimindo as preocupações da sociedade em nível regional com os impactos socioambientais que a hidrelétrica acarretará, e sugere que os novos licenciamentos sejam feitos mediante estudo por bacia hidrográfica e não por projetos individuais, na medida em que os efeitos ambientais são sinérgicos não se restringindo aos limites da área inundada. O documento foi encaminhado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), ao Ministério das Minas e Energia (MME), a Agência Goiana do Meio Ambiente, ao Ministério Público Federal e Estadual, a Assembleia Legislativa do Estado de Goiás [...] ¹²⁰

[...] Em 16 de janeiro de 2003, foi protocolado um documento solicitando audiência com os ministros do Meio Ambiente, das Minas e Energia e do Programa Fome Zero. Poucos dias depois, em 28/01, a comissão formada por professores e atingidos, foi recebida pela Ministra do Meio Ambiente Marina Silva. Na audiência, foram destacadas as dificuldades encontradas pelas famílias atingidas quanto ao acesso às informações, assim como, os atos falhos presentes na documentação apresentada pelo grupo de empresas construtoras, entre outros argumentos que subsidiavam a solicitação de suspensão imediata do referido barramento [...] ¹²¹

[...] A Ministra demonstrou sensibilidade, todavia, salientou que a produção de energia é uma política do governo, mas, acreditava importante rever algumas questões, mas sem grandes alterações [...] ¹²²

¹²⁰ Id. *ibid.*, p. 101.

¹²¹ Id. *ibid.*, p.101.

¹²² MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste Goiano**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004. p. 22

[...] Em 2004, os peritos da 4ª Câmara de Coordenação e Revisão (CCR) vinculados ao Ministério Público Federal visitaram grande parte do vale do rio São Marcos na área atingida pelo barramento emitiram uma Informação Técnica (laudo) comprovando a validade das informações contidas no documento elaborado pelos professores que denunciavam as falhas contidas no EIA-RIMA. [...] [...] A Informação técnica nº. 185/2004 conclui que os aspectos levantados e discutidos nessa informação técnica, em especial a conspicuidade, da biodiversidade ictiofaunística da bacia do rio São Marcos, o desaparecimento de espécies endêmicas e desconhecidas da ciência decorrentes do barramento, a dificuldade na manutenção ou formação de corredores de fuga e dispersão da fauna, a forte tendência de estratificação e eutrofização da água do reservatório, o alagamento de terras agricultáveis e a retirada de famílias que mantém estreita relação com ambiente natural, nos forçam a concluir que o aproveitamento Hidrelétrico Serra do Facão, tal como locado, ocasionara grave dano socioambiental [...] ¹²³

[...] Por meio de decisão do Ministério Público Federal foi suspensa a Licença de Instalação (LI), alegando deficiências de informações no EIA/RIMA, e as atividades que envolviam a construção da barragem Serra do Facão foram paralisadas depois da segunda metade de 2004. Contudo, o AHE Serra do Facão foi inserido no Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal, o que representava a retomada de sua construção depois da renovação da Licença de Instalação pelo IBAMA em 29/03/2006, condicionada a adequações socioambientais de seu projeto original. O consórcio responsável pela construção passou por pequenas mudanças, com alterações nos seus componentes e no próprio nome. O novo consórcio passou a ser chamado de Serra do Facão Energia - SEFAC e é formado pelas empresas Furnas Centrais Elétricas, Alcoa Alumínio S.A., DME Energética e Camargo Corrêa Energia. O escritório do Consórcio foi reaberto em dezembro de 2006 na cidade de Catalão/GO e as obras foram reiniciadas em fevereiro de 2007, sendo concluídas em outubro de 2010 [...] ¹²⁴

Se no caminho de concretização das edificações da UHE Serra do Facão, muitos foram os encontros e desencontros, não podemos deixar de ressaltar que nestas idas e vindas, perderam-se vidas e histórias; sociabilidades se fragmentaram, forçadas pela lógica da modernização que removeu lugares, pessoas, pertencimentos, identidades e lembranças. Os atores sociais, atingidos

¹²³ Informação Técnica nº. 185/2004, p. 74. *In.*: REINALDO, Helen Cássia; MESQUITA, Helena Angélica de. Davinópolis (GO) e a Hidrelétrica Serra do Facão no Rio São Marcos: algumas controvérsias. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.7, n.1, p. 96-111. João Pessoa, PB, 2013. p. 102.

¹²⁴ Id. *Ibid.*, p. 102.

pela barragem, foram compulsoriamente “convidados a se retirar”, para cederem lugar à máquina do progresso, embora, de fato, o progresso apregoado seja efêmero, conforme observam Reinaldo e Mesquita:

[...] os empreendedores alegam que as Hidrelétricas são necessárias para o desenvolvimento e a geração de empregos, contudo os empregos gerados pela implantação de hidrelétricas são temporários, sendo restritos ao curto período de construção. Nessa medida, demandam apenas número limitado de trabalhadores, geralmente contratados fora da localidade, após esta fase, não há perspectiva de manutenção e de geração de novos postos de trabalho para as comunidades locais, devido à exigência de uma maior especialização técnica, por isso, a população ao redor das hidrelétricas raramente é beneficiada com o empreendimento. Uma análise mais ampla e profunda mostraria que os efeitos das hidrelétricas para o "mercado de trabalho" são negativos, já que a maioria delas produz energia elétrica para máquinas, substituindo cada vez mais trabalhadores, além disso o êxodo rural, provocado pelo alagamento, faz com que toda a população, que percebia na terra a condição de sua existência e de trabalho, fique à mercê da própria sorte: antes produtores de alimentos que se transformam em consumidores desempregados [...]¹²⁵

Nestes caminhos incertos, muitas histórias se cruzaram. Entretanto, foram submersas pela história do empreendimento, pois como lembram Abdala e Katrib:

[...] não são apenas as inovações tecnológicas, a modernização do campo e os processos de “mundialização da cultura” que provocam alterações nos modos de vida das comunidades estudadas [atingidos pela UHE Serra do Facão], mas também a perda de seu lugar ancestral e de sociabilidade e vizinhança contribuem para pensarmos a lógica que abarca o viver, o sentir e o deslocar-se de um lugar [...]¹²⁶

É pelas margens da correnteza, de histórias e de significados, que nos propomos caminhar a partir daqui. Nosso intuito é compreender esse processo por meio das falas e discursos dos diferentes sujeitos envolvidos no processo, os quais, de uma forma ou de outra, tiveram seus sonhos e projetos inelutavelmente ligados às águas do rio São Marcos.

¹²⁵ Id. *Ibid.*, p. 104.

¹²⁶ ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I. Histórias em transformação: experiências e tensões na pesquisa sobre empreendimento hidrelétrico. *In*: MACHADO, M. C. T.; RAMOS, A. F. (org.). **Nas Veredas da História: itinerários e transversalidades da cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 23-38. p.25.

2.2. Entre o empreendimento e desenraizamento: os municípios afetados pela UHE Serra do Facão e o protagonismo do progresso de Catalão.

Na rota que vincula progresso e desenraizamento, os efeitos da inundação, produzida pela barragem da UHE Serra do Facão, modificaram a geografia do lugar, atingindo diretamente seis cidades: Catalão, Campo Alegre de Goiás, Davinópolis, Cristalina e Ipameri do estado de Goiás; e Paracatu, no estado de Minas Gerais.

No âmbito do discurso, o cenário produzido pela inundação e pelo alagamento, soergue-se sobre o esquecimento. Ao acentuar da perspectiva do progresso na construção histórica, produz um novo lugar de memória assentado sobre o silenciamento e a destruição, redesenhando todo um ecossistema e relações sociais.

[...] como indicativo de priorização das áreas [...] Catalão e Campo Alegre de Goiás por deterem 95,2% do total da área inundada pelo reservatório [...] Davinópolis em função do fluxo de pessoas de fora, como mão de obra, para o local, e a introdução de novas formas de convivência com a comunidade local [...] Os municípios como Cristalina, Ipameri e Paracatu/MG, deverão compor o quadro da pesquisa do inventário cultural [...]¹²⁷

O silenciamento e o ocultamento não são processados apenas do ponto de vista econômico. Também se dão cultural e socialmente, dentro da lógica dos afetos e dos modos de vidas, sendo, portanto, impossível medir a intensidade de seu impacto nos grupos humanos atingidos. Não obstante, por esta perspectiva, o entorno do rio São Marcos ainda consiste em lócus de produção de lembranças, qualificador dos rastros que avivam, na memória, ainda que partes das histórias não possam mais ancorar-se na paisagem, agora desfigurada como lugar de memória. Relações e significâncias específicas, como vizinhanças e sociabilidades, foram inundadas pela barragem.

Como nada é estanque, a historiografia que tomou a região como objeto, sobretudo a escrita por memorialistas, indicou uma série de transformações vivenciadas na região. Contudo, até então, estas diziam respeito a aspectos econômicas e culturais que não impactaram de maneira abrupta a sua estrutura

¹²⁷ PROJETO BÁSICO AMBIENTAL – Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural, 2002.

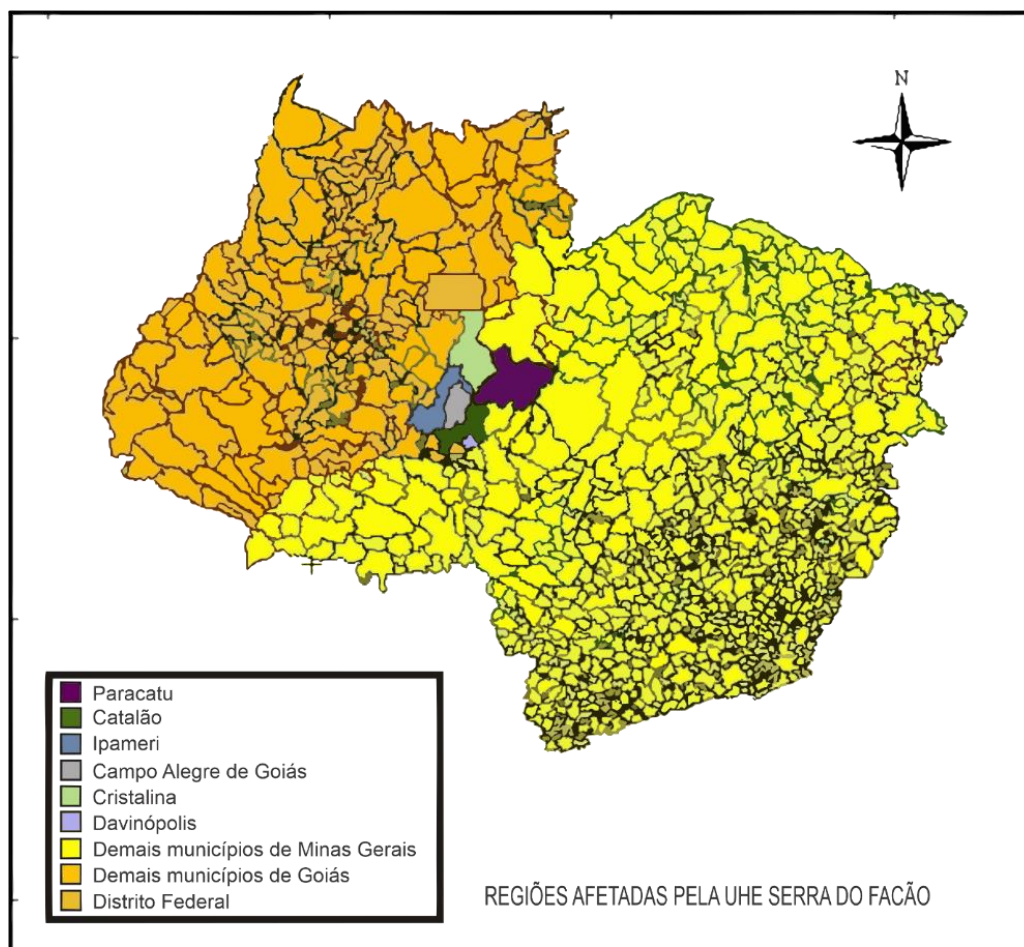
física e nem produziram a expulsão de seus moradores. É neste cenário que devemos considerar os apontamentos de Machado, relativos às mudanças vivenciadas pela população, as quais foram aceleradas pelas ações da usina e, ressalta o reforço que acentuou o desenraizamento após a chegada da SEFAC. Segundo a autora:

[...] os municípios no entorno do Sudeste goiano tornaram-se a partir dos anos de 1960, espaço de atração de investimentos não só pela extração de minérios por companhias como a Anglo América e a Fosfértil, mas também pela execução dos projetos dos governos militares para viabilizar o cerrado como terra produtiva de grãos para exportar, tal como o Programa de Cooperação Nipo-brasileira para o desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER / Campo - 1975). O objetivo foi incentivar uma agropecuária moderna, produzindo soja, milho, entre outras culturas, com tecnologia de ponta. A década de 1990 foi marcada pela instalação de uma das unidades montadoras de carros, a Mitsubishi, que nos anos 2000 transferiu do Japão para Catalão parte de sua linha de montagem. Recentemente foi inaugurada, na mesma cidade, uma montadora de veículos Suzuki [...] no século XXI (2000) a usina hidrelétrica Serra do Facão assinala um dos grandes acontecimentos que, ao mesmo tempo, prenuncia investimentos federais na região, atinge terras e desloca pessoas de suas propriedades, o que, evidentemente, a princípio causa impacto social, insegurança e instabilidade financeira, afetiva e emocional para as 400 famílias afetadas[...]¹²⁸

A seguir, discutiremos sucintamente os demais municípios atingidos, tendo em vista que já apresentamos Catalão e seu contexto histórico de formação. Nosso objetivo é proporcionar uma compreensão mais apurada do levantamento histórico-patrimonial desenvolvido, evidenciando a área cortada pelo rio São Marcos. Trata-se de cidades que foram submetidas ao processo de soterramento em nome do empreendimento hidrelétrico, simbolicamente dado a ler como veículo de progresso, interligando a referida região a outros estados do país.

¹²⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Serra do Facão: na encruzilhada dos sertões. In.: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 27.

MAPA 4. Delimitação geográfica das seis cidades afetadas pela UHE Serra do Facão



Fonte: Mapa das regiões afetadas pela U.H.E. Serra do Facão, 2009. Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias". Adaptado pelo autor.

Antes de nos determos nas suas especificidades, é importante registrar que, de um modo geral, todas estas cidades compartilham uma memória fundacional que as irmana em seus mitos das origens: as Bandeiras e Entradas. Em certo sentido, também aqui observamos uma repetição da história do progresso, que suprime os atores sociais, especialmente os das camadas populares.

Entretanto, a partir da interpretação de Maria Aparecida Daniel da Silva¹²⁹, pode-se perceber que, de fato, a porção Sudeste do estado de Goiás teve seu processo de ocupação e povoamento iniciado por volta do século XVIII, com as Entradas e Bandeiras e, mais especificamente, no século XIX com a expansão

¹²⁹ SILVA, Maria Aparecida Daniel da. **Terra "sem lei, sem rei":** Goiás (1822/1850). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias. Goiânia, 2002.

de “geralistas”, assim como Catalão. A agropecuária promoveu o povoamento de Goiás, ora constituindo fazendas, ora propiciando a formação de núcleos urbanos originados de patrimônios e pontos de pouso para tropas e boiadas nos caminhos do gado.

Inserese-se, portanto, nessa lógica, Campo Alegre de Goiás que, junto com Catalão, compõe a maior faixa de área inundada durante o processo de represamento de água pela barragem de Serra do Facão. Campo Alegre de Goiás tem pouco mais de sete mil habitantes. É um município localizado na microrregião de Catalão, fazendo limites com Ipameri, Cristalina e Paracatu, no estado de Minas Gerais. Sua área territorial corresponde a aproximadamente 2.463 km², na qual se destaca o plantio de grãos como soja e milho.¹³⁰

Na sequência, nos encontramos com Davinópolis, localizada na porção Sul do estado de Goiás. De acordo com as pesquisas levantadas durante o “Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural: Caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias”, a cidade apresenta os menores índices populacionais e territoriais. Faz parte do território que experimentou o desenraizamento para o soerguimento da usina hidrelétrica e, como as demais localidades atingidas, conta com uma memória histórica que a situa na rota inexorável do progresso.

Não obstante, à época de construção da SEFAC, Davinópolis possuía cerca de dois mil habitantes e uma área de 520 km². Pela interpretação que confere sentido à existência da cidade, sem seus atores sociais, sua economia é eminentemente agrícola e a história política do município é relativamente recente. Os dados remetem à década de 1960, com a emancipação do distrito, separando-se de Catalão pela Lei Estadual 4.928, de 14 de novembro de 1963, quando ficou reconhecida sua autonomia político-administrativa.

Cristalina, também colocada na rota histórica do progresso, possui aproximadamente sessenta mil habitantes e está localizada na microrregião do entorno de Brasília, com uma área territorial de 6.161 km². Seu desenvolvimento

¹³⁰ Os dados das cidades apresentadas nesta tese foram, em parte, levantados durante o “Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias” entre os anos de 2008 e 2010 e complementados posteriormente com o processo de pesquisa desta tese, a partir dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE.

decorre da extração de cristal de rocha, mola propulsora da imagem progressista e base do seu turismo. O município goiano ainda se destaca pela produção agrícola de soja, milho e batata. Vale dizer que a história de Cristalina se confunde com o passado colonial brasileiro, sobretudo dentro da exploração de riquezas minerais, na qual a Metrópole Portuguesa incentivava as expedições de exploração sertão adentro.

As narrativas acerca de Ipameri destacam que à época de construção da SEFAC, o município possuía cerca de vinte e sete mil habitantes. Com uma área territorial de 4.369 km², localiza-se na porção Sul do estado de Goiás, inserindo-se na microrregião de Catalão. A cidade é banhada pelas águas dos rios Corumbá e Braço, que deságuam nos rios Veríssimo, Paranaíba e São Marcos, integrantes da bacia do Prata. A base da sua economia relacionava-se às atividades agrícolas, pecuárias e ao setor agroindustrial.

Do ponto de vista da sua construção histórica, a memória oficial de Ipameri ressalta que o índice de povoamento foi crescente entre 1872 e 1920. De certa forma, o crescimento populacional se relaciona com a chegada dos trilhos da ferrovia. Após a inauguração da estação ferroviária, em 1913, a população cresceu substancialmente. De acordo com a memória, isto se deveu à chegada dos estrangeiros, que desembarcavam no porto de Santos e iam pelos trilhos de ferro Brasil adentro.

A natureza do entreposto comercial e da presença da estrada de ferro foi transformando o lócus. Também aqui, a narrativa do progresso preparou o palco para a instalação da usina hidrelétrica, a despeito da desfiguração dos modos de vidas dos sujeitos que habitavam o território.

Paracatu, a sexta cidade atingida, é a única localizada no estado de Minas Gerais. O município possui uma dimensão territorial de 8.232 km², suportando uma população total de oitenta e cinco mil habitantes. Inserida à Noroeste do estado, se destaca pela produção de soja, milho, feijão e pela pecuária extensiva; além da exploração e beneficiamento de ouro e prata, controlado por uma empresa canadense.

Embora a historiografia local indique no agronegócio e na mineração, traços do desenvolvimento econômico de Paracatu, também aqui a narrativa do

progresso se organiza em uma temporalidade linear e evolutiva. Outros olhares, porém, destacam as complexas relações sócio-históricas tecidas ao longo do processo de construção do município, fugindo da perspectiva historicista, abraçada pelos memorialistas. É o caso, por exemplo, de Paulo Sérgio Moreira da Silva que, ao discutir questões relativas às irmandades negras em Paracatu, lança luzes interessantes sobre a história da cidade.¹³¹

Silva nos revela que Paracatu é uma cidade bicentenária, elevada à categoria de cidade pela Lei Provincial número 163, de 09 de março de 1840, já no século XVIII. O autor coloca em evidência imagens e representações que alimentam o passado glorioso do local, com vistas a justificar a importância da pecuária e da exploração aurífera e, ao mesmo tempo, guardar suas características particulares, devido ao seu isolamento em relação a outras vilas e arraiais auríferos importantes da época.

De um modo geral, o quadro narrativo produzido pela memória histórica dos seis municípios atingidos pela barragem, projeta as cidades como vitrine, destituindo o papel dos sujeitos na cena histórica, uma vez que os suportes de lembranças os silenciam. Isto produziu a representação necessária para que o progresso pudesse definitivamente se instalar através da Usina Hidrelétrica Serra do Facão. Sobre este grande campo imagético, os canais oficiais acolheram a chegada da SEFAC como parte de um futuro há muito anunciado, de tal forma que a vivência do desenraizamento foi interpretada, no nível do discurso, como experiência necessária para a concretização do fado progressista. Finalmente, cabe lembrar que o cenário de construção do novo lugar de memória se deu para além do projetado, pois atingiu, inclusive, territórios não abarcados pelo chamado Termo de referência.¹³²

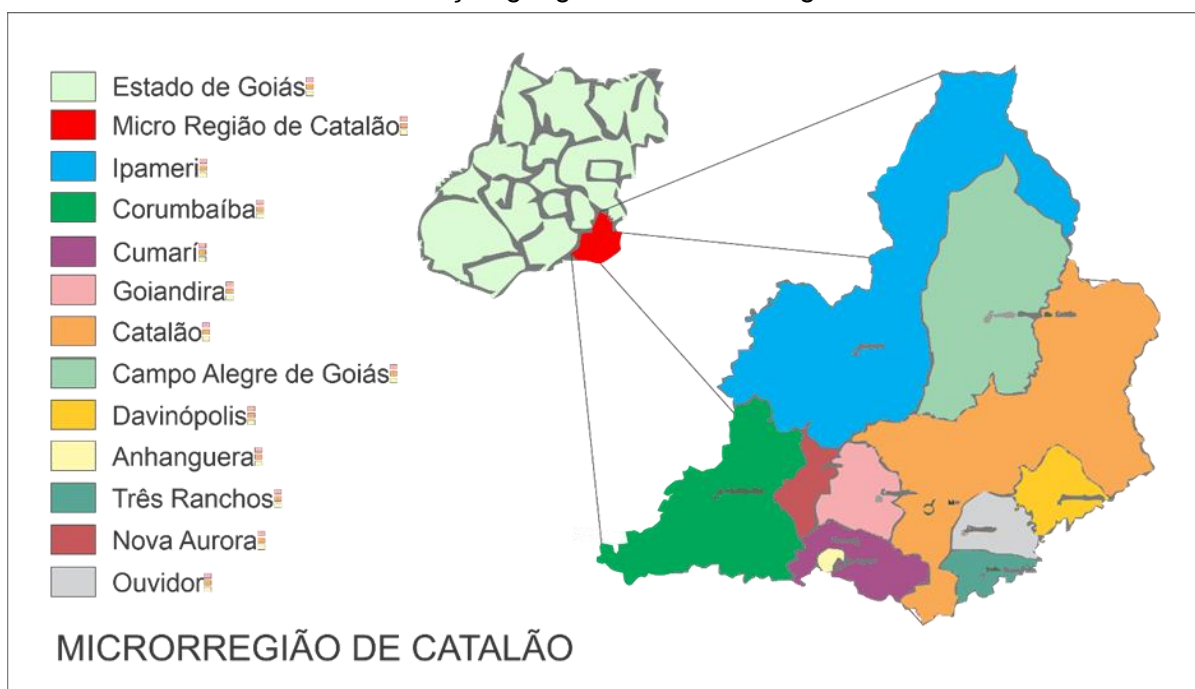
¹³¹ SILVA, Paulo Sérgio Moreira da. Paracatu, do ouro à modernidade: cultura, negritude e fé. *In*: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

¹³² O **Termo de Referência**, ou “Projeto Básico”, é o documento elaborado a partir dos estudos técnicos preliminares do impacto a ser causado pelo empreendimento na região. Contém os elementos necessários, com suposto nível de precisão, das ações que a empresa deveria realizar para amenizar os impactos da obra. É um documento oficializado e aprovado pelos órgãos ambientais do Governo Federal.

2.3. A construção da memória no e sobre o tempo: a perspectiva da SEFAC e o sentido do progresso

Na construção do campo de memória que destaca a ideia de progresso desarticulada do desenraizamento, a cidade de Catalão se tornou uma peça fundamental para acentuar os significados que a lógica da SEFAC buscou imprimir na realidade.

MAPA 5. Delimitação geográfica da Microrregião de Catalão



Fonte: IMB/Segplan. Adaptado pelo autor.

Dentre os municípios afetados pela UHE Serra do Facão, Catalão é apresentada como município polo em Goiás e, conseqüentemente, transformada em referencial político-administrativo em relação aos que compõem e integram o contexto espacial de lugares transformados pela implantação da barragem.¹³³ No mapa 5, podemos observar a Microrregião de Catalão:

A Microrregião em tela compõe a mesorregião Sul Goiano e, dentre os onze municípios que fazem parte da região, Catalão é a única cidade que excede

¹³³ A Microrregião de Catalão é composta pelos seguintes municípios: Catalão, Ipameri, Corumbaíba, Campo Alegre de Goiás, Ouvidor, Goiandira, Cumari, Três Ranchos, Nova Aurora, Davinópolis e Anhanguera. Alguns deles surgiram em consequência do reconhecimento de autonomia político-administrativa, e desmembramento, da seguinte forma: Anhanguera e Nova Aurora desmembrados de Goiandira; Campo Alegre de Goiás desmembrado de Ipameri; Ouvidor e Três Ranchos desmembrados de Catalão na década de 1950 e Davinópolis, em 1963.

20 mil habitantes.¹³⁴ Segundo Júnior, cerca de 89,43% de sua população encontra-se em área urbana e apenas 10,57% vive na área rural. No entanto, entre todos os municípios, Catalão ganha um lugar de destaque, representando mais da metade da população de toda microrregião, com cerca de 58,83%.¹³⁵ Levando em consideração o aspecto econômico, a participação de Catalão no PIB (Produto Interno Bruto) de sua microrregião, nunca foi inferior a 51% de sua totalidade.¹³⁶

A revista “*Economia e Desenvolvimento de Goiás*”, afirma que as cidades interioranas representam hoje a maior parcela do PIB do estado e, reforçando sua relevância para a região, Catalão se apresenta entre as principais.

Os últimos dados oficiais do Produto Interno Bruto (PIB) goiano, de 2015, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) e do Instituto Mauro Borges, da Segplan, mostram que o interior já representa 73,1% do PIB total do Estado, de R\$ 173,63 bilhões. Em Goiás, os municípios que geram mais riquezas são Goiânia, Anápolis, Aparecida de Goiânia, Rio Verde, Catalão, Itumbiara, Jataí, Luziânia, São Simão e Senador Canedo. Além de Caldas Novas, Valparaíso de Goiás, Mineiros, Cristalina e Formosa [...]¹³⁷

Podemos perceber aqui, a importância regional do município e nos desdobramentos da implantação da SEFAC. Além de contar com o maior número de afetados e área atingida pelas águas do rio São Marcos, por ser referência política e econômica da região, era de se esperar que a maioria dos atingidos pela barragem escolhessem Catalão como nova morada. Estes são alguns dos aspectos que fizeram do município o referente de uma memória, que acentua a ideia de progresso como inerente à barragem, a despeito do desenraizamento que experimentaram os sujeitos, bem como todas as transformações ocorridas a partir da instalação da Usina Hidrelétrica Serra do Facão na região.

¹³⁴ MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. p. 34.

¹³⁵ JÚNIOR, Geraldo Coelo de Oliveira (org.). **Estudo das Microrregiões.** Revista do Observatório do Mundo do Trabalho. IFG, Goiânia, 2014. p. 3.

¹³⁶ VIANA, Márcio Greik. **O crescimento econômico e demográfico de Catalão (GO): as incongruências percebidas através das ruas.** Dissertação (Mestrado Geografia). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019. p. 38.

¹³⁷ Revista Economia e desenvolvimento - segplan.go.gov.br. Ano XVI, n. 36, Goiânia/GO, mar./ abr./ maio 2018. p. 32. Disponível em:

<https://www.administracao.go.gov.br/component/content/category/64-revista-economia--desenvolvimento.html>

É evidente que esse processo deve ser compreendido dentro da dinâmica das transformações nacionais, em diferentes períodos históricos. Também se leva em consideração as especificidades de cada município e sua contribuição para que Catalão se tornasse cidade polo do Sudeste goiano. Podemos observar um comparativo entre os principais municípios da microrregião, considerando-se a evolução da taxa de urbanização, como demonstra a tabela 7.

TABELA 7

	TAXA DE URBANIZAÇÃO				
	1980	1991	1996	2000	2010
Campo Alegre de Goiás	24,18%	46,16%	57,56%	63,41%	73,94%
Catalão	78,37%	86,48%	88,57%	89,52%	94,00%
Davinópolis	24,83%	44,66%	56,47%	61,36%	68,2%
Ipameri	71,81%	81,29%	85,17%	83,26%	-----

Fonte: IBGE, 2006.

Com base nas reflexões de Raymond Williams¹³⁸, ao observarmos as questões relativas às transformações culturais, nossa análise também concorda que o campo e a cidade são espaços em transformação, tanto no que diz respeito às suas próprias realidades quanto no que concerne às suas inter-relações. Dessa perspectiva, percebemos a urbanização como fenômeno dinâmico, desenvolvido no bojo das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais mais amplas.

Nesse sentido, segundo a Prefeitura Municipal de Catalão¹³⁹, a cidade conta com uma população em torno de 110 mil habitantes e lidera o ranking dos municípios mais prósperos de Goiás. Mas, também é aquele que mais sofreu os impactos da construção da barragem em sua estrutura social. Foi e ainda é o município que mais recebeu contrapartidas do empreendimento, por ser a principal cidade afetada pela construção da usina hidrelétrica.

¹³⁸ WILLIAMS, R. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹³⁹ Disponível em: <http://www.catalao.go.gov.br/site/em-estudo-divulgado-pela-revista-exame-catalao-e-ranqueada-entre-as-melhores-cidades-do-pais-para-se-investir,NTV,MTEzODIw.html>

Segundo levantamento da Revista Exame, publicado no Portal Catalão¹⁴⁰, a cidade estava entre as cinquenta que mais se desenvolveram no *Ranking* brasileiro, ocupando a 32ª posição. O que reflete que ela se tornou vitrine para novos investimentos, mas também teve suas mazelas sociais intensificadas. Vejamos os dados de ranqueamento:

TABELA 8. *Ranking* melhores cidades para se investir. Catalão, GO.

32ª Catalão (GO)	
Cidade	Catalão (GO)
Nota (de 0 a 14)	4,381
População estimada ¹	98.737
PIB per capita (em reais) ²	60.915,30
Esperança de vida ao nascer (em anos)	74,12
Taxa de analfabetismo (em %) ³	5,5

Fonte: www.portalcatalao.com.br

Pelo prisma apresentado pela Exame, vê-se que as transformações vivenciadas pela cidade, na última década, são dimensionadas e ligadas à existência da Usina Serra do Facão. Enquanto signos positivos, os investimentos aumentaram substancialmente, assim como os recebimentos da contrapartida do empreendimento. Inclusive na atualidade, a presença “benfazeja” da SEFAC continua sendo reiterada, como se observa na narrativa jornalística de 16 de junho de 2020, publicada pelo Blog “Zap Catalão”, noticiando a doação de EPI’s para um hospital da cidade:

SEFAC doa EPI’s para a Santa Casa de Misericórdia de Catalão. Postado em 23/06/2020 às 12:17. Por Portal Catalão.

[...] No último dia 19, a Serra do Facão Energia doou R\$ 17 mil em EPI’s – Equipamentos de Proteção Individual para a Santa Casa de Misericórdia de Catalão. A doação para o hospital local inclui 40 caixas de máscaras triplas descartáveis, 400 máscaras N95, 200 caixas de luvas de procedimento, 6 oxímetros e 3 termômetros digitais. A doação tem por objetivo reforçar a proteção aos profissionais da saúde em relação ao coronavírus [...] “Os equipamentos serão de fundamental importância para preservar a

¹⁴⁰<https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/catalao-esta-entre-as-50-cidades-pequenas-mais-desenvolvidas-do-brasil,MTcONTM.html>

saúde de todos nós que estamos na linha combate à Covid-19 e outros agravos, os materiais vieram em boa hora”, declarou a responsável técnica dos serviços de enfermagem do hospital, Janete de Melo [...] Aginaldo Gonçalves Mesquita, provedor da Instituição, agradeceu o reconhecimento da empresa em relação à Santa Casa. “É muito importante para todos nós que trabalhamos na Instituição saber que a empresa reconhece as dificuldades desse momento de pandemia, disse”. Declarou ainda que acompanha a Usina desde a implantação e que sempre admirou o compromisso que a empresa tem com a sociedade. [...] Além a doação à Santa Casa de Misericórdia de Catalão, como medida de prevenção ao coronavírus, a SEFAC também doou 250 kits de produtos de higiene e limpeza para a Prefeitura de Davinópolis e para a Associação Laços de Bem situada em Catalão [...] ¹⁴¹

Tais intervenções visam produzir aceitação social, haja vista que se trata de uma memória em disputa e permeada por conflitos. Por óbvio, as doações não são gratuitas, mas são assim propagandeadas com o objetivo de fertilizar o terreno, para que se produza nos sujeitos, ao lembrar, a impressão de que a existência da SEFAC na região gera benefícios.

As doações da empresa aos municípios não giram em torno, apenas, da suplementação da saúde pública e nem é recente essa política “da boa vizinhança”. Ela acompanha os diferentes momentos do processo de efetivação da empresa na região.

Isso revela como a empresa cria ações que permitem afirmar a sua memória durante e após o processo de disputa. Reiteramos que não basta ganhar durante o processo, mas é fundamental garantir o *após*. Nesse sentido, é visível como a SEFAC age para consolidar sua memória, com ações que visam garantir uma narrativa mnemônica que constantemente ratifica a sua importância na e para a região, no e sobre o tempo.

Em 2013, a SEFAC doou um montante considerável para um centro cultural na cidade de Catalão, a fim de fomentar a realização de atividades culturais. Essa doação compôs o quadro de visibilidade da empresa, reascendendo os holofotes da sua projeção no contexto da região.

¹⁴¹<https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/SEFAC-doa-epis-para-a-santa-casa-de-catalao,MjI1MjA.html>

SEFAC FAZ DOAÇÃO DE R\$ 30 MIL PARA O LABIBE FAIAD
O valor foi destinado a equipar as oficinas do Centro Cultural
03/09/2013. Por Portal Catalão.

[...] Na tarde da última quinta-feira (29-08), o diretor-presidente da Serra do Facão Energia S.A., Eduardo Bueno, esteve presente no Centro Cultural Labibe Faiad para entregar uma doação de R\$30 mil em materiais destinados a equipar oficinas e cursos oferecidos no Centro Cultural Labibe Faiad [...] Para a diretora do Centro Cultural, Meire Mendonça, a doação chega em boa hora. “Esse recurso irá viabilizar oficinas e cursos, como os de informática, artesanato, pintura, dança, estética, ginástica, música entre outros, para crianças, adolescentes e adultos”, disse Meire. Desde 1º de agosto já foram matriculados 837 alunos [...] ¹⁴²

É possível dizer que a empresa possui uma rede de comunicação bastante eficiente, no sentido de evidenciar suas ações “positivas” desde a sua chegada na região. Ela faz questão de alardear na mídia, seja local, regional, nacional e até internacional, os seus feitos assistenciais. Todavia, o que a exposição midiática deliberadamente esconde é que as ações nada mais são do que contrapartidas obrigatórias firmadas. Estas, foram delineadas quando da assinatura do *Termo de Referência*¹⁴³, documento acordado no início das atividades do empreendimento, funcionando como elenco de ações a serem efetivadas junto à população do município impactado, amenizando os danos causados pela *sua instalação*.¹⁴⁴

No processo de construção da aceitação, acentua-se uma memória positiva, assertiva, garantindo para o futuro um campo mnemônico que registra, tão somente, os benefícios trazidos pela SEFAC, silenciando os aspectos que desautorizam a sua existência. Nessa lógica, os meios de comunicação locais

¹⁴²<https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/SEFAC-faz-doacao-de-r-30-mil-para-o-labibe-faiad,MTQ0Njl.html>

¹⁴³ Consulte os termos em: SERRA DO FACÃO ENERGIA S.A. **Termo de referência:** programa de preservação do Patrimônio Histórico-cultural. (SEFAC-PBA-TR-012-07) Catalão/GO, ago. 2007.

¹⁴⁴ Essas medidas compensatórias constam na seguinte legislação: LEI FEDERAL N.º 9985, artigo 36 0,5% do valor do empreendimento para compensação ambiental, que regula o art. nº 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da CF, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências; DECRETO Nº 4.340, de 22 de agosto de 2002, regulamenta artigos da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. O órgão ambiental fixará compensação a partir do grau de impacto. DECRETO Nº 4.340, art. nº. 33 define a ordem de prioridade da aplicação do recurso.

têm um papel importantíssimo na produção do *habitus*¹⁴⁵, pois reinscrevem no imaginário a identidade social pretendida pela empresa.

Um dos pontos bastante evidente nesse processo é a geração de empregos, movimentando a economia local e regional, sobretudo através de novos trabalhadores que vieram de outras regiões e desembarcaram na cidade, para trabalharem nas obras da barragem. A tabela 9 mostra a oferta da mão de obra no setor da construção civil, fundamental na edificação de uma usina hidrelétrica.

TABELA 9
CONTRATAÇÕES E DEMISSÕES DA CONSTRUÇÃO CIVIL POR ANO EM CATALÃO-GO

ANO	CONTRATAÇÃO	DEMISSÃO	SALDO
1998	225	282	-57
1999	301	202	99
2000	340	266	74
2001	653	449	204
2002	441	361	80
2003	395	382	13
2004	748	694	54
2005	1.124	824	300
2006	342	498	-156
2007	1.756	838	918
2008	2.538	1.722	816
2009	1.821	2.692	-871
2010	1.103	1.553	-450
2011	945	665	280
2012	1.011	1.033	-22
2013	1.117	1.161	-44
2014	773	768	5
2015	929	907	22
2016	843	787	56
2017	665	685	-20
2018	1.353	1.145	208

Fonte: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - IMB / Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento - SEGPLAN / Estado de Goiás.

Os dados estatísticos são os principais instrumentos utilizados pela SEFAC na construção da sua memória. Em se tratando da geração de empregos, desde os anos de 2009, a empresa alardeia a criação de empregos

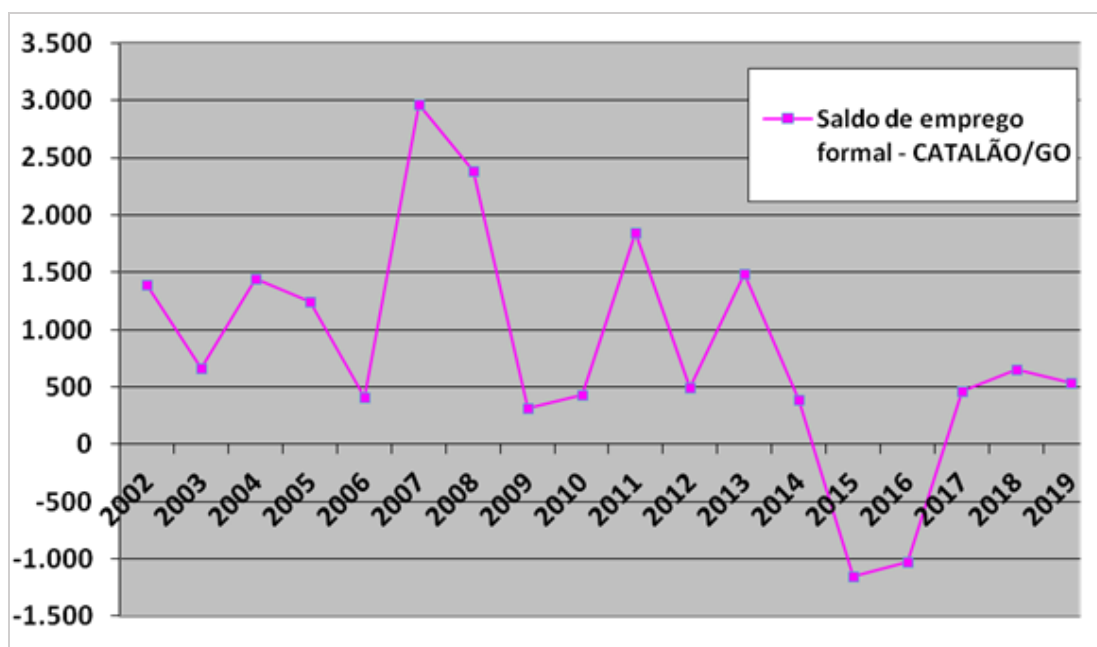
¹⁴⁵ Veja: SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.20, maio/jun./jul./ago. 2020, p.60-154. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>

diretos e indiretos, como sendo um dos pontos altos da sua influência positiva na região.

[...] a geração de empregos diretos e indiretos, a movimentação financeira na região e o aumento de receita dos municípios tem proporcionado o aquecimento da economia nos municípios das áreas de influência da Usina Hidrelétrica Serra do Facão.¹⁴⁶

De fato, quando se observa com atenção a Tabela 9, acima, vê-se que no auge da construção da usina, entre os anos de 2007 e 2008, houve um saldo expressivo na balança de contratações face às demissões no setor da construção civil. Todavia, a realidade é bem outra, quando as obras entram na sua reta final, em 2009, até a inauguração em 2010. Nesse momento, o número de demissões passa a superar o número de contratações, fechando em negativo os índices de geração de renda e trabalho. Em paralelo, se observarmos o saldo de empregos formais de maneira geral, em Catalão, também percebemos um pico de crescimento entre os anos de 2006 e 2007, iniciando um decréscimo em meados de 2009.

GRÁFICO 1



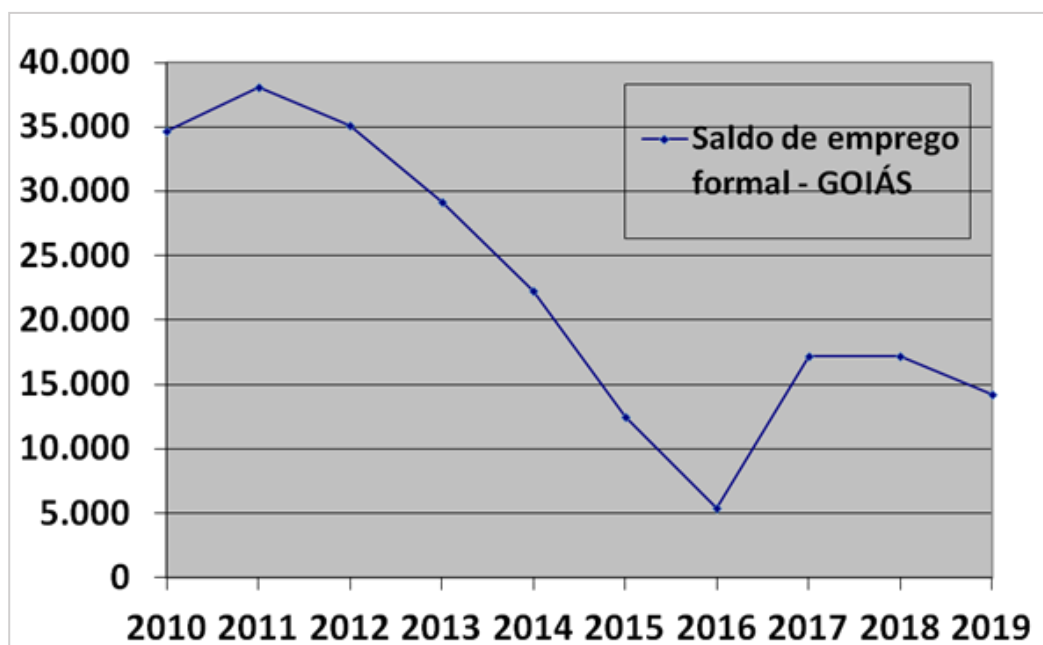
Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do CAGED, 2021.

¹⁴⁶ Informativo SEFAC, 2009.

A geração de empregos é o principal veio utilizado pela SEFAC no campo de disputa pela memória. É por sua importância na movimentação da economia, que a empresa busca produzir aceitação e reconhecimento, justifica a sua existência e, por conseguinte, projeta região no cenário nacional. A força desse discurso, acentuado cotidianamente, vai desautorizando outras falas e outros significados, dados pelos sujeitos que ocupam a região, minimizando e até desqualificado a memória dos afetados.

Percebe-se que entre 2002 e 2018 a geração de empregos formais passou por altos e baixos. Mas é o período entre 2014 e 2016 que nos chama atenção. O saldo no município fechou no negativo de forma expressiva, o que pode ter sido um dos fatores determinantes para o aumento do desemprego e da violência na região.

GRÁFICO 2



Fonte: Elaborado pelo autor com dados do CAGED/MTb, 2021.

Ao apresentarmos os índices de geração de empregos formais, vale a comparação com o movimento trilhado pelo estado de Goiás no mesmo período. Como se observa no Gráfico 2, Goiás também teve uma queda significativa na geração de empregos formais, de 2011 a meados de 2017. Mas, diferentemente de Catalão, não teve uma queda brusca. Ora, segundo o plano de desenvolvimento do estado de Goiás,

[...] Nas duas últimas décadas, o mercado de trabalho goiano tem sido caracterizado por baixo desemprego. Neste período a taxa de desemprego registrou tendências de crescimento até 2005 e a partir daí apresentou queda até 2011/2012. Nos últimos 3 anos, nota-se uma reversão da tendência de queda que deve ter sido acentuada no período mais recente pelos efeitos da crise econômica e política brasileira no mercado de trabalho. Ainda assim, a taxa de desemprego no estado de Goiás (4,9%) é a 8ª mais baixa entre as Unidades da Federação, em 2014, porém a segunda maior dos estados do Centro-Oeste, inferior apenas ao Distrito Federal [...] ¹⁴⁷

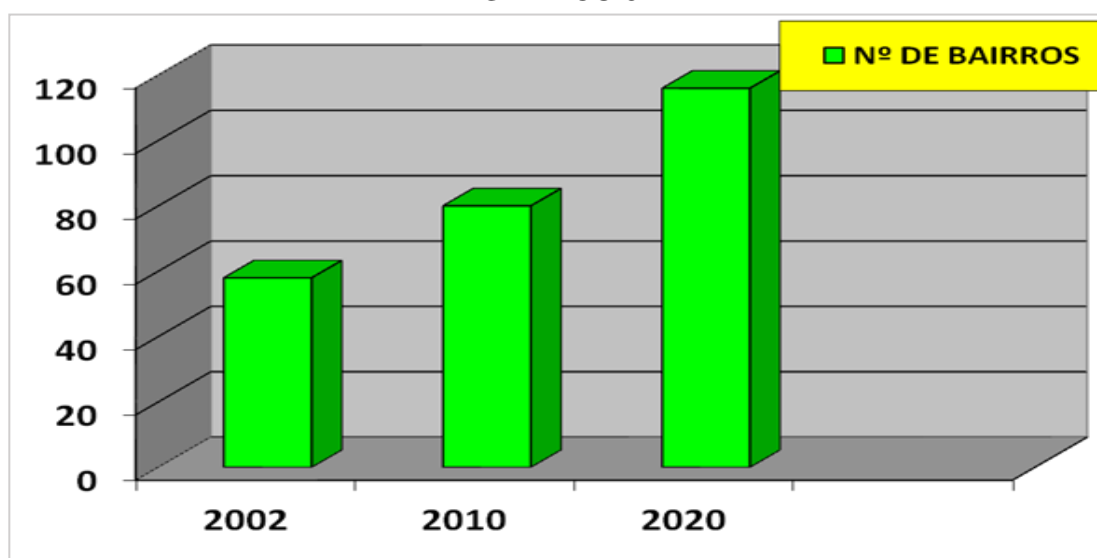
Em se tratando de Catalão, os impactos econômicos promovidos pela implantação da SEFAC, não ficariam apenas na esfera dos empregos, pois estes também ocorreram no ramo imobiliário. Em 2002, a cidade possuía cerca de 58 bairros e loteamentos, considerando a construção das montadoras John Deere e Mitsubishi nos anos de 1997 e 1998.

TABELA 10

CATALÃO			
	2002	2010	2020
Nº de bairros	58	80	116

Fonte: Prefeitura Municipal de Catalão.

GRÁFICO 3



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados da Prefeitura Municipal de Catalão, 2021.

¹⁴⁷ Plano de Desenvolvimento de longo prazo - Evolução de Goiás nas duas últimas décadas - Análise Retrospectiva - Setembro 2016 - Governo de Goiás - Macroplan (Prospectiva, Estratégia e Gestão). p. 34. Disponível em: http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2018-03/02_goias2038_analise_retrospectiva.pdf

Já no ano de inauguração da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, em 2010, esse número chegou à casa de 80 bairros e loteamentos. Hoje, esse número supera a casa dos 110, como demonstra a tabela 10. Já o Gráfico 3, mostra o aumento do número de bairros em Catalão, evidenciando um crescimento da área urbana, principalmente nas periferias da cidade.

A partir da presença da SEFAC na região, é possível ler nos diversos meios de comunicação local e nos planos diretores do município, um cenário de grandes transformações, de crescimento urbano e expansão demográfica. Por isso, com a análise da tabela 11, podemos ver que a construção e instalação da usina hidrelétrica são representativas na economia da cidade quando pensamos no recolhimento de ICMS por segmento. Entre o ano de início de construção da usina hidrelétrica, em meados de 2009, até o ano de 2017 tivemos duas participações que destoam positivamente no setor de energia elétrica, se levarmos em consideração a média.

TABELA 11

ARRECADAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CATALÃO POR ANO					
ANO	AGROPECUÁRIA (R\$ MIL)	ENERGIA ELÉTRICA (R\$ MIL)	INDÚSTRIA (R\$ MIL)	MINERAÇÃO	TOTAL GERAL ¹⁴⁸ (R\$ MI)
2005	-----	-----	-----	-----	29.549.780
2006	-----	-----	-----	-----	34.171.688
2007	2.226	235.000	93.563	-----	41.982.394
2008	2.435	1.928	189.958	-----	51.956.517
2009	3.431	4.032	173.339	-----	38.223.806
2010	3.987	13.390	172.537	5.018.785	42.996.065
2011	3.594	1.411	181.853	-----	46.759.662
2012	7.674	141.000	204.951	-----	53.272.208
2013	9.757	15.000	150.721	-----	57.977.146
2014	11.358	14.000	85.090	5.714.646	48.137.646
2015	8.844	7.000	-----	-----	42.259.889
2016	6.226	30.000	-----	-----	33.004.256
2017	6.979	18.000	-----	-----	49.229.079

Fonte: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos - IMB / Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento - SEGPLAN / Estado de Goiás.

O espaço para afirmação do processo de aceitação da usina vai sendo dinamizado pelos diversos investimentos e pelas ações experimentadas pela

¹⁴⁸ Este total geral não corresponde apenas à Agropecuária, Energia Elétrica, Indústria e Mineração, mas o total geral de arrecadação do município no período contabilizando outros tipos de prestação de serviço.

população que estava vivendo o tão apregoado progresso. Neste sentido, é preciso considerar que a esfera do convencimento social agrega outros elementos que acentuam a ideia do progresso como empreendimento. O cenário de mudanças econômicas na cidade foi durante o ano de 2007, quando os índices de crescimento produzidos pelos *royalties* da produção de energia superaram, inclusive, o das montadoras automobilísticas. Já no ano de 2012, dois anos depois do início da geração de energia, em 2010, a arrecadação se elevou significativamente.

Cabe ressaltar que as significações produzidas pela imprensa local e pelos memorialistas da cidade são de que a usina reinou soberana no processo de transformações econômicas de Catalão. Esta leitura qualifica o sentido positivo da SEFAC, pavimentando desde sempre o caminho para a sua aceitação ao interpretá-la como uma empresa que produz investimento e contribui para o progresso da região. Nessa lógica, suas medidas compensatórias, concretizando uma série de programas e atividades sociais, vão produzindo a memória que positiva a imagem da SEFAC, uma vez que ela atende tanto às demandas do poder público local quanto as de segmentos sociais e assistenciais, sejam locais ou regionais.

No entanto, é preciso considerar os rastros deixados pelo processo. Estes, revelam fissuras que permitem questionar o campo de construção da memória da SEFAC, que equivale a ideia de progresso à existência mesma do empreendimento. É, pois, evidente, que nem todas as transformações são positivas. Segundo Reis e Souza, o crescimento nos setores econômico, urbano e demográfico vem acompanhado também de um crescimento do índice de violência. O que, aliás, é uma das características das regiões em que usinas hidrelétricas são construídas. Utilizando das pesquisas produzidas com a implementação da UHE Belo Monte, no estado do Pará, os estudiosos destacam que a usina produziu uma série de transformações na região, mas, principalmente, impactos diretos na segurança pública.

As comunidades locais e a sociedade civil organizada assistem, passo a passo, à repetição dos mesmos cenários de degradação ambiental, exclusão, acirramento dos conflitos e crescimento dos índices de criminalidade, que fazem do estado do Pará um grande caldeirão de conflitos prestes a explodir a todo momento [...] A demanda por segurança pública gerada nos municípios próximos à UHE Belo Monte consolidou-se antes mesmo do início das obras. Somente com a notícia do leilão, da formação do consórcio construtor e, posteriormente, da concessão da licença prévia para o início da construção, um fluxo considerável de pessoas se dirigiu para os municípios localizados nas proximidades do projeto, o que causou um crescimento populacional abrupto e uma demanda gigantesca por policiamento [...]¹⁴⁹

Ainda considerando a usina de Belo Monte, os pesquisadores apontam que inclusive no cenário urbano, o empreendimento produz desajuste social. Eles observaram que o crescimento demográfico no entorno da usina foi acompanhado de um aumento significativo de violência na região. Para eles:

[...] Todos esses fatores podem ser considerados variáveis importantes para o crescimento do crime na região onde foi inserido o projeto da UHE Belo Monte, deixando evidente a vinculação do aumento da violência com as dinâmicas que envolveram a implantação da usina [...]¹⁵⁰

Isto posto, é necessário considerar que o significado do progresso como empreendimento não pode ser visto apenas pelo viés dos benefícios. No caso específico da SEFAC, ela também trouxe consigo mazelas e problemas que são parte constitutiva das transformações urbanas, mas que se elevaram exponencialmente no período de chegada da empresa.

Tomando Catalão como lócus representativo do conjunto de cidades que compõe o território alagado, é possível ler como é produzida a violência urbana. A partir de dados compilados pela Polícia Civil de Goiás, podemos visualizar como a violência também assumiu um lugar no cotidiano da cidade de Catalão. A tabela 12 qualifica e quantifica os delitos cometidos na cidade na mesma temporalidade em que foi construída a usina hidrelétrica. A tabela revela que

¹⁴⁹ REIS, João Francisco Garcia; SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. Grandes projetos na Amazônia: A hidrelétrica de Belo Monte e seus efeitos na segurança pública. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v.9, maio/ ago.,2016. p. 220.

¹⁵⁰ Id. Ibid., p 226.

entre os anos de 2006 e 2013, registrou-se um volume crescente de violência agrupada no número de furtos, roubos, homicídios, tráfico e posse de drogas.

TABELA 12

ÍNDICES DE CRIMINALIDADE EM CATALÃO, GO - 2006/2013								
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Furto	1.518	1.362	1.377	1.482	1.302	1.172	962	1.040
Roubo	87	76	104	119	101	108	96	166
Ameaça	384	347	356	397	399	499	430	338
Homicídio	12	6	10	19	29	39	27	13
Latrocínio	1	0	1	1	1	2	0	0
Tráfico	0	0	16	36	7	121	162	147
Associação ao tráfico	0	0	3	0	0	0	0	0
Posse de drogas	7	24	47	65	116	147	38	139
TOTAL	2.009	1.815	1.914	2.119	2.027	2.088	1.715	1.843

Fonte: Banco de dados da Polícia Civil do Estado de Goiás.

Ao analisarmos o comparativo apresentado na tabela 13, em relação ao estado de Goiás, os dados indicam que se estabeleceu em Catalão a lógica que alia o aumento da violência urbana com o desemprego. Observamos que o percentual de homicídios aumentou significativamente no período entre o início das obras (2007) e a inauguração da SEFAC (2010), quando, conforme vimos anteriormente, o índice de demissões pela empresa superou os índices de contratação.

TABELA 13

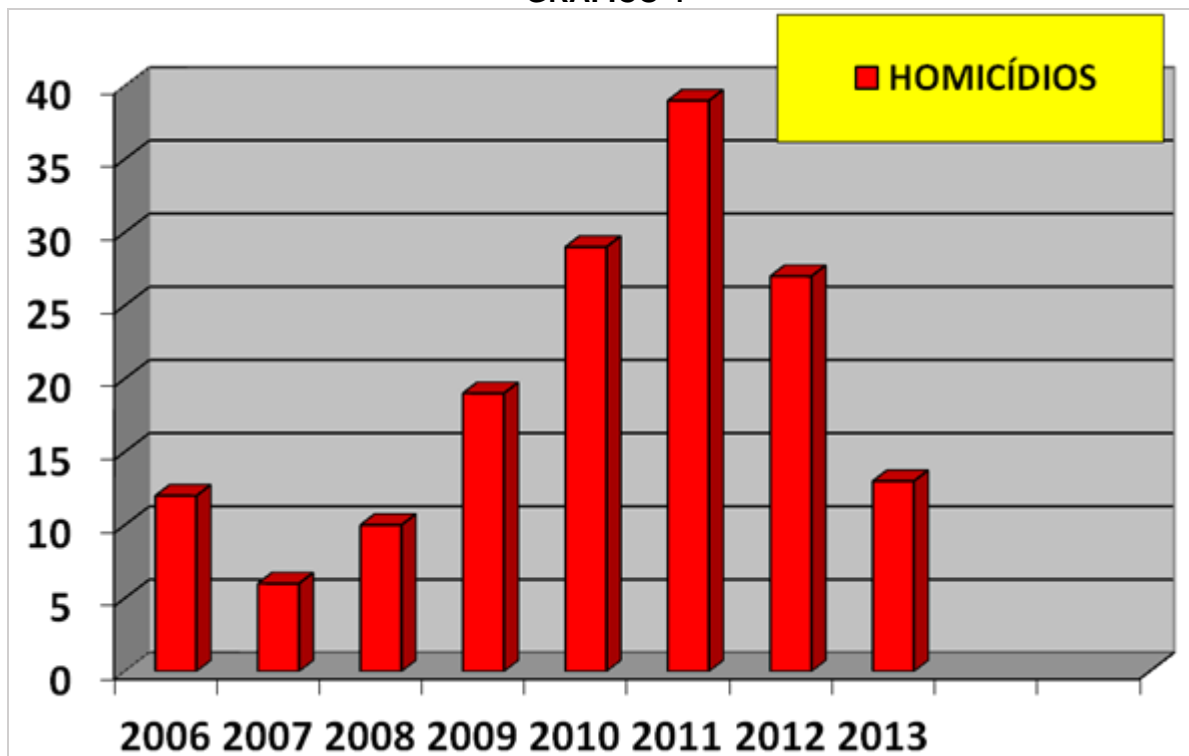
COMPARAÇÃO DE TXAS DE HOMICÍDIO – GOIÁS E CATALÃO			
	GOIÁS	CATALÃO	
	Nº Homicídios	Nº Homicídios	% em relação ao Estado de Goiás
2006	1410	12	0,85 %
2007	1426	6	0,42 %
2008	1754	10	0,57 %
2009	1792	19	1,00 %
2010	1896	29	1,52 %
2011	2214	39	1,76 %

Fonte: Banco de dados da Polícia Civil do Estado de Goiás.

Vistos “a contrapelo”, os dados ajudam a compreender a complexidade da realidade, pois se chocam com a construção de uma memória harmônica, consensual e sem problemas. Ao contrário, nos permitem vê-la como um campo de conflito e disputa, no qual saltam aos olhos o alto índice de criminalidade entre os anos de 2009 e 2012, tendo 2011 como auge. Este crescendo fica ainda

mais alarmante quando observamos, especificamente, o índice de homicídios em Catalão.

GRÁFICO 4

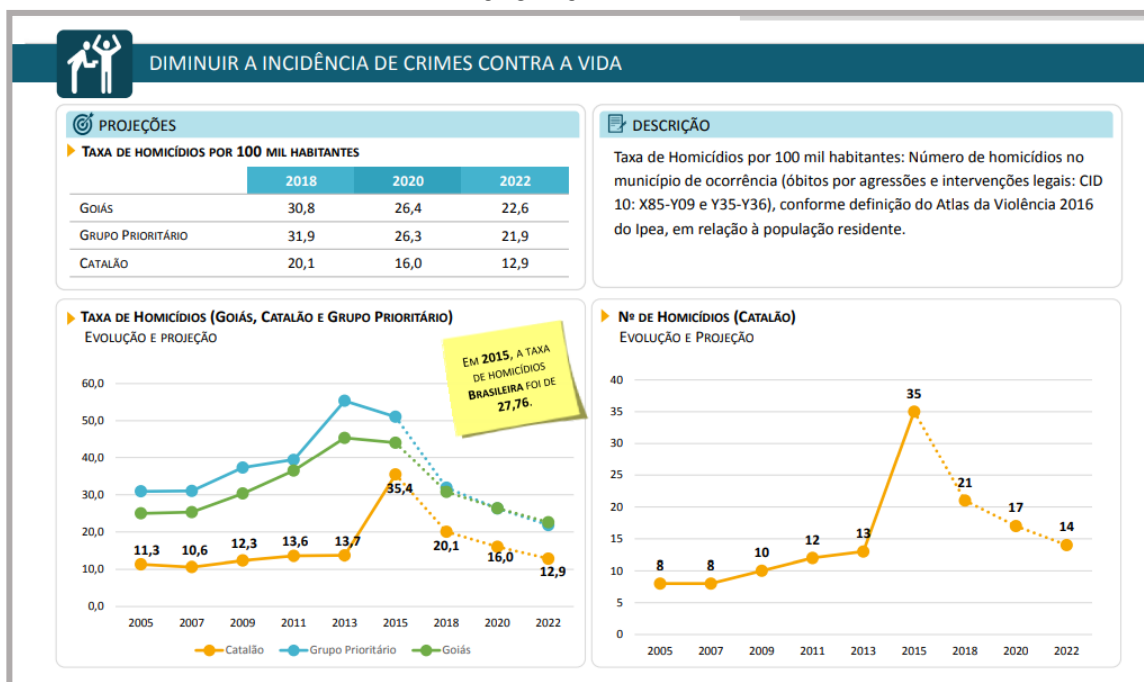


Fonte: Elaborado pelo autor, com dados da Prefeitura Municipal de Catalão, 2021.

É possível pensar que a violência experimentada em Catalão não se vincula, “necessariamente”, com os índices de desemprego relativos ao final das obras da SEFAC. Ao menos, é assim que pretende o discurso positivado da empresa, o qual desloca completamente o aumento da violência urbana com os impactos sociais que a usina produziu na região. Não deixa de ser interessante observar que na cartilha “Aliança Municipal pela Competitividade”, que celebra o compromisso entre o município de Catalão e o Governo de Goiás, não existe nenhum indicativo acerca das origens da violência urbana em Catalão e, menos ainda, com relação à sua alarmante taxa de homicídios em 2015¹⁵¹. Os crimes contra a vida são simplesmente naturalizados, como se existissem per se, sem qualquer vínculo com a realidade na qual se inscrevem.

¹⁵¹ SEGPLAN/GO. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento, Goiás. **Aliança municipal pela competitividade**: Catalão. Caderno de entregas e resultados. [S.l.], 2018. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2018-02/05---catalao---caderno-de-encargos.pdf>

FIGURA 5. Caderno de Entregas e Resultados – Taxas de Homicídio, Goiás e Catalão, 2018 -2022



Fonte: SEGPLAN/GO, 2018.

Perceba-se, assim, que o processo de afirmação da SEFAC – inserido na dinâmica que orienta as ações urbanas para aceitação e reconhecimento da usina hidrelétrica como símbolo e meio para o viver local – também se assenta sobre o silenciamento dos próprios dados da realidade. Dito de outra forma, quando os números e estatísticas dizem respeito a uma experiência cotidiana completamente destoante da harmonia do discurso e da memória, a narrativa se silencia sobre o protagonismo da SEFAC, devolvendo para a realidade a sua própria mazela. Este movimento narrativo, que naturaliza o conflito como parte inerente do real, o faz deslocando o olhar sobre as ações e agentes responsáveis pela geração dos conflitos sociais.

Desta forma, o reconhecimento da SEFAC como empreendimento equivalente de progresso deve ser lido à luz dos problemas que ela também projetou e projeta na nova reconfiguração urbana. Os níveis de insegurança em que a população local passou a viver são tais, que se tornou impossível o seu silenciamento. Ao lado das representações positivas do empreendedorismo que promove o progresso na região, terminam por ser registradas pela imprensa local também as dissonâncias e conflitos, ganhando destaques nas páginas policiais.

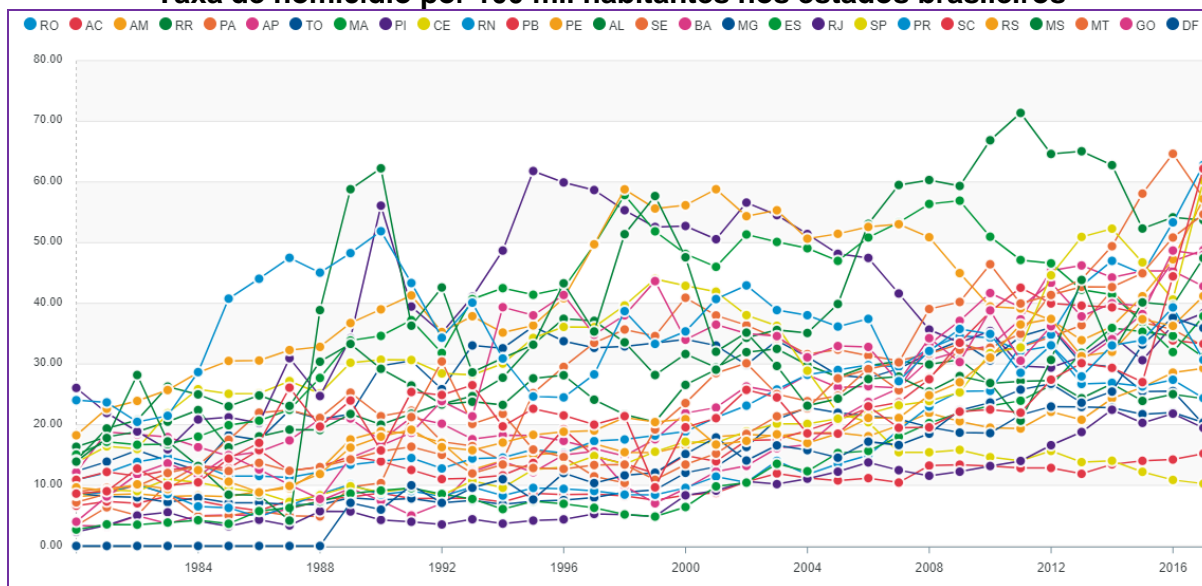
QUADRO 1. Fragmentos de conflitos registrados no “Portal Catalão Notícias” (2015)

DATA	TÍTULO	FRAGMENTO
29/10/2015	PM PRENDE TRÊS FORAGIDOS NAS ÚLTIMAS 24 HORAS EM CATALÃO Em um dos casos, a participação da população foi fundamental para recapturar o foragido	Nas últimas 24 horas, três foragidos da justiça foram recapturados pela Polícia Militar (PM) em Catalão. No primeiro caso, a PM recebeu informação que um homem havia furtado uma residência no bairro Santa Helena II. O segundo foragido recapturado foi no bairro Cruzeiro, onde uma equipe do GPT Motos em patrulhamento abordou um cidadão e, verificando os seus antecedentes, foi constatado que ele era foragido da justiça com mandado de prisão em aberto pelo crime de homicídio expedido pela Comarca de Catalão. O homem foi encaminhado ao presídio, ficando à disposição do poder judiciário. O terceiro foragido foi localizado no bairro Santa Terezinha e nesse caso, com a participação direta da população, através do WhatsApp Denúncia, foi possível realizar a prisão do indivíduo.
29/10/2015	PM PRENDE SUSPEITO DE ARROMBAR CAIXA ELETRÔNICO EM CATALÃO: Homem preso é suspeito de furtar caixas eletrônicos em Catalão e Goiânia	Um homem de 37 anos de idade foi preso na noite de terça (27) pela Polícia Militar (PM), no Setor Vale das Brisas, em Goiânia (GO), suspeito de arrombar pelo menos quatro caixas eletrônicos em Goiás.
01/11/ 2015	25° HOMICÍDIO FOI REGISTRADO EM CATALÃO - Número é 150% maior que o aceitável pela ONU	Na noite de sexta (30), por volta das 23:15h, mais um homicídio foi registrado na cidade de Catalão. O crime aconteceu no bairro Monsenhor Souza, e a vítima foi um jovem, João Pedro da Anunciação de 20 anos de idade. O rapaz estava no seu veículo, quando um motociclista se aproximou e efetuou vários disparos. A vítima não resistiu aos ferimentos e veio a óbito no local.
04/11/ 2015	NÚMEROS DE HOMICÍDIOS DISPARAM EM CATALÃO	A grande quantidade de homicídios registrados na cidade de Catalão no ano de 2015 vem chamando a atenção de toda a população. Em comparação, até o dia 03 de novembro de 2014, haviam sido registrados 14 homicídios na cidade. Em 2015 já são 27, o que praticamente dobra os números do ano anterior.
09/11/ 2015	BANDIDOS INVADEM CASA E AMARRAM MORADORES EM CATALÃO Na ação, os bandidos levaram um veículo e alguns pertences dos moradores da residência	A ocorrência de violência doméstica foi registrada no Loteamento Vale do Sol, onde uma denúncia anônima informava que um homem estaria arrastando uma mulher pelas ruas do bairro e essa mulher estaria grávida. Policiais de imediato se deslocaram até o local e constataram que vítima e agressor estavam dentro de uma residência, porém, o autor, ao perceber a presença da polícia, pulou a janela evadindo por um matagal, tomando rumo ignorado. Policiais atenderam a vítima, que é menor de idade e que está grávida de dois meses, e possuía um ferimento no braço. No momento da vistoria no local, os policiais encontraram, em cima do sofá, duas porções de droga, que possivelmente seriam maconha e crack. Os entorpecentes foram apreendidos e a menor foi levada ao Pronto Socorro da Santa Casa e também à Delegacia de Polícia para prestar esclarecimentos.

Fonte: Portal Catalão Notícias. Disponível em: www.portalcatalao.com.br

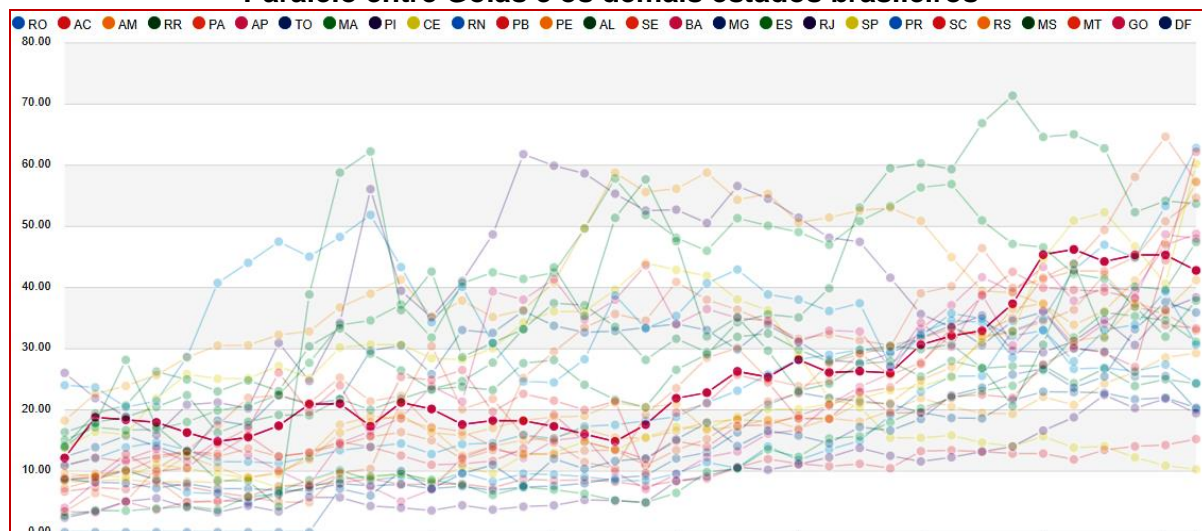
Quando observamos os efeitos da SEFAC no contexto estadual, nota-se que o estado de Goiás não destoa do cenário nacional mais amplo. As imagens a seguir, nos revelam dados do IPEA, em que se apresenta o comparativo das taxas de homicídio nos estados brasileiros, entre 1984 e 2016.

GRÁFICO 5
Taxa de homicídio por 100 mil habitantes nos estados brasileiros



Fonte: IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

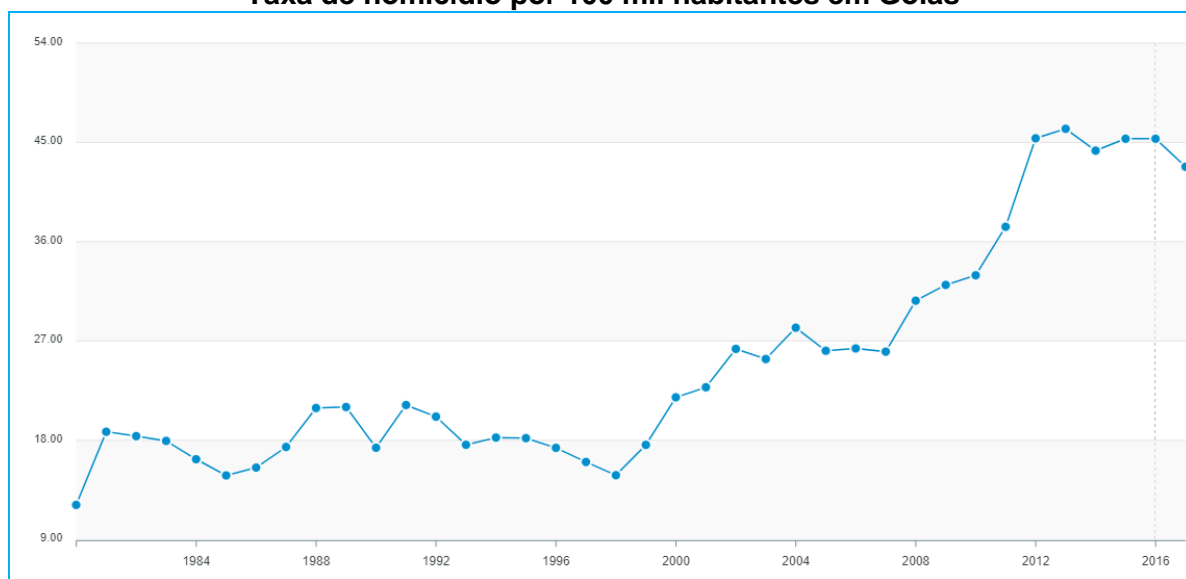
GRÁFICO 6
Paralelo entre Goiás e os demais estados brasileiros



Fonte: IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

Não obstante, ao ser destacado na sua especificidade, em se tratando das taxas de homicídio, o estado de Goiás apresenta um crescendo assustador entre 2008 e meados de 2015, período que coincide com a implementação da SEFAC em Catalão.

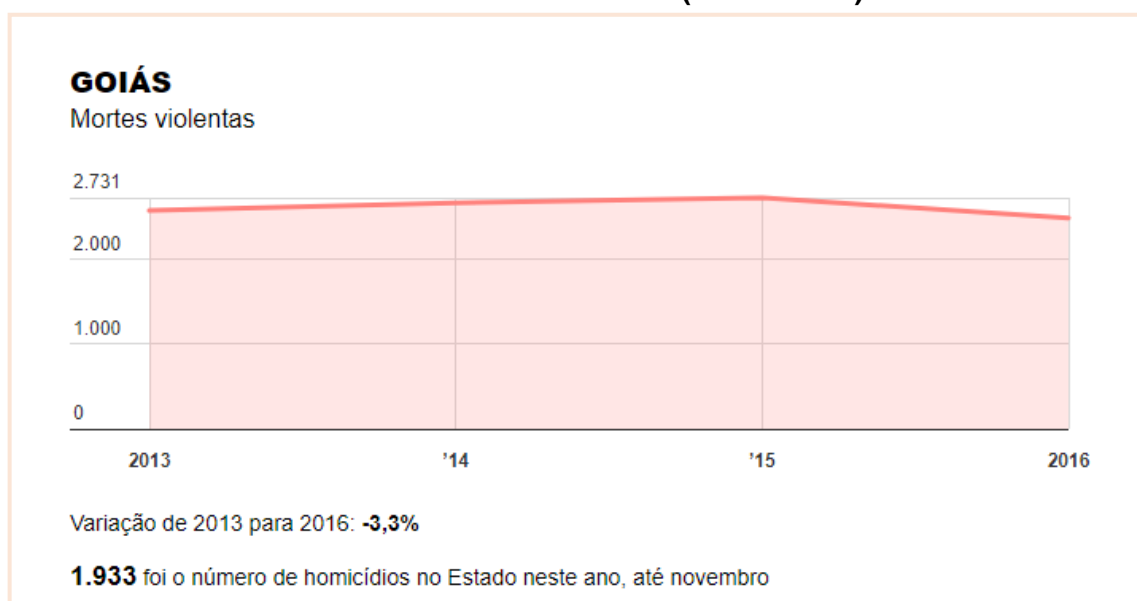
GRÁFICO 7
Taxa de homicídio por 100 mil habitantes em Goiás



Fonte: IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

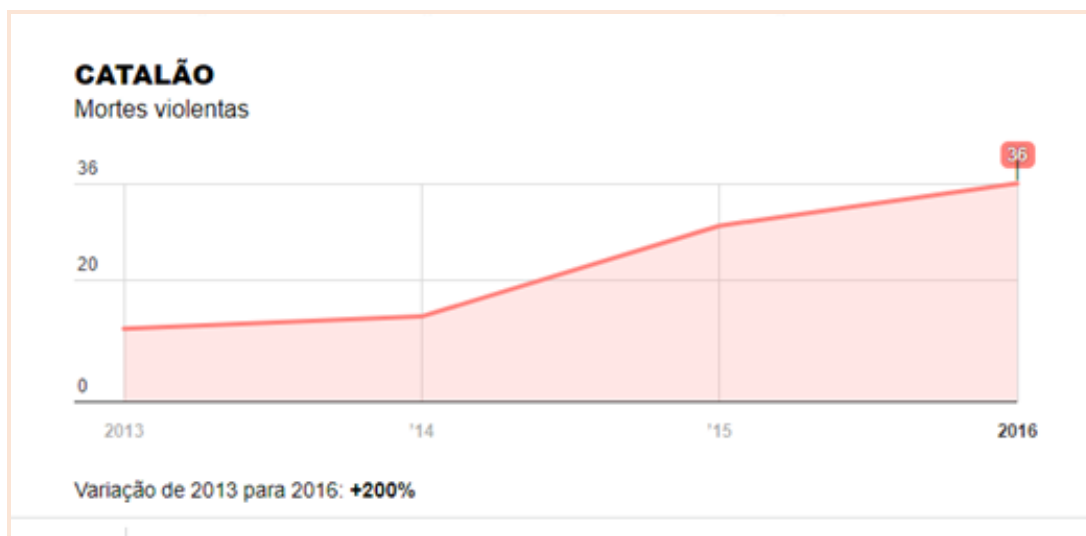
O aumento da violência urbana em Goiás no mesmo período de implementação da SEFAC, se evidencia quando se observam as taxas de mortes violentas em Catalão. A variação é significativa, pois entre 2013 e 2016 houve um salto de 200%, conforme demonstram os gráficos 8 e 9, a seguir.

GRÁFICO 8
Mortes Violentas em Goiás (2013 – 2016)



Fonte: Amâncio; Prado, 2017.

GRÁFICO 9
Mortes Violentas em Catalão, GO (2013 -2016)



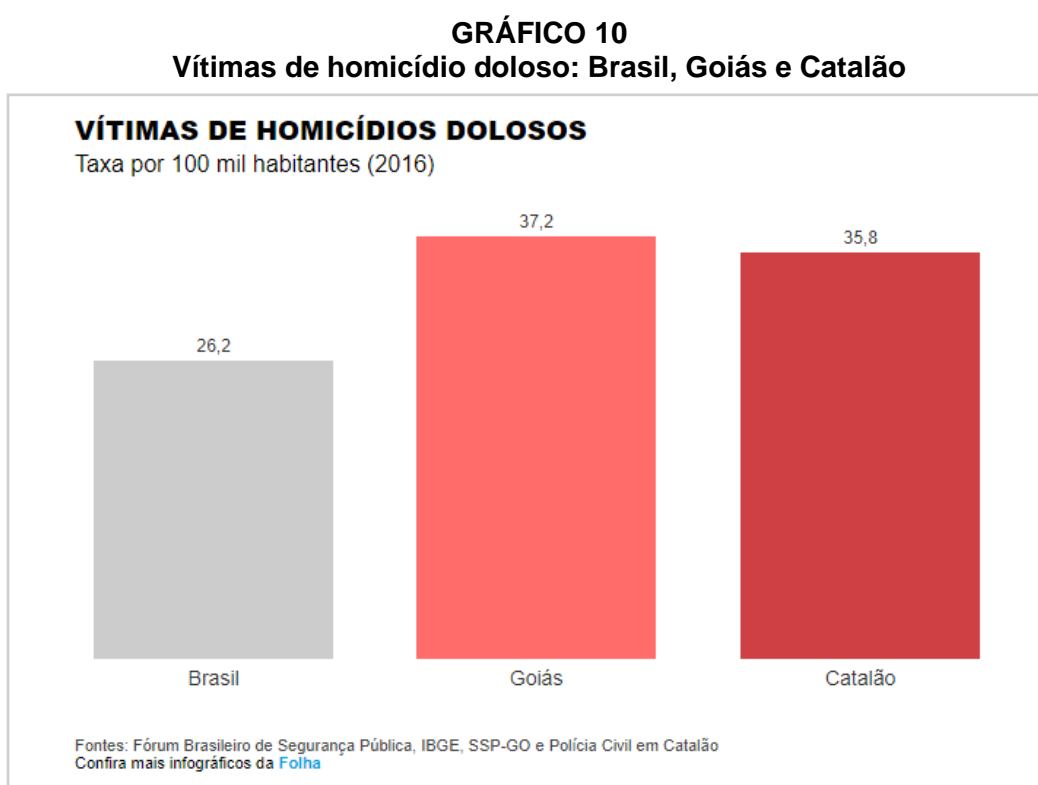
Fonte: Amâncio; Prado, 2017.

Os números acima, compilados a partir de dados da Secretaria de Segurança Pública de Goiás, ilustram uma matéria dramática publicada em dezembro de 2017, no jornal *Folha de São Paulo*, periódico de circulação nacional. Com título **“Matança no interior”**, a reportagem assinada por Thiago Amâncio e Avener Prado, enfoca a dinâmica das mortes violentas em diferentes lugares do país e, na matéria em tela, em Catalão. Já na chamada, os autores apresentam uma cidade que é o avesso da ordem veiculada pelo discurso harmonioso do progresso:

Guerra de facções e morte, viram rotina até em cidade pacata de Goiás. [...] Depois do boom veio a crise. "As pessoas vêm para cá, perdem o emprego e começam a roubar", diz o promotor Fernando Gomes Rosa. Os registros de roubos na cidade cresceram 269% entre 2013 e 2016, mostram dados do governo goiano. Além de tudo isso, há cerca de cinco anos, segundo o promotor, o PCC se instalou na prisão da cidade. "Nós tivemos que dividir as alas do presídio por facções. Eles não podem nem andar juntos na viatura, que se engalfinham e se matam. Olha o estado animalesco", diz ele. [...] Com a chegada da facção, o tráfico de drogas se especializou, estimulado pela BR-050, que liga o centro do país a São Paulo, estado origem do PCC. "Nós tínhamos tráfico, que tem em todo lugar, mas começou a se profissionalizar", diz, citando o crack como o principal problema. [...] "A cidade cresceu, o crime se especializou, e a polícia reduziu o efetivo", resume o promotor, que diz que, em 10 anos, a Polícia Militar na cidade perdeu 100 de seus 250 agentes [...] As brigas entre quadrilhas chegaram às ruas, explica o delegado Jean Carlos Arruda. "Formaram-se gangues de bairros rivais,

disputando o tráfico de drogas. Hoje, quem não morreu está preso"¹⁵².

A título de comparação, a matéria também ilustra seus dados apresentando os percentuais de homicídios dolosos, por 100 mil habitantes, apenas no ano de 2016. Ao colocar lado a lado as taxas do Brasil, do estado de Goiás e de Catalão, os números revelam uma realidade assustadora:

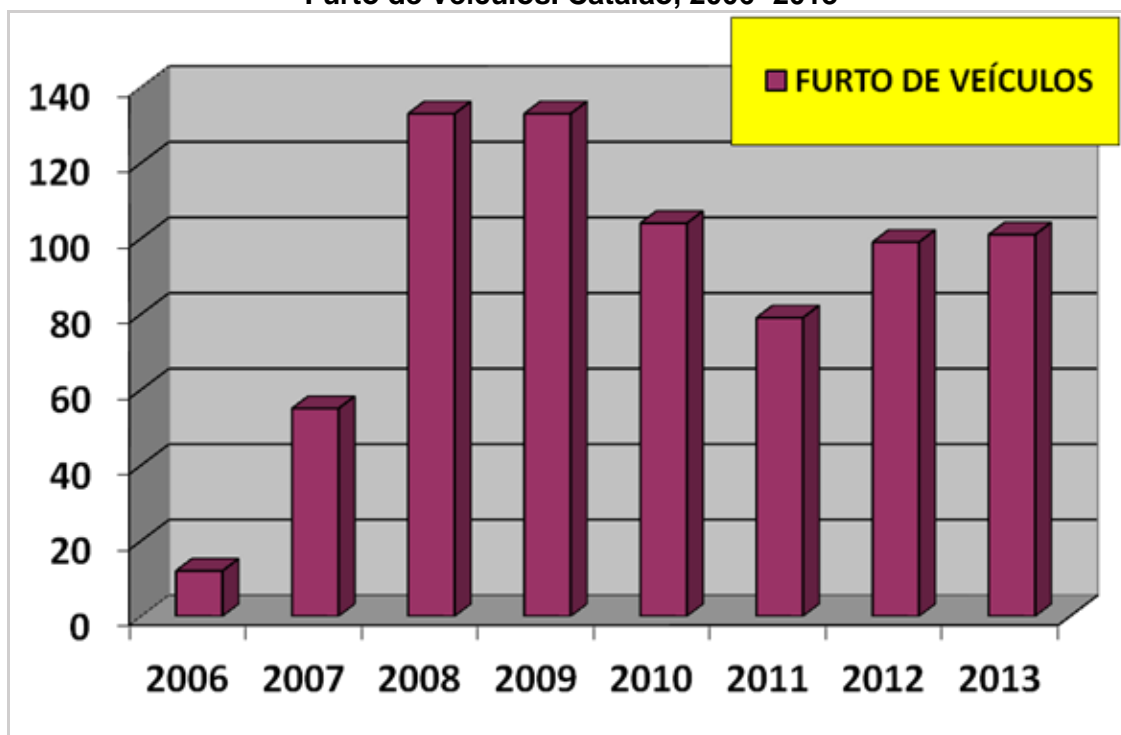


Fonte: Amâncio; Prado, 2017.

Vale lembrar, ainda, que a violência resultante desse processo no espaço urbano, não está apenas vinculada a homicídios. Em se tratando de furtos de veículos, por exemplo, podemos ver um crescente a partir de 2007. Esses números pouco se alteraram nos anos subsequentes, embora os furtos em estabelecimentos comerciais tenham caído a partir de 2011.

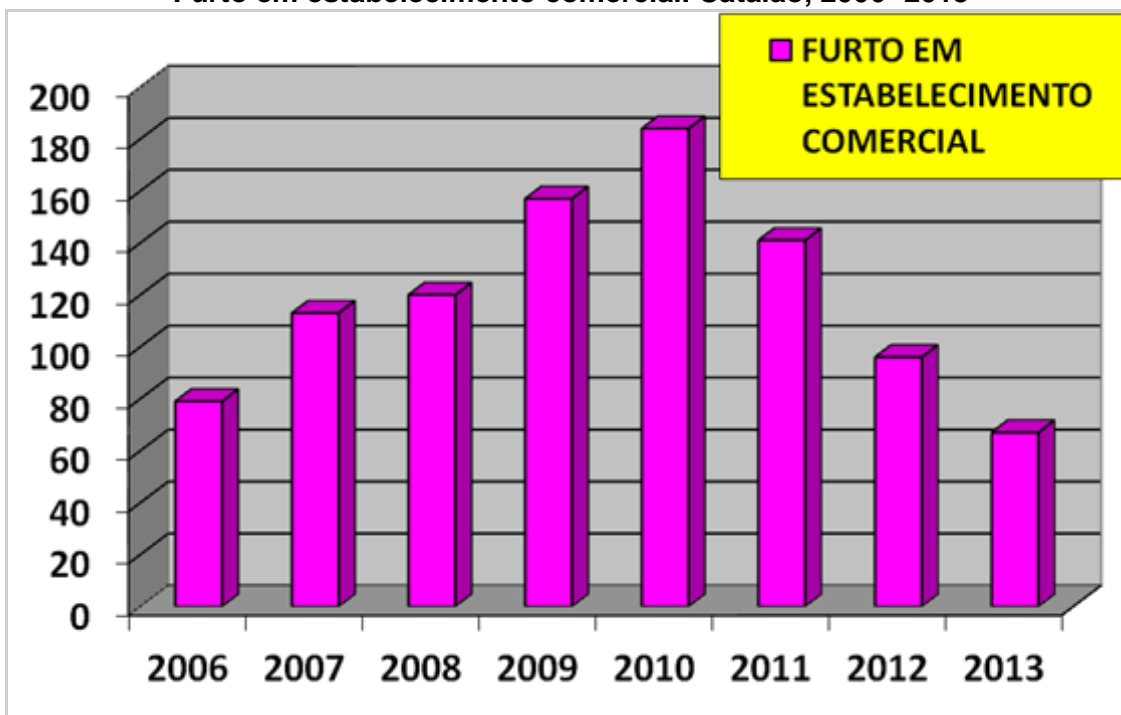
¹⁵² AMÂNCIO, Thiago; PRADO, Avenir. Matança no interior. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2017, online. Disponível em: temas.folha.uol.com.br/matanca-no-interior/catalao-go/guerra-de-faccoes-e-mortes-viram-rotina-ate-em-cidade-pacata-de-goias.shtml Acesso em: 13 jul. 2020.

GRÁFICO 11
Furto de Veículos. Catalão, 2006 -2013



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados da Prefeitura Municipal de Catalão, 2021

GRÁFICO 12
Furto em estabelecimento comercial. Catalão, 2006 -2013



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados da Prefeitura Municipal de Catalão, 2021

Para a socióloga Michele Cunha Franco, as razões para o aumento dos índices de violência em Catalão, decorrem do descompasso entre o fluxo migratório e as respostas do poder público:

De uma hora para outra houve um aumento na oferta de empregos, o que fez com que Catalão ficasse mais atrativa. [...] [Catalão] tornou-se um polo econômico, e a cidade não acompanhou esse fluxo migratório com serviços públicos essenciais condizentes, como segurança pública, moradia e educação¹⁵³.

Por outro lado, ao refletir sobre a mesma temática, Edir de Paiva Bueno considera que Catalão passou por uma situação semelhante no passado, com a privatização da antiga estatal Goiás fértil, voltada à extração de fosfato ¹⁵⁴. Segundo o autor, a conclusão do processo de privatização levou à demissão de um grande contingente de trabalhadores. E, mesmo com a chegada de novas empresas à cidade, nem todos foram absorvidos pelo mercado de trabalho uma vez que a "[...] oferta de empregos não acompanhou o crescimento da população no período entre 1970 e 2000".¹⁵⁵ Bueno prossegue, traçando um paralelo entre a chegada das mineradoras em Catalão, com a SEFAC observando que a falta de mão de obra especializada levou à contratação de profissionais em outras regiões do país. Segundo ele:

[...] o perfil do desemprego em Catalão não é muito diferente daquele que acomete as regiões e cidades mais desenvolvidas do país, ou seja, há empregos que não são preenchidos pelos trabalhadores residentes na cidade em função de não estarem qualificados para ocupar as vagas oferecidas. Em função desta situação, muitas empresas acabam contratando trabalhadores de outros lugares do país, que preenchem os requisitos por elas solicitados. Isto tem ocorrido frequentemente nos casos das indústrias de fertilizante e automobilística. Um exemplo recente desta dificuldade na contratação de trabalhadores qualificados residentes no município foi constatado por uma empresa que iniciava a construção de uma barragem para uma usina hidroelétrica pois, não conseguia empregados que pudessem operar as máquinas pesadas utilizadas na obra [...]¹⁵⁶

¹⁵³ Id. Ibid.

¹⁵⁴ BUENO, Edir de Paiva. **Dinâmica demográfica e a conformação socioespacial da cidade de Catalão (GO):** uma análise dos níveis de desenvolvimento humano entre 1970 e 2000. Tese (Doutorado Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Curso de Pós-Graduação em Geografia. Rio Claro (SP): UNESP, 2006. p. 188.

¹⁵⁵ Id. Ibid., p 245.

¹⁵⁶ Id., Ibid., p 247

Estes cenários evidenciam que o progresso como empreendimento tanto produz benefícios socioeconômicos, quanto violência social e ambiental. Logo, considerando-se as reflexões de Bueno, é preciso ponderar que a chegada da UHE na região acentuou um processo que já estava em curso, embora não acelerado. Isto posto, devemos acrescentar ao panorama que já vinha se configurando, a chegada de novos personagens que se deslocaram para Catalão, empurrados ou atraídos pela usina. Dentre estes se encontram os sujeitos expulsos do campo em função do alagamento de suas terras; os trabalhadores especializados ou não que buscavam por melhores condições de vida e emprego; um contingente substancial de trabalhadoras do sexo, acostumadas a “correr trecho”, em busca de clientes barrageiros, que trabalham periodicamente na construção de hidrelétricas. Um volume populacional muito grande se deslocou para Catalão, aumentando uma série de demandas sociais as quais não foram respondidas integralmente pelo município. A distância, portanto, entre as pressões sociais e as respostas do poder público fomentou o conflito e a violência, explodindo da mesma forma em outros lugares e regiões que vivenciaram a construção de hidrelétricas. Como lembra Bueno, referindo-se ao Pará:

[...] a partir do início da construção da usina, um vigoroso crescimento da violência, que atinge a população nos cinco municípios diretamente afetados pelo projeto em dimensões proporcionalmente muito maiores do que acontece em outras sub-regiões do estado do Pará. Tais municípios tiveram sua estrutura social, econômica e ambiental profundamente alterada com a chegada das empreiteiras encarregadas da construção e a migração de grandes contingentes de pessoas oriundas de todas as partes do Brasil. Tal mudança, ocorrida em um curto período de tempo, modificou profunda e bruscamente as formas tradicionais de interação cultivadas pelos moradores nativos da região, e pressionou de maneira vertiginosa os gestores locais e estaduais para oferecerem serviços públicos em quantidade e qualidade – reivindicações muito difíceis de serem atendidas, entre outros motivos, pela escassez de recursos vinculados ao projeto para o atendimento das novas necessidades exigidas pela população [...] ¹⁵⁷

¹⁵⁷ BUENO, Edir de Paiva. **Dinâmica demográfica e a conformação socioespacial da cidade de Catalão (GO)**: uma análise dos níveis de desenvolvimento humano entre 1970 e 2000. Tese (Doutorado Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Curso de Pós-Graduação em Geografia. Rio Claro (SP): UNESP, 2006. p. 226/227.

Como vimos, no mesmo passo com que um grande empreendimento ajuda a dinamizar a economia local, o aumento demográfico exige uma série de políticas públicas para absorver as demandas geradas durante o processo. Todavia, nem todos conseguem postos de trabalho com o término das obras, repetindo um ciclo que ocorre em todas as regiões do país que recebem grandes operações temporárias. Não há como o mercado de trabalho absorver toda a mão de obra excedente, principalmente daqueles que não possuem especialização ou estudo, o que pode impactar de forma direta nos índices de criminalidade. Conforme Garrido, trata-se de um movimento amplo e complexo cuja origem é a crise econômica:

A situação econômica é forte influência nos fenômenos da criminalidade, temos políticas salariais arbitrárias; grandes indústrias fechando suas portas por estarem passando por crises; atividade comercial não expandindo; desempregos e dificuldade de achar colocação no mercado de trabalho; aumento velado da inflação e especulação, aumentando o baixo poder aquisitivo popular e finalmente sob o escudo protetor da justiça, muitos acumulam riquezas, pelas leis que fazem para proteger a coletividade, e que, na verdade camuflam a impunidade dos potentados da exploração da economia popular. A resultante é que a maioria dos explorados parte para o crime, multiplicando-se tão vorazmente que a criminalidade toma, segundo Liszt, “um caráter patológico-social” [...] ¹⁵⁸

Em Catalão, as transformações impressas na experiência dos sujeitos, com a chegada da Usina, produziram uma paisagem de benefícios efêmeros e contribuíram para o quadro de violência, que passou a compor, de forma aguda, o cotidiano local. Por este motivo, a migração não deve ser taxada como a causa por excelência da violência ou do aumento da mesma nas cidades que compõem o território inundado. Na verdade, a migração é produto do processo que, por definição, necessariamente gera o desemprego, pois ao seu término fecham-se os postos de trabalho, chamarizes para a mão de obra, deixando os antigos trabalhadores entregues à própria sorte e aumentando as desigualdades sociais da realidade que o empreendimento transformou. Assim podemos entender que esta é uma questão de estado e de ausência de políticas públicas efetivas.

¹⁵⁸ GARRIDO, Adriana Cristina O. Fatores sociais de criminalidade. **Revista do Núcleo de Criminologia**. v. 13. Faculdade Atenas, Paracatu, 2014. p. 2.

Um número muito expressivo de trabalhadores migra em busca de oportunidades e no caso dessa região, especialmente de Catalão, não foi diferente. Deste modo:

[...] a migração e a imigração sempre trazem consequências para a convivência social. Tanto para aqueles que chegam, quanto para aqueles que já estão situados no lugar escolhido pelos imigrados e migrados. Esse convívio pode gerar conflitos sociais, pois novos costumes, usos, valores e hábitos são trazidos para dentro da nova coletividade escolhida. A dificuldade de absorver novos imigrantes e migrantes no mercado de trabalho provoca o aumento da pobreza e da miséria, sendo fatores que desencadeiam a criminalidade [...]¹⁵⁹

É preciso considerar que a ideia do progresso como empreendimento produz um novo imaginário, alimenta sonhos e euforia, conduzindo a população na forma de perceber a realidade. Todavia, o otimismo com as benesses minimiza os aspectos negativos inerentes à construção de uma UHE, como, por exemplo, a violência. Na medida em que a usina se torna uma realidade, a violência é derivativa do processo, tendente a crescer ao longo do tempo.

Não por acaso, o próprio Plano de Desenvolvimento do estado de Goiás reconhece que os migrantes no estado compõem um quadro de maioria desempregada, com pouca escolaridade e, quando empregada, com a menor média de remuneração em relação aos estados da região Centro Oeste.

[...] os migrantes de Goiás também possuem, em relação à média do estado, menor proporção de pessoas com 15 anos ou mais com ensino médio completo ou superior, maior desemprego, menor remuneração média e renda domiciliar per capita, e maior analfabetismo funcional entre os ocupados. E na comparação com os demais estados da região, os migrantes de Goiás apresentam pior situação em todos esses indicadores [...]¹⁶⁰

O Plano também observa que o fluxo migratório mais recente somado ao perfil da população de migrantes (menor renda, maior desemprego e menos escolaridade) tem aumentado a pressão sobre os serviços e, ainda, sobre a

¹⁵⁹ GARRIDO, Adriana Cristina O. Fatores sociais de criminalidade. **Revista do núcleo de criminologia**. Volume 13. Faculdade Atenas, Paracatu, 2014. p. 14.

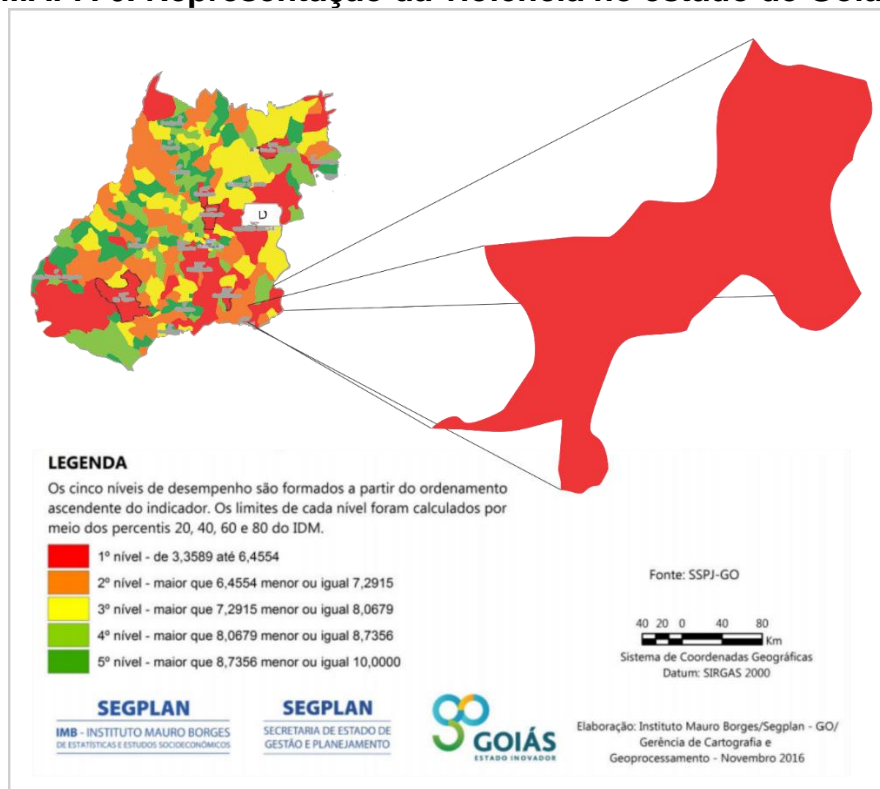
¹⁶⁰ Plano de Desenvolvimento de longo prazo - Evolução de Goiás nas duas últimas décadas - Análise Retrospectiva - Setembro 2016 - Governo de Goiás - Macroplan (Prospectiva, Estratégia e Gestão). p. 21. Disponível em: http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2018-03/02_goias2038_analise_retrospectiva.pdf

dinâmica urbana. A equação, por certo, é explosiva. De acordo com publicação da Secretaria de Segurança Pública do estado:

[...] os municípios com menores incidências de crimes têm sua economia menos desenvolvida enquanto que municípios e regiões metropolitanas apresentam altas taxas de criminalidade. Esse fato aponta para teorias que, ao contrário da comum associação entre pobreza e incidência de crimes, defendem que municípios com menos incidência de crimes são os mais pobres. Segundo esses autores, riqueza e maior circulação de dinheiro estão mais associados a maior prevalência de crimes. Além disso, defendem que a associação entre pobreza e criminalidade é fruto do foco dos agentes do Estado encarregados de combater os crimes nos cidadãos pobres, ou seja, na criminalização da pobreza [...]¹⁶¹

Para reafirmar essa linha de pensamento, o estado de Goiás apresenta em seu Informe Técnico, um mapa contendo as regiões mais e menos afetadas pela violência¹⁶².

MAPA 6. Representação da violência no estado de Goiás



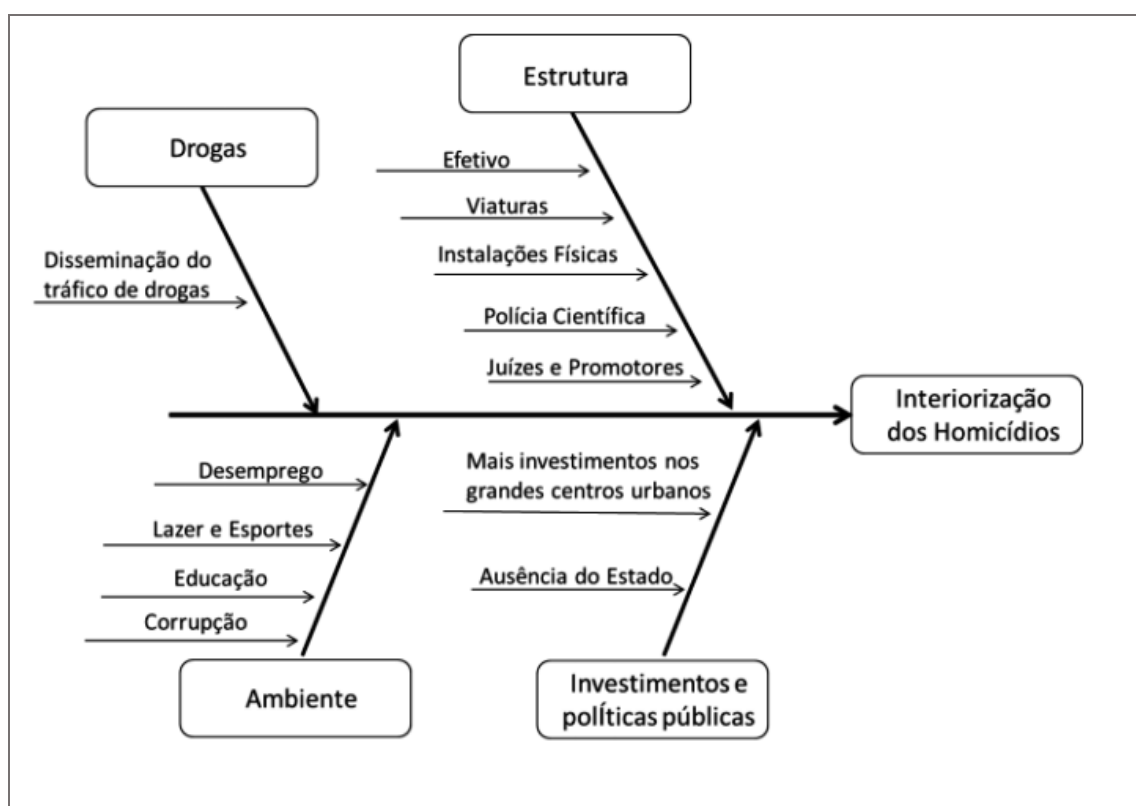
Fonte: Instituto Mauro Borges / Segplan-GO. Disponível em: www.imb.go.gov.br

¹⁶¹ Informe técnico nº 08/2017 - Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos - Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia, 2001. p. 3. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/informes-tecnicos/2017/08-idm-seguranca-publica-201705.pdf>

¹⁶² A criação desse mapa é composta por 5 variáveis: crimes contra a dignidade sexual, crimes contra a pessoa, crimes contra o patrimônio, contravenções penais e tráfico de drogas. Idem, p. 1.

Entre as regiões destacadas, Catalão se sobressai como uma das mais violentas, ao lado de grandes centros como a capital Goiânia. Considerada cidade polo na sua região, encontra-se na área interiorana do estado. Além disso, enquanto a capital Goiânia possui cerca de um milhão e meio de habitantes, a cidade possui uma média de cento e dez mil. Mesmo sendo dez vezes menor, o município do interior vive dramas semelhantes aos da capital no quesito violência urbana.

FIGURA 6. Diagrama. Interiorização de homicídios



Fonte: SILVA, 2018. p. 99.

Segundo Phillip Cesar Silva, os grandes centros são os que mais dispõem de investimento em relação à segurança pública, enquanto as cidades interioranas se adequam a um orçamento limitado¹⁶³. Nessa perspectiva, as cidades interioranas sofrem com a ausência efetiva do Estado, configurada no baixo número de efetivo policial, viaturas precárias ou inadequadas, como

¹⁶³ SILVA, Phillip César Albuquerque. **A interiorização da violência: a dinâmica dos homicídios no Brasil (2004-2015)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Recife, 2018. p. 92.

caminhonetes para patrulhamento rural e viaturas descaracterizadas muito utilizadas em investigações. Assim,

[...] a interiorização da violência pode ser explicada a partir de quatro dimensões: (1) ausência do Estado em municípios menores; (2) maiores investimentos, em políticas públicas, nos grandes centros urbanos, (3) falta de oportunidade para os jovens e (4) a disseminação do tráfico de drogas para o interior [...].¹⁶⁴

Todos os aspectos levantados por Silva podem ser acompanhados no diagrama ilustrado pela Figura 6, no qual observa-se o traçado dos problemas, antes característicos de grandes centros, para as regiões interioranas.

O sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz reforça essa teoria ao afirmar que o crime migrou para o interior por ser mais combatido nos grandes centros nos dias atuais. Por essa ótica, as grandes cidades, principalmente as regiões metropolitanas, tornaram-se prioridade nas políticas públicas de segurança, uma vez que ali estaria a concentração de crimes. No entanto, essa prática redundou em um efeito cascata, no qual a violência se instala em cidades interioranas, carentes de políticas públicas de segurança. Para Waiselfisz:

[...] investimentos nas capitais e nas grandes Regiões Metropolitanas declaradas prioritárias a partir do novo Plano Nacional de Segurança Pública de 1999, e do Fundo Nacional de Segurança, instituído em janeiro de 2001, fizeram com que fossem canalizados recursos federais e estaduais, principalmente para aparelhamento dos sistemas de segurança pública. Isso dificultou a ação da criminalidade organizada, que migra para áreas de menor risco [...].¹⁶⁵

No entanto, Waiselfisz deixa claro que a principal explicação para o aumento da criminalidade nas cidades interioranas, como Catalão, é a sua transformação em polo econômico. A equação da interiorização da violência conta com os investimentos de grandes empresas e a migração de trabalhadores em busca de empregos e melhores condições de vida. Ou seja:

¹⁶⁴ Id. Ibid., p. 115.

¹⁶⁵ WAISELFISZ, Julio Jacobo **Mapa da violência 2011: os jovens no Brasil**. Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011. p. 52.

[...] Essa interiorização não significa que as taxas do interior sejam maiores que as dos grandes conglomerados urbanos. Significa, simplesmente, que é o interior que assume a responsabilidade pelo crescimento das taxas de homicídios, e já não mais as capitais ou as metrópoles. Restaria, ainda, indagar sobre os possíveis fatores determinantes dessa reversão. Em primeiro lugar, a emergência de polos de crescimento em municípios do interior de diversos estados do país torna-se atrativa para investimentos e para as migrações pela expansão do emprego e da renda. Todavia, convertem-se, também, em polos atrativos, pelos mesmos motivos, para a criminalidade, em ausência de esquemas de proteção dos aparelhos do Estado [...]¹⁶⁶

Destarte, o alto índice de violência observada em Catalão, é a face disruptiva da representação de harmonia, veiculada midiaticamente para celebrar a cidade em franca expansão, atraindo toda sorte de pessoas. Dito de outra forma, um número expressivo de sujeitos que migraram para a cidade, em busca de melhores condições de vida, acabam experimentando as desilusões do progresso simbolizado pela SEFAC.

As representações construídas em torno da UHE Serra do Facão, com vistas a criar uma memória harmoniosa, de um progresso sem conflitos e “para todos”, encerram, em si mesmas, um índice notável de violência, posto que não encontram qualquer guarida na experiência cotidiana dos sujeitos comuns. Nunca é demais lembrar que o surto de progresso econômico, que espalha a riqueza indistintamente é em si uma construção e, além disso, se mal e mal se realiza, a bonança é efêmera. Concluídas as obras, sobrevém o desemprego, restando para a cidade uma massa social destituída, marginalizada e potencialmente explosiva.

Nos dez anos de operação comercial da UHE Serra do Facão na região do rio São Marcos, além dos *royalties* gerados e dos vultuosos repasses às prefeituras, há as doações realizadas, fruto das ações compensatórias, conforme reza o Plano Básico de Execução e Termo de Referência. Mas, nenhum desses repasses equaciona os impactos produzidos por sua implantação, dentre eles, a violência urbana. A riqueza gerada pela SEFAC não soluciona os problemas que ela mesma produziu no complexo ecossistema biossocial transformado pela usina.

¹⁶⁶ Id. Ibid., p.51-52.

2.4. Turbinas da história: narrativas oficiais dos 10 anos de SEFAC no entorno do São Marcos

A construção de uma memória que define o progresso como empreendimento, é uma ação contínua, instrumentalizada pela SEFAC, com vistas a garantir seu reconhecimento social em Catalão. Busca-se a aceitação da usina hidrelétrica como um novo lugar de memória, que interfere de forma positiva na realidade local.

Nesse sentido, as considerações de Carlos Alberto Vesentini¹⁶⁷, acerca da construção da memória histórica, explicam mais uma vez o processo promovido continuamente pela SEFAC. Observa-se que vencer a disputa pela memória está para além do momento crucial em que se dá a vitória política. Trata-se de garantir, para a posteridade, a leitura da história sob a própria lente, ou seja, garantindo o próprio protagonismo e positividade na interpretação do “fato” histórico. Sob este ponto de vista, o fato trata-se, é claro, de uma criação “do vencedor”, ou seja, daquele que garantiu o seu heroísmo na narrativa histórica, perpetuando a própria memória.

Ao longo da sua existência, a SEFAC promoveu uma série de ações compensatórias na região, as quais, de forma alguma, foram gratuitas. Pelo contrário, conforme a leitura que abraçamos em Vesentini, visam construir a *memória do vencedor*, justificando a necessidade do empreendimento como corolário do progresso.

É desta forma que devemos considerar o caráter da comemoração dos 10 anos da empresa, completados em junho de 2020. Na época, criou uma miríade de ações destinadas a celebrar a sua existência na região Sudeste de Goiás. Assim, não mediu esforços para que diversos canais, produtores de memória, ecoassem nas mais diversas direções, que a SEFAC contribuía com o progresso da região. Nessa lógica, se valeu da publicidade de suas ações em diferentes meios de comunicação locais e em seu site oficial, destacando a integração da empresa na vida econômica e social por meio de suas operações comerciais.

¹⁶⁷ VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do fato**. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997.

Nessa dinâmica, fez do novo lugar de memória, a usina hidrelétrica, o elemento da celebração e ponto de convergência de uma história que se desenrolou à luz das transformações operacionalizadas por esse marco, ou seja, *por este fato*, determinando a reinserção da região na rota do progresso.

Os quadros da memória, veiculados pela imprensa, foram compostos por um mosaico de figuras contendo a empresa, a turbina e a geração de energia, trazendo no centro a logomarca comemorativa e, ainda, a imagem de funcionários, de modo a enaltecer a ideia subjacente de progresso e desenvolvimento. Nas redes sociais, notadamente em sua página do *Facebook*, a empresa vinculou um vídeo institucional de cerca de um minuto, exaltando a relevância da sua atuação para a geração de energia no país e mencionando, de forma breve, algumas de suas responsabilidades sociais. Trata-se de uma maneira de evidenciar que as ações da empresa colocaram o interior do Goiás na senda do progresso nacional, ressaltado que a existência da UHE era o seu símbolo.

FIGURA 7. Cartaz comemorativo dos dez anos da UHE Serra do Facão



Fonte: www.sefac.com.br

FIGURA 8. Print de tela. Facebook da SEFAC



Fonte: https://web.facebook.com/serradofacaoenergia/?_rdc=1&_rdr

As significações foram difundidas numa pluralidade de suportes e linguagens, de modo a renovar a memória do progresso como empreendimento. Elemento expressivo dessa estratégia, o mesmo vídeo foi vinculado na plataforma *Youtube*, no canal da empresa. O texto narrado em voz *over* diz o seguinte:

[...] Já se passaram dez anos. Há dez anos a usina Serra do Facão iniciou a geração de energia em escala comercial. São muitos motivos para nos orgulharmos de sua história, reconhecida pelo compromisso socioambiental com a sociedade, mantendo e operando a usina com segurança, qualidade e responsabilidade, com uma força de trabalho altamente qualificada. É atualmente a usina com o quinto maior índice de disponibilidade de energia do país. O volume de energia gerado nesse período de dez anos seria capaz de abastecer por um mês o equivalente ao estado de São Paulo. Com população de quarenta e quatro milhões de habitantes. Responsabilidade, comprometimento, sustentabilidade... Parabéns a todos que fizeram parte de mais essa conquista! Que venham muitos e muitos anos de sucesso e de contribuição com o país e sua gente. A empresa segue em frente com energia renovada! [...] ¹⁶⁸

A celebração visa evidenciar a produção de sentido, que simboliza o lugar de memória ocupado pela hidrelétrica, como catalisador do progresso empreendido no território, tornando-o visível pela população da região e do país.

¹⁶⁸ Narração do vídeo institucional de comemoração aos dez anos de funcionamento comercial, transcrita por: OLIVEIRA, Anderson A. G. de. Fevereiro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iKEImR44MYw&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0XMy6l0JrjmjMEltZlayjKxkljC2zrxmh-mVJOgA0_vdOk4jSCYFh1N0

Por este prisma, as contribuições da SEFAC na promoção do progresso na região, tornam-se incontestáveis.

É por esta razão que a narrativa imagética utiliza de fragmentos, presentes no vídeo da represa e do sistema de geração de energia, mas todos os funcionários que aparecem estão de costas e sem visibilidade. De forma tímida, mas altamente simbólica, a narrativa visual apresenta duas crianças plantando uma árvore, no momento em que o vídeo remete à questão socioambiental.

A autocelebração da SEFAC renova uma memória que busca se efetivar na lembrança dos benefícios e contribuições, em detrimento da violência produzida no espaço urbano, no desenraizamento do campo e na destruição ambiental. Ao celebrar liga-se o ocultar, silenciar e apagar as contradições inerentes à existência da SEFAC na região. Com este objetivo, a empresa veiculou nos jornais locais um *release* comum a todos, afirmando sua relevância no cenário nacional de energia:

[...] Há 10 anos, a UHE Serra do Facão entregava, oficialmente, seus primeiros megawatts [MW] ao Sistema Elétrico Interligado – SIN –, consolidando-se como um dos principais empreendimentos de geração de energia hidrelétrica na região do cerrado brasileiro. Nos dias 12 de julho e 7 de agosto do ano de 2010, era liberada, no Diário Oficial da União, a geração comercial das Unidades Geradoras 01 e 02, respectivamente, permitindo à Serra do Facão a geração de energia em sua plenitude. Desde então, a Usina vem cumprindo seu importante papel de fornecer energia limpa, renovável e sustentável ao País [...]¹⁶⁹

Entretanto, as questões dissonantes, que se interligam à existência da SEFAC, habitam o espaço estreito e relativamente opaco, entre a memória e o esquecimento. Por não deixarem de existir, porque *interligadas*, deixam rastros na cena de harmonia progressista. Pelas fímbrias, emergem lembranças outras, apontando que o soerguimento da usina hidrelétrica também significou o tratamento de ações que se vinculam ao caminho da empresa; ao diálogo com atingidos e aos programas assistencialistas e/ou algo representativo, capaz de

¹⁶⁹ Texto vinculado em jornais locais pela assessoria de imprensa da Usina Hidrelétrica Serra do Facão. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2020/07/22/a-SEFAC-comemora-os-10-anos-de-operacao-comercial-da-usina-hidreletrica-serra-do-facao1/> Acesso em: fevereiro de 2021. <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/goias/SEFAC-comemora-10-anos-de-operacao-da-usina,Mjl2MTc.html>

trazer à tona as cidades e sujeitos atingidos pela barragem. Como parte da memória subterrânea, do não controle da produção de significados, elas emergem do próprio discurso, como destroços de navios submersos.

[...] A empresa Serra do Facão Energia foi constituída especificamente para a construção da Usina Hidrelétrica Serra do Facão, com potência instalada de 212 MW, o suficiente para suprir a demanda de uma cidade com 1,2 milhão de habitantes. Está localizada na zona rural, no sudeste de Goiás, no rio São Marcos, entre os municípios de Catalão e de Davinópolis. O processo de formação do reservatório, uma das últimas etapas da implantação de hidrelétricas, teve início em novembro de 2009, após dois anos da construção da barragem, concluída em 2010. Em 2011, atingiu o máximo [nível de água]. Sua área abrange mais quatro municípios: Campo Alegre de Goiás, Ipameri, Cristalina, no estado de Goiás, e Paracatu, em Minas Gerais [...]¹⁷⁰

O reforço dos investimentos na região é tentativa de decalcar na realidade, o cenário construído no discurso, presente como uma janela para se observar, no futuro, as ações afirmativas da SEFAC. Para isso, apresenta a parceria com instituições públicas locais para o soerguimento do progresso. Com este objetivo, a celebração elide os elementos conflitantes, os quais foram e ainda são silenciados para que a memória que se deseja construir não possa ser fraturada. Nesta dimensão, o lembrar implica em alimentar apenas as seleções do passado que dão suporte à memória que equivale progresso e empreendimento.

Desta feita, os significados produzidos pela empresa reeditam constantemente a importância de se lembrarem as razões pelas quais valeu a pena a construção da usina hidrelétrica. Relembra-se que, nos seus dez anos de existência, a SEFAC teria repassado mais de vinte e nove milhões de reais aos cofres públicos, como forma de compensação financeira pela utilização dos recursos hídricos nesses últimos dez anos. Acentua-se que teria investido mais de três milhões com as comunidades, municípios atingidos e/ou programas assistencialistas, contribuindo de forma positiva para o seu desenvolvimento:

¹⁷⁰ Id. Ibid.

[...] Desde o início da operação, a Serra do Facão Energia já repassou aos cofres do governo federal, estados e municípios, aproximadamente R\$ 29,395 milhões relativos à Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos [CFURH]. [...] Ao longo desses 10 anos, parcerias exitosas foram desenvolvidas pela empresa. Com as comunidades, em projetos que levam mais conhecimento e melhorias tanto para os produtores rurais quanto para geração de renda familiar por meio de cursos de artesanato e culinária. O apoio para a organização das associações de moradores também é relevante. Com as prefeituras dos municípios abrangidos, em parcerias principalmente com as secretarias de Educação, Saúde, Ação Social e Assuntos Comunitários, bem como com órgãos públicos, destacando-se a Polícia Militar, o Corpo de Bombeiros e Polícia Militar Ambiental. Nesse período, a SEFAC contribuiu com doações, construções e ativos que somam aproximadamente R\$ 3,5 milhões [...]¹⁷¹

O espaço público, o da comemoração, é transformado em palco para a reedição do passado. Para tanto, as diferentes plataformas midiáticas se tornam uma rede na qual se ajusta o campo da lembrança. Nestas, são harmonizadas as representações que reforçam a memória construída pela SEFAC de que o progresso imprimido pela construção da UHE produz uma nova História. Posto isso, o último trecho do texto enfatiza a quantidade de energia gerada e um comparativo de seu equivalente, encerrando com a seguinte frase: "Afinal de contas, a energia move a vida!". Como podemos observar abaixo:

[...] Na seca ou na chuva, jamais a Usina parou de produzir energia. Nesses 10 anos foram gerados 5.978GWh, o que equivale abastecer, durante um mês, um estado como o de São Paulo, com 44 milhões de habitantes. Por tudo isso, é tempo de comemorar. Todos nós desejamos que os próximos 10 anos sejam tão bem-sucedidos quanto foram esses que passaram. **Afinal de contas, a energia move a vida!** (grifo nosso) [...]

A frase de efeito destacada faz parte de um dos discursos mais difundidos pelo empreendimento para justificar sua instalação e relevância para o dito progresso. No entanto, entendemos que a energia elétrica é um suporte à vida humana, não seu fator determinante de movimento, afinal o que move a vida são

¹⁷¹ Texto vinculado em jornais locais pela assessoria de imprensa da Usina Hidrelétrica Serra do Facão. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2020/07/22/a-SEFAC-comemora-os-10-anos-de-operacao-comercial-da-usina-hidreletrica-serra-do-facao1/> Acesso em: fevereiro de 2021. <https://portalcatalao.com.br/porta/noticias/goias/SEFAC-comemora-10-anos-de-operacao-da-usina,Mjl2MTc.html>

as relações humanas tecidas em meio as suas práticas, vivências e experiências em coletividade e /ou em sua individualidade.

A celebração, projetada para acentuar uma versão muito específica de memória, por certo silencia as contradições, os conflitos e os descensos. É perceptível que em nenhuma das peças publicitárias, a SEFAC mencione os moradores atingidos durante a construção do empreendimento, aqueles que tiveram suas vidas movimentadas, não apenas pela energia, mas também pelas transformações dadas ao longo de todo o processo de instalação da Usina Hidrelétrica. A narrativa apresentada oferece uma leitura, na qual a existência da empresa só toma lugar no real após a inauguração da barragem, no ano de 2010.

O movimento que busca imprimir na memória a ideia do progresso como empreendimento, permanece dinamizando a usina Serra do Facão como intervenção grandiosa na realidade. Com este intuito, recentemente, a SEFAC promoveu um evento, em plataforma virtual, em decorrência da pandemia do COVID-19. Isto é, nem mesmo o momento catastrófico vivenciado pela sociedade brasileira foi capaz de impedir a disseminação da narrativa de que o progresso é impulsionado pela SEFAC. Aliás, não foi nem mesmo capaz de interromper as comemorações que exigiam os 10 anos.

O evento em questão teve duração de uma hora e quatorze minutos e se iniciou com funcionários da empresa hasteando as bandeiras da SEFAC, de Catalão, Davinópolis, do Estado de Goiás e do país, ao som do Hino Nacional brasileiro. Em seguida, foi exibido um vídeo com imagens das obras da Usina até sua conclusão; eventos da empresa, estradas e pontes feitas pelo empreendimento, visitas de estudantes na Usina e algumas poucas imagens de funcionários em visitas nas fazendas locais. Dando continuidade ao vídeo, funcionários que presidiam o cerimonial enalteceram os funcionários que estiveram na construção da Usina, bem como aqueles que já faleceram. Passada a palavra, foi convidado à fala Luiz Antônio Gouvêa Albuquerque, diretor/presidente da SEFAC, que iniciou seu discurso cumprimentando a quem chamou "gente encardida", definido como um jargão para os "barrageiros" que estiveram trabalhando durante o processo de obras. Albuquerque seguiu

agradecendo o apoio e confiança das empresas, ou antes, dos "acionistas" que financiaram o empreendimento hidroelétrico. Segundo ele, todos devem ter orgulho da história da SEFAC, em especial do passado e por estarem servindo o Brasil e "essa gente tão sofrida". Concluiu afirmando que a "vocação do bom barrageiro é vencer desafios".¹⁷²

Já na fala de Odair Batista, diretor administrativo financeiro da empresa, a SEFAC é a "amiga das comunidades", pois tem como princípios básicos a produção de "energia sustentável" e a "responsabilidade social e ambiental". A cerimônia seguiu com homenagem aos funcionários, com a entrega de "distintivos" para aqueles que trabalhavam dez anos ininterruptos na empresa e ao engenheiro Cícero Leonardo, que esteve presente durante a construção e nos dez anos de funcionamento da Usina Hidrelétrica. O homenageado fez seus agradecimentos ressaltando seu "amor pela SEFAC" e por suas "meninas", forma pela qual chamou as duas unidades geradoras de energia da Serra do Facão.

Durante o encerramento do evento, uma réplica da placa de inauguração original foi apresentada, uma vez que a original, descerrada pelo então Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, teria sido extraviada. A réplica foi uma forma, segundo a empresa, de "resgatarmos essa dívida do passado". Além desta, uma nova placa comemorativa dos 10 anos foi apresentada a quem assistia ao evento pela internet e aos colaboradores da empresa. Por fim, foi apresentada uma cápsula do tempo, direcionada aos funcionários da próxima comemoração dos 20 anos, com o desafio de superarem e melhorarem o desempenho que a empresa teve nos primeiros dez anos de funcionamento.

Percebe-se que neste evento, uma nova abordagem foi utilizada. Os funcionários, que nas primeiras imagens e vídeo não possuíam rosto, agora surgem como protagonistas das comemorações da primeira década de funcionamento e do progresso imprimido pela SEFAC. É o caráter seletivo da memória que busca no passado os aspectos que harmonizam com as intencionalidades do futuro. Mas, também aqui, as fissuras são a tentativa de silenciar as contradições e conflitos que se fazem presentes no processo. Por

¹⁷² Fala durante a *live* comemorativa dos dez anos de SEFAC. Disponível pelo link: https://web.facebook.com/watch/live/?v=968425606951731&ref=watch_permalink

isso, é perceptível que as vozes destoantes não tiveram espaço em nenhum momento, em nenhuma fala. Os afetados pela construção da Usina Hidrelétrica desaparecem, como se estivessem à margem da história escrita pela SEFAC. Uma história, segundo a empresa, de conquistas e de muitas comemorações, embora o sentimento não seja partilhado pela grande parte dos atingidos.

Vale lembrar que a SEFAC é fruto de um investimento considerável do setor privado, na chamada "Sociedade de Propósito Específico (SPE) Serra do Facão Energia S.A. (SEFAC)", composta pelas seguintes empresas: Furnas Centrais Elétricas S.A., Alcoa Alumínio S.A., DME Energética e Camargo Corrêa Energia. A partir dos anos 2000, o discurso do progresso como empreendimento de produção de energia, tomou conta dos discursos políticos e empresariais nacionais. De acordo com o engenheiro Neysson Maciel de Assis, isto se deve ao fato de que:

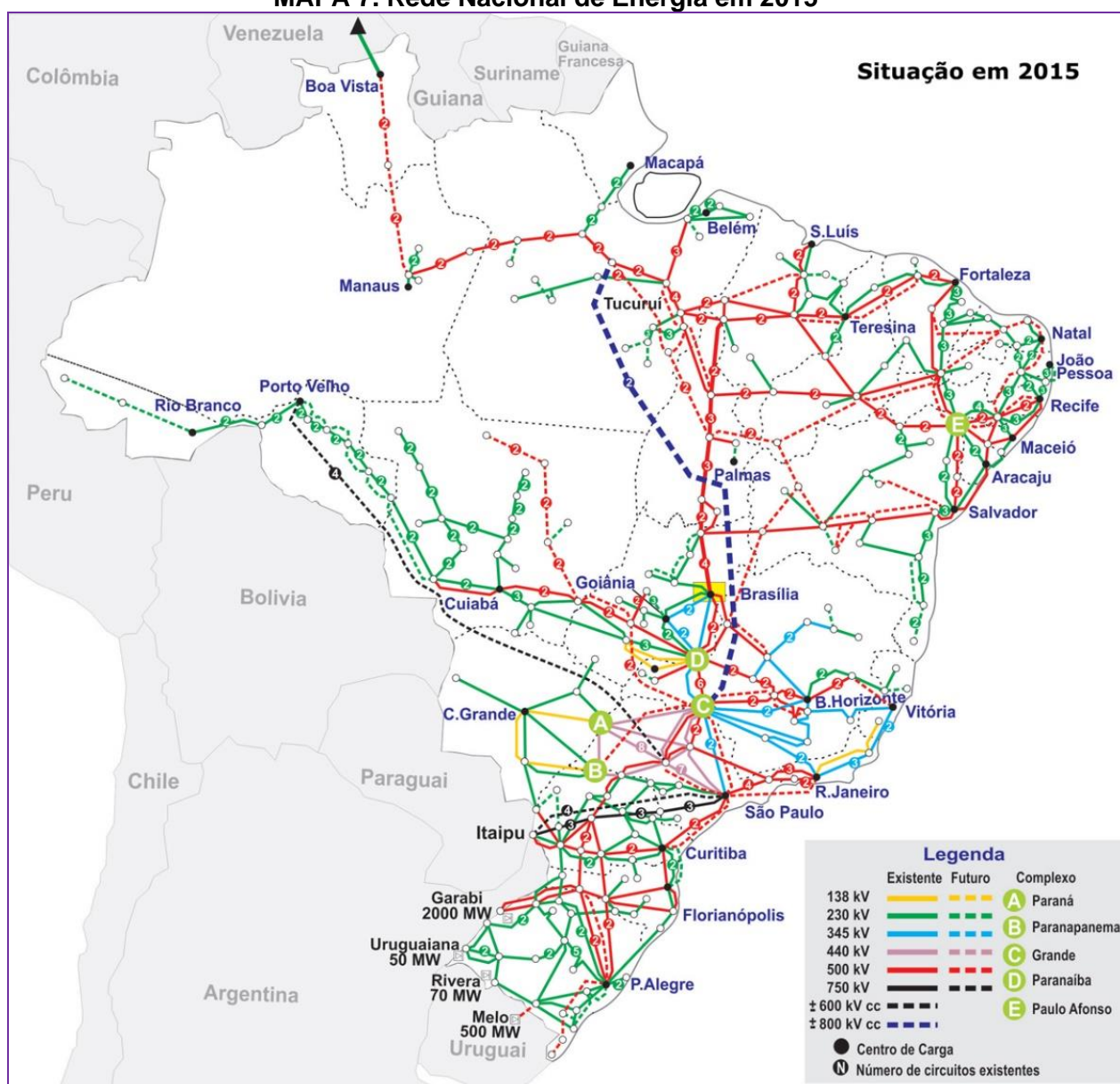
[...] A Usina Hidrelétrica é uma fonte geradora de energia elétrica que usa a água como matéria prima onde a força oriunda da velocidade do rio, ou do seu acúmulo, atravessa o conjunto turbina/gerador que transforma a energia mecânica em elétrica. Na U.H.E. Serra do Facão são utilizadas duas turbinas geradoras do tipo Francis que funcionam com reservatório de água. Em usinas que usam esse tipo de turbina, o fluxo natural do rio é interrompido por uma barragem inundando uma grande área e dando origem a um enorme reservatório. Em um determinado local da barragem as turbinas podem ser instaladas abaixo do nível inferior do reservatório. Cada turbina instalada tem capacidade de produção de 108 MW com queda líquida de 78 metros, ou seja, são alimentadas por condutos forçados de 78 metros de altura e 6 metros de diâmetro. A U.H.E. tem potência total instalada de 212,58 MW, suficiente para atender uma cidade de 1,2 milhão de habitantes. A Usina Hidrelétrica Serra do Facão exigiu investimento da ordem de 1 bilhão de reais e tem como acionistas as empresas Furnas Centrais Elétricas S.A., Alcoa Alumínio S.A., DME Energética e Camargo Corrêa. A participação da Alcoa no grupo foi estratégica, afinal a empresa busca a autossuficiência energética e, apesar da usina ser incorporada ao SIN – Sistema Interligado Nacional de Transmissão de Energia – e sua produção ser distribuída para todo o território nacional, tem a preferência na utilização da energia gerada se necessário [...]¹⁷³

É possível entendermos o porquê de várias empresas, dentro do consórcio que se formou para a construção da U.H.E. Serra do Facão. Tal fato torna-se ainda mais evidente quando a própria secretaria de Estado de Gestão e

¹⁷³ Entrevista com Neysson Maciel de Assis (Engenheiro Civil e Elétrico) Uberlândia, 2020.

Planejamento reconheceu que 100% da energia gerada pertence à Serra do Facão Energia S.A.¹⁷⁴ Ou seja, grandes empresas formam consórcios com outras empresas, buscando a autossuficiência de geração de energia para diminuir custos de produção.

MAPA 7. Rede Nacional de Energia em 2015



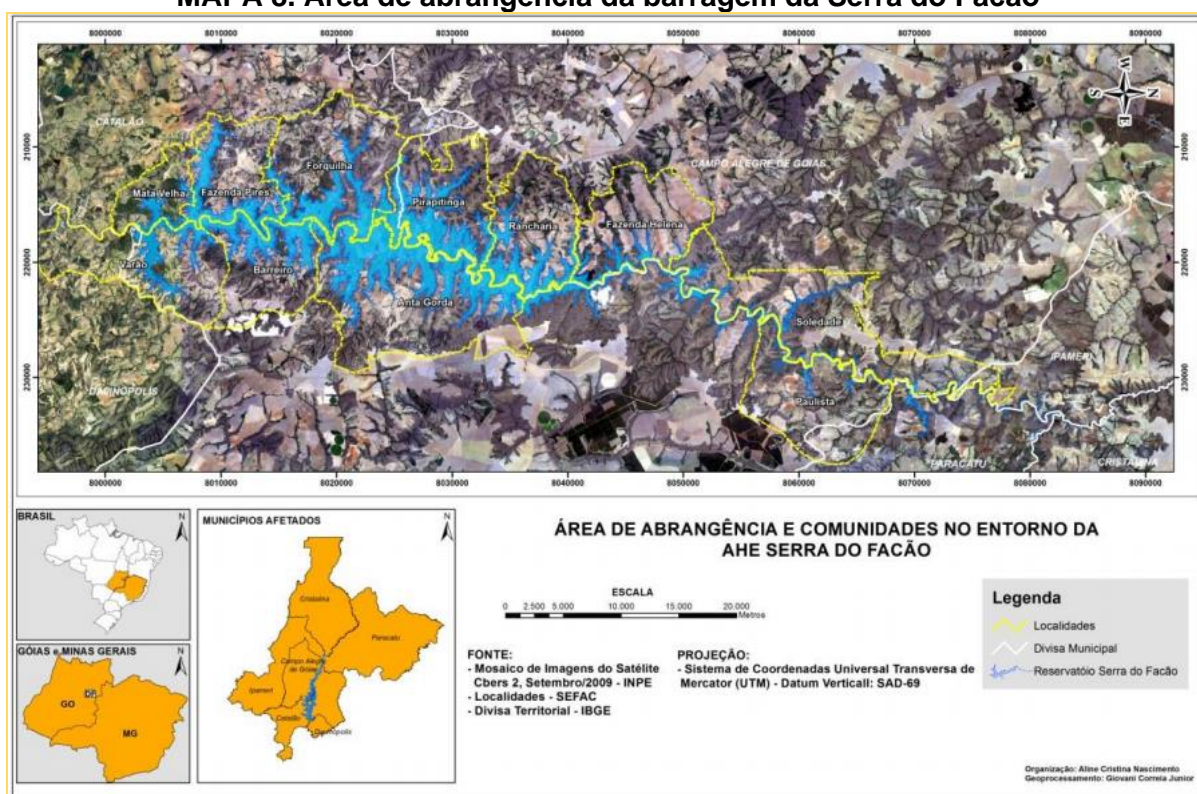
Fonte: ANEEL, 2020. Disponível: <https://www.aneel.gov.br/transmissao5>

A energia produzida pela SEFAC se junta àquela gerada no país, entrando em um sistema único, conhecido por SIN (Sistema Interligado Nacional de

¹⁷⁴ Goiás em Dados 2011. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento; Superintendência de Estatísticas, Pesquisa e Informações Socioeconômicas - Goiânia: SEGPLAN, 2011. p 57. Disponível em: <https://www.imb.go.gov.br/files/docs/publicacoes/goias-em-dados/godados2017.pdf>

Transmissão de Energia). Desta forma, mesmo a Usina Hidrelétrica sendo de “capital privado”, toda a energia produzida passa a fazer parte de um sistema interligado como “créditos”, os quais poderão ser usados por qualquer uma das empresas do consórcio, em qualquer região do país. Neste caso, devem, apenas, pagar um valor pela transmissão¹⁷⁵ e distribuição¹⁷⁶ da energia elétrica. Abaixo, conseguimos observar a área de influência da Usina.

MAPA 8. Área de abrangência da barragem da Serra do Facão



Fonte: NASCIMENTO, Aline Cristina, 2014. p. 82.

Importa para os membros do consórcio não o lucro direto, mas aquele que pode ser conferido pela diminuição de custos de produção; nesse caso com a autossuficiência energética. Deste ponto de vista, a Usina Hidrelétrica Serra do Facão foi projetada e construída para gerar energia suficiente para uma cidade de cerca de 1,2 milhões de habitantes, em torno de 210 MW de potência

¹⁷⁵ Algumas empresas são proprietárias das redes de transmissão que ligam o local de geração de energia ao centro de distribuição, de um centro de distribuição a outro, ou do centro de distribuição para a empresa.

¹⁷⁶ Algumas empresas, grande parte das vezes estatais, são as responsáveis pela distribuição da energia elétrica, em Minas Gerais, por exemplo, temos a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) e, no estado de Goiás, temos a ENEL (Ente Nazionale per L'energia Elettrica), uma companhia italiana que substituiu recentemente a CELG (Companhia Energética de Goiás).

geradora¹⁷⁷ bem como a geração de cerca de 4 mil empregos diretos e indiretos, durante o período de construção. Todavia, o empreendimento não se descola da desestruturação do campo e da violência produzida na cidade, afetando mais de 400 famílias e inundando cerca de 155 km², conforme se vê na área de influência retratada pelo Mapa 8.

Portanto, é necessário estabelecer a vinculação entre a memória e o esquecimento, de modo a considerarmos que os afetados no campo e pela violência produzida no cenário urbano, são sujeitos históricos, cujas experiências de vida foram e permanecem sendo diretamente impactadas pela existência da SEFAC. Desta forma, questionamos a lógica instituída que produz riquezas para alguns e acentua a desigualdade experimentada, cotidianamente, pela maioria da população.

A ideia de progresso como empreendimento, prometida pela construção da SEFAC, por certo acende sonhos, desperta outras possibilidades de futuro e renova o imaginário, estendendo a todos os sujeitos, indistintamente, a esperança de se beneficiar do progresso alardeado pelas elites. Porém, como a realidade destoa do imaginário, a frustração se espraia na vivência diária, tanto dos que já residiam na cidade, quanto dos que migraram para Catalão, embalados pelos sonhos de construir novas histórias de vida.

A dinâmica social assistiu à afirmação da usina hidrelétrica, ao mesmo tempo em que experimentou o crescimento alarmante da violência urbana. Neste processo, o desenraizamento de centenas de famílias desapropriadas resultou em dores e dissabores gerados pela construção da usina. Os que ficaram na região, na zona rural, perderam importantes formas de identificação com o lugar, pois os laços de vizinhança se cortaram e as relações já não são tão intensas. Para os que foram para as cidades, e não conseguiram êxito, o dinheiro da indenização acabou, restando as incertezas do amanhã e as lembranças amargas das decisões do passado.

¹⁷⁷ A partir da capacidade geradora de energia e da complexidade é definida são definidas as nomenclaturas: * M.C.H. (Micro Centrais Hidrelétricas) gera uma pequena quantidade de energia, geralmente existentes em propriedades rurais que estão distantes de redes de transmissão, mas que precisam de energia para suas atividades diárias; * C.G.H. (Centrais Geradoras Hidrelétricas) que geram até 1,0 MW; * P.C.H. (Pequena Central Hidrelétrica) com potência geradora de energia entre 1,0 MW e 30,0 MW; * U.H.E. (Usina Hidrelétrica) com capacidade geradora superior a 30,0 MW;

CAPÍTULO 3

PELAS MARGENS DO INCERTO E AS CERTEZAS DO DESENRAIZAMENTO: a desfiguração dos modos de vida

As lembranças das diferentes gerações que viveram no território inundado pela barragem da SEFAC compõem os fios das narrativas que, tecidas no presente experienciado, foram marcadas pela percepção de que a usina se tornaria uma realidade no seu futuro.

Nas memórias, o distanciamento se apresenta como algo que, talvez, não pudessem vivenciar, pois pertencia aos outros. Porém, aos poucos e de forma lenta, já sentiam as transformações se materializando na sua experiência sociocultural. Neste sentido, a lembrança também enuncia as lutas já travadas, os conflitos e disputas já experimentados para assegurar o direito de viver no campo, cultivando os seus modos de vida.

Embora as lembranças demonstrem que os sujeitos tinham clareza de que seria difícil, quiçá impossível, impedir as transformações representadas pela usina, inevitavelmente expulsando-os do campo, fato é que lutaram. Nesse sentido, todo o longo processo que envolveu a construção da usina hidrelétrica, colocou e recolocou os sujeitos em novos espaços de luta na tentativa de fazer valer seus direitos. É, pois, desta forma, que lemos os fragmentos de lembranças abaixo, situando-os na relação dialógica entre o presente vivido e o passado anunciador de um futuro de destruição:

[...] Esse projeto dessa Usina Serra do Facão, ele já existe aí desde uns cinquenta anos atrás, que eu nem era nascido. E desde que a gente se entende por gente ouve falar nesse projeto. Só que, uns seis, oito anos pra cá que intensificou mais... Começou a aparecer gente fazendo mais levantamento, já visitando o pessoal que ia ser desapropriado. [...] ¹⁷⁸

[...] Aquela barragem lá tá com quarenta ano que ela foi "falada". É que foi falando: "ah, a barragem não sai, a barragem não sai, a barragem não sai..." Falei: "Não sai?" Foi até que saiu... [...] ¹⁷⁹

¹⁷⁸ Entrevista de Alcides da Silva (Produtor Rural - Campo Alegre de Goiás/GO), 2009.

¹⁷⁹ Entrevista de Gerardo da Silva (Produtor Rural - Campo Alegre de Goiás/GO), 2009.

A despeito de a empresa estabelecer uma representação assertiva das suas intervenções no real, veiculando a ideia do progresso com o empreendimento, no campo das experiências concretas dos sujeitos atingidos pela barragem, a SEFAC toma outro contorno, atrelada à desfiguração dos modos de ser e viver em torno do rio São Marcos. A lógica que se estabelece a partir da experiência comum, religa os sujeitos que tiveram seus modos de vidas deformados e assistiram, primeiro de forma lenta e, depois avassaladora, o desenraizamento.

É perceptível que o constituir e reconstituir no e sobre o tempo, são os fios que operacionalizam a construção das memórias balizadas pelas lutas. Por essa dimensão, o tempo é apresentado além da perspectiva cronológica, medido por segundos, minutos e horas. Na memória que se forma, a temporalidade é dimensionada pela *experiência* do viver. Nela, se assentam os sonhos, as frustrações, os desejos, as formas de conjugar e experimentar o cotidiano, os desafios, conflitos e conquistas. Mesclados na própria narrativa, os tempos do viver e do narrar são a argamassa das lembranças, permitindo a construção de outras histórias e outras memórias.

Percebe-se nas narrativas, não apenas o vasto campo das incertezas, das inquietações e dos ressentimentos, mas também uma larga seara de reflexões acerca da complexidade do viver, dos erros e acertos cometidos frente às escolhas feitas¹⁸⁰. Se esse tempo propiciou expectativas e sonhos quando da concretização do progresso, dado a ler como empreendimento para a comunidade da Serra do Facão, ao ganhar corpo e forma, ligou-se às experiências do desenraizamento, consumindo as esperanças de dias melhores e gerando desconforto em relação ao vivido. Destarte, uma nova realidade se descortinou para os moradores do entorno do rio São Marcos, em especial com o processo de indenizações e consumação da obra, trazendo antigas e novas preocupações.

¹⁸⁰ Sobre a questão, veja: ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos Araújo; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Prelúdio: travessias e (in) certezas às margens do rio São Marcos. *In.*: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

Isto posto, a proposta do presente capítulo é refletir sobre as percepções dos moradores da região da Serra do Facão frente às incertezas e inseguranças ampliadas com o processo de construção da usina e com as indenizações recebidas. Para tanto, elegemos como principal corpo documental, a série de entrevistas realizadas entre 2008 e 2009¹⁸¹ para a produção do livro “São Marcos do sertão goiano: cidades, memória e cultura”, integrante do “Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias”¹⁸². Além destas entrevistas, também utilizamos as que foram produzidas no decorrer desta pesquisa, em 2020, e teses e dissertações que transitaram em meio às histórias vividas dos moradores afetados pelo empreendimento hidrelétrico.¹⁸³

Iniciamos nosso campo em meados de 2019 e início de 2020, na região dos Pires, uma das primeiras que tivemos contato no período do projeto “Caminhos da Memória”. Alguns nos receberam, no entanto, inúmeros foram os desencontros com vários moradores que haviam sido entrevistados durante o projeto, por terem se deslocado para a cidade ou outras regiões. Além disso, alguns já haviam falecido. A recusa da Serra do Facão Energia S. A. em nos receber tornou inviável o acesso aos novos endereços dos afetados. Após enfrentar todas as dificuldades, deparamo-nos com novo imprevisto. Em decorrência do período pandêmico que nos assolou no momento em que ocorreria a pesquisa de campo, várias pessoas não conseguiram nos receber. Na Região de Anta Gorda, que seria o outro lugar programado para visita e pesquisa, não chegamos sequer a iniciar os contatos. Outro ponto, foi a recusa de parte dos afetados que foram procurados em fazer parte das novas entrevistas. E, este silêncio, nos diz muito do processo desgastante de

¹⁸¹ Elegemos as entrevistas daqueles mesmos sujeitos com os quais conseguimos novo contato para a pesquisa atual, antes do período de pandemia, aquelas de afetados que trazem de forma clara o processo de instalação e “tensão” do período, além de outras pessoas que também se envolveram, mesmo não sendo afetadas diretamente na instalação da usina, como o caso de estudiosos e pesquisadores, membros do MAB e Pastoral da Terra. Reforçamos que os entrevistados viviam momentos de incertezas, e a partir dessas falas iniciamos nossa jornada, pois são específicas, envoltas em dúvidas e inseguranças que representavam aquele período.

¹⁸² Ver: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

¹⁸³ Utilizamos também entrevistas que estão presentes nesses outros trabalhos de pesquisas, dissertações e teses. Ressaltamos que, nessa diversidade de relatos aos quais recorreremos, não ocorre padronização na forma como a identificação de pessoas entrevistadas é realizada.

negociações, pagamento de indenizações e mudanças no período de construção da usina hidrelétrica.

Acerca do caráter da documentação elegida, lembramos com Mary Del Priore, que o ofício de historiador se consolida no contato com o documento¹⁸⁴. Nesse contexto documental, coloca-se que os testemunhos orais são partes importantes a serem consideradas numa pesquisa histórica. Uma vez que cabe ao historiador ir além dos escritos existentes sobre um dado tema, é ele quem garimpa nos documentos as respostas para as questões submersas, garantindo que sua pesquisa seja significativa e respaldada.

Quando nos propomos a enveredar pelos meandros da memória, acessada por meio de depoimentos orais, entendemos que as narrativas mnemônicas dos personagens que viveram e vivem os impactos da UHE Serra do Facão, nos auxiliam a recompor parte do mosaico das experiências históricas que impactaram diretamente as suas vidas.

Por este motivo, na massa documental disponível, elegemos relatos de agricultores afetados pelo empreendimento e pessoas que fizeram parte do movimento contrário à sua instalação. Nosso objetivo foi entender a dinâmica da chegada do empreendimento na região e as indenizações à época. Tais pontos são relevantes para compreensão das transformações ocorridas no lugar e na vida daquelas pessoas.

É importante destacar que as questões relacionadas às memórias e narrativas, que remetem ao período de construção e transformações nessa última década, pós instalação da Serra do Facão, serão retomadas de forma mais direta. Aqui, elas nos servem para iluminar a situação posta entre os anos de 2008 e 2010, uma vez que não são possíveis de mensurar na atualidade, tanto devido à passagem do tempo, quanto às barreiras sanitárias impostas pela pandemia de COVID-19, dificultando o acesso do pesquisador a novos sujeitos e olhares.

Não obstante, entendemos que uma nova realidade se forjou no cotidiano dos atores sociais, atingidos pela barragem. Deste modo, suas vozes, eternizadas em gravações, puderam deixar o registro das inquietações ou os

¹⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

desejos de prosperidade, no momento em que relembram o passado deixado para trás. Suas memórias evidenciam as impressões, as discordâncias e os pontos de vista face à barragem Serra do Facão, tanto em relação às estratégias da empresa em desarticular o movimento dos moradores atingidos quanto em conseguir alcançar o seu intento, de efetivar-se como empreendimento hidrelétrico na região.

É perceptível que essas narrativas se construíram no ir e vir das lembranças e nas reticências das inquietudes. Por este motivo, expressam um nível relevante de verossimilhanças com a realidade concreta. Ou seja, ainda que representações, compõem os olhares dos sujeitos, expressando a construção de sentidos, como bem coloca Pesavento.¹⁸⁵

Por outro lado, ao selecionarmos os fragmentos dessas narrativas, notamos que estas são construídas no ir e vir da memória. Fundamentais para a análise, exprimem sentimentos e sentidos múltiplos, cada uma à sua maneira, conforme pontua Michel de Certeau:

[...] Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares [desses sujeitos], as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto [...]¹⁸⁶

Com base nas colocações de Pesavento e Certeau, salientamos que parte dos sujeitos atingidos pela barragem vivenciaram antigas e novas histórias acerca da efetivação da usina na região. Mesmo assim, independentemente de serem novas ou velhas recordações, reforçam as inseguranças sobre o futuro, que incerto, faz emergir falas e histórias.

¹⁸⁵ PESAVENTO, S. J. Memória, História e Cidade – lugares no tempo, momentos no espaço. **ARTCULTURA**. Uberlândia, v. 4. n.4, p. 23-35, junho, 2002.

¹⁸⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 35.

3.1. Narrativas em disputa: a ideia do progresso como empreendimento e as lembranças dos moradores

No ano de 2009, as memórias de Dona Divina Aparecida Corinto, produtora rural, no entorno de Catalão, registraram:

[...] Desde que eu casei, de vez em quando, eles iam lá, fazia uma pesquisa, umas coisas caçando conversa, né? Depois é que eles começaram a falar mesmo sobre o que... (sobre a construção da UHE Serra do facão). Eu casei em 61, em julho de 61. [...] ¹⁸⁷

Como se percebe na narrativa, ao contrário do que muitos pensam, as barragens não surgem da noite para o dia. Conforme apontaram as memórias de Dona Divina, e de tantos outros atingidos pela barragem, foram anos de preparação e estudos de viabilidade, para que o local pudesse receber a barragem com maior proveito da sua geografia.

Os estudos e preparações que, no caso da Serra do Facão, duraram entre 40 e 50 anos (se levarmos em consideração a pluralidade de memórias dos moradores locais ao serem questionados quando ouviram falar pela primeira vez em relação à construção da barragem), destoam completamente da maioria dos casos de soerguimento de hidrelétricas no país.

Devemos reforçar que esta região é rica em minérios e no vale onde hoje se encontra a barragem, não seria diferente. Não por acaso, alguns dos afetados diretos da SEFAC nos disseram que o atraso no início das obras se deveu, principalmente, à disputa pelo direito de utilização do local. De um lado, havia aqueles que representavam os interesses da instalação de uma usina hidrelétrica; e, de outro, aqueles que defendiam a extração mineral disponível na região. Seguindo esta lógica, é possível compreender o porquê de tantos anos se passarem, entre os primeiros indícios de construção do empreendimento hidrelétrico, por volta dos anos de 1950/60, até sua efetivação, nos anos 2000.

O Sr. Amado Francisco Ramos foi um dos atingidos que mencionou esse dado. Ele afirmou que alguns professores da Universidade de Brasília lhe confiaram que o projeto de construção da barragem já estaria aprovado; o que significava que não teria mais volta, embora o atraso no início das obras se

¹⁸⁷ Entrevista com Divina Aparecida Corinto (produtora rural), Catalão/GO, 2009.

desse em função da disputa entre dois órgãos governamentais, sobre o direito de uso das terras. Segundo ele:

[...] é um desequilíbrio (a construção da barragem), eu acho que é um desequilíbrio na natureza. Porque se fosse só uma barragem aqui, só uma barragem lá pro Nordeste, tudo bem, mas só que nesta região nossa que são projetada aqui, certo, já tem essa embaixo que ela vem até aqui, atinge até aqui pra nós, aqui no fundo, aí, daqui, oito quilômetros daqui. Agora vem essa do São Marcos, agora vem um nesse riozinho São Bento, que tá projetada, tem outra aqui no Paranaíba que tá projetada, tem uma aqui numa tal Serra da Bucânia ali em cima, também. Essa (UHE Serra do Facão) tem muitos, tem mais de... tem uns quarenta anos ou cinquenta anos que ela já foi pesquisada, até hoje ela não saiu, e ela foi aprovada, até hoje não saiu. Mas através de muito minério que tem lá nessa serra lá e todas duas forças federal. Quem falou isso pra mim foi dois professores da universidade brasileira, lá de Brasília, que falou pra mim, sentado numa grama, lá na serra, na beira do rio, lá. Falou isso pra mim. Cê sabe essa que represa que tem tá pesquisada e aprovada? Eu falei: sei. E o senhor sabe por que ela não sai? Eu falei: não, não sei não. Tem muitos anos que ela tá aprovada eu sei. E qual o motivo que ela não sai? Ele falou: porque que tem duas forças federal aqui. Tem essa serra aí, tem o minério mais caro, não é do Brasil, é do mundo e, tem é rochas dela debaixo dessa serra. E se tirar o minério, não faz a represa porque acaba com a serra e se fazer a represa não tira o minério porque aí não vai destruir a represa mais. Foi dois professor da universidade brasileira que me falou lá, certo? Nós era três companheiros e eles falando isso pra nós. Agora turma de informantes lá, moça, muitas senhoras, juventude, rapaziada, sabe, que tava andando lá. Estavam num ônibus coletivo cheio de gente e cinco carro a bordo de pequeno. Isso tem a base de uns quinze anos que eles falou isso pra mim lá. Então é igual nós tamo dizendo, isso aí traz muito benefício, mas traz muito prejuízo também [...]¹⁸⁸

Em sua narrativa, o Sr. Amado deixa claro seu descontentamento com o modelo de geração de energia, fazendo uma crítica à quantidade de barragens já existentes na região e, ainda, a outros projetos que estavam em implementação e/ou estudos, naquele momento. É a isso que o entrevistado denomina de *desequilíbrio*.

A opinião do Sr. Amado era compartilhada pela maioria dos afetados entrevistados à época, como é o caso de Manoel Ferreira da Silva. Este questionou a ideia de progresso, a que chamou de “evolução”, vendida na região para legitimar a instalação do empreendimento no local, reforçando o descontentamento em vender as terras onde sempre viveu e nas quais mantinha

¹⁸⁸ Entrevista com Amado Francisco Ramos (produtor rural), Davinópolis/GO, 2009.

vínculos indenitários. Manoel deixa claro que a saída da terra foi a contragosto, apesar de destacar que ouvira falar, pela primeira vez, que a barragem seria construída há mais de quarenta e cinco anos.

[...] Ah, ocê sabe! Que eu não tenho o menor sentido nesse trem. Parece que tudo é evolução, mas que é bom pra quem? Igual, eu nasci, criei, vivi lá, perdi tempo sem dever um centavo pra ninguém, não é bom né? Essa coisa que fui nascido e criado lá, daí sair vendê pro outros, é evolução não. [...] Eu já era casado quando eles começou a falar nessa barragem. Não tem menos de quarenta e cinco anos, que eles tava falando em fazer essa barragem [...]¹⁸⁹

Em relação aos demais moradores da região do Rio São Marcos, quando souberam que a usina seria de fato instalada nos limites dos municípios de Catalão e Davinópolis, no estado de Goiás, podemos afirmar que eles se dividiram entre contrários, a favor e indecisos. Estes últimos, foram aqueles que não opinaram, preferindo aguardar o desenrolar da situação.

Para alguns, por exemplo, não haveria muitas mudanças em suas vidas e na região, como é o caso do Sr. Aguinaldo Antônio Bento. Segundo ele, o impacto da barragem em si, seria pouco, o que não acarretaria grande impacto para os moradores e para a região em que a UHE seria construída.

[...] Eu acredito que não, aqui no nosso município eu acredito que não, porque a barragem ela vai afetar, o lago da barragem vai afetar muito pouco, vai inundar muito pouco no, no nosso município, né? Eu acredito que não, na minha opinião eu acho que não. [...] A não ser que, que esses novos nordestinos que veio pra cá, futuramente pode interferir alguma coisa, mas, que você sabe, né? Vai entrando novos povos, né? Vai mudando muita coisa, mas isso pode ser [...]¹⁹⁰

Em contrapartida, o Sr. Aguinaldo aparenta preocupação em relação à chegada de pessoas vindas de outras regiões, em especial, os nordestinos que se instalariam na região em decorrência da construção da barragem. De acordo com seu raciocínio, as relações do lugar e a dinâmica da cidade/região poderiam sofrer transformações, mas com um direcionamento de responsabilidade àqueles que se deslocariam para a região em busca de trabalho na construção da UHE. De certa forma, sua fala isenta o empreendimento hidrelétrico e negligencia os

¹⁸⁹ Entrevista com Manoel Ferreira da Silva (produtor rural), Catalão/GO, 2009.

¹⁹⁰ Entrevista com Aguinaldo Antônio Bento (produtor rural), Davinópolis/GO, 2009.

impactos diretos ligados à desapropriação e às questões socioambientais que já se apresentavam no mesmo período.

Outros se apoiavam na ideia de que a chegada da usina Serra do Facão passaria a dinamizar a economia local. Segundo Altair de Jesus Pereira, por exemplo, apesar da empresa ter "pegado" suas terras, ela pagou por elas. Esse dinheiro, pago por meio das indenizações, seria utilizado e distribuído através da compra de novas e outras terras, de casas no centro urbano e, ainda, no comércio varejista geral, o que viria a dinamizar a economia, movimentando a cidade. Para Altair, outro ponto positivo a ser visto nesse processo era o fato de que as cidades passariam a receber *royalties* da hidrelétrica. O que, de certa forma, justificaria os impactos gerados pela construção da barragem. Afinal, segundo a ótica do entrevistado, o pagamento dos *royalties*, somados às indenizações utilizadas no comércio local, eram pontos positivos para as cidades, para a região e para a comunidade e mais relevantes do que os impactos considerados negativos, reivindicados por aqueles que eram contrários à instalação da UHE Serra do Facão. Segundo Altair:

[...] Não, isso acontece se você pegou minha terra cê vai pagar por ela, agora se cê vai pagar bem o mal, eu num sei, mais cê vai pagar por ela. E o que... [...] É, pra mim é irreversível. Tem que acontecer. Agora tem uma coisa, eu vejo o movimentando que tá movimentando essa cidade hoje é esses carinha que tá recebendo o dinherinho deles lá, alguns tá sendo esperto e comprando terra, outros tá gastando no comércio da cidade. De um jeito ou de outro tá movimentando dinheiro. [...] Certo, mais o *royalties* é lei, porque do momento que Campo Alegre recebia é ... cem mil reais de imposto, de tudo que era prantado no município que foi aterrado, então esse imposto tem que vim pra Campo Alegre em ... coisa em *royalties*. Então, se hoje Campo Alegre recebe por ano ... por meis quinhentos mil ... do governo pra podê ter ... a despesa, pra pagar a despesa do meis, vai somar ... vamo ... que seja lá ... vamo por uma quantidade qualquer, que isso é uma coisa que eles que tem que calcular lá, é cem mil é *royalties*. Então, Campo Alegre, a prefeitura de Campo Alegre vai começar a receber seiscentos mil todo meis, porque isso é lei e quem fez isso ... foi a única lei que o Ronan Tito fez, porque ele pode ter ganhado muito dinheiro, roubado muito dinheiro durante a vida dele toda política. Mais foi a leizinha que ele fez que tá melhorando o mundo ... o Brasil inteiro ... que é o *royalties* [...] ¹⁹¹

¹⁹¹ Entrevista com Altair de Jesus Pereira (produtor rural), Campo Alegre de Goiás/GO, 2009.

Em meio às discussões de prós e contras à chegada da usina hidrelétrica, constituiu-se um movimento no qual os sujeitos favoráveis à construção da usina foram rapidamente aceitando a transformação da região. Logo concluíram acordos para o recebimento das indenizações e se mudaram. Ao mesmo tempo, os que não opinavam observavam a dinâmica do processo, aguardando o melhor momento para tomar sua decisão.

Não obstante, para alguns dos moradores afetados, tanto aqueles que estavam a favor da construção do paredão de concreto armado, quanto aqueles que pesavam pontos mais positivos do que negativos, estariam sendo imediatistas. Não estariam levando em conta as consequências futuras para a comunidade e para a região. Era este o pensamento do produtor rural Joel José Pires:

[...] Agora, é o negócio que eu falo pra você, sabe. Se a barragem, agora tem muitos que fica satisfeito sabe, tem muitos aí se você conversa nossa, mas o cara ele num sabe o que, você... Tá me entendendo? Eu acho que ele não sabe as consequências que ele vai ter. No momento pra ele tá bom, mais daqui uns dias se ele bagunçar [...] ¹⁹²

Os contrários se organizaram, realizaram passeatas, grupos de debates e articulação política, amparados pelos movimentos nacionais de atingidos por barragens. Invadiram espaços públicos, entre tantas outras ações, na tentativa de impedir a efetivação da construção da usina. E, é válido ressaltar, que esses eram a maioria. Quando as primeiras máquinas chegaram à região, os moradores contrários ao processo de instalação se uniram às instituições de ensino, movimentos contra barragem nacionais e regionais, além de representatividades religiosas como a Pastoral da Terra, ligada à Igreja Católica.

Em sua entrevista, Amarildo Almeida da Silva reforça essa articulação entre os moradores, afetados ou não, que se juntaram em uma tentativa de barrar o início das obras. Segundo Amarildo, a união dessas pessoas e instituições, somada às suas ações naquele momento, foram determinantes para barrar a obra, inclusive levando as empresas responsáveis pela construção da barragem a retirarem as máquinas da região por volta do ano de 2004. Esta teria

¹⁹² Entrevista com Joel José Pires (produtor rural), Catalão/GO, 2009.

sido uma grande vitória para os afetados diretos pela barragem, e para aqueles que os apoiavam. No entanto, dois anos depois dessa conquista, de maneira sorrateira e silenciosa, as obras foram retomadas. Ainda de acordo com Amarildo, isso aconteceu sem ao menos procurar-se notificar e/ou explicar aos afetados as razões do retorno às atividades.

[...] Olha! Foi em 2002 que começou, né? O pessoal fazendo um trabalho de estudo, de bacia lá naquela região. Mais assim, no momento a gente não acreditava que viesse a acontecer a barragem, né? Mais aí, quando foi em 2003, aí veio pra construí mesmo, mais aí gente tinha um, tivemos uma resistência forte naquela época, não sei, juntamente com a universidade aqui, a UFG, e a diocese de Ipameri, a APEGO, que é a Associação dos Pescadores do Estado de Goiás, a gente conseguiu mover uma ação que conseguiu a suspender a licença por algum tempo. Aí parou, foram embora, inclusive as máquinas da Camargo Correia já estava lá no local da construção, fôro tudo embora. Aí ficou por dois anos, aí a gente começou a investir novamente na propriedade, esquecer que aquilo um dia podia vim, mas sempre algo, a barragem vai vim, vai acontecer. Aí passado dois anos, quando foi dia 19 de dezembro de 2006, eu recebi a notícia que, até a repórter da rádio Cultura me ligou lá na fazenda, eu tava na fazenda, me perguntando se eu sabia do que tava acontecendo, que a empresa tava vindo pra construção da barragem, que ia tê uma reunião com os políticos de Catalão e os empresários de Catalão. Naquele dia tava indo acontecer essa reunião. Aí no momento eu não sabia de nada. A partir dali a gente entrou em desespero novamente, que aquilo tudo ia acontecer de novo e a gente não queria, né? E aí quando foi dia 15 de... aí começaram o trabalho novamente, da Sefac naquela região e a gente tentou ainda fazer uma resistência mas, foi em abril, foi em março, dia 25 de março, me parece não lembro, que a gente teve uma reunião com todos os atingido, uma grande parte dos atingido e aí a gente definiu que fosse pra empresa, no escritório da empresa buscou uma explicação. E se eles não quisesse a gente ia ocupar o escritório. Isso aí dói. E aí descemo lá, chegou lá, topou o escritório fechado. Primeiro a gente tinha convidado eles pra participá da reunião, convidado a Sefac pra participá da reunião, pra eles dá uma explicação porque que eles tava iniciando toda aquela, o trabalho novamente e não tava procurando os produtores, os atingido pra negociação, uma coisa assim [...]¹⁹³

Muitos dos afetados chegaram a festejar a interrupção das obras. No entanto, como dito por Amarildo e reforçado por Améria de Aparecida Cardoso, uma das afetadas do município de Catalão/GO, a retomada das atividades por

¹⁹³ Entrevista com Amarildo Almeida Silva (produtor rural), Catalão/GO, 2009.

parte da empresa responsável pela construção da barragem, teria sido bem mais agressiva. Segundo Améria:

[...] Uns até comemorou, teve até uma festa ali no centro, uma janta comemorando a vitória, como tinha parado a barragem e não ia ter mais, mas eu acho que deu só uma pausinha ali pra dar uma refrescada, né? A hora que ele veio, ele veio rebentando [...]¹⁹⁴

A única divergência entre Amarildo e Améria é com relação ao motivo de as obras terem sido paralisadas por dois anos. Para Amarildo, como já vimos, esse processo foi caracterizado pela articulação e união entre afetados e instituições contrárias ao empreendimento hidrelétrico. Já para Améria, a paralisação ocorreu apenas pelo fato de a documentação da empresa não estar correta, permitindo uma ação movida por "Zé Augusto". Em seus relatos:

[...] Acho que a pausa dele um pouco que o documento deles que tava meio errado, que eles pôs que a terra era meio improdutiva, era tanta coisa errada, tanta mentira que eles pôs, aí entrou o movimento, tem advogado, tem essas coisas, derrubou, né? Aí pegou, pegou a produção inteira da terra. Aí já passou no nariz dele lá, não era do jeito que ele tava falando não. Aí já tem que mudar, muita coisa ali tava errada e outra coisa também o homem do canteiro lá, Zé Augusto tava com ele na justiça, ele não podia, tinha obedecer um pouco as leis, por isso eu acho que atrasou um pouco. Quando ele [empreendimento] não resolveu com Zé Augusto ele não pode tocar pra frente. Eu acho que eles começou passar em riba de Zé Augusto, Zé Augusto muito velhaco caçou eles na justiça, acho que no fim ganhou deles, e teve que pagar o preço [...] O Zé Augusto acho que tem filho advogado, né? Ele é bem vivido, como diz o outro. Ele é velhaco, ele tem dinheiro e ele é sabido. Ele tem dinheiro e eu vi falar que ele tem um filho advogado e forte, uma pessoa que tem dinheiro e tem poder, é sabido e velhaco, sabe as manhas tudo. Acho que eles queriam pagar ele baratinho, que pagar as terras dele barato e já foi entrando [...]¹⁹⁵

Mas, independentemente de qual versão esteja correta, fato é que o início das obras atrasou por aproximadamente dois anos. Após o retorno das máquinas para a região e com a retomada da construção, os afetados voltaram a se organizar, na tentativa de barrar de vez a construção da UHE Serra do Facão.

Dona Lourdes de Neiva Mesquita e seu marido, Silvio Neiva Mesquita, foram dos primeiros a ingressarem no "Movimento dos Atingidos por Barragens"

¹⁹⁴ Entrevista com Améria de Aparecida Cardoso (produtora rural), Catalão/GO, 2009.

¹⁹⁵ Id. Ibid.

¹⁹⁶ e a realizarem viagens constantes à capital do país, com o objetivo de convencer os representantes do governo a interromperem o processo de instalação da UHE. Ela destaca o desgaste sofrido pelos afetados nesse período, além de reforçar o sofrimento face ao desenraizamento daqueles que viriam a perder suas terras, em especial, dos mais velhos. Segundo Lourdes:

[...] Eu mais meu marido foi uns dos primeiros a lutar contra a barragem, assim lutar no movimento do MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens], junto com UFG [Universidade Federal de Goiás] e a CPT [Comissão Pastoral da Terra] e o bispo Dom Guilherme. Nós lutamos o quanto pode, até enquanto pode, e até em Brasília fomos, falamos com Ministro... teve que ficar contra, que não queríamos a barragem, a gente sabia que só ia trazer prejuízo, desestrutura a gente tudo. Eu não vejo vantagem, na barragem, pois não precisa de energia como diz o Lula, um dia falou: “o carro chefe do progresso é a energia”. Precisa, só que desse jeito eu não queria inundar as terras, tantos proprietários, tantas pessoas velhinhas, lá agora tem conhecido Sr. Carlito mais Dona Aparecida, que eu conheço, que eu sei vai sofrer demais com o negócio da barragem, tantas famílias que não ia mudar nunca, daquele lugar. Nós ainda vamos ficar porque eu não sei se vai dar pra viver, espero dar, porque o dinheiro que nós vendemos, compramos terra lá em Catalão, mas se Deus abençoar que o aluguel dê pra gente manter os filhos, estudo, mas a vantagem da barragem pra nós é nada, só coisa ruim mesmo [...] ¹⁹⁷

Como vários outros, Lourdes também deixou claro seu descontentamento com a chegada da barragem na região. Ponderou que não olhava o empreendimento sob perspectiva positiva de progresso, afirmada por muitos políticos, empresários da região e daqueles que representavam diretamente a Serra do Facão Energia S.A. Considerou que nenhuma das mudanças que estariam por vir seriam benéficas para a região e para os afetados. Todavia, depositava esperança de que o aluguel gerado pela casa adquirida no centro urbano de Catalão/GO, por meio do valor recebido pela indenização, auxiliasse a família a manter os estudos dos filhos.

¹⁹⁶ O Movimento dos Atingidos por Barragens nasce no Brasil nos anos de 1980. Seu principal objetivo é enfrentar ameaças e agressões sofridas durante a implementação de projetos de hidrelétricas em todo território nacional. Para além disso, mantém projetos mesmo pós instalação dos empreendimentos, de forma a dar suporte àqueles que tenham sido atingidos durante o processo de construção das barragens. Um exemplo é o ocorrido em Catalão/GO, onde o MAB apoia o projeto de produção de alimentos saudáveis com os moradores da região de Mata Preta, região afetada pela Serra do Facão Energia S.A., no ano de 2013. Para saber mais, acessar: <https://mab.org.br/2013/06/10/atingidos-por-barragens-goi-s-iniciam-constru-dos-pais/>

¹⁹⁷ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2009.

O senhor Silvio Neiva Mesquita, produtor rural do município de Catalão/GO, esposo de Lourdes, expressou bem o movimento antibarragem. Ele apresenta um breve resumo do processo de idas e vindas, de embates, de parcerias e tantas outras ações:

[...] Antes dela [da barragem] chegar, [...] a gente sabia que ela tinha sido solicitada [autorizada a construção pelo governo federal] [...] Quando saiu isso eles já vieram, bateram de frente, aí o pessoal da UFG [Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão], uns professores nos ajudaram a buscar ajuda com o governo [...] Eu fui pra Goiânia muitas vezes, para Brasília [...] Falei até com Marina Silva [Ministra do Meio Ambiente à época]. Eu falei com ela pessoalmente.

Ela recebeu vocês lá?

Recebeu, custou mais nos recebeu. Nós ficamos o dia inteiro em pé, esperando. Aquilo foi um empurra prum lado, fecha um pouquinho lá e dá uma água! [...] ¹⁹⁸

A senhora Lourdes amplia o nosso horizonte interpretativo, já que em sua narrativa destaca como os sujeitos se valeram das “trampolinagens” para lidar com o poder público local, para se fazerem ouvidos:

[...] De início, a gente tinha só o sindicato [rural] do nosso lado, mas que não fazia muita coisa ou quase nada por nós. Tinha mais o MAB [Movimento dos Atingidos por Barragens]. Nós, inclusive, uma vez invadimos [o escritório da barragem]. Os atingidos todos e tinha muita gente. Aí depois que a barragem passou a negociar mais aberto, ela comprou um pouco das terras. Eles [SEFAC] não dava informação nenhuma, né? Inclusive o dia que um dos chefes [da SEFAC] veio pra ir [visitar a região e a cidade de Catalão], nós invadimos lá [sede da SEFAC], foi aí eles abriram pra gente conversar. Os padres entraram na nossa briga. O Dom Guilherme Antônio Werlang conseguiu negociar [representante de articulação comunidade/empresa] e montou um grupo para conversar com a SEFAC. E tinha um representante para cada comunidade, o Silvio até entrou na época. Mas, mesmo assim, nós invadimos lá, era para ser uma bagunça, mais graças a Deus foi mais ou menos. Mais depois disso a barragem fez acabar o MAB que era o movimento, né? Eles dispersaram e esse é um intuito deles passar a negociar aqui; acabou os grupos, tanto é que hoje em dia o nosso grupo do MAB acabou. [...] ¹⁹⁹

¹⁹⁸ Entrevista de Silvio Neiva Mesquita (Produtor Rural - Fazenda Pires - Catalão/GO) 2020).

¹⁹⁹ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (Produtora Rural - Fazenda Pires - Catalão/GO) 2009.

O Sr. Sílvio e Dona Lourdes nos lembram de algumas das ações dos grupos organizados, da presença do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem) e dos sindicatos que se formaram²⁰⁰. Destacaram, ainda, a presença de setores da Igreja Católica nesse processo. No caso de Catalão, o MAB e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Igreja Católica foram bastante atuantes na luta contra a instalação da barragem, do início dos anos 2000 até por volta de 2007. No entanto, o mais importante nas falas acima citadas é a forma com que os sujeitos se organizaram coletivamente, agregando moradores e movimentos sociais. Contudo, a empresa conseguiu desarticular e enfraquecer a articulação por meio das indenizações, inclusive contemplando parte dos moradores rurais que articulavam a resistência.

A fala de Mônica Aguiar, uma das gestoras da SEFAC, demonstra muito bem o olhar da empresa para os movimentos sociais contrários ao funcionamento da usina, assim como as estratégias de desarticulação utilizadas. Dentre estas, destaca-se a contratação empregatícia dos filhos dos atingidos, que pertenciam ao movimento reivindicatório e o atendimento a diversas solicitações de melhorias, por parte dos moradores. Vejamos como ela narra esse processo, conforme memória de uma das reuniões com os membros do "Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias" e a gestão da empresa, em 2009:

[...] Porque no Sul [do Brasil], o MAB é extremamente forte, mas lá, como todo movimento, ele ocupa os espaços da insegurança daqueles que estão ali, do desconhecimento [...] Aqui, a gente criou duas equipes para que houvesse um canal de interlocução com eles [...] e serviu de referência por um longo tempo, o que não impediu que ocorressem algumas manifestações, descontentamentos, renegociações, solicitações e pedidos para construção de equipamentos sociais. É fundamental estabelecer relações de confiança, de transparência, tanto que a gente contratou 4 filhos de proprietários atingidos. Foram escolhidos porque conhecem a região e porque a gente os considerou também competentes para fazer análises [de levantamento dos bens rurais] mais justas. Tanto é que escolhemos algumas comunidades para reuniões com os afetados para explicar o Projeto, ouvir as dúvidas e nessas situações

²⁰⁰ Dentre esses grupos, podemos destacar grupos de professores e de estudantes da Universidade Federal de Goiás, *campus* Catalão, que se solidarizaram com o movimento e também foram atuantes na luta contra a construção da barragem, a exemplo de alguns Núcleos de estudos e pesquisas que compõem os atuais Institutos de Geografia e História.

recebemos solicitações, tais como: telefones e internet para zona rural, construção de centros de convivência, campo de futebol, ambulância, ponte, entre outros. [...]²⁰¹

As táticas da empresa para evitar resistências e problemas no decorrer das obras se iniciaram antes mesmo da construção do paredão de concreto armado.²⁰² Segundo a senhora Fátima Conforte, o empreendimento teria enviado funcionários com metodologia de abordagem diferenciada, para conversar com os moradores. Como a ampla maioria era composta por pessoas mais simples, estes os recebiam em suas casas, alguns, inclusive, como se fossem parte da família. Para Fátima, o objetivo da empresa era o de mapear as maiores necessidades de cada propriedade e afetado, para que, no processo de construção da barragem e de negociação das indenizações, estas informações pudessem ser utilizadas.

[...] Antes de chegar a obra da barragem de verdade, eles mandavam um pessoal novinho, que vinha cheio de carinho com a gente, que não sei se porque a gente é muito simples, a gente acolhia e entregava tudo. Teve uns até que vinha e dormia nas casas dos moradores. Mas o que a maioria não percebia e ainda não percebe é que essas pessoas vinham aqui só pra trabalhar pra usina, não tinha carinho com a gente, como eles faziam a gente acreditar. Eles vinham, diziam que estavam do nosso lado, que iam ajudar a gente negociar se a usina vinha ou não, mas o que eles queriam, bem na verdade, era entregar a ovelha pro lobo! Eles queriam era dar pra usina nossos nomes, o que a gente queria e o que a gente ia ficar satisfeito. Eu sei disso porque eu tinha falado que eu queria era poço artesiano na minha terra, ai a usina veio e disse que ia me comprar uma parte da minha terra e que em troca ia me pagar e fazer o poço artesiano. Eles olhavam em papel, um monte de relatórios e iam dizendo o que cada um queria ouvir, assim ficava facim facim pra eles! E a gente ainda achava que estava sendo ouvido, que eles queriam era ajudar a gente. As coisas começaram a ficar mais na cara quando foi a época de pagar as indenizações. Ninguém, que eu saiba, conseguiu receber o tanto que deveria, que tinha sido dito que a gente ia receber. [...]²⁰³

²⁰¹ Mônica Aguiar. Memória da reunião do projeto de Preservação Histórico Cultural. Depoimento. Catalão, 25 mar. 2009.

²⁰² Faz-se necessária a observação de que empreendimentos hidrelétricos costumam utilizar essas táticas durante o processo de negociações, de desapropriação e indenizações, não se constituindo em procedimento exclusivo do caso em questão. A esse respeito ver: ARAÚJO, Kallianandra de Moraes Santos. **"O Sertão virou mar"**: a Usina Hidrelétrica Serra do Facão e as desapropriações do entorno do rio São Marcos. (2000-2010). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

²⁰³ Entrevista de Fátima Conforte (proprietária de um hotel e produtora rural) Campo Alegre de Goiás/GO) 2009.

O ponto de vista de Fátima foi reforçado por Alcides José da Silva, também atingido na área de influência da barragem. Alcides considerou que a tática de aproximação, utilizada pela empresa, conseguiu inibir uma mobilização mais forte, posto que os funcionários da empresa teriam construído um certo vínculo de amizade com os moradores locais. Ao menos era esse o sentimento dos afetados, segundo Alcides. Em sua fala, ele afirmou que a maioria percebeu o movimento trilhado pelo empreendimento, quando já era tarde demais.

[...] No início começou aparecer historiadores né [empregados da Serra do Facão S.A.], falar da região e como o pessoal da zona rural toda, é pessoal humilde, muito hospitaleiro, muito que acreditava em tudo, né? Que achava até interessante, que o pessoal chegava já chamando por nome, aquela amizade toda, né? Bacana chegava e isso inibia até que formasse uma associação forte, né? Que pudesse alguém liderar toda essa negociação com o SEFAC, isso foi tudo jogado por terra diante desse pessoal que apareceu, né? Com promessa disso, daquilo e o pessoal foi deixando levar. Quando eles sentiram o drama da perda e do incômodo que eles tão passando, já era tarde. Porque hoje, se eles chegam lá no SEFAC, o pessoal que já negociou, eles não são mais bem recebidos quanto antes, né? E assim todos reclamam a mesma coisa, não é a coisa que eu tô tirando de mim não [...]²⁰⁴

Com o processo já em andamento, por meio da Pastoral da Terra, a Igreja Católica teve um papel fundamental de apoio aos moradores do entorno do rio São Marcos. Dom Guilherme, o Bispo de Ipameri/GO à época, e membro da Pastoral, como um dos articuladores entre comunidade e empresa relatou ao Projeto, em 2009, seu papel e sua visão sobre o processo de efetivação da UHE Serra do Facão e das parcerias estabelecidas. Ele também evidenciou seu descontentamento com o processo, mostrando-se consciente de que a luta não seria fácil e que, para além das vidas, o capital e o lucro são geradores de certezas e de incertezas.

[...] um pastor, ao ver seu rebanho ser atacado, ele não pode ficar cego, surdo e mudo. Ele tem que ir em defesa desse rebanho. Defender esse rebanho significa, em primeiro lugar: a justiça com essas famílias. [...] aí eu fui à CPT (Comissão Pastoral da Terra) em Goiânia; eu fui ao Ministério Público de Goiânia. Na esfera Federal, na Estadual. Eu conversei com um delegado do Meio Ambiente [...] Todos prometeram tomar providências, mas nada acontece. Isso nós

²⁰⁴ Entrevista de Alcides José da Silva (produtor rural) Campo Alegre de Goiás/GO) 2009.

sabemos, o povo promete: “vamos atender vocês”, mas não acontece. A empresa vai fazer de qualquer jeito, porque quem manda é o capital, não é a pessoa humana! O lucro é o centro do mundo moderno. Tudo gira em torno do lucro. Se daí você precisar privatizar o ar, você vai privatizar o ar! Você ia rir há trinta anos atrás se você ouvisse que iam privatizar as águas? Esse rio São Marcos está privatizado pela concessão, porque o Governo Federal, que é o dono do rio, concede por trinta, trinta e cinco anos, um direito de uso e de exploração. Ora, eu sabia que o rio era dos animais e das pessoas. Agora não, ele é de quem tem o direito de uso dele [...] ²⁰⁵

Em uma de suas falas, Dom Guilherme também destacou a tática da empresa em procurá-lo, no início do processo de instalação da barragem, pelo fato de seu nome ter sido muito mencionado pelos moradores afetados da região. Subentende-se que a empresa o viu como um nome de influência na comunidade, de tal sorte que ele poderia intermediar uma aproximação amistosa, auxiliando a empresa a amenizar os embates com os atingidos.

[...] como é que começou a história? Eu não sei se foi no ano, dois mil e um, eu imagino que tenha sido o ano dois mil. O padre Orcalino estava aqui, ainda em Ipameri, depois eu transferi ele pra Catalão. Num domingo de manhã apareceu duas pessoas, um homem e uma mulher, o senhor era de Brasília e ela, num sei se era de Brasília, mas ela era natural de São Paulo, seria uma assistente social do grupo do SEFAC. Vieram me procurar aqui depois da missa da catedral para falar comigo. Aí, eu as atendi, eles se apresentaram. Ia ser construído uma barragem no Rio São Marcos e tudo mais e que nas primeiras... é nos primeiros contatos meu nome foi muito citado e que eles queriam falar comigo enquanto igreja sobre isso aí. Eu deixei muito claro a minha posição que: em princípio eu sou contra a construção de barragens, especialmente quando nós temos quatro modelos únicos de geração de energia elétrica, é baseado num modelo da hidroprodução, quando nós temos outras possibilidades da energia eólicas, energia solar, enfim nós temos muitas outras possibilidades de produção, mas preferem um único modelo e não se investem suficientemente em tecnologia para aperfeiçoar outros modelos. Então, em princípio, eu sou contra por algumas razões. Razões sociais, é ainda tem que aparecer uma primeira usina hidrelétrica que tenha havido justiça social, porque a empresa ela vem a você e diz assim: -“eu preciso da sua terra” e ela que estabelece o preço. Ela diz que faz uma pesquisa de mercado, só que em todas as partes do Brasil que eu conheço, onde tenha sido construído hidrelétricas, as pessoas que livremente negociam terra, a terra tem um valor e eles com os seus técnicos sempre a favor da empresa apresentam outros valores sumamente inferiores, esse é um primeiro dado. Segundo, ainda tem que provar uma usina hidrelétrica, estou falando do ano dois mil, quando eles chegaram, eu

²⁰⁵ Entrevista de Dom Guilherme (Bispo da Igreja Católica e responsável pela maioria das cidades afetadas pela SEFAC) Ipameri, 2009.

falava pra eles: “ainda tem que me mostrar uma primeira usina que no dia que foi fechada a barragem todas as famílias foram devidamente indenizadas ou reassentadas ou alguma... enfim, as demandas atendidas e eu não conheço nenhuma no Brasil. Quando nós falamos com as empresas construtoras, todas elas mostram que tudo foi atendido. Quando nós os atingidos, nós vemos que alguém está mentindo na história, alguém está faltando com a verdade, se não estiver mentindo, esconde verdades. Porque as verdades são diferentes, de repente para as empresas vai indenizar quem tem a terra. Mas vamos imaginar eu sou eu que tenho terra, minha terra vai ser atingida, eu tenho três, quatro... quatro empregados famílias que moram, trabalham comigo. Eu sendo indenizado e o emprego dessas famílias? Onde que essas famílias vão? Então isso não é indenizado, algumas mais, outras menos, outras ignoram. Então quem são de fato os atingidos? Temos os atingidos diretos e os atingidos indiretos, mas todas dependem daquela terra. Então existem muitas injustiças sociais. É nesse sentido que eu colocava pra eles isso. Então na questão social tem esse dado. Em segundo lugar nós podemos pegar a Serra do Facão, mas podemos pegar qualquer lugar, onde cem, duzentos anos, as vezes mais de trezentos anos aquelas famílias vivem às margens daqueles rios. São pequenos proprietários na sua maioria, onde várias gerações, então a terra... além da terra tem um valor sentimental e esse valor não tem preço e ele não é valorizado no preço. Outra questão, o compadrio. Fulano é compadre de fulano de tal, então a relação humana, isso vai na... na... na linha do quadro da antropologia. Um vai pra um lado, outro vai duzentos, trezentos quilômetros pro outro lado. Quebra-se essa comunhão de vidas, onde havia confiança, onde um empresta sem documento nenhum, é coisas, objetos, dinheiro pro compadre lá do lado, essa cadeia se quebra. Então isso é uma outra questão que não é muitas vezes considerada. Aí diziam: “ah! Mas se todo mundo quiser o reassentamento coletivo nós fazemos, é que eles não querem”. Bom, isso é... é uma... uma... uma questão de não querer conhecer a realidade brasileira. Um pobre que nunca viu cinquenta mil reais na sua mesa, de repente ele vai ver um dinheiro que ele nunca viu. Ele vai iludido pra cidade achando que esse é um dinheiro que nunca vai acabar. Porque aí nós estamos desconsiderando o nível de instrução e de cultura do nosso povo e com isso se quebra isso. Se nós pegarmos as comunidades religiosas seja da igreja católica, seja das igrejas evangélicas que vivem a sua fé em comunidade isso tudo se quebra, isso tudo se joga fora. Então na questão social nós temos famílias digamos que em cem anos, três, quatro, cinco gerações nasceram, cresceram, viveram daquela terra. Você vai olhar nunca teve prostituição, nunca saiu alguém lá pra prostituição, nunca houve drogado lá no meio. Agora, na hora que: -“não nós vamos dar uma casinha bonita pra você lá na cidade”. Ele vai chegar ele, num vai ter emprego, ele num se profissionalizou pra competir no mercado urbano [...]²⁰⁶

²⁰⁶ Entrevista de Dom Guilherme (Bispo da Igreja Católica e responsável pela maioria das cidades afetadas pela SEFAC) Ipameri, 2009.

Fica clara, na fala do Bispo, a preocupação relacionada aos empregados das áreas que viriam a ser inundadas e suas respectivas famílias. Além de ter um posicionamento muito crítico quanto à instalação de hidrelétricas, ele se mostrava preocupado com o deslocamento das pessoas, em especial daqueles que sempre viveram na área rural e que iriam se transferir para os centros urbanos, sem nenhuma formação ou preparação para competir no mercado de trabalho da cidade.

Ainda na questão relacionada à luta contra a instalação da barragem, devemos dar destaque ao Movimento dos Atingidos por Barragens. Na visão do MAB, naquela época, a melhor forma de lutar contra a concretização do empreendimento era a resistência, mesmo sabendo que o processo não seria fácil, uma vez que as armas na luta entre comunidade e empresa eram desleais. De qualquer modo, a resistência poderia gerar perdas financeiras com a não aceitação das indenizações e acordos amigáveis, ou com a recusa às “ajudas” da empresa para a melhoria do lugar. Ao Movimento, restava a conscientização dos moradores por meio de reuniões e boletins informativos impressos, enquanto a empresa utilizava recursos financeiros para seduzir a população envolvida na disputa. Conforme lembra Aline da Silva, uma das lideranças do MAB no município, em depoimento concedido ao "Programa de preservação do patrimônio histórico-cultural: Caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias", era impossível competir:

[...] Impossível competir [com a empresa]. O que dispomos é do nosso jornal em preto e branco, xerocado em folha comum. O deles (SEFAC) era com imagens digitalizadas, papel próprio, além de conseguirem fotos de moradores antigos da região sempre rindo e abraçados aos mentores da empresa [...] Eles ainda contavam com a opinião pública que divulgavam eles dando sacolinha com remédio, levando brinquedos nas periferias. Toda a comemoração da cidade tinha a Serra do Facão, parecia que antes deles não tinha cidade, tudo era eles que iam fazer [...] ²⁰⁷

No início da organização dos moradores, a empresa apenas realizava levantamentos e tinha uma política tímida de indenizações e acordos financeiros. Contudo, de acordo com Lourdes Neiva Mesquita, à medida que o movimento foi

²⁰⁷ Entrevista de Aline da Silva, representante MAB. Catalão, 2009.

ganhando notoriedade e suas ações se tornaram mais incisivas, o empreendimento passou a adotar outra tática: a de negociar primeiro com os membros e lideranças dos grupos, visando o enfraquecimento do movimento.

[...] Ah, eu vi tanto sofrimento nas viagens [à Goiânia e Brasília] que nós fizemos. Se tivesse luta, se tivesse união nós tínhamos conseguido muita coisa, mas é porque o povo dispersou com o jogo da barragem. O povo dispersou mesmo! Eles (SEFAC) passaram a indenizar um aqui, outro ali... Um contava para o outro que: "ah, eles vão nos pagar bem!" E teve gente, inclusive que a SEFAC pagou mais o preço do alqueire de terra do que para outros. Então, eu vou receber daquele jeitão, eu vou calar a boca; é bom pra mim! Tem terra lá na Rancharia (Município de Campo Alegre de Goiás) que receberam bem melhor. Então se a gente tivesse união tinha conseguido muita coisa, mas dispersou mesmo [...]²⁰⁸

Na visão de Sílvio Neiva Mesquita, a empresa foi tão astuta que conseguiu interferir na organização do movimento dos moradores. Ele relata, com pesar, o ocorrido:

[...] Andei pra todo lado, pra todo lugar onde tinha reunião. A gente ia, conversava, tentava convencer, mas ela [SEFAC] sabe articular; ela sabe. Quando você é o forte, tem dinheiro, sabe, né! Você paga e rápido você passa a ser amigo deles [SEFAC]. Eles querem enfraquecer a gente... Porque se nós somos vinte, se eles tiram os dois líderes, os outros enfraquecem... É isso que eles querem, e tão fazendo. Eles são bem preparados. Tem gente preparado pra tudo! [...]²⁰⁹

Com base nas falas de Silvio e Lourdes, podemos afirmar que a tática da empresa, portanto, foi a de se aproximar dos líderes do movimento e indenizá-los primeiro.²¹⁰ Alguns, inclusive, recebendo valores maiores do que os demais, dentro de uma avaliação similar:

[...] também o fato deles divulgarem a ideia que quem não resistisse seria indenizado primeiro e melhor. Diante do medo de não receber, as resistências foram dando lugar à aceitação. Isso segregava o grupo, desmobilizava [...]²¹¹

²⁰⁸ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural) Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009.

²⁰⁹ Entrevista de Sílvio de Neiva Mesquita (produtor rural) Fazenda Pires - Catalão/GO, 2020.

²¹⁰ ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. "**O Sertão virou mar**": a Usina Hidrelétrica Serra do Facão e as desapropriações do entorno do rio São Marcos. (2000-2010). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

²¹¹ Depoimento de Aline da Silva, Catalão, 2009. In.: ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. Op. cit.

A propósito, a questão foi apontada por Kalliandra de Moraes Santos Araújo, em um estudo feito na região durante o período de instalação do empreendimento:

[...] Muitas reuniões aconteceram para tentar apoiar as lutas e enfrentamentos. Diante da irreversibilidade do empreendimento, a reivindicação muda seu caráter, deixa de ser contra a barragem e passa a ser sobre os cálculos indenizatórios. Numa medida educativa pelo exemplo, a empresa paga primeiramente os que precisam ser silenciados [...]²¹²

A tática evidente, com vistas a desmobilizar a resistência dos atingidos pela barragem, torna-se ainda mais clara quando Sr. Amarildo Almeida Silva, produtor rural afetado pelo empreendimento, relata sua inquietação e insatisfação. Para ele:

[...] Não é justo! Nós lutô, viu? Teve uma especulação imobiliária que surpreendeu todo mundo aqui, ninguém conseguia comprá mais nada, então era mió receber logo e ver o que dava pra nós garanti. Eles vencerô nós pelo cansaço [...] Eles de primeira sumiru, depois vieru com tudo e disseram que quem fosse do MAB ia ser os últimos a receber. Nós ficô tudo preocupado, né? E se nós nem num recebê? Então isso enfraqueceu o movimento [...] nós tinha medo também dos processo, nós já tinha visto o processo judicial dos padre²¹³, então a gente pensô que se nós ainda tivesse processo, podia dá até de nós num recebê! [...]²¹⁴

No modo de ver do entrevistado, as atitudes da empresa propiciavam insegurança e medo entre alguns afetados, como parte da estratégia de desmobilização do grupo contrário à sua construção e, com a resistência quebrada, os valores indenizatórios não foram satisfatórios para a maioria que, ao final do processo de negociações, não tinha força nem fôlego para enfrentar a empresa.

²¹² ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. Op. cit. p. 58.

²¹³ Alguns padres, membros da Pastoral da Terra e militantes do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragem) foram responsabilizados judicialmente em processos abertos pela SEFAC. Padre Orcalino, um dos principais líderes locais, responsabilizava o empreendimento de adotar formas de coerção durante o processo de sua instalação. A esse respeito consultar: ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. **"O Sertão virou mar"**: a Usina Hidrelétrica Serra do Facão e as desapropriações do entorno do rio São Marcos. (2000-2010). (TCC) Curso de Graduação em História, UFU. Uberlândia, 2010.

²¹⁴ Depoimento do produtor rural Amarildo Almeida Silva, 2009. In.: ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. **"O Sertão virou mar"**: a Usina Hidrelétrica Serra do Facão e as desapropriações do entorno do rio São Marcos. (2000-2010). (TCC) Curso de Graduação em História, UFU. Uberlândia, 2010.

[...] Se dispersou. É, uai! Continuaro a se organizar. Aqui acho que foi o grande, o pessoal parece que cansaro, né? Eles me venceu pelo cansaço, as empresas, e aí pararo, pararo todo mundo, todo mundo começaro a investir, trabalhar nas propriedades, e de repente veio, né? Dai novamente, aí veio pra valer. E com essa questão também da gente tá sendo processado, muita gente sentiu medo naquele momento, se afastou e ali começou. Hora que começou, e aí a empresa, ela tem aquela, uma estratégia muito difícil, né? Por que ela, ela sabe lidar com o camponês, né? Eles têm uma estratégia, né? Então quem tá lutando não vai cedê, vai se o outro que vai céde. Eu fui, num tive assim, uma prova concreta, mas alguém de Furnas teve nos meu vizinho próximo lá e falou que eu ia sê o último a recebê, porque eu era um dos líderes, que tava brigando, bateno de frente, contra, então eu seria o último a recebê. E aí esparramou aquilo e aí deu medo, deu medo. E aí todo mundo, aí esfriou tudo, né? Então, eles faz, trabalha com essa estratégia, consegue amendrontá o pessoal [...]²¹⁵

No momento de quebra da resistência, podemos afirmar que o processo de construção da barragem não tinha mais retorno. Por certo, tratava-se de uma realidade previsível desde a liberação e o licenciamento por parte do governo federal. Entretanto, para algumas pessoas do movimento seria possível sensibilizar o poder público acerca dos impactos negativos do empreendimento na vida da comunidade. Infelizmente, os esforços nesse sentido, na maioria das vezes, mostravam-se como ecos em um espaço vazio, no qual a resposta era sempre o silêncio, reverberando a sensação de solidão. Silvio Neiva Mesquita, um dos líderes do movimento, viajou inúmeras vezes com sua família para a capital do país. Ele era presença constante em reuniões com a Serra do Facão S.A. e/ou com seus pares. Mas, ao retornar para sua propriedade, em seu labor diário, a solidão e a tristeza eram marcas evidentes. Arminda Mesquita Correia, mãe de Silvio, destaca o sentimento de desgosto. Em sua fala, ela disse que:

[...] Ta tirando. Ta lá tirando. Ele [Sílvio] comprou ordenha, né? Aí ele vendeu um bocado das terras, ele [Silvio] falou: num quero vender nada que o meu pai deixou [com voz de choro], aí eu falei mais tem que arrumar as coisas, né? O dinheiro num tem. Só mesmo das terra, aí pegou dinheiro demais, mas demais mesmo! A barragem deu... terra só boa né? [...]²¹⁶

²¹⁵ Entrevista de Amarildo Almeida Silva (produtor rural) Catalão/GO, 2009.

²¹⁶ Entrevista de Arminda Mesquita Correia (produtora rural) Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009.

Dona Arminda ainda mencionou o fato de que mesmo tendo muitas terras, não significava que o mesmo teria dinheiro. Afinal, os valores estavam empregados na propriedade. Com a desapropriação, as terras se revertiam em dinheiro: muito para uns, suficiente para poucos e irrisório para a maioria. Isto, se levarmos em consideração a especulação imobiliária e o desmantelamento do grupo de enfrentamento à construção da UHE Serra do Facão. Mas, podemos ler, na fala de dona Arminda, que os valores recebidos não substituíam e nem acabavam com a tristeza e o vínculo identitário com o lugar.

Em outras localidades, com a construção de barragens como a de Belo Monte, no rio Xingu, a luta estava focada na defesa da questão ambiental, tendo as populações tradicionais e as indígenas, bem como ativistas e grupos ambientalistas em enfrentamento com o poder público. No caso de Belo Monte, a bandeira de luta era contra os impactos da construção da usina no campo, no meio ambiente e na sobrevivência das populações indígenas e ribeirinhas, ganhando repercussão internacional.²¹⁷

É importante registrar que as questões ambientais também preocupavam os moradores locais da região afetada pela UHE Serra do Facão. Améria de Aparecida Cardoso, moradora na região de Catalão/GO, compreendia que o progresso prometido não se equilibrava com os impactos gerados pela construção das várias usinas hidrelétricas pelo país, entre elas a Serra do Facão, conforme se depreende da fala abaixo:

[...] Eu penso que não, assim agora às vezes tô falando vem esse movimento todo aí, que os outros dá serviço, dá progresso, mas como diz o outro, isso tarde gera problema. Eu penso assim que deve investir outro tipo de energia saia melhor. Tava vendo se ficasse só por uma duas, o negócio é que eles não para, eles vai faz uma, faz outra. Que que vai virar o mundo? Igual eu falo, eu tenho mais preocupação com a natureza, cê não vê igual tá falando aí, a poluição estragou, como disse os outros; a camada de ozônio, aí o sol como é que tá! Cê não vê pra fora aí, Santa Catarina [enchentes e tornados incomuns na região e que se intensificaram naquele ano], esse trem, é porque aquilo, é porque a natureza tá dando a resposta dela, porque agrediu ela, mexeu com ela, a mesma coisa é aqui,

²¹⁷ Para saber mais consultar: FLEURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jalcione. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. **Revista Ambiente e Sociedade**. v.16, n.4, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1414-753X2013000400009&lng=en&tlng=pt.

esse rio foi feito pra correr solto, ele não foi feito pra tampar aqui acolá, cê sabe que um trem, a natureza que cê muda ela, ela vai dá a resposta mais tarde, a minha preocupação mais é esta. Os outros é ter acha bõo gera energia, gera serviço, mas preocupante é a natureza, né? que cê vai mudar ela, mais tarde ela vai dar a resposta dela. [...] ²¹⁸

A partir desta fala, podemos inferir que parte dos moradores entendia o empreendimento como algo ruim não apenas com relação aos sentimentos e vínculos identitários, mas também em se tratando dos impactos ambientais.

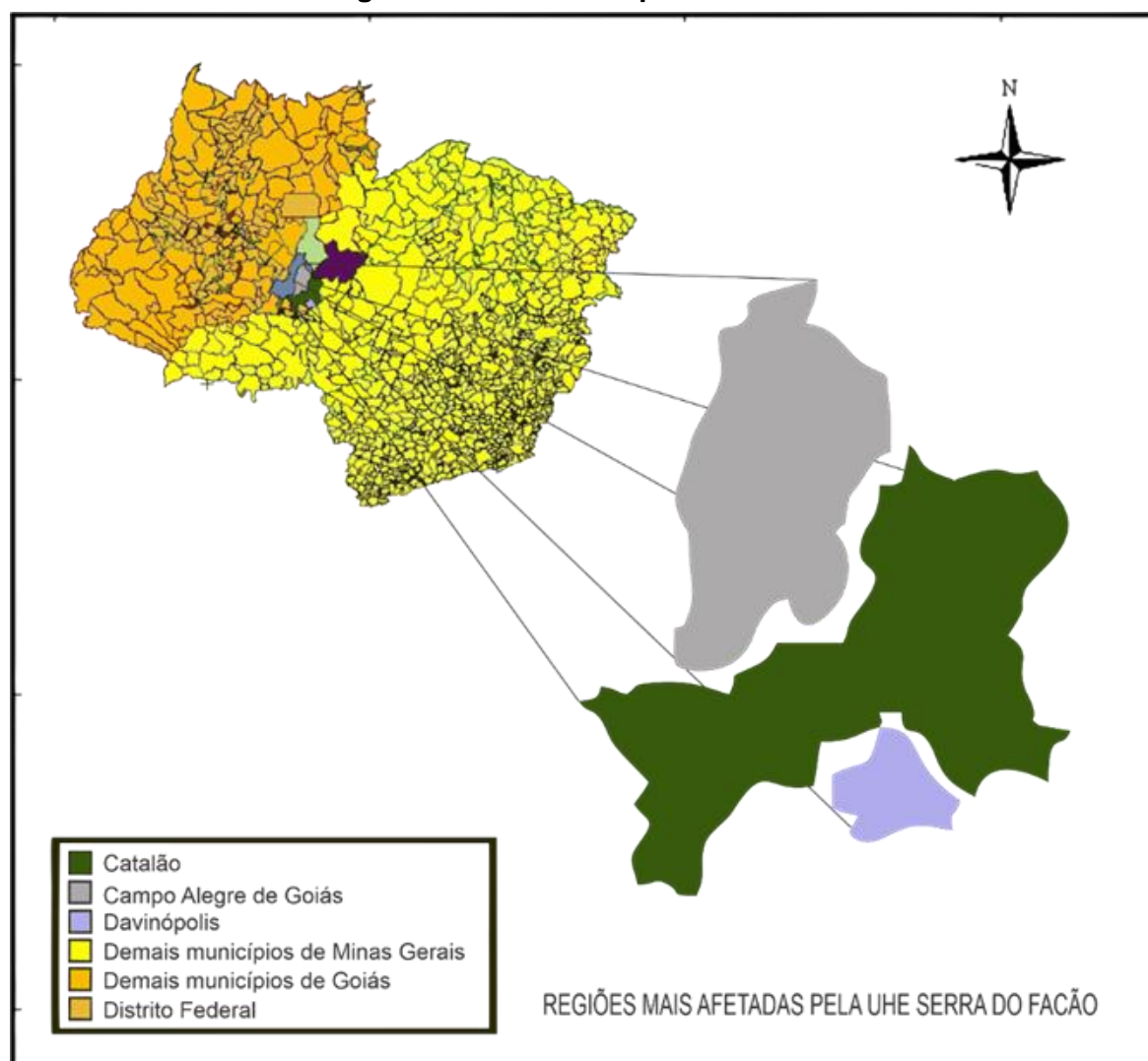
É válido ressaltar que o movimento dos atingidos da Serra do Facão se deu em âmbito local e regional, não chamando a atenção dos governantes de forma direta. Estes apoiaram a efetivação da hidrelétrica uma vez que geraria dividendos para os municípios atingidos. Aos moradores da região do rio São Marcos restou a luta por indenizações justas e as incertezas do futuro. Mais uma vez, é o senhor Silvio Mesquita que nos permite compreender como os moradores lidaram com essa situação.

[...] Não entender se a barragem ia ou não ser construída foi difícil para nós. Você não tinha certeza de mais nada. Você não tinha uma pessoa pra falar com certeza se a barragem ia ou não ser construída. Mas a gente sabia que outras barragens tinham sido construídas. Veio a do Capim Branco, aquela aqui de Araguari e Uberlândia. O pessoal veio de lá pra cá. Eu me perguntava quanto custava, que preço que eles pagaram pelo alqueire de chão? Que preço pagaram no hectare de terra? Quanto pagaram nas casas? Aqui ninguém contava pro outro quanto recebeu. Você não sabia de nada! E aí eles fizeram outro estudo aqui, avaliaram por baixo. Agora eu pedi outra avaliação, pra eles dá outra avaliação. Foi difícil! Não foi fácil não! Eu acabei com dois pares de pneus da caminhonete andando atrás disso aí, ou mais! [...] ²¹⁹

²¹⁸ Entrevista de Améria de Aparecida Cardoso (produtora rural) Catalão/GO, 2009.

²¹⁹ Entrevista de Silvio de Neiva Mesquita (produtor rural) Fazenda Pires - Catalão/GO 2020

MAPA 9. Regiões mais afetadas pela UHE Serra do Facão



Fonte: Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias".

Representantes da SEFAC visitaram todas as propriedades, das mais de quatrocentas e vinte famílias dos seis municípios que viriam a ser impactadas pela construção da Usina Hidroelétrica. No entanto, devemos levar em consideração que as regiões mais afetadas seriam as de Catalão, Davinópolis e Campo Alegre de Goiás, conforme apresentado no mapa 9.

3.2. A região do Rio São Marcos como território em disputa: quanto vale o meu sossego?

Segundo relatou o senhor Silvio Mesquita, a SEFAC dispunha de várias equipes de visitação aos moradores. Elas eram responsáveis pelo mapeamento das plantas, construções, identificação da qualidade do solo, quantidade de moradores, dentre vários outros pontos a serem observados para o cálculo indenizatório. No entanto, toda e qualquer benfeitoria que viesse a ser feita depois desse levantamento, não faria parte da contabilização do valor a ser gerado para indenização.

O problema é que a ampla maioria dessas indenizações levou anos para serem pagas. Obviamente, durante este longo período de espera, os moradores não pararam suas vidas. Fosse com vistas ao bem-estar da família ou, ainda, pela ilusão de que a hidrelétrica não se tornaria uma realidade e suas vidas permaneceriam como antes, fato é que efetuaram melhorias em suas propriedades.

Do mesmo modo, neste caminho de mão dupla, outros moradores optaram por seguir suas vidas em outra direção, na certeza da chegada das águas e de um novo começo. Nestes casos, tocaram as vidas dentro da rotina modorrenta do “aguardo”, esperando o recebimento da indenização para, finalmente, seguir em frente.

As falas dos moradores mais antigos da região relatam com riqueza de detalhes as incertezas sentidas desde a chegada dos primeiros indícios de que ali se instalaria uma barragem, seguida de uma hidrelétrica para a produção de energia. É o que podemos observar na fala, a seguir, do Sr. Sílvio Mesquita:

[...] Fizeram um estudo aqui. Naquele tempo chovia muito, né? Era diferente de hoje... então eles fizeram o estudo e deixou alguém tomando conta, marcando a água por vinte anos quase. Toda semana marcava o nível da água, sabe? Anotava e mandava [as informações] Eles [representantes da obra] vinham e passavam por aqui e cada pessoa falava de um jeito, cada pessoa que vinha ficava [nos enrolando]; nós estávamos nos sentindo no escuro. Você já pensou quando você tá todo estruturado, sua casa, sua vida, ai você fala assim: vai passar uma rua, vai passar um trem e vai desmontar tudo aqui? Você não sabe se vai, se não vai [...] Nós ficamos uns 10 anos nesse sai não sai, vai, não vai! Você não faz um investimento,

porque fica com medo; Você não sabe onde a água vai, até onde o nível da água vai [...] Uma das coisa difícil! Quando eu construí aqui, todo mundo falou: "mais que bobo, pra que fazer essa casa, a água vai ficar a dez metros (de altura). Cada pessoa falava uma coisa. Você não tinha seguimento. Você ia formar (pasto)? Ia fazer uma cerca boa? Você não sabe o que que você ia fazer! Nós ficamos uns dez anos desse jeito! [...]"²²⁰

Como vimos, a SEFAC utilizou diferentes estratégias para favorecê-la no processo de disputa com os moradores que seriam afetados pela usina. A seu lado, estavam disponíveis instrumentos de operacionalização do poder, tornando-a desde o princípio vencedora no processo que levou, inevitavelmente, ao desenraizamento dos sujeitos para dar lugar à construção da hidrelétrica. Embora vencidos na finalização do processo, os atores sociais "lutaram o bom combate", criando meios, táticas e valendo-se de trampolinagens para assegurarem a sua sobrevivência. Dito de outra forma, apesar de possuírem a clareza de que a construção da barragem era irreversível, não se furtaram à luta possível, buscando garantir os recursos necessários para tentar preservar, num outro tempo e lugar, aspectos do seu modo de vida. É por isso que o tema das indenizações ocupa um lugar central nas narrativas, uma vez que a configuração da lembrança se estabelece à luz do presente em que se vive.

Não se pode esquecer que as estratégias da SEFAC não se constituíram por via da *justiça social*, mas sim como mera "resposta social", operacionalizada tecnicamente. Por este motivo, os estudos da terra visavam desonerar a empresa de pagar adequadamente os sujeitos que estavam sendo expulsos de seus territórios de pertença. Além da mensuração do nível da água por quase 20 anos, os representantes da empresa também perfuraram e recolheram amostras de solos e, segundo as narrativas dos moradores, basearam uma parte da indenização mediante o critério de "qualidade da terra".

O conceito que se pretendia técnico, portanto "neutro", era claramente tendencioso, pois não apenas desconsiderava a irregularidade do solo da região, as peculiaridades inerentes a cada tipo de terra como também, e isso é o mais

²²⁰ Entrevista de Silvío de Neiva Mesquita (produtor rural) Fazenda Pires - Catalão/GO 2020

importante, a possibilidade de *correção e fertilização do solo* pelo produtor rural²²¹. Mas, conforme lembra o Sr. Silvio Mesquita,

[...] fizeram uma avaliação [das terras] e levou para empresa porque senão, não conseguiam fazer a Serra do Facão (exigência governamental), pra fazer essa barragem! Aí fez aquela coisa, fez aquela avaliação e aí nós fomos prejudicados. Pra nós pra quem tinha terra boa, isso não foi bom. Eles fizeram umas análise assim: foram lá em Campo Alegre, na Rancheira [...] fizeram umas análise. Um córrego, de um córrego pro outro tem uma diferença, a terra aqui no Goiás é diferente. Geralmente em todo Brasil é assim. Na lavoura é assim, você vai andando na lavoura você furava aqui era uma terra, você andava aí mais uns trezentos quinhentos metros, já era outro tipo de terra. Então eles fizeram uma avaliação em cima disso. Aquela terra que estava bonita que aquela pastagem tava alta, eu sei que [o dono] jogou até adubo, quem tinha terra menor, quando foi olhar o capim estava alto, estava aquela beleza. Então a avaliação deles foi alta, mais alta. Aí as vez a terra era boa, mas as vez ela não tava bem formada, não era lavoura ainda, não deu valor! Você vê, a minha do lado de cá é tudo plaina, plantava todinha, todo mundo olha assim... eu tenho uns parentes, um primo ali que planta lavoura de soja que falava assim: "Dente bão é em boca de cachorro!", ele tem o lugar de plantar... e não deu valor! A terra plaina todinha, a água aqui oh... descia ali pro lado de lá do córrego pra cá era tudo plaino, do lado de lá não. Aí fizeram a avaliação do de cá com o de lá deu, deu uma média e foi isso. A reserva que comprou do lado de lá, tudo em média deu dezoito, não chegou dá dezenove mil na época por alqueire eu vendi cinquenta e cinco alqueires, não sei quanto, eles queriam me dar só oitocentos mil [reais] e num sei quantos... aí eu pulei lá em cima mesmo! Aí, me deram uma ajuda, e... tive que mudar aqui sabe? aí fizeram um... tive que mudar a estrutura, o curral, o barracão, a ordenha, paiol, peguei aquilo, e joguei tudo porque tive que mudar... jogou curral cimentado, barracão cimentado, jogou estrutura, jogou tudo! Aí consegui mais de um milhão e dezesseis... consegui duzentos e setenta mil nisso [...]²²²

Fossem grandes ou pequenos produtores, o problema quanto à indenização se intensificou com a demora dos pagamentos às famílias atingidas. Alguns moradores relataram que levaram anos para que recebessem os valores devidos. Uma parcela desses sujeitos se viu obrigada a ingressar na justiça para

²²¹ Na prática, não existe "solo improdutivo". Há diferentes classes de solo e, cada um, necessita de correções específicas para garantir a sua produtividade. Isto exige avaliação constante, com vistas a determinar os tipos de corretivos e fertilizantes exigidos pelo solo. Para saber mais sobre o tema, consulte: LOPES, A. S.; GUILHERME, L.R.G. Fertilidade do solo e produtividade agrícola. *In*: NOVAIS, Roberto Ferreira de Novais et al., (org.). **Fertilidade do Solo**. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2007, p. 1-64. RAMALHO FILHO, A.; BEEK, K. J. **Sistema de avaliação da aptidão agrícola das terras**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Embrapa-CNPS, 1995. 65 p.; SANTOS, H.G. et al. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 3 ed. Brasília: Embrapa, 2013, 353p.

²²² Entrevista de Silvio de Neiva Mesquita (produtor rural) Fazenda Pires - Catalão/GO 2020

receber a sua indenização, principalmente aqueles que, mesmo vivendo na região há anos, não possuíam a documentação legalizada das terras. Em se tratando destes últimos, é importante registrar que a UHE Serra do Facão indenizava mediante a apresentação de documentação regularizada, exigindo o procedimento regulatório para que o processo indenizatório se concretizasse. Segundo os pesquisadores Aline Cristina Nascimento e Marcelo do Nascimento Rosa, a ação de regularização não seria tão fácil, posto que as terras foram inundadas antes mesmo dos sujeitos conseguirem a documentação.

[...] Todos os camponeses, tanto os que tiveram suas terras inundadas parcialmente, como os que as tiveram totalmente inundadas, e que estavam com a documentação jurídica de sua propriedade regularizada (ou que conseguiram regularizá-la) foram indenizados. [...] pelo fato de a empresa ter aplicado a estratégia patrimonialista, alguns camponeses ainda esperam a legalização dos documentos da terra (se é que isso é possível) para receberem a indenização, mas suas terras já foram totalmente inundadas pelo reservatório formado pela hidrelétrica, como retrata o depoimento de um camponês que atualmente reside no Distrito de Pires Belo – Catalão (GO) e atualmente vende sua mão de obra [sic] numa lavoura de tomate enquanto aguarda a decisão da justiça sobre o reconhecimento e a indenização [...]²²³

Os autores trazem ainda o depoimento de um dos sujeitos que se viu obrigado a ingressar na justiça, na esperança de receber o valor indenizatório. A entrevista foi concedida em 2013, quando a usina já era uma realidade:

[...] Olha menina, eu fui atingido e nem sei mais onde era minha terra, debaixo desse mundaréu de água aí. A terra foi do meu avô e meu pai passô pra mim e meus 5 irmão, mais os papel sempre foi muito enrolado; mais nós vivia ali e todo mundo sabe disso e eles não me paga porque qué os papel; é muita ruindade porque já tem cinco ano. [...] agora o advogado tá veno o que arruma e enquanto isso nós fica aqui passano a maió dificuldade. [...] como eu só sei trabaiá na roça, eu tô aqui mexeno com tomate enquanto o dinheiro não vem pra mim comprá outra terra [...] (Camponês expropriado, Sr. A. A., 54 anos. Município de Catalão. 29/04/2013).²²⁴

²²³ NASCIMENTO, Aline Cristina; ROSA, Marcelo do Nascimento. **E cadê os camponeses que estavam aqui?** Expropriação e resistência camponesa a partir da construção da hidrelétrica Serra do Facão. Sociedade e Território, v. 27. Edição Especial I – XXII ENGA. Natal, 2015. p. 193.

²²⁴ Id. Ibid., p. 194.

A narrativa acima reforça o fato de que nem todos receberam suas indenizações. Aqueles que possuíam uma documentação regular tiveram os valores depositados, enquanto os demais, além de precisarem reivindicar seus direitos na justiça, aguardaram anos ou ainda aguardam para receber os valores. Conforme Nascimento e Rosa, "[...] as obras se efetivaram em 2007 e foram concluídas em 2009, sendo que o processo de indenização das famílias atingidas não terminou até o atual momento (primeiro semestre de 2014)"²²⁵.

Mesmo para aqueles que receberam em dia os valores indenizatórios, a empresa não levou em consideração a dinâmica imobiliária ou a correção monetária. Portanto, os valores que já eram considerados baixos ficaram ainda menores quando, finalmente, os moradores afetados diretamente pela construção da SEFAC receberam sua indenização.

De acordo com Amarildo Almeida Silva, havia uma responsabilidade direta da SEFAC na especulação imobiliária. Ele relata que após algumas reuniões dos moradores afetados e de uma passeata que desembocou em frente ao escritório da empresa, a mesma teria divulgado o caderno de preços (valores a serem pagos pelas propriedades e benfeitorias) para a comunidade em geral. A ação levou, nos dias seguintes, a um *boom* imobiliário.

[...] fizemo uma reunião lá na paróquia São Francisco, de lá nós decidimo, fizemo uma assembleia e decidimos descê pra Sefac pra, ou eles dava uma explicação, ou a gente ocupava o escritório pra buscá explicação. Chegamo lá, topamo o escritório fechado. Aí fizemo aquela movimentação ali na porta até que eles nos recebesse, mas aí eles num quis recebê, recebero só uma [representação], só, não sei se foi 6 representante. E aí a gente queria explicação e eles, continuava empurrando, empurrando. Mais aí, por causa dessa manifestação eles me processaro, me processô e alguns integrantes do movimento da época, da resistência, porque tava indo ali pra fazê é barulho, sei lá como que fala no processo, eu até não me lembro. Aí passou, a gente continuou a, firme. Aí começou a falá que ia iniciar em julho as negociação e realmente não foi isso que eles disseram. Então marcavam para um mês, de repente jogava para outro mês e nada de negociação. Aí quando foi assim, em agosto, iniciou um trabalho de levantamento das propriedades. Mais, aí primeiro eles fizero um caderno de preço e soltaro esse caderno de preço, foi na mídia e chamou a televisão e aí quando todo mundo que tinha imóvel para vendê, viu aqueles preço, aquelas coisa, veio a especulação imobiliária que subiro tudo,

²²⁵ Id. Ibid., p. 191.

inflacionou tudo, foi quando eles soltaro o caderno de preços com os valores, mas só iniciou, tinha os valores mas só iniciou em novembro. Isso aí os atingido foi afetado por esse negócio de eles ter soltado esse caderno de preço. Que aí tudo inflacionou e quando começaram a pagar, né? As coisas já tinha, tava, já tinha inflacionado tudo, aí não conseguia mais a comprá os imóvel naquele valor que era antes, né? [...]²²⁶

De uma forma ou de outra, fato é que os valores de terrenos e casas no centro urbano, principalmente os preços por hectare aumentaram²²⁷. Assim, como podemos observar no depoimento a seguir, muitos camponeses não conseguiram comprar a mesma quantidade de terras que possuíam antes da chegada da barragem, com o dinheiro da indenização.

A minha terra lá era 36 alqueires e o que a barrage me pagô deu pra comprá só 11 alqueires, aqui, na Comunidade São Domingos, porque, foi 3 vezes mais o preço que eles pagô aqui. Mais, eu e o home, que tava vivo, preferimo vim pra cá porque a cumade mudô pra cá também e aí não ficamo no meio de gente estranha. (Camponesa expropriada, Sra. A. A., 71 anos, município de Catalão-GO, 18/05/2013)²²⁸

A narrativa ainda demonstra o vínculo entre os pares, recurso último para amenizar o desenraizamento e tentar garantir a continuidade de um modo de vida inundado pelas águas. Mesmo ciente de que o valor que dispunha não era suficiente para adquirir a mesma quantidade de terra que possuíam antes, a narradora e seu finado marido preferiram se submeter à especulação imobiliária para que pudessem continuar ligados à terra. Nas palavras de Nascimento e Rosa, "[...] apesar da coerção e da violência sofridas da empresa expropriadora, a maioria das famílias camponesas optam por continuarem camponesas e, para isso, se estabeleceram em outros lugares"²²⁹.

O processo indenizatório sempre foi alvo de discórdia e ponto de ampla discussão entre os próprios moradores afetados pela usina. Durante a coleta de entrevistas do projeto de pesquisa "Caminhos da Memória, caminhos de muitas histórias", os proprietários questionavam os valores a serem recebidos pelos

²²⁶ Entrevista de Amarildo Almeida Silva (produtor rural) Catalão/GO, 2009.

²²⁷ O hectare é a unidade de medida para superfícies agrárias e corresponde a cem ares ou um hectômetro quadrado, cerca de 10.000m².

²²⁸ NASCIMENTO, Aline Cristina; ROSA, Marcelo do Nascimento. Op. cit., p. 194.

²²⁹ Id., Ibid., p.192.

seus empregados, alegando que os mesmos estavam recebendo quase o mesmo valor, ou mais, do que os donos da terra. Contudo, para esses trabalhadores a contabilidade era diferente de seus patrões, uma vez que o cálculo considerava o tempo de serviço e permanência na propriedade e região.

A diferenciação de cálculos também era feita para os arrendatários e para meeiros. Nestes casos, aqueles que não possuíam terras, mas trabalhavam nelas, após o processo de desapropriação puderam receber valores que viabilizaram a compra de terras. Segundo Nascimento e Rosa:

[...] alguns meeiros e empregados receberam indenizações e se transformaram de camponeses sem terra em camponeses com terra. Evidentemente terra para trabalho é um direito que se deveria ser respeitado e um dever que o Estado deveria cumprir. As famílias que viviam em regime de meia ou de arrendo, ao serem reconhecidas como atingidas receberam uma carta de crédito no valor suficiente para adquirirem de oito a doze hectares de terra [...] ²³⁰

Independendo de serem meeiros e/ou arrendatários, o apego ao lugar era evidente. Afinal, alguns partilhavam a terra no sistema há vários anos e vínculos identitários já haviam sido construídos, a despeito da propriedade da terra. No entanto, nem tudo foi visto como ruim para essas pessoas. Como Nascimento e Rosa definiram, eram camponeses sem terra que agora passavam a donos da terra, devido às indenizações que receberam da SEFAC. Em um dos depoimentos que os autores apresentam, uma camponesa relata sua tristeza em deixar o lugar, mas enfatiza, sobretudo, que agora é possuidora de terras em seu nome.

[...] Eu tô sofrendo muito por tê que saí de lá, porque lá tudo que nós fazia era à meia, e nós vivia bem, mais, agora, essa barragem deu uma carta de crédito e o véi [marido] comprô essa terra pra nós. Foi difícil, mas não foi ruim, pelo menos nós vai tê o que dexá pros menino [filhos]. (Camponesa Expropriada, Sra. N. S., 51 anos, município de Catalão-GO, 12/05/2013) [...] ²³¹

Na recomposição das lembranças, encontramos as falas dos proprietários de terras eclodindo, marcadas por ressentimentos, em virtude da equiparação entre os donos da terra e seus funcionários ou agregados. Estas recordações,

²³⁰ Id. Ibid., p. 200.

²³¹ Id. Ibid.

em diversas vezes, nos foram relatadas não no interior da casa, mas durante uma tarde, na amplitude dos quintais, tomando café, transitando entre a cozinha e o quintal; ou seja, os lugares de memória das vivências. Estes espaços ecoaram imagens, em especial em relação ao empreendimento, revelando memórias, conforme já apontou Ecléa Bosi.²³² É este o caso, por exemplo, das memórias de Silvio de Neiva Mesquita e sua esposa, que se recordam de auxiliar muitos dos empregados da região. Segundo Sílvia, vários empregados o procuraram pedindo ajuda para receber o que lhes era de direito:

[...] "Você falou sobre os nossos empregados? Nossos empregados receberam [indenizações] também!" [voz de dona Lourdes, esposa do Sr. Silvio]. Um recebeu daqui né? O outro que tinha eu falei que não ia dispensar ele, ele também recebeu. Não era atingido diretamente, porque a empresa foi enrolando, enrolando, enrolando e quanto mais demorava de pagar, pra ela era melhor! Alí embaixo tinha outro [...] Muitos outros foram embora. Até teve um que comprou um carro novo, perguntou se podia comprar o carro, falei: "num tem nada a ver, você pode comprar até avião, direito seu!" Quem nos procurou nós ajudamos [...]²³³

Para a maioria dos empregados ou agregados contemplados com as indenizações, o montante recebido representava dias melhores e, independentemente de os patrões concordarem ou não com o valor recebido, para eles qualquer montante foi bem-vindo. Isso representou uma espécie de “trampolim econômico”, alavancando-os para uma condição de vida melhor do que aquela na qual se encontravam. Para estes sujeitos, o apego à terra não era um impeditivo para receber os valores de direito, pagos pela empresa SEFAC, pois, por mais que tivessem vínculos com o lugar, sair dali, e com indenização, descortinava inúmeras possibilidades, inclusive a de reconstrução de suas vidas nas cidades circunvizinhas.

Ao levarmos em consideração os apegos e desapegos em relação à terra, percebemos que cada sujeito expressava uma relação diferente com o entorno. Logo, toda a afetividade construída foi valorada mediante situações e circunstâncias relativas ao lugar. Pertencer ou não à região do Rio São Marcos

²³² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 39.

²³³ Entrevista de Silvio de Neiva Mesquita e esposa (Produtores Rurais - Fazenda Pires - Catalão/GO) 2020.

pode ser dosado de diferentes formas e relações. Inclusive, não podemos desconsiderar que estas estão atreladas às memórias individuais e coletivas, o que, para Pierre Nora, recoloca em tela a problemática dos lugares e as diferenças entre memória e a ciência histórica. Nesta perspectiva, o autor nos lembra que “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas”²³⁴.

As incertezas dos proprietários rurais com as indenizações tornaram-se certezas para os trabalhadores agregados. Lucrando com o processo, ao receber o valor indenizatório partiram rumo à cidade na tentativa de fincar novas raízes. Mas, para muitos moradores que forçosamente teriam que se mudar, a situação de deslocamento não foi confortável.

Ainda em relação a esse processo indenizatório, devemos ressaltar os casos que não aceitaram o acordo financeiro com o empreendimento. Esses tiveram seus valores depositados em juízo. Como se tratava de um empreendimento energético e aprovado pelo governo federal, colocava-se a possibilidade de “concretização de acordos” à revelia de uma das partes, em nome do “progresso”.

Vale esclarecer que para a construção de hidrelétricas serem aprovadas pelos órgãos reguladores, o consórcio construtor é obrigado a construir planos que possam compensar e mitigar os impactos causados pelas obras. O Plano Básico Ambiental (PBA) é o instrumento que norteia este processo. O mesmo deveria ser construído com a participação dos atingidos, porém eles não foram ouvidos.

As indenizações pagas pelas empresas construtoras de barragem seguem um protocolo padrão quanto ao pagamento. Geralmente, o cálculo é baseado nos preceitos normativos estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), tendo como referência um documento chamado de “Caderno de Preços”. As avaliações juridicamente levam em consideração apenas o valor da terra, desconsiderando todo o contexto afetivo. No caso das benfeitorias,

²³⁴ Nora, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 9.

servem de forma subjetiva para compararem os bens com imóveis particulares e regularizados com registro imobiliário e valor mais elevado, desprezando outras características, mesmo a empresa realizando um estudo social com os atingidos.

O quadro a seguir, com questões aplicadas a um dos moradores afetados pela barragem, é uma amostragem dos pontos abordados durante o estudo social promovido pela empresa em 2007, quando a SEFAC se intitulava “Projeto Serra do Facão”. Das mais de 260 questões feitas ao morador, destacamos 37, de modo a demonstrar que o objetivo do estudo era o de calcular o grau de vulnerabilidade, durante o mapeamento social ainda no início das obras²³⁵.

QUADRO 2. Amostragem de Questões aplicadas ao Morador Afetado “X”.

Número da Ficha do SSI	x
Código da propriedade	CA.0x.D
Área da Propriedade (cadastro SEFAC)	81,4
Área Atingida	81,4
Área Remanescente	0
Área da Propriedade (informada pelo proprietário)	125
Nome do Entrevistado	xxx
Apelido do Entrevistado	xxx
Chefe da Família Tempo de Residência na Propriedade	35
Chefe da Família Tempo de Residência na Região	35
Unidade Familiar Número de Pessoas	5
Moradia Nr. Cômodos na casa	8
Moradia Nr. Cômodos fora da casa	0
Moradia Nr Quartos na Casa	3
Moradia Salas na Casa	1
Moradia Áreas de Serviço na Casa	1
Moradia Cozinha na casa	1
Moradia Despensa na casa	1
Moradia Varanda na casa	1
Banheiro Vaso Sanitário	4
Bens duráveis: número de rádios ou aparelhos de som	1
Bens duráveis: número de fogões a lenha	1
Assistência Médica pelo SUS distância em km	66

²³⁵ Para preservar a intimidade dos atingidos, como a maior parte dos dados são pessoais, decidimos omitir os números oficiais do Número da Ficha do SSI e do Código da Propriedade. Os demais dados compreendem as reais respostas de um dos atingidos.

Vínculo da Família com o Imóvel	2
Atividade que a família costuma participar: participa de esportes (futebol, etc.)	3
Atividade que a família costuma participar: visita a vizinhos e familiares	2
Eventos religiosos (missa ou culto): qual religião	2
Eventos religiosos (missa ou culto): nº de pessoas da família que frequentam os eventos religiosos	6
Comunidade oferece: salão comunitário	2
Cemitério será afetado pelo empreendimento	2
Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece o projeto	1
Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece através de técnicos	2
Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece através de conversas com os vizinhos	1
Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família	5
Caso tenha que sair da propriedade qual o novo município para o qual gostaria de se mudar	Catalão/GO
Grau de vulnerabilidade pontuação	67
Grau de vulnerabilidade classificação	A

Fonte: Estudo Social /SEFAC (2007).

A maioria das questões constantes no estudo eram identificadas com códigos representando as respostas dos atingidos. O morador acima, chamado de "X", residia há cerca de trinta e cinco anos na região e, de 125 hectares apresentados por ele por meio de documentação, mais de oitenta viriam a ser afetados pela barragem.

Dentre os vários pontos questionados, alguns merecem destaque neste momento. O primeiro refere-se aos seguintes questionamentos:

- "Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece o projeto",
- "Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece através de técnicos"
- "Empreendimento UHE Serra do Facão: conhece através de conversas com os vizinhos".

Para as três questões, o código de respostas compreendia: 1-Sim e 2-Não. Percebe-se, pelas respostas do Sr. "X" que ele conhecia o "Projeto Serra do Facão", embora as informações sobre o projeto tenham chegado até ele através de vizinhos e amigos e não por técnicos. Este dado reflete uma falha de

comunicação entre empresa e atingidos em um primeiro momento. Como resultado disso, no relatório oficial apresentado pela empresa, essas respostas são repetidas por grande parte dos afetados.

Outro ponto que merece atenção é a pergunta referente aos benefícios da usina para as famílias, expressa da seguinte forma: "Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família"²³⁶. Aqui, os códigos não se limitavam a sim ou não. Eram os seguintes:

1. Valorização do Imóvel
2. Emprego
3. Pesca-Lazer
4. Oportunidade de vender o imóvel
5. Nenhum
6. Outros
7. Não tem ideia.

O morador aqui apresentado como "X" afirma não haver nenhum benefício com a chegada do empreendimento hidrelétrico na região. Esta resposta também se repetiu outras *duzentas e quarenta e duas vezes* dentro do universo de trezentos e vinte e um entrevistados pela empresa. Na tabela abaixo, podemos observar o panorama geral das respostas apresentadas.

TABELA 14. Tabulação de dados referente ao ponto: "Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família"

CÓDIGO	Nº DE RESPOSTAS
1	09
2	12
3	10
4	0
5	242
6	39
7	09
	TOTAL ENTREVISTAS
	321 famílias

Fonte: Estudo Social /SEFAC (2007).

²³⁶ A designação de chefe de família não implica, necessariamente, em uma figura masculina e, sim, no indivíduo que, independentemente do gênero exerce o papel de arrimo de família ou a sua figura mais proeminente.

Torna-se evidente, por meio das respostas apresentadas, que nenhum dos afetados tinha interesse em vender suas terras. Além disso, apenas uma minoria entendia o empreendimento como benéfico para a valorização do imóvel, geração de emprego e oportunidade de pesca e lazer no futuro lago artificial, que se formaria na região. A segunda maior resposta apresentada foi a referente ao código 6 - Outros. Aqui temos uma pluralidade ainda maior de respostas. Como podemos observar:

**QUADRO 3. Tabulação de dados referente ao ponto:
"Empreendimento UHE Serra do Facão: benefícios para o chefe e família".**

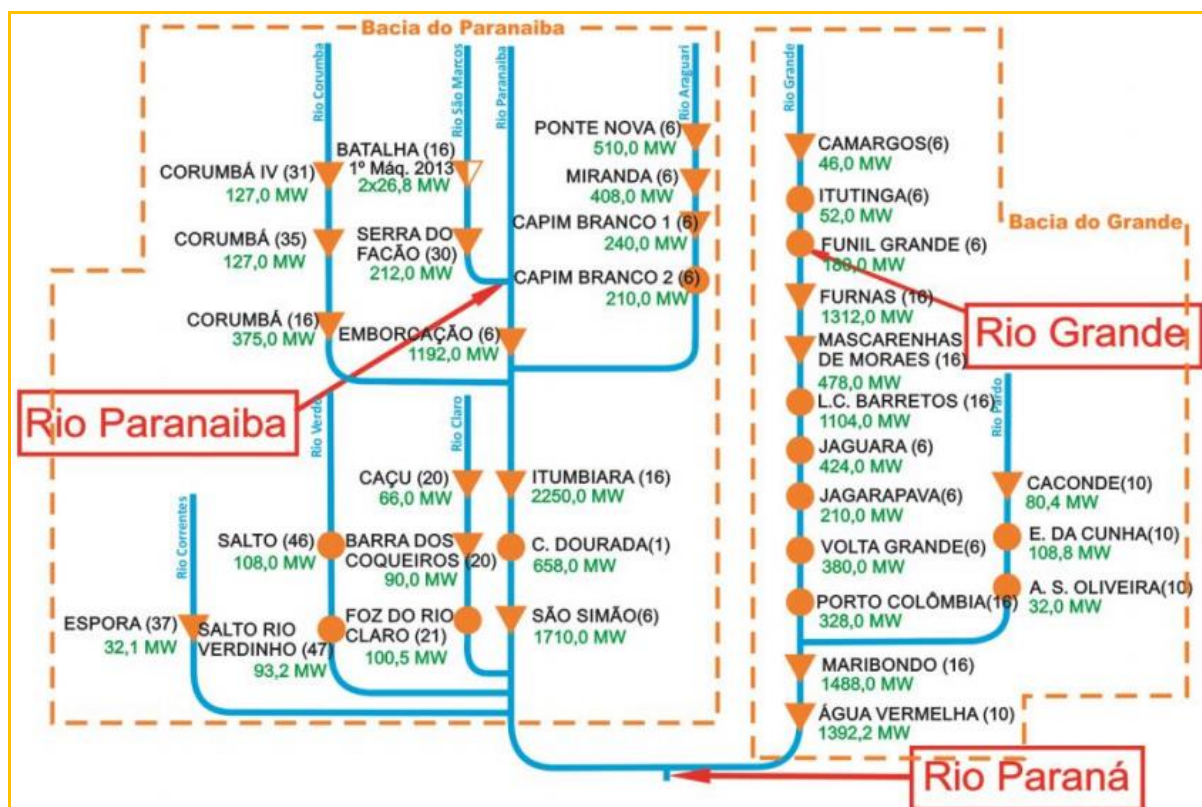
RESPOSTAS/6-OUTROS	Nº DE VEZES QUE APARECEM
Saída do garimpo	1
Energia	17
Novas indústrias/não terá mais apagão	1
Pesca/lazer	1
Todos	1
Melhorar país	1
Boa indenização	2
Problemas em tudo	1
Vai beneficiar local	2
Melhorar nossa vida	1
O asfaltamento da estrada	1
Valorizar a terra de quem será afetado	3
Mudar para uma nova propriedade	1
Tranquilidade na região	1
Mais água	1
Só prejuízo	1
Não sabe	2
Não quer mais ficar na propriedade	1

Fonte: Estudo Social /SEFAC (2007).

Aqui, o ponto que mais chama atenção é a ideia de que a chegada da UHE Serra do Facão iria trazer o benefício da energia elétrica. Um dos entrevistados, sendo ainda mais incisivo, afirma que não teriam mais apagões na

região, algo recorrente no Sudeste goiano. Tratava-se de uma imagem difundida entre os moradores, sobretudo entre os não afetados, de que a UHE Serra do Facão e o progresso que ela representaria, encerrariam de vez o problema das quedas recorrentes de energia elétrica.

FIGURA 9. Hidrelétricas – Triângulo Mineiro e Sudeste de Goiás



Fonte: NASCIMENTO: Aline Cristina, 2014. p. 69.

Contudo, a opinião de que a construção do empreendimento iria diminuir as dificuldades energéticas da região pode ser questionada. Afinal, o grande problema enfrentado pelo estado de Goiás, principalmente por Catalão e seu entorno, não é a geração de energia em si, mas a precariedade na transmissão e distribuição da energia elétrica. Perceba-se, neste sentido, que a região contempla algumas das mais importantes hidroelétricas do país, quais sejam: Emborcação (entre Araguari/MG e Três Ranchos/GO); Capim Branco I e II (entre Araguari/MG e Uberlândia/MG); Miranda (na cidade de Indianópolis/MG) e Serra

do Facão (entre Catalão/GO e Davinópolis/GO), como anteriormente mostrou a figura 9.²³⁷

Era de se esperar que as quedas de energia, que eram recorrentes em Catalão se encerrassem. Afinal, além da U.H.E. Serra do Facão, outras usinas dariam suporte ao sistema energético. No entanto, não é isso que ocorre. Em todo período chuvoso, a queda de energia é praticamente inevitável e o número de equipamentos queimados em decorrência desse fator permanece sendo grande.

Em uma tentativa de diminuir ou sanar esse problema, o estado de Goiás substituiu a **Companhia Energética de Goiás** (CELG) pela italiana *Ente Nazionale per L'energia Elettrica* (ENEL). Mas, a privatização da companhia estatal não resolveu os problemas de transmissão e distribuição de energia.

Em matéria de 2017, publicada online pelo Portal G1, plataforma digital das Organizações Globo, afirma-se que durante o processo de privatização, o estado de Goiás recebeu cerca de R\$ 1,1 bilhão, dos R\$ 2,187 bilhões de reais, valor pelo qual a CELG teria sido vendida, enquanto o restante do valor (cerca de R\$ 1,186 bilhão) teria sido repassado à Eletrobrás²³⁸. A reportagem menciona ainda o depoimento do então governador do estado, Marcone Perillo, no qual ele apresenta como e onde os valores recebidos pelo estado seriam investidos:

[...] Os recursos da privatização foram depositados na conta do governo de Goiás. Vamos investir em obras e serviços estratégicos para o estado. [O dinheiro] só poderá ser usado em investimento, nada em custeio. Serão investimentos na infraestrutura do estado, estradas, saneamento, na saúde, na educação e na segurança pública. Também pretendemos investir na capitalização da companhia de saneamento do estado [...]²³⁹

²³⁷ "Na figura, as hidrelétricas representadas pelas setas têm reservatórios de acumulação e as representadas pelos círculos são as usinas a fio d'água (hidrelétricas que operam com o regime de vazão estabelecido pelo rio)." NASCIMENTO: Aline Cristina. **E cadê o campesinato que estava aqui?** A transformação do território do Vale do Rio São Marcos a partir da hidrelétrica Serra do Facão. Dissertação (Mestrado Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2014. p. 69.

²³⁸ Eletrobrás é uma sociedade de economia mista e de capital aberto sob controle acionário do Governo Federal brasileiro que detém o controle do sistema energético brasileiro.

²³⁹ Trecho de uma entrevista do governador do estado Marcone Perillo ao G1.com, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/02/estado-e-enel-assinam-contrato-de-privatizacao-da-celg-em-goias.html>

FIGURA 10. Print de tela. Privatização da Celg, GO (2017)

MENU G1 GOIÁS TV ANHANGUERA

14/02/2017 17h32 - Atualizado em 15/02/2017 03h47

Estado e Enel assinam contrato de privatização da Celg, em Goiás

Governador Marconi Perillo diz que estado recebeu R\$ 1 bilhão pela venda. Segundo ele, valor deve ser aplicado, principalmente, em infraestrutura.

Vanessa Martins
Do G1 GO

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Fonte: G1, 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2017/02/estado-e-enel-assinam-contrato-de-privatizacao-da-celg-em-goias.html>

No entanto, as recorrentes quedas de energia, queimas de equipamentos e outros problemas relacionados à distribuição de energia no estado, em especial na cidade de Catalão, persistiram. A recorrência foi amplamente registrada pelos jornais, reportando a ocorrência na administração de distribuição de energia tanto pela CELG quanto pela ENEL.

QUADRO 4. Fragmentos de notícias: queda de energia em Catalão, 2015 – 2019

PERIÓDICO E DATA	TÍTULO	FRAGMENTO
Portal Catalão Notícias 16/10/2015	Quedas de energia elétrica incomodam os catalanos	As constantes quedas de energia elétrica em Catalão vêm trazendo transtornos aos moradores da cidade. Desde o sábado (10) os catalanos convivem com inúmeras interrupções.
Blog Zap Catalão Notícias 09/01/2018	CELG emite Nota de Esclarecimento sobre as constantes faltas de energia em Catalão e região	As faltas de energia são constantes em Catalão e no início da noite desta segunda-feira (9), mais uma vez a população de Catalão e de várias cidades vizinhas ficaram sem energia elétrica.
Blog Zap Catalão Notícias 09/02/2018	CELG esclarece sobre falta de energia na madrugada desta sexta-feira (9)	Na manhã desta sexta-feira (9), o Blog Zap Catalão entrou em contato com a assessoria de comunicação da CELG Distribuição S/A. referente a falta de energia ocorrida desde a madrugada de hoje.
Blog Zap Catalão Notícias 21/09/2018	Frequentes quedas de energia incomodam moradores de Santo Antônio do Rio Verde	As constantes quedas de energia elétrica no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, vêm trazendo transtornos aos moradores do distrito. Desde o sábado (15) os moradores convivem com inúmeras interrupções não programadas no fornecimento de energia elétrica. As reclamações de quedas de energia vieram de moradores da área urbana e também rural.
Portal Catalão Notícias 21/09/2018	Moradores relatam falta de energia elétrica em Catalão	Segundo informações dos moradores dos bairros Santa Cruz e Setor Universitário, há falta de energia elétrica desde ontem a noite (19) em Catalão.
Blog Zap Catalão Notícias 14/11/2018	Em nota, ENEL esclarece a falta de energia nos Bairros Santa Terezinha e Vereda dos Buritis	Várias denúncias, chegaram à redação do Zap Catalão referente à falta de energia nos Bairros Santa Terezinha e Veredas dos Buritis, ocorrida durante parte da tarde de ontem (terça-feira, 13/11), estendendo-se durante a noite.
Blog Zap Catalão Notícias 13/02/2019	ENEL apresenta ao MP justificativas para interrupções no fornecimento de energia elétrica em Goiás	O coordenador do Centro de Apoio Operacional do Consumidor e Terceiro Setor, Rômulo Corrêa de Paula, e a promotora de Justiça Maria Cristina de Miranda estiveram na sede da concessionária ENEL Distribuição Goiás, em Goiânia, para tratativas quanto à qualidade dos serviços prestados pela empresa em todo o Estado. No encontro, agendado em virtude do expressivo aumento no número de reclamações recebidas pelo MP-GO no mês de janeiro e nos primeiros dias de fevereiro, foram apresentadas demandas de diversas comarcas goianas, referentes, principalmente, à descontinuidade dos serviços e demora na religação.
Blog Zap Catalão Notícias 13/11/2019	Moradores e comerciantes dos bairros Ipanema e Aeroporto ficam sem energia elétrica nesta terça-feira	Vários moradores dos Bairros Ipanema e Aeroporto ficaram sem energia elétrica nesta terça-feira (12). O apagão ocorreu por volta das 14h e a luz só foi totalmente restabelecida por volta das 21h50.

Fonte: “Blog do Zap”- www.zapcatalao.com.br | Portal Catalão Notícias – www.portalcatalao.com.br

Voltando ao levantamento realizado pela Serra do Facão Energia S.A., junto aos moradores que seriam afetados pela barragem, podemos destacar também informações referentes às tipologias das propriedades rurais atingidas, bem como sua potencialidade econômica. A empresa abordou mais de 410 pontos durante as entrevistas realizadas com as famílias e, pela grande quantidade de questões, optamos por apresentar uma amostragem. A seguir apresentamos um quadro com a amostra de questões feitas ao entrevistado “Sr. Y”.

QUADRO 5. Amostragem de Questões aplicadas ao Morador Afetado “Y”

Número da Ficha do SSI	“Y”
Código da propriedade	CT.0x.E
Distância da propriedade à sede do município	64
Imóvel data: da aquisição ou do contrato de assentamento	1995
Imóvel: com documentação definitiva	1
Imóvel: documentação registrada	1
Imóvel: impostos estão sendo recolhidos	1
Imóvel: divisas são cercadas	1
Imóvel: acessos de estradas entre as propriedades	1
Imóvel: acessos serão perdidos	1
Imóvel: marcos do empreendimento estão locados	1
Imóvel: atividade afetada pelo empreendimento	3
Moradia na fazenda: tipo	2
Moradia na fazenda: situação	1
Moradia na fazenda: área em m2	2
Armazém ou paiol utiliza ou possui	1
Armazém ou paiol: tipo	1
Armazém ou paiol: situação	1
Armazém ou paiol: área aproximada	60
Pocilga ou chiqueiro: tipo	1
Pocilga ou chiqueiro: situação	1
Pocilga ou chiqueiro: área aproximada	64
Estábulo: utiliza ou possui	1

Estábulo: tipo	1
Estábulo: área	100
Aviário: possui ou utiliza	1
Aviário: tipo	1
Aviário: situação	1
Aviário: área	12
Curral: possui ou utiliza	1
Curral: tipo	1
Curral (tronco ou xiringa): situação	1
Curra, tronco ou xiringa: área	1.200
Embarcador: utiliza ou possui	2
Embarcador: tipo	0
Embarcador: situação	0
Casa de Queijo: utiliza ou possui	1
Casa de Queijo: tipo	2
Casa de Queijo: situação	1
Casa de Queijo: área aproximada (em m2)	64
Pocilga ou chiqueiro: destino dos dejetos ou esgotamento	1
Estábulo, barracão: destino dos dejetos ou esgotamento	1
Curral, tronco ou xiringa: destino dos dejetos ou esgotamento	1
Casa de Queijo: destino dos dejetos ou esgotamento	1
Procedência da água utilizada na moradia	2
Água de poço: utiliza	2
Uso do Rio São Marcos: para pesca	1
Uso do Rio São Marcos: pesca de consumo próprio	1
Uso do Rio São Marcos: água para os animais	1
Uso do Rio São Marcos: para lazer	2
Uso do Rio São Marcos: para irrigação	2
Uso do Rio São Marcos: irrigação tem outorga	9
Uso do Rio São Marcos: extrativismo	2
Possui enxada, foice, machado, pá ou outras ferramentas manuais	1
Possui implementos de tração animal	2
Possui plantadeira manual (matraca)	2

Possui trator e seus implementos	2
Possui colheitadeira	2
Possui pulverizador costal	1
Possui carroça ou carretão	1
Possui Motosserra	1
Possui batedor e ou debulhador de cereais	2
Possui ensiladeira	1
Possui ferramentas de carpintaria (martelo, serrote, alicate, etc.)	1
Possui outras ferramentas	2
Usa tração mecanizada	1
Tração mecanizada: própria	2
Tempo de exploração econômica da área	12
Culturas temporárias área total em ha.	4
Pastagens: área própria em ha.	1.392
Pastagens: área total em ha.	1.392
Pastagens naturais: área própria em ha	292
Culturas perenes (cana e café): área própria em ha	3
Culturas de quintal (horta): área própria em ha	1
Área total disponível em ha	1.400
Área utilizada em ha	1.400
Gado de corte número de animais	900
Gado de corte destino	2
Gado leiteiro: número de cabeças	0
Gado leiteiro: destino	0
Gado misto (corte e leite) número de cabeças	20
Gado misto (corte e leite): destino	4
Gado número total de cabeças	920
Suínos número de animais	3
Suínos: destino	4
Aves: número	60
Aves: destino	4
Milho: área plantada em ha	4
Milho: quantidade produzida em sacos de 60 kg	150

Frutas: área plantada em ha	0
Leite produzido em litros	14.600
Produção de queijo	1
Queijo produzido em kg	100
Habilidade no manejo de: organização de horta familiar	2
Habilidade no manejo de: gado de corte a campo	2
Produção de cachaça	0
Produção de pimenta	0
Ordenha	2
A propriedade é a única fonte de renda	3
A propriedade é fonte de renda secundária	3
A propriedade é a principal fonte de renda	1
A propriedade não é fonte de renda	3
Outras rendas além da agropecuária	3
Renda extra propriedade pensões rendas em R\$	1.520,00
Renda extra propriedade pensões rendas em SM	4
Renda extra propriedade outras rendas	2
Faixas de renda mensal familiar em Salários Mínimos (SM)	6
Utiliza mão de obra de fora da propriedade permanente	1
Mão de obra de fora da propriedade permanente nome do primeiro empregado	Trabalhador 1
Mão de obra de fora da propriedade permanente nome do segundo empregado	Trabalhador 2
Utiliza mão de obra de fora da propriedade temporária	1
Chefe da família possui conta em banco	1
Qual o banco	HSBC
Chefe da família contrai financiamento	2
Chefe da família filiado a algum sindicato ou associação	1
Nome do sindicato ou associação	Sindicato dos Empregadores de Catalão
Participa do sindicato	2
Chefe da família filiado a alguma 1	1
Nome da 1	COACAL
Recebe assistência técnica gratuita na agricultura	2

Fonte: Estudo Social /SEFAC (2007).

Aqui, diferente das questões apresentadas no quadro 2, observa-se um levantamento direcionado ao setor econômico, tendo em vista o cálculo indenizatório. Os pontos abordados variam do tempo em que o afetado é proprietário da terra, passando pela distância entre a propriedade e o centro urbano mais próximo, até a quantidade de animais, porteiras, estrutura da casa, equipamentos agrícolas; o que é produzido, a renda familiar gerada pela propriedade e fora dela; se possuem ou não empregados na propriedade, dentre tantos outros que remetem ao campo econômico.

Não obstante, algo que chama a atenção e que poderia passar despercebido, é a relevância dos quintais. No caso do quadro acima, para produção de hortaliças e a criação de animais para consumo próprio, o que se revela no questionamento acerca do destino da produção e pelos códigos de respostas utilizados pela empresa:

1. Cooperativa
2. Comerciantes
3. Vizinhos
4. Consumo familiar
5. Outros
6. Não produz.

Na tabela geral, oficial, a maioria dos atingidos possuem características diretas com a economia familiar, com grande índice de produção para consumo próprio. Entretanto, a SEFAC seguiu uma dinâmica no processo indenizatório, levando em consideração aspectos da moradia, área construída, benfeitorias, dentre outros. Ou seja, eram avaliadas de formas diferentes a partir do tempo, conservação e metragem do lugar, por exemplo. Mas, na região do Rio São Marcos, a maioria das moradias não era de alvenaria "moderna" e seu valor estava além do aspecto financeiro.²⁴⁰

A relação desses sujeitos com suas casas e quintais remete a um valor afetivo, de apego com o lugar. Ali, encontram-se memórias de histórias construídas ao longo das décadas em que as famílias ocuparam os espaços, até

²⁴⁰ CASTANHO, Roberto Barboza; KATRIB, Cairo Mohamad Ibraim; SILVA, Lucas Roberto Guirelli. Cartografia do universo rural do sudeste goiano: nos caminhos do vivido. *In.*: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

a chegada do empreendimento hidrelétrico, que transformaria diretamente o lugar e suas vidas.

3.3. Nem tudo era indenização

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquina, disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde, humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não tem voz.

Ferreira Gullar, 1999.

O processo indenizatório foi uma importante ferramenta nas mãos da empresa. Com corte afiado e preciso, abria feridas e auxiliava no estancar do sangue, semeando “certezas imprevisíveis”. Aparou arestas de história, de homens e mulheres cujas identidades e pertencimentos foram mutilados. No processo, utilizou patamares diferentes para o tratamento das pessoas, valorando as terras de uns para desagrupar movimentos contrários à instalação da usina; silenciou sujeitos e histórias e projetou a SEFAC como benfeitora do progresso no século XXI, na região do entorno do São Marcos.

A SEFAC disseminou impasses e discórdias e, por mais que o valor monetário tenha representado para alguns a tomada de novos caminhos e a melhoria das condições de vida, para a maioria dos envolvidas não pagava o preço da ruptura com as suas pertencas, com as relações de vizinhança e com o sentido que conferiam à terra.

Ainda que a chegada futura da usina permeasse as vivências de incertezas, ao estarem ali, ainda cultivando a terra, compartilhando amizades com os vizinhos e vendo de pé as edificações, plantações e animais adquiridos com muito esforço, mantinha-se a chama da esperança de não romper os vínculos com o lugar. Mas... qual “lugar”?

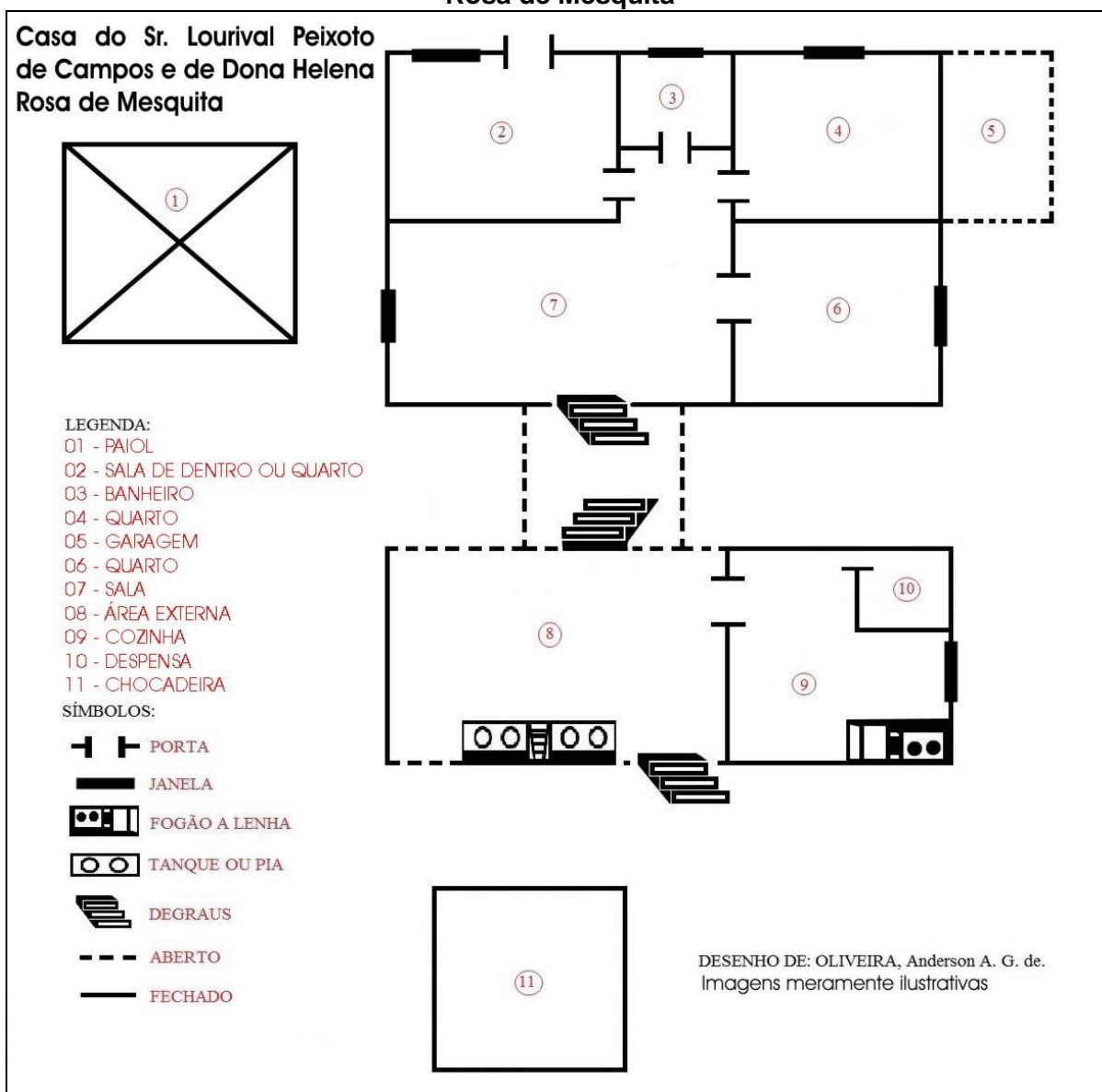
Tratava-se de um lugar no qual as casas, em sua maioria, eram simples e construídas com tijolos de barro maciço, rebocadas de saibro ou barro batido, com pintura de cal e pigmentação na cor desejada.

FIGURA 11. Fotografia. Casa rural, pertencente ao Sr. Lourival Peixoto de Campos e Dona Helena Rosa de Mesquita – Catalão, GO, 2009



Fonte: Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

FIGURA 12. Planta baixa. Casa do Sr. Lourival Peixoto de Campos e Dona Helena Rosa de Mesquita



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

FIGURA 13. Fotografia. Casa da década de 1940. Exemplo de tijolões de barro maciço. Distrito de Santo Antônio do Rio Verde - Catalão/GO, 2009



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

Como podemos observar na figura 13, as casas mais antigas mantinham quartos pequenos e locais comuns. Mas, sala e cozinha eram as partes maiores. Segundo os moradores locais, essa forma de construção rústica e singela colocava todos num mesmo patamar, no qual o apego à terra era o fio que os unia, valorizando a sociabilidade e o contato entre os familiares. A cozinha agregada à casa ou numa área externa, era caracterizada pelo fogão a lenha e o local preferido, o mais ocupado e visitado. Enquanto o quarto é visto apenas como o espaço de descanso e a sala mero espaço para guardar as relíquias familiares – como retratos pintados, arreios, celas e mantimentos – a cozinha era o local por excelência das sociabilidades.

Outras casas já seguiam um sistema mais "moderno" e tinham outra configuração de distribuição. Por exemplo, a cozinha já aparecia como parte integrante da construção de alvenaria, com piso cerâmico, banheiro interno,

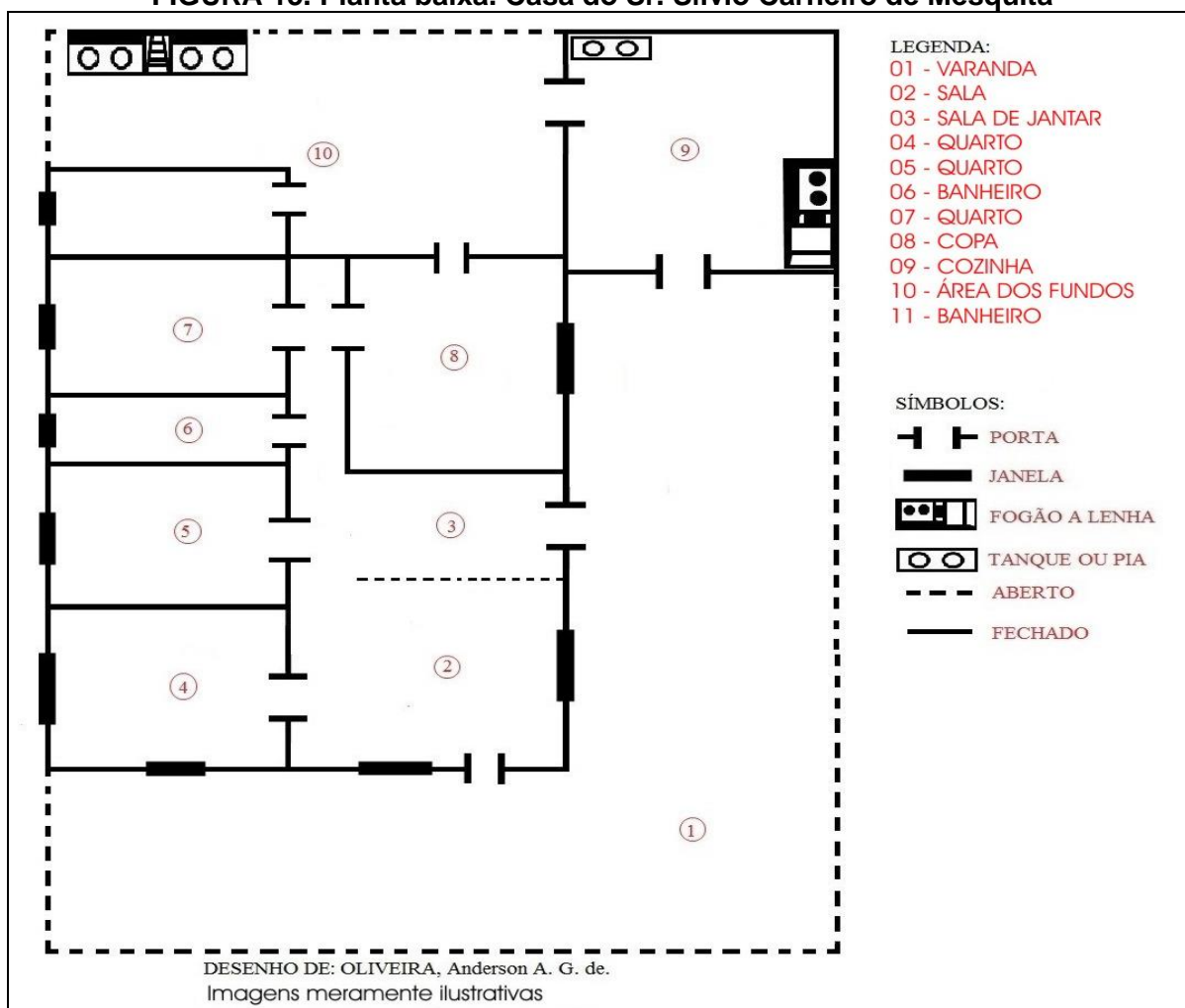
energia elétrica e água encanada. Os que fincaram raízes na região, mas se preocuparam em oferecer às suas famílias certo conforto, mesmo vivendo no campo, fizeram esta escolha. Este foi o caso do Sr. Silvio de Neiva Mesquita, que construiu uma casa bem estruturada, mesmo com o alarde da chegada da barragem no início dos anos 2000. O esboço estrutural de sua residência pode ser visto na figura 14, adiante.

FIGURA 14. Fotografia. Casa rural Sr. Silvio Correia de Mesquita e Dona Lourdes de Neiva Mesquita. Fazenda Pires – Catalão, GO, 2009



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

FIGURA 15. Planta baixa. Casa do Sr. Sílvio Carneiro de Mesquita



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

O processo indenizatório, no qual pagamentos foram questionados, outros não aceitos e depositados em juízo, evidenciando descontentamento, chegou ao final empurrando para fora de suas casas e terras, inclusive moradores cujas terras não seriam tragadas pelas águas. No entanto, para aqueles que estavam dentro do que a empresa considerava “margem de segurança”, ou seja, a partir de 100 metros das águas do Rio São Marcos, não receberiam indenizações, nem precisariam se mudar²⁴¹. Este foi o caso da professora aposentada Sandra Maria Mesquita Dias. Segundo ela:

²⁴¹ A resolução vigente naquele período era a **Resolução Conama nº 302/2002** que estabelecia no Art 3º Constitui Área de Preservação Permanente a área com largura mínima, em projeção horizontal, no entorno dos reservatórios artificiais, medida a partir do nível máximo normal de: I - trinta Metros para os reservatórios artificiais situados em áreas urbanas consolidadas e cem metros para áreas

[...] la ser pago né? eu lembro que eu vi na... na coisa do rapaz lá... no processo... era 72 mil. Aí ele veio e me falou: "é, a SEFAC não quer pagar cem metros, é só cinquenta metros!". Pagou só quem foi atingido até os cinquenta metros. E nós ficou longe cem metros... Igual meu pai lá... meu pai ficou lá uns trinta metro mais ou menos... aí eles pagaram, mixaria, parece que foram uns doze mil, treze mil... (mas todo APP não é cem metros?) Uai é, mas eles não quiseram pagar não! A SEFAC não quis não... Falou que não ia pagar cem metros não, porque cem metros ia tá bem longe da água... [...] [...] e aí eles falou que não... que não ia pagar mais cem metros não que ia pagar só até cinquenta metros... [...] [...] só cinquenta metros, do meu pai, do Sílvio... [...] ²⁴²

Para muitas pessoas, a margem de segurança imposta pela SEFAC foi aceitável e até mesmo comemorada. Afinal, terras que não eram banhadas pelo rio agora o seriam, o que aumentava o grau de fertilidade e ainda proporcionava novas fontes de renda, dada a proximidade relativa com o lago. Além disso, não seria necessário mudar de suas casas, como inúmeras famílias que precisaram se deslocar para outras regiões, deixando familiares e amigos para trás. Por outro lado, à revelia das angústias, desavenças ou celebrações, de forma rápida e "silenciosa" a barragem foi tomando forma às margens do Rio São Marcos. À medida que o grande paredão de concreto era erguido, os sonhos de permanecer no local iam se desmoronando. Já não se ouvia mais os pássaros cantando, o vento das árvores, o barulho do rio. O único som emanado era o ronco dos caminhões e das máquinas funcionando. O progresso tornou-se uma sinfonia violenta, abafando as vozes da esperança. Aquele lugar nunca mais seria o mesmo.

rurais. Atualmente, a lei vigente é a **Lei nº 12.651/2012, redação dada pela Lei nº 12.727/2012**. Art. 5º - Na implantação de reservatório d'água artificial destinado à geração de energia ou abastecimento público, é obrigatória a aquisição, desapropriação ou instituição de servidão administrativa pelo empreendedor das Áreas de Preservação Permanente criadas em seu entorno, conforme estabelecido no licenciamento ambiental, observando-se a faixa mínima de 30 (trinta) metros e máxima de 100 (cem) metros em área rural, e a faixa mínima de 15 (quinze) metros e máxima de 30 (trinta) metros em área urbana.

²⁴² Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (Professora aposentada e produtora rural - Fazenda Pires - Catalão/GO) 2020.

**FIGURA 16. Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão
Canteiro de obras (I), 2009**



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

**FIGURA 17. Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão
Canteiro de obras (II), 2009**



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

FIGURA 18. Fotografia. Construção da barragem UHE Serra do Facão Canteiro de obras (III), 2009



Fonte: Anderson A. G. de Oliveira - Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

Pensar o lugar como parte integrante de ressignificações, é compreendê-lo como constitutivo do humano, pois como destaca Santos “[...] o lugar é o quadro de uma referência pragmática de mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação”.²⁴³

Nesse sentido, as representações do lugar constituído em torno no Rio São Marcos podem ser compreendidas como fruto do vivido e da própria prática social cotidiana, estabelecida ali pela experiência do vivido. Este espaço se moldou por meio das ações e reações estabelecidas entre os sujeitos e o meio. Constituídas cotidianamente, de forma individual ou coletiva, se reedificam na subjetividade e no viver com intensidade as latências do seu cotidiano.

Entender que lugar é esse, por nós denominado genericamente de “entorno do Rio São Marcos” ou “Região da Serra do Facão” é fundamental para

²⁴³ SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adelia Aparecida de (org.). **Território, globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 258.

o diálogo que buscamos tecer nesta tese. Através das falas, resíduos de memórias dos atores sociais que interagiram e agiram, procuramos conhecer a história do lugar e, assim, entender o que ali aconteceu. Neste movimento dialógico travado com as fontes orais, repositórios das memórias, falamos de vidas e sonhos humanos. Na tessitura de nossas palavras – dos sujeitos e do pesquisador – entremeiam-se inquietudes, os desejos de permanência no lugar e os sonhos desfeitos, ceifados pela correnteza das águas.

Entretanto, dentro do amplo campo de possibilidades que o lugar, dialeticamente, permite, também emergem as memórias daqueles que, em meio ao turbilhão de incertezas, conseguiram acordos satisfatórios com a empresa. Como aponta Santos, nenhum lugar é neutro²⁴⁴. Afinal, por si só, são espaços repletos de história e de vidas situadas no tempo e no espaço, concretizadas pela ação e interação dos sujeitos com o local, com os outros sujeitos e com as relações ali efetivadas.

Compreendemos que os moradores da região do entorno do Rio São Marcos não são meramente pessoas que ali têm suas moradias. Eles habitam e se relacionam tendo o lugar como referencial de suas histórias e vidas, historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Este lugar é, ao mesmo tempo, o palco no qual suas histórias tomaram e continuam tomando forma. Por isso, cada um se torna protagonista de narrativas outras, que entrecruzam experiências individuais e coletivas.

O apego ao lugar reflete o estar e o experimentar o ambiente, o cotidiano e tudo o que completa a urdidura do local: casas, vizinhança, trabalho, comemorações e inúmeras possibilidades que fortalecem os vínculos e o senso de pertença da comunidade. São, a um só tempo, práticas que geram representações de um cotidiano multifacetado.

Segundo Certeau, as representações desse cotidiano e toda a sua dinâmica são reflexos das “operações culturais” e de todo o seu “movimento”, envolvendo práticas comuns e experiências particulares dos mais diferentes sujeitos. As “frequentações” desses lugares se edificam por meio de

²⁴⁴ Id. Ibid.

solidariedades e lutas, constituindo-se em um importante processo no qual as “operações dos usuários se conectam e produzem cultura”.²⁴⁵

Os sujeitos não são “passivos” ou simples “receptores” de algo produzido por outros. Pelo contrário, são dinâmicos e transformadores dos lugares nos quais habitam, promovendo práticas (ou “maneiras de fazer” cotidianas) que se encontram amalgamadas às atividades sociais. São esses “modos de operação”, ou mesmo dos “esquemas de ação” que dão sentidos plurais às relações tecidas entre os indivíduos e o lugar.

Na visão de Goffman, as representações que os indivíduos constroem de um determinado lugar se refletem nas relações estabelecidas entre estes e a sociedade. A representação de algo ou de alguma situação, seja ela de concordância ou de conflito, refere-se a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores, e que tem sobre estes alguma influência.²⁴⁶

Podemos dizer que o entorno do Rio São Marcos se tornou um grande palco de lutas e disputas de toda sorte. Neste palco os moradores são os atores que assumiram diferentes papéis na disputa pela (não) instalação da UHE Serra do Facão. Esse espaço é por nós entendido como ambiente de tensões e reações múltiplas, protagonizadas pelos sujeitos em suas relações pessoais, marcadas pelas inquietações, pela aceitação ou não do empreendimento e pelo convívio com os interlocutores da empresa e as representações por ela consolidadas.

Na construção coletiva de reações e representações, em meio à disputa entre a Usina Serra do Facão e os moradores, as relações positivas ou conflituosas com os representantes da empresa colocaram todos como observadores do mesmo lugar. Diferentes olhares acerca do cotidiano trazem impressos diferentes perspectivas e interesses, de tal sorte que a vida experienciada em um lugar específico nem sempre é lida da mesma forma pelos atores sociais ou por qualquer um que se aventure a olhar novamente para o mesmo lugar. Afinal, como sugere Nóbrega,

²⁴⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 37-38.

²⁴⁶ GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p.29.

[...] o cotidiano ajuda a revelar a vida cotidiana – uma forma de ser e agir no espectro da realização diária de necessidades e da construção constante de sonhos, desejos, táticas e estratégias armadas. A vida cotidiana guarda em si a possibilidade de subverter as imposições programáticas características da modernidade, contém, talvez como elemento subsumido, a potência transformadora, que está aprisionada na repetição naturalizada.²⁴⁷

Para Certeau, esse cotidiano é o dia a dia que pode ou não ser compartilhado, mas que está ligado intimamente ao sujeito e ao lugar, repleto de histórias, muitas vezes veladas. Segundo o autor,

[...] o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velado. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível [...]²⁴⁸

Para nós, historiadores, na maior parte das vezes é esse invisível que interessa. Ao revisitarmos as fontes, colocando-lhes novas perguntas, a sensibilidade de ler nas entrelinhas das respostas nos permite observar as micro resistências em um campo de disputas que surge através das pessoas comuns, trazendo visibilidade ao que parecia invisível.

²⁴⁷ NÓBREGA, Pedro Ricardo Cunha. Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade do estudo da vida cotidiana na reprodução do urbano. **Revista Rural & Urbano**, v. 02, n. 02, p. 26-46. Recife, 2017.

²⁴⁸ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**, 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996. p.31.

CAPÍTULO 4

ENTRE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: as marcas do tempo e da SEFAC no presente.

A relação dos moradores com o lugar foi um marco para pensarmos o presente e analisarmos as mudanças no cenário de Catalão e dos moradores afetados pela Usina Hidrelétrica Serra do Facão. Como vimos anteriormente, a despeito da ideia de progresso subjacente, este empreendimento trouxe um tsunami de transformações que se tornaram cotidianas na rotina da cidade. No presente, tais transformações nos permitem repensar as memórias reveladas pelos sujeitos sociais, durante a pesquisa de levantamento do Patrimônio Histórico Cultural. Isto é possível uma vez que estas se atualizam, pois estão inseridas num processo de temporalidades distintas e dinâmicas.

Este processo norteou nossas reflexões na presente tese, pois as análises realizadas nos permitiram compreender que esses lugares são também culturais. Trata-se de um processo dinâmico, uma vez que as transformações vivenciadas nos possibilitaram redimensionar os diálogos e entendermos a pluralidade que envolve não só as histórias, as práticas e as representações atribuídas pelos diferentes sujeitos à área de abrangência da UHE Serra do Facão, mas também o contexto de adversidade e de diversidades, margeado por significados simbólicos.

A identidade cultural do lugar e suas especificidades nos permitem fazer diversas releituras. Dentro de um amplo campo de possibilidades, optamos pela fala dos moradores afetados pelo empreendimento, posto que vivenciam e vivenciaram as transformações de forma direta. Ao analisarmos como eles se percebem e interagem com essas modificações, entendemos que, na maioria das vezes, elas também se tornaram parte de suas vidas, identificadoras da cultura e das relações estabelecidas com o lugar.

Desta maneira, observamos que as identidades, que fizeram parte da relação dos sujeitos com as comunidades são, ainda, identidades culturais que provêm de alguma parte e que têm histórias. Mas, como tudo o que é histórico está em constante movimento, percebemos que os significados das

transformações ocorridas ao longo das décadas nessas comunidades, se deram, e se dão igualmente inseridas num processo dinâmico:

[...] Identidade cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto” [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento [...] ²⁴⁹

Trilhando esses caminhos, guiados pelas vozes dos moradores do entorno do Rio São Marcos, nossos principais interlocutores, é possível perceber que nelas estão contidos esboços de inquietação, incertezas e desejos de reconstruir os significados, as memórias, as histórias e suas próprias vidas. Entrementes, esta percepção também orientou e balizou as ações implementadas pela empresa. Esta soube muito bem se utilizar das fragilidades da população, lhe oferecendo “ajudas”; melhorias à comunidade rural e às cidades. Da mesma forma, o empreendimento também soube forçar o seu reconhecimento pelo poder público e pela mídia como ente preocupado com as questões de saúde, de educação e de cultura das comunidades, ofertando montantes em dinheiro ou equipando com insumos o poder público local.

Se, para muitos, estas ações eram expressões positivas da empresa, demonstrando preocupação com a qualidade de vida dos moradores, por outro lado, poucos sabiam que estas “iniciativas” resultavam de acordos prévios, definidos enquanto medidas compensatórias dispostas nos termos legais firmados entre a empresa e poder público, por meio dos Termos de Referências assinados.

Como vimos até aqui, uma rede de micronarrativas foi sendo tecida, contextualizada entre ir e vir de sujeitos que, com diferentes interesses, transitaram pelo universo rural goiano e/ou mineiro, deixando para trás suas vivências para enfrentarem o mundo urbano e globalizado. Nesta jornada, os indícios de seus rastros, hoje nos servem como subsídios para a investigação

²⁴⁹ HALL, Stuart. Identidade cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional**, n. 24, 1996. p. 70.

histórica, pois nos permitem a releitura dos depoimentos colhidos entre os anos de 2008/2010 e a análise daqueles realizados em 2020.

Ou seja, uma década após a inauguração da barragem, é possível revisitar suas memórias, enfocando a relação dos entrevistados com o lugar, com suas expectativas e desejos, de modo a recompor as histórias e as culturas próprias das comunidades do entorno da Serra do Facão.

Portanto, é válido frisar que a cultura, da mesma forma que participa de nossa construção como membros de uma comunidade, também parte de um plano individual no qual se destacam as experiências e vivências do sujeito. Neste sentido, Geertz afirma que:

[...] assim como a cultura nos modelou como uma espécie única — e sem dúvida ainda nos está modelando — assim também ela nos modela como indivíduos separados. É isso o que temos realmente em comum — nem um ser subcultural imutável, nem um consenso de cruzamento cultural estabelecido [...]²⁵⁰

Sabemos que o conceito de cultura é polissêmico e de difícil definição, uma vez que *não existe cultura no singular*.²⁵¹ A cultura faz parte de um leque de possibilidades, sendo um modo específico de ver, sentir e representar o mundo. Da mesma forma, é também uma forma de linguagem que permite aos indivíduos realizarem muitas releituras do contexto social, projetando olhares e redimensionando interpretações acerca de suas vivências e experiências, compartilhadas com seu grupo social e fora dele.

Sob este ponto de vista, os lugares afetados pelo empreendimento Serra do Facão devem ser compreendidos também como lugares de culturas. Não por acaso, o Termo de Referência assinado entre o poder público e a empresa, nos permite entender os caminhos posteriormente percorridos pela empresa junto às comunidades afetadas, posto que através do documento acordava-se que:

²⁵⁰ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989. p. 37-38.

²⁵¹MACHADO, M. C. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. *In*: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire. **História e Cultura: Espaços Plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002. p. 335. Ver também: CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Editora, Papirus, 1995.

[...] é necessário promover o revisitar da memória sobre os lugares, informações, fatos vividos, tornando-se, ao nível da consciência no presente, reavaliados e (re) significados, vislumbrando-se o futuro de forma modificada.²⁵²

A memória dos moradores nos serve como baú de lembramentos, nos informando sobre os tempos idos, trazendo à tona histórias adormecidas, dentre essas, as transformações do lugar. Em todo processo que envolve a memória do sujeito social, a pessoa que lembra está inserida num presente que, de forma implícita, influencia – se não determina – a seleção dos fatos do passado, imprimindo o presente no passado. Desta forma, o passado rememorado se liga à iminente transformação decorrente da instalação do empreendimento, tornando a memória um registro do vivido nas regiões de abrangência da barragem.²⁵³

Portanto, as experiências compartilhadas por esta população nos guiaram e nos auxiliaram na compreensão do apego à terra, da efetivação dos laços de pertença identitária e da manutenção da cultura local. Também nos revelaram que, se pudessem, modificariam todas as conexões com o empreendimento e com a própria comunidade.

Isto posto, é nosso objetivo neste capítulo privilegiar a fala dos moradores da região afetada pela barragem, em especial da Fazenda Pires, para analisar como estão os sujeitos após uma década de pleno funcionamento do empreendimento hidrelétrico e as transformações do tempo em suas vidas. Trataremos também das constantes tentativas de contato com o empreendimento hidrelétrico, para que pudéssemos, igualmente, ouvir e perceber como seus representantes entendem o processo de instalação da barragem, seus impactos e sua relação com os afetados dez anos após a inauguração da usina hidrelétrica.

Aproveitando o ensejo, também abordaremos aspectos do CIC - Centro Integrado do Cerrado, que foi criado como espaço referenciador da memória da comunidade afetada pela barragem, subsidiado pela SEFAC e sob a tutela da Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Compreendemos que ali se encontram fragmentos da história do lugar e que ele não pode ser pensado

²⁵² SERRA DO FACÃO ENERGIA S.A. **Termo de referência:** Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-cultural. (SEFAC-PBA-TR-012-07) Catalão/GO, ago. 2007.

²⁵³ SERRA DO FACÃO ENERGIA S.A. **Termo de referência:** Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-cultural. (SEFAC-PBA-TR-012-07) Catalão/GO, ago. 2007. p. 6.

apenas como *locus* oficial de uma história em linha reta, e nem como representante fiel do vivido pelos moradores. Consiste em pequenas marcas das fagulhas coletadas para representá-los. Desse modo, é relevante refletirmos sobre como essas memórias e histórias podem ser relidas pelos múltiplos olhares direcionados ao acervo ali existente.

Por meio da História Oral e da Memória, partiremos para um campo desconhecido e inexplorado. De maneira geral, os sujeitos afetados pelo empreendimento serão nossos guias na análise das transformações em suas vidas na região do Sudeste goiano e, em especial, no município de Catalão/GO. Ainda, objetivamos observar os discursos, principalmente, aqueles tecidos pós instalação do empreendimento, entendendo que as transformações ocorridas pelo tempo também podem modificar a forma de ver a chegada e a instalação da Usina, para além do campo da incerteza.

Por fim, cabe lembrar que são inúmeras as hipóteses e pontos de interrogação que surgiram nessa quase uma década, na qual o empreendimento passou a gerar energia elétrica e se tornou "parte permanente" da região. Temos ciência de que nosso empenho não conseguirá responder a todas elas e que, por ser uma pesquisa histórica também deve permanecer assim. Ao persistirem dúvidas, outras pesquisas poderão existir.

4.1 - Entre caminhos: (re) encontros e desencontros.

Dentro da história cultural e da perspectiva da cultura popular, a produção do conhecimento histórico tem na memória um importante veículo para a compreensão da realidade. As memórias, em especial aquelas acessadas através das fontes orais, são capazes de propiciar ao historiador a conexão entre passado e presente, fazendo com que os testemunhos, as experiências de vida e as narrativas como um todo, integrem um diálogo crítico com as múltiplas versões da própria história. Permitem, assim, redimensionar os pontos de vista acerca da construção/reconstrução da consciência histórica dos sujeitos, seja ela individual ou coletiva, que por sua vez possui vários meandros que fogem do domínio da memória, o que requer uma reflexão sobre a realidade e as tramas

em que os sujeitos se embrenham para dar um tom possível de compreensão à realidade.

Tendo em vista que a memória é fator determinante para valorizar o processo de construção do discurso histórico, concordamos com Delgado ao afirmar que “[...] a memória contém inúmeras potencialidades que podem em muito enriquecer o processo de reconstrução e análise das inúmeras variáveis constitutivas da dinâmica da história”.²⁵⁴ Dessarte, ao registrarmos através de narrativas – estimuladas ou induzidas –, testemunhos, versões e interpretações sobre o processo histórico em suas múltiplas dimensões, estamos redimensionando o nosso próprio olhar como historiadores.

Conforme aponta ainda Delgado, a história oral é um instrumento relevante para a produção do conhecimento histórico, justamente por nos projetar à dinâmica que envolve o tempo em suas várias nuances, sejam elas relativas ao passado ou ao tempo presente. Desta forma, “[...] o passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com os processos coletivos”.²⁵⁵ A reconstituição dessa dinâmica pela recordação, inclui ênfases, lapsos, esquecimentos e omissões que igualmente contribuem para a reconstituição do que se passou, segundo o olhar de cada entrevistado.

Neste mesmo caminho, vale destacar que os trabalhos assentados nas propostas metodológicas da história oral abrem possibilidades interpretativas interessantes. Contudo, o pesquisador deve estar sempre atento à necessidade de um esforço redobrado no que diz respeito ao registro e à produção do conhecimento histórico que se pretende realizar. Isso se deve ao fato de que, ao realizarmos entrevistas, colhermos interpretações e, ao mesmo tempo, produzimos uma documentação, esta tem como aporte o passado que é materializado na forma de registro e, assim, serve de fonte às reflexões do historiador. Como documento, também não podemos tratar a fonte oral como verdade. Além de, como qualquer documento, não ser neutra, não raro a produção do documento oral ainda conta com a participação do historiador na

²⁵⁴ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: autêntica, 2006. p. 50.

²⁵⁵ Id., *Ibid.*, p.16.

sua construção, imprimindo nela um campo tensionado de “desejos de memória” que perpassam o entrevistado e o próprio historiador.

Na visão de Portelli²⁵⁶, a história oral, enquanto procedimento metodológico, tende a representar a realidade não como um conjunto de fatores que harmonicamente se relacionam, mas como um mosaico representativo. Permeado por semelhanças e especificidades, uma vez reunidas permitem uma leitura dialógica da sua construção. Por isso, não se pode deixar de frisar que o trabalho com a história oral impõe uma série de desafios, dentre os quais destacam-se, portanto:

[...] o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz em si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se em um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje [...]²⁵⁷

No Sudeste goiano, os tempos são (re) significados por meio das falas dos sujeitos afetados pela SEFAC. As lembranças do ontem se reconectam com o vivido hoje. Desta forma, tornou-se significante registrar novos depoimentos após uma década do primeiro contato. Apesar de considerarmos as recusas, os desencontros e a própria pandemia global que transformou a forma com que vivemos hoje, observamos, por meio das entrevistas que foram realizadas, que as emoções em relação ao empreendimento hidrelétrico continuam à flor da pele. O tempo não foi capaz de amenizar o sentimento de perda e os embates com a chegada da barragem. Em se tratando da região na qual se insere a Fazenda Pires, estes sentimentos se agudizaram, especialmente devido às transformações que impactaram diretamente as relações de vizinhança e com o lugar.

²⁵⁶ Entrevista com Alessandro Portelli. **História oral e memórias. História & Perspectivas**, n. 25 e 26 – jul./dez. 2001/jan./jun. 2002 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de História e Programa de mestrado em História. p. 27-54.

²⁵⁷ DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 18.

Outro ponto que não sofreu grandes transformações no tempo, foi a hospitalidade, característica marcante das regiões interioranas do país, inclusive no Sudeste goiano e nas regiões de influência da UHE Serra do Facão. Mais uma vez, os atingidos pela barragem abriram suas portas para nos receber. Tantos outros, é verdade, não retornaram o contato, ou preferiram não falar sobre a construção do empreendimento. Este silêncio também diz muito. Aqueles que se deslocaram para a cidade tiveram seus rastros apagados pelo tempo e pelas mudanças de endereço, o que causou a inviabilidade de contato.

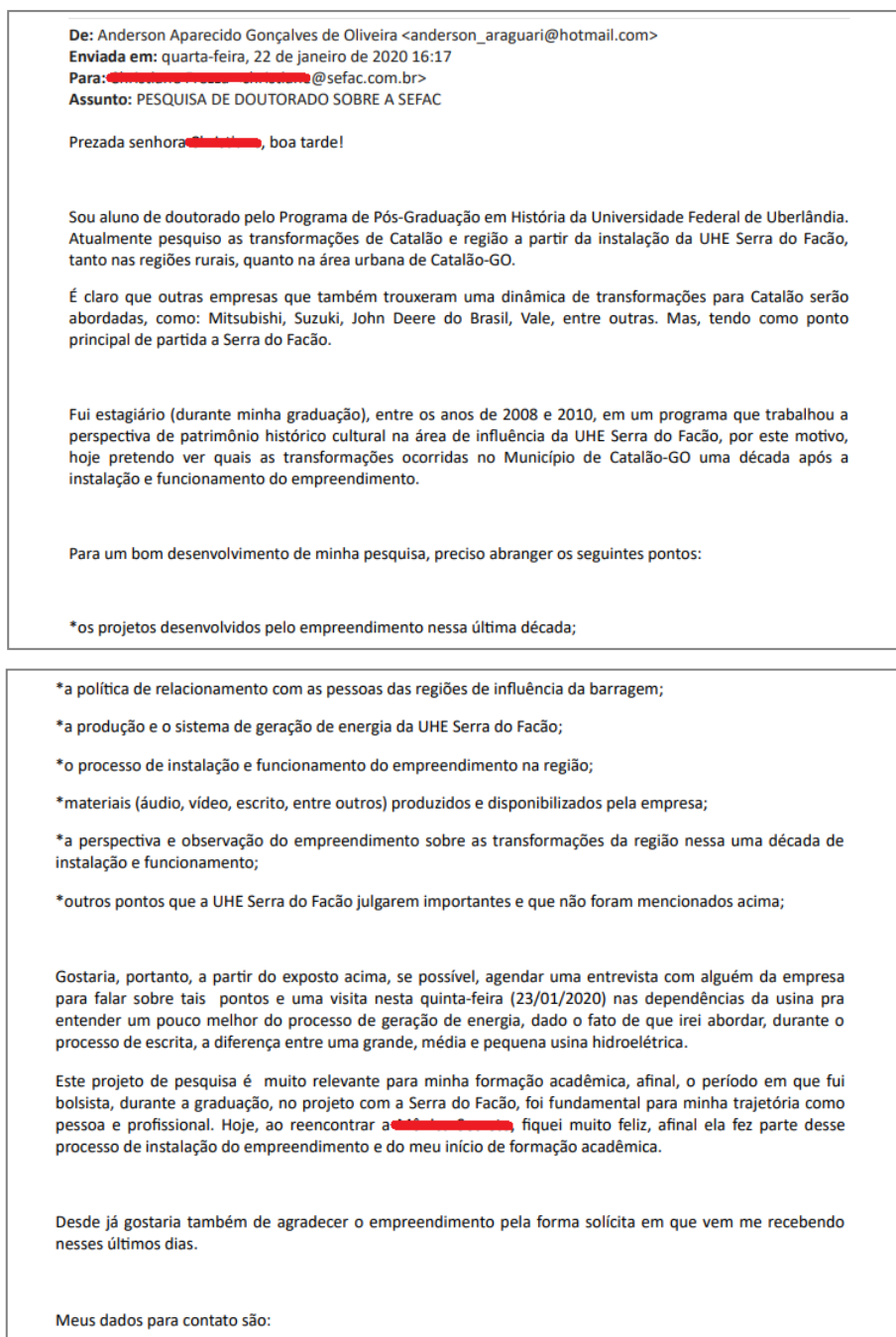
Em meio aos (re) encontros e desencontros durante trabalhos de campo realizados em Catalão/GO, foram várias as tentativas de conversar com a SEFAC. Além de termos a possibilidade de analisar a perspectiva da empresa em relação a sua instalação, impactos e transformações após uma década de funcionamento, sejam pontos positivos ou negativos, poderíamos encontrar os contatos de muitos dos atingidos que não se mantiveram nos mesmos endereços. No entanto, os contatos com a UHE Serra do Facão não foram produtivos. Em todas as ocasiões, o discurso foi o de que não poderiam nos receber no momento, principalmente após a apresentação do pesquisador e do objetivo da conversa, que se tratava de pesquisa para tese de doutorado, tendo a empresa como parte fundamental da discussão.

Nesta trajetória infrutífera, números de telefone foram disponibilizados. No primeiro deles, o das relações públicas/setor de imprensa, nos informaram que assuntos referentes à instalação da barragem, relação com os afetados, projetos de compensação realizados pelo empreendimento, dentre outros pontos relacionados à temática da tese, deveriam passar pelo setor jurídico da empresa. Contatado, este setor afirmou ser uma responsabilidade da direção da Serra do Facão Energia SA, e que essa daria um retorno, o que não ocorreu.

Em uma última tentativa, foi realizado um encontro com uma das antigas funcionárias, que inclusive esteve presente no mesmo período em que o Projeto "Caminhos da Memória" foi executado. A princípio, sem reconhecer o pesquisador, houve uma boa acolhida. Ao ser questionado de onde era e qual o objetivo, o diálogo passou a ter um certo clima de tensão.

Neste momento, a funcionária demonstrou um sentimento de pesar e de descontentamento com o trabalho que fizemos; tanto no livro quanto no filme, ainda naquele período. No entanto, nos foi solicitado um e-mail destinado a uma das representantes da empresa, com uma apresentação, pedido de reunião e a listagem das informações necessárias para a pesquisa. Para ilustrar, segue o print do e-mail enviado:

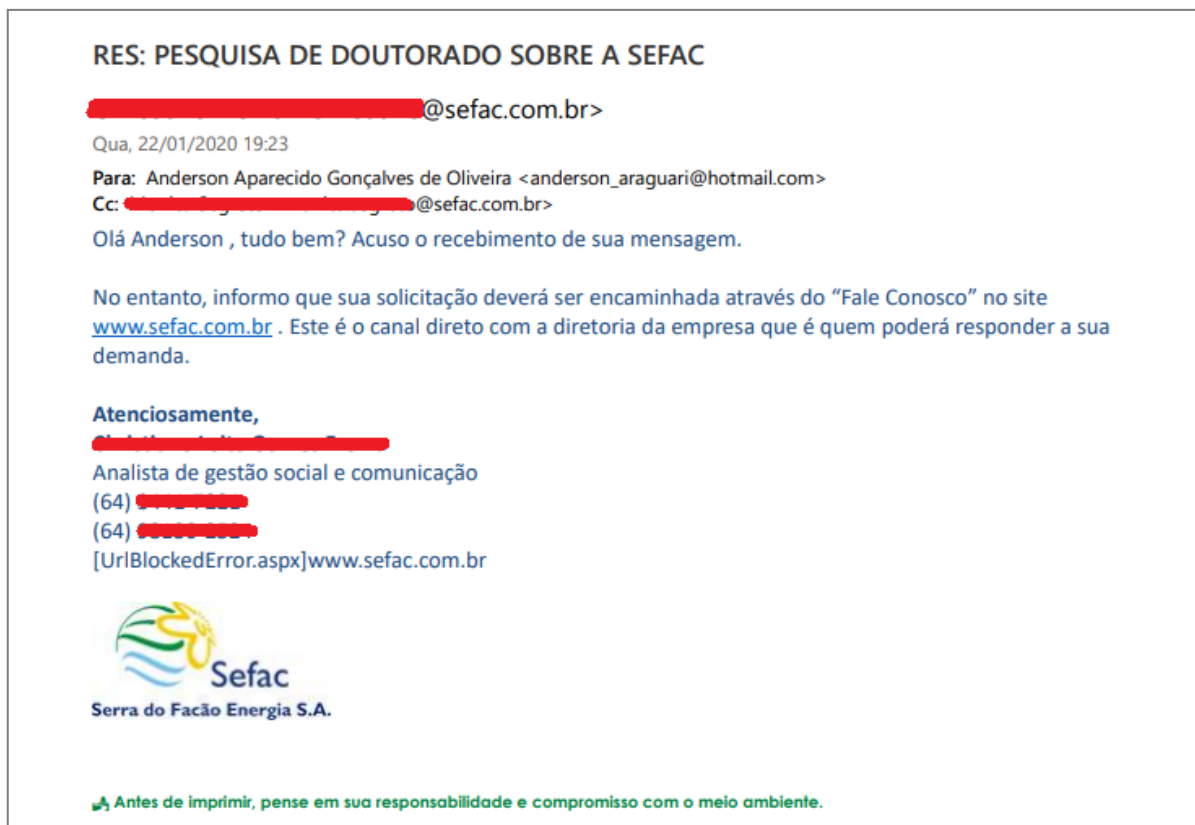
FIGURA 19. Print de tela. E-mail enviado para a empresa. 22 jan. 2020



Fonte: Produzido pelo autor, 2020.

E segue o print da resposta:

FIGURA 20. Print de tela: e-mail de resposta da empresa. 22 jan.2020



Fonte: Produzido pelo autor, 2020.

Conforme demonstram os documentos acima, o e-mail foi enviado, mas, durante o retorno, a solicitação era a de direcionarmos a demanda para o site da empresa, conduzindo a mensagem pelo "fale conosco", para que fôssemos atendidos. No entanto, isso também não ocorreu. Até o momento de encerramento da pesquisa, a Serra do Facão Energia S.A. não retornou.

Em sentido contrário, os moradores da região da Fazenda Pires, em Catalão/GO, nos acolheram novamente no processo da pesquisa. Importa ressaltar que esta região sempre esteve no enredo dos trabalhos acadêmicos por nós desenvolvidos, acompanhando-nos da graduação no curso de História e bolsista do Projeto "Caminhos da memória", até o nosso doutorado.

Também é importante lembrar que alguns dos sujeitos afetados na região de Anta Gorda, também em Catalão/GO, se dispuseram a conversar. No entanto, fomos interrompidos no meio do processo de entrevistas pela pandemia de

COVID-19, nos obrigando ao distanciamento social e nos inserindo numa realidade totalmente diferente daquela que remete ao acolhimento e calor humano. Metodologicamente, mesmo com todas as ferramentas tecnológicas que possuímos, tornou-se praticamente impossível realizar novas entrevistas devido especialmente ao fato de que a maioria de nossos possíveis entrevistados tem pouco contato com tecnologias.

Este dado dificultou ainda mais o processo de entrevistas, além do fato de que a História oral possui elementos importantes que vão além da voz e da narrativa. O lugar, os gestos, a emoção e os pequenos detalhes em uma entrevista são fundamentais. Estes pontos são difíceis de serem observados por uma pequena tela de celular, em especial quando aqueles do outro lado não dominam a tecnologia. Dito de outra forma, a vídeo chamada exige certa *expertise* digital como, por exemplo, o enquadramento adequado da câmera do celular ou webcam. Isto permitiria ao entrevistador a percepção das nuances subjetivas da narrativa. No entanto, apesar dos claros avanços da tecnologia digital, alguns de nossos possíveis entrevistados permanecem no campo, onde a tecnologia não chegou ou mesmo não lhes atraiu. Ademais, em uma pesquisa que utiliza a história oral, a relevância do processo não remete ao número de entrevistas, mas aos elementos que as falas trazem para compreensão da realidade a ser analisada.

4.2. Passado e presente: um entrelace de memórias

Em 2020, retornando à Fazenda Pires, Sandra Maria Mesquita Dias nos recebeu com os comentários:

É aquela vez que pegou aquelas crônica que os meninos tinha feito? Será que foi vocês? [...] Ah tá... Isso... Foi... Lá em casa (casa do pai) ceis pegaro uma da Rayane (filha), que ela falava sobre a Aroeira me parece [...] ceis era um punhado num era? Eu lembro! Agora cê falando tô lembrada de vocês. E veio aqui pra fazer os remédio caseiro, fotografar... Ah... [...] Nossa tem muito tempo! Dez anos que já tem aquilo! [...] Esses dias a Rayane tava falando sobre a crônica que ela tinha escrito. [...]²⁵⁸

²⁵⁸ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

Após uma década, o momento de retorno à região afetada pela Serra do Facão energia S.A. foi repleto de emoções para o pesquisador e para os entrevistados. Anos se passaram. No entanto, durante as entrevistas, parecia que até outro dia estávamos visitando as casas dessas pessoas, que mais uma vez abriram suas portas para nos receber.

Naquela oportunidade, como bem coloca Sandra, éramos muitos. Divididos em equipes, visitávamos além de casas e fazendas, as memórias dos sujeitos afetados pela Usina. Todo o processo foi registrado pela equipe de pesquisadores na época. As imagens abaixo representam um pequeno fragmento das andanças em meio às histórias dessas pessoas comuns, que ganharam protagonismo durante a construção do livro e do filme no período de realização do projeto "Caminhos da Memória". Entre elas estavam Sandra, sua filha Rayane e seus pais, José e Dona Jaci. E, ainda, Lourdes, Silvio, José da Luz e tantos outros nomes que fizeram diferença durante nossa passagem por aquele pedacinho de Goiás.

Nas fotografias a seguir, feitas na região da Fazenda Pires, no ano de 2009, podemos perceber o processo de pesquisa que durou cerca de dois anos e que envolveu as seis cidades afetadas pela barragem da UHE Serra do Facão. Dez anos depois, ao retornarmos para a região, muitas das memórias foram retomadas pelos afetados e moradores locais, que presenciaram o ir e vir dos grupos de pesquisadores. Além de entrevistas, mencionadas por Sandra, foram realizadas reuniões de sensibilização com os atingidos pelo empreendimento, de forma a demonstrar os objetivos da equipe do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural. Seguem abaixo, ainda, registros fotográficos de reuniões realizadas nas regiões da Fazenda Pires em Catalão/GO e de Rancharia, em Campo Alegre de Goiás/GO.

FIGURAS 21a e 21b. Fotografias. Entrevistas realizadas com Rayane Mesquita Dias e Sra. Sandra Maria Mesquita Dias. Fazenda Pires, Catalão,GO. Jan. 2009



FIGURAS 22a e 22b. Fotografias. Entrevistas realizadas com o Casal José Gonçalves Mesquita e Jaci Martins Borges. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009



FIGURAS 23a e 23b. Fotografias. Entrevista e filmagem com a Sra. Lourdes Neiva da Silva. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan. 2009



Fonte (todas): Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU

FIGURAS 24a e 24b. Fotografias. Entrevista com os Srs. José da Luz Pires e Francisco Fabrício. Fazenda Pires, Catalão, GO. Jan.2009



FIGURAS 25a e 25b. Fotografias. Reunião de Sensibilização e coleta de dados. Fazenda Pires, Catalão,GO Dez. 2008.



FIGURAS 26a e 26b. Fotografias. Reunião de sensibilização e coleta de dados na região de Rancharia. Campo Alegre de Goiás. Dez. 2008.



Fonte (todas): Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU.

Entre reuniões e entrevistas, percorremos centenas de quilômetros abrindo “porteiras de memórias” e de sentimentos variados. Naquele momento, tínhamos como pedra angular do presente, a instalação da barragem. Ainda em construção, seus significados exaltavam os ânimos, cultivavam as incertezas e o sentimento de perda iminente. Afinal, entre os primeiros anos de chegada da SEFAC na região, muitos foram os embates e tentativas de evitar a sua construção, como já vimos anteriormente, no terceiro capítulo deste trabalho.

No entanto, dez anos depois, cabia descobrir se aquela visão e sentimentos quanto à chegada inexorável da barragem e da empresa, permaneceriam os mesmos. Foi esse um dos primeiros questionamentos que nos fizemos, ao retomarmos os depoimentos. Para Lourdes de Neiva Mesquita, moradora afetada da região da Fazenda Pires, tais mudanças teriam sido piores que as imaginadas há uma década. Um dos exemplos utilizados por ela é o “sobe e desce” das águas que destrói as cercas, facilitando a passagem do gado.

[...] Mudou eu acho que pra pior né? Quer dizer, a gente que é da terra, que vive da terra, aqui teve muita coisa ruim. Porque cê vê as cerca, meu marido vai falar melhor pro cê, as cercas o gado atravessa de um lado pro outro... não tem cerca pra gado, porque o lago veio e destruiu a cerca né? E se fizer a cerca a água vem e destrói depois. [...] ²⁵⁹

Silvio Correia de Mesquita, seu esposo, reforça que os animais de grande porte sofrem com a mudança. Com as cercas frágeis e o vai e vem das águas, o gado consegue invadir a área de proteção permanente e, em algumas ocasiões, chega a atolar no local. Esta situação pode levar à morte do animal, além da multa que os proprietários estão sujeitos a receber. Vejamos o que diz Sílvio:

[...] A barragem trouxe muita coisa sabe? Mudou muito a nossa vida... muita coisa... mudou... atola gado, vai baixando... [...] é diário... vai tirando gado e morrendo... cerca virou um problemão. [...] ²⁶⁰

De acordo com os moradores, a irregularidade dos níveis de água do reservatório, gerou ainda outro grande problema: o assoreamento de córregos e impactos em minas d'águas, que secaram nesses últimos dez anos. Sandra

²⁵⁹ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁶⁰ Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

afirma que, além do desaparecimento das minas também morreram inúmeras árvores que margeavam o rio.

[...] causou bastante transtorno, por causa que a água secou, as águas quase num tem água mais... inundou, mais agora acabou... foi tudo embora ficou só o seco mesmo... matou as árvore, matou as mina... porque tinha água demais, né? Nem mina mais num tem, então eu acho que foi só transtorno, pra nós foi! Benefício foi nenhum... eu acho que não [...]²⁶¹

Estas ocorrências são reforçadas por Silvio. No entanto, o morador lembra que existe uma presença constante de funcionários da hidrelétrica e acredita que um dos motivos seja, justamente, o problema do assoreamento e do que chamou de "minas afogadas".

[...] O córrego tá ariano, daqui um ano a água vai correr por riba da terra... o vão do córrego é isso aqui né? Era fundo corria aqui. Agora a água vem subindo a areia vem subindo junto, agora ela vai embora a areia fica aqui, a terra sabe? Aí a água vai passando cada dia mais por riba e tampando as mina também. As pequena mina tampou tudo, porque ariou tudo. Ficou dois anos a água parada, naquilo ali. Quando ela secou e foi embora, ficou essa altura, menos em cada lugar. [...] aquelas mininha que tinha dos córrego que chegou na... que a água chegou na mina, tampou porque ajuntou terra. [...] num sei se eles vai restaurar isso aí. Cê viu umas plaquinha que tem por aí não, né? Eles desceu por ali. Até um pessoal vinha tudo pra cá, agora eles tá indo pra aqueles pessoal onde tem aquela vila ali [...]²⁶²

Outro ponto a se observar nas falas dos entrevistados é o fato de que, com o aumento no nível das águas, a fauna silvestre foi obrigada a procurar um novo habitat, também trazendo mudanças no cotidiano da região, pois afetou os animais domésticos. Esta nova realidade foi destacada por Sandra Maria Mesquita Dias durante sua entrevista. Para ela, inúmeros animais peçonhentos passaram a ser encontrados com mais frequência em sua propriedade, colocando em risco a vida dos pequenos animais e dos seres humanos:

E outra coisa também depois dessa barragem, se o cê vê o tanto de cobra que subiu pra cá! cascavel... Aqui em casa... galinha... até a gente é arriscado... Eu tô com uma porca ali dentro do chiqueiro que uma cobra mordeu ela, tá com a pata dessa grossura... [...] inundou o habitat deles, a tendência deles é subi... [...] diz que tem até sucuri já,

²⁶¹ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁶² Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

então tá assim... some os bicho tudo... aqui em casa os meus gato eu tô achando que é jiboia que tá comento eles... [...] ²⁶³

Seu vizinho, Sílvio Correia de Mesquita, reforça essa nova realidade na vida dos moradores da região afetada. Ao contrário de Sandra, que continua com a criação de animais de pequeno porte, Silvio decidiu interrompê-la para evitar prejuízos, mesmo afirmando que seu destino era consumo próprio e para presentear amigos.

[...] E outra, se cê acha que cê tá sossegado cê num tá não! Gora mesmo tá algum ali olhando cerca. Agora assim, se entrar uma reserva ali... Já plantou aqui, agora é bicho, eu queria bater (pasto) por baixo (da cerca), agora não pode roçar, cê vai ficando no meio da bichaiada, cê num cria nada mais aqui de galinha, essas coisa, o bicho come tudo! Antigamente ali do lado que era da minha mãe até hoje eu num deixo as galinha ir de lá sabe? Eu dava frango e ovo pra todo mundo aí oh, carregava, num era pra vendê não, era pra comer, pra pescador que era amigo [...] matava e levava pra fazer na beira do corgo, agora não, os bicho não deixa mais [...] e é cada vez piorando pra nós [...] ²⁶⁴

É importante salientar que a pequena criação de animais como porcos e galinhas, por exemplo, é fundamental para os moradores locais. Esses animais são utilizados, histórica e culturalmente para o consumo próprio, como, aliás, foi relatado e registrado nas tabelas de levantamento social e econômico da própria SEFAC. Assim, a economia familiar sofre impacto considerável com a nova realidade imposta pela Usina, pois os produtos gerados por esses animais, como a carne e ovos, hoje são adquiridos na cidade ou de outros produtores, o que gera gastos extras.

Em meio às questões que envolvem a economia local, a leitura acerca da ideia de progresso e as suas benesses inerentes, permanece tão negativa quanto antes, no período de construção da usina. Silvio, por exemplo, reafirma a negativa das mudanças para melhor, as quais integravam o discurso do progresso justificando as transformações, em nome do desenvolvimento da região e do país. Sua fala segue a mesma linha de pensamento de Lourdes, sua esposa, em especial no momento em que ambos tocam em um assunto que

²⁶³ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁶⁴ Entrevista de Sílvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

parece não ter sido superado pelos moradores da região, o das indenizações. Para Lourdes, entre os que possivelmente se beneficiaram de fato com a construção da barragem, foram os empregados. Segundo ela, "[...] talvez quem saiu melhor foram os empregados que foram indenizados, todo mundo recebeu casa, recebeu dinheiro [...]"²⁶⁵.

Como vimos anteriormente, Silvio foi um dos fazendeiros que mais se empenhou em ajudar os empregados da região a conseguirem os valores indenizatórios junto a SEFAC. Apesar da dedicação, ainda é perceptível a sua decepção com os valores levantados inicialmente pela empresa, em relação àqueles pagos aos grandes, médios e pequenos proprietários de terras. Levando em consideração suas particularidades, mesmo dez anos após as negociações e pagamentos das indenizações, Silvio ainda avalia mal o processo:

[...] mudou, algumas coisa foi bõ até assim... melhorou alguma coisa assim parte de... [...] de recurso, a barragem trouxe alguma melhora, mas trouxe mais piora que melhora pra nós, principalmente o maior e médio produtor, pro pequeno foi bõ! Pro pequeno foi bõ pra aquele que morava não tinha nada né? Recebeu a sua indenização foi melhor que o produtor. Agora quem tinha uma terra piquitita e muita benfeitoria, casinha velha essas coisa foi bõ também, não foi tão ruim. Mas agora quem tinha muita terra e muita pouca benfeitoria foi ruim porque eu vendi num saiu dezenove mil o alqueire na época ao todo em média [...] teve uma avaliação vieram... uma avaliação... chamou um lugar que as terra era mais barata que tinha e fez aquela avaliação sabe? E levou pras empresa, porque se não, não conseguia as empresa pra fazer a Serra do Facão. Pra fazer a barragem sabe? Aí fez aquela avaliação muito antes, aí foi prejudicado pra nós que tinha terra boa [...] Eles não deu valor, a terra plana todinha pra água aqui, descia pro lado do córrego aqui, era tudo plano, pro lado de lá não, aí a avaliação com o de cá com o de lá deu em média isso. A reserva que eles comprou do lado de lá tudo deu dezoito, não chegou dar dezenove mil na época por alqueire. Vendi cinquenta e cinco ponto num sei quanto pra eles. Eles queria me dar só [...] que eu pulei lá em cima né? Aí eles me deram uma ajuda, eu tive que mudar aqui sabe? Aí fizeram um estudo que eu tinha que mudar. A estrutura, o curral, o barracão, a ordenha, paiol eu peguei tudo da terra véia lá e joguei tudo porque tinha que mudar... curral cimentado, barracão cimentado, estrutura... jogou tudo... Aí eu consegui [...] consegui duzentos e setenta mil nisso. [...]²⁶⁶

²⁶⁵ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁶⁶ Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

Para Sílvio, portanto, o problema está no prejuízo causado por uma avaliação inicial. Ele lembra que, dentro da área vendida para a empresa, existiam áreas de plantio, de reserva e benfeitorias que a princípio não seriam consideradas, mas que foram revistas ao final do processo de negociações. Podemos aqui inferir que esta mesma situação ocorreu com inúmeros afetados, e que alguns deles não tiveram forças suficientes para mudar os valores a receber. Além disso, tanto para grandes, médios ou pequenos produtores, mesmo ganhando uma queda de braço “viciada”, estariam fadados à derrota. Como vimos no capítulo anterior, o valor pago pelas indenizações não seria suficiente para adquirir a mesma quantidade de terras devido à especulação imobiliária que atingiu a região, com a chegada da usina hidrelétrica. O *boom* imobiliário na região da Fazenda Pires teve, ainda, outra consequência importante: a construção de ranchos à beira do lago da barragem e o loteamento de chácaras em suas proximidades, alterando drasticamente a vizinhança e o panorama cultural do lugar.²⁶⁷

Nem toda insatisfação com as mudanças ocorridas nesse espaço de tempo foi em relação aos valores recebidos. As estradas locais também se tornaram ponto de destaque durante as falas. Como podemos ver nas imagens abaixo, ainda durante o Projeto "Caminhos da Memória", percorremos inúmeras delas, atravessávamos córregos, montes, desfiladeiros e ainda outras, com dificuldade maior de acesso, inclusive exigindo a travessia por meio de balsa.

²⁶⁷ Loteamentos de áreas que margeiam lagos artificiais de barragens de hidrelétricas são comuns na região afetada e em cidades próximas, a exemplo de Três Ranchos/GO, Emborcação, em Araguari/MG e Miranda, Uberlândia/MG. Os relatos coletados para esta tese focaram nas transformações consideradas negativas, posto que afetaram significativamente os modos de vida tradicionais locais. Existem, no entanto, aqueles que se beneficiaram com o processo, como os donos dos terrenos, que lucram com o loteamento, e as pessoas que utilizam essas áreas para lazer.

FIGURAS 27a e 27b. Fotografias. Travessia da equipe de pesquisadores pela Balsa sobre o Rio São Marcos, com destino à comunidade Fazenda Paulista – Divisa dos municípios de Campo Alegre de Goiás e Catalão-GO. Fev. 2009



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2009.

Atualmente, parte das vias percorridas pela equipe, e que eram necessárias para o ir e vir dos moradores locais, estão inundadas pelas águas represadas. Pontes foram construídas e reconstruídas pela empresa. No entanto, como antes da chegada do empreendimento, ainda há dificuldade de acesso em algumas regiões. A diferença é que, hoje, o problema se intensificou.

Como exemplo, citamos uma das vias de acesso à região da Fazenda Pires. A estrada teria uma parte inundada, o que demandaria a construção de uma ponte para ligar as regiões próximas. Caso contrário, um trajeto de poucos minutos importaria aos moradores uma volta imensa, pela rodovia, acarretando um impacto ainda maior na relação de vizinhança e sociabilidade da região.

No entanto, como uma alternativa mais "barata", o empreendimento propôs abrir uma nova estrada pela propriedade de Sandra Maria Mesquita Dias e de seu marido. Conforme nos relatou Sandra, a proposta não foi bem visto pela família, que chegou a acionar advogados contra o empreendimento.

[...] Eu fui uma vez por causa dessa estrada... Aí eu fui lá no escritório deles... Aí eu falei pra eles... Falei: "oh, essa estrada lá não vai sair não!", eles: "é, mais num sei o que...", Eu falei: "Oh, eu fui...", e eu fui no advogado mesmo... aí eu conversei com o advogado... ele falou: "oh Sandra, essa estrada lá, se tiver jeito de passar por outro lado ela não pode ser feita!" Eu falei: "pois tem!"... Aí eu fui falando.. eles achou que nós da roça era tudo bobo né? "Ah eles é bobo de tudo não vai fazer nada"... Mas eu fui no advogado, conversei... Aí eles pegou e mandou assim: "então cê vai fazer um relatório lá com o seu advogado e mandar pra SEFAC, aí eu tava até já providenciando. Aí ele me ligou aqui e: "é, cê não precisa fazer mais não, que nós não vamo abri estrada aí mais!"... Falei: "Ah!... Tá bestano...", Falei: "num vai abrir mesmo não!"... e a gente explicava pra ele sabe, e eles tava nem aí... eles queria facilitar a vida, porque? Eles num queria gastá... eles num queria fazer uma ponte! (É que uma ponte é cara né?) Uai, mas a SEFAC é obrigada a fazer uai... né? "não não vamo fazer ponte não, vamo fazer estrada"... Falei: "não, não vai não... estrada aqui no fundo de casa num faz não!" Ih, eles pegaram abaixo assinado... mas nós tava com a justiça do nosso lado, por isso que eles não conseguiu fazer não... [...] ²⁶⁸

Após discussões e tratativas, a empresa decidiu construir a ponte, evitando que uma nova estrada fosse aberta nas terras de Sandra. No entanto, a solução dada trouxe ainda mais descontentamento, devido ao aumento

²⁶⁸ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

considerável de trânsito na região, decorrente do novo loteamento que se instalou no local.

Nem todas as estradas e pontes tiveram o mesmo olhar. Sandra afirma que uma estrada próxima, que ligava as terras de Silvio à outra região vizinha, não existe mais. Segundo suas palavras, isso “[...] trouxe transtorno demais pra nós... as estrada daqui pra cá não passa mais... cê atravessava pra lá, agora acabou... lá em baixo rancou a ponte... [...] Teve benefício? Eu acho que teve, pra nós não! Talvez aí pra baixo teve, pra nós não[...]

Ao tocar neste assunto, Sílvio afirma que há um grande embate com órgãos ambientais em relação à construção de novas estradas ou pontes que, por sua vez, evitariam grandes deslocamentos dos moradores. Segundo ele, atualmente a diretoria da SEFAC vem dialogando mais com os moradores locais, na tentativa de solucionar o problema de mobilidade.

[...] E também acesso de estrada, isso aí foi um problemão também... um tanto de gente dando volta... até o IBAMA, nós brigamo, lutamos com a Serra do Facão pra liberar aqui oh, porque fechou a passagem que tinha... tinha uma passagem aqui em baixo. [...] e aqui agora ficou só na rodovia. Tinha que abrir outra aqui porque a água baixô né? [...] Aí fez outra ponte com toda peleja. Veio outra diretoria, deu mais importância pras coisa nossa. [...] Essa atual. As outra cê falava, falava, falava, os pessoal que vinha... o pessoal que vinha pra cá fazer as pesquisa, perguntar os problema tudo, levava, mas num fomo atendido não. Aí essa que veio, essa por último foi boa. Já tá olhando aí, já tá pensando em subir [...] se a água subir já fazer ela alta já, levantar (ponte) [...] fizeram ela pra quarenta e cinco tonelada, a ponte. Mas tá no nível da água né? [...] Porque o IBAMA já veio cá num sei quantas vez já, olhar isso aí pra liberar né, já liberou eles. [...] isso já melhorou né? Já fizeram a ponte. Então essa diretoria que tá, ela é outra cabeça, bem melhor que essa outra antiga, essa já tão pensando mais em nós. [...]

O que chama a atenção nesta fala é a relação da empresa com os moradores da região. É recente o relato de um bom relacionamento com os representantes da SEFAC, algo que não ocorria com a antiga diretoria, pois esta não dava a devida atenção às demandas locais. Seria esta mais uma tática da usina hidrelétrica, para melhorar a relação do empreendimento com os moradores afetados? Até porque, como vimos acima, a partir dos depoimentos, eles

²⁶⁹ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁷⁰ Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

aparentemente não superaram o processo de construção da barragem e seus impactos nos últimos dez anos. Estas são indagações para as quais, possivelmente, não teremos resposta, levando em consideração a ausência de resposta por parte da empresa durante a construção desta tese.

4.3. Desassossego: o loteamento de ranchos e chácaras na região da Fazenda Pires

Entre os moradores afetados, a dor da partida e antecipação da saudade do lugar e daqueles que ficariam, era praticamente uma unanimidade. Em 2009, ao visitarmos a região da Fazenda Pires pela primeira vez, ainda durante a construção da usina hidrelétrica, encontramos José da Luz Pires que reforçou o apego e o vínculo identitário com o lugar e com a região, cuja nomenclatura carrega no sobrenome. Em sua fala, José demonstrou incerteza quanto ao que viria a acontecer no futuro. Para ele, abandonar o lugar em que sempre viveu e seus amigos, era algo inimaginável. Acreditava, ainda, que após sair da região não retornaria nem mesmo para ações simples, que sempre gostou, como por exemplo, pescar.

[...] O coração da gente deva que vai doer né! Se oceis tiver algum um passado num lugar assim igual eu tenho aqui, só vivi aqui né, depois cê vê tudo acaba, será que cê num vai ter um sentimento um dia? [...] De dor né... de, de pensar que acabô aquele lugar pra gente né[...] Saudade né [...] Ah... eu num sei se vou voltar aqui não [...] é que acha ruim né, vê onde a gente morô, sua casa, onde a gente trabalhô, porque pra gente foi a vida da gente né? Tem o compadi aí mais capaz que nós vai custá a vim aqui, é que eu num volto aqui muito fácil não. Eu gosto muito de pescar mais acho que o lugar aqui num vai servi pra mim pescá não [...] porque a gente sente falta daquele lugar [...]²⁷¹

Entretanto, mesmo com o início do processo de inundação, José da Luz Pires não precisou deixar o lugar em que viveu tantos anos. Ele conseguiu construir uma casa em um terreno próximo de seu compadre, Silvio Correia de Mesquita, que, em meio à entrevista realizada em nosso retorno à região, nos disse com muito afeto: "[...] o Zé da Luz, ele tá aqui oh... morando aqui oh, cê

²⁷¹ Entrevista de José da Luz Pires (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2009.

lembra dele?"²⁷². No entanto, logo Silvio mudaria de sentimento e de semblante, quando mencionou que seu compadre não tem mais interesse de ficar na região:

[...] Tá difícil né, segurando o cumpade ali, mas ali comprou uma casa, ele morava ali né, ele ganhou naquela época acho que setenta e seis mil, setenta e oito mil... comprou uma casa por sessenta... [...] porque era assim ele tinha filho homem e mulher, então tinha que ser uma casa que tinha ter mais quarto, então isso tudo eles contava sabe? Era melhor, ele recebeu! [...]

Mas o lugar que encontramos em 2020, uma década após a instalação da Serra do Facão, não era o mesmo. Hoje, além da perda dos vizinhos que foram embora ainda durante a construção da barragem, Silvio e sua esposa Lourdes correm o risco de perder novamente pessoas queridas. A transformação do lugar e a chegada de dezenas de novos moradores, em função do loteamento de ranchos, ao lado de suas terras, mudou drasticamente a dinâmica da convivência, sobretudo a tranquilidade.

Lourdes de Neiva Mesquita nos disse que muitos dos afetados da região perderam partes consideráveis ou toda sua propriedade em decorrência da construção da barragem. Mas, ainda segundo Lourdes, a herdeira de uma das terras vizinhas decidiu vendê-las para um loteamento de chácaras que. Atualmente, conta com cerca de quarenta proprietários. Foi assim, portanto, que teria começado o desassossego na região, com o uso de drogas, furtos e som alto, agora uma constante nas redondezas.

[...] a perca maior que a gente teve foi dos vizinhos, porque aqui teve uma época que alagou tudo né? Aí não tinha como atravessar pra lá, aí mesmo assim os vizinho que tinha aí foram tudo... não conseguiram sobreviver aí na... porque o chão era pequenininho né, aí a barragem tomou mais um pedaço, quando não tomou tudo a terra, aí eles mudaram e vieram outros porque ali foi muito ruim, porque a menina que... uma das herdeira da fazenda de lá cedeu... vendeu as terra de lá e loteou. [...] já tem uns quarenta morador lá, vem gente boa e vem gente ruim né? Veio ladrão pra ali, veio gente que usa droga já... Isso foi ruim pra nós porque a gente não tem sossego aqui né? Porque aqui em casa mesmo já sumiu coisas do meu marido, furadeira, lixadeira sumiu, sumiu uma corrente de trator... Nossa vida aqui ele precisa plantar as roça pra fazer o silo né? Aí tem os equipamento agrícola aí, de vez enquanto tá sumindo as coisa porque eles vem né? Vem gente de todo jeito ali. Ali a noite é um som altíssimo mesmo, aqui em casa mesmo não atrapalha

²⁷² Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

tanto porque é fechado né, mais aí tem uma professora que é da escola aqui... a Sandra [...] aí ela reclama muito do som lá porque a casa dela não é forrada sabe? Faz um barulhão! O pessoal que mora lá tem muita gente que não concorda com isso também não, porque igual falei pro cê, tem gente boa e tem gente sem juízo lá né? [...] ²⁷³

A imagem de uma região pacata, sem grandes movimentações, passou a sofrer uma segunda onda de transformação. Durante a construção da usina, os grandes anseios eram em relação à perda de seus vínculos ou dos vizinhos que, porventura, sairiam dali. No presente, o que se percebe é uma constante de transtornos causados pelos moradores e/ou visitantes dos ranchos e chácaras construídos após o represamento das águas.

O novo cenário foi reforçado por Sandra Maria Mesquita Dias. Ela nos disse que, além do som alto, a presença constante da polícia representa a presença de pessoas envolvidas em delitos. Sua preocupação maior é em relação a seu pai, José Gonçalves Mesquita, que vive sozinho desde o falecimento de sua esposa, Dona Jaci Martins Borges, ambos apresentados no início deste capítulo. Vejamos o que diz Sandra:

[...] Nossa e esse loteamento dá trabalho, meu Deus! No final de semana ninguém dorme, o som deles é muito alto o som. Agora nem tanto, agora melhorou um pouquinho... acho que a polícia bate ali direto... e como se diz, acontece qualquer roubo vem aqui os bandido tá ali oh escondido! Então a gente vive aqui na fazenda, igual tem meu pai tá idoso, eu fico mais sozinha né? Então é preocupante né? [...] A terra ali que vendeu, lá diz que tem cinquenta família, ali do outro lado... cê viu ali? Lá tem casa demais... mas eu não conheço lá, eu já fui lá poucas vezes... tem até uns conhecido nosso que mora lá, esses eu já vi... mas tem gente demais... tem barraco, tem casa, tem de tudo lá... tem cachorro demais e uma bagunça demais... o som, dá sábado ou domingo cê num dorme não... ali fica parecendo aqueles baile funk [...] cê não dorme, de jeito nenhum! Não, se fosse umas música boa que cê deitava e ficava ouvindo né? Mas aqueles pancadão... dá não... eu sei que nós tamo aqui, agora fazer o que? Ainda bem que eu aposentei né? A minha vida agora é aqui mesmo cuidando do meu pai e pronto. Minhas meninas foi tudo embora [...] tá tudo em Catalão estudando, trabalhando [...] ²⁷⁴

Parte dos donos desses terrenos que foram loteados tem naqueles ranchos uma válvula de escape para a vida corrida da cidade e se deslocam para

²⁷³ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁷⁴ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

o loteamento apenas nos finais de semana²⁷⁵. No entanto, enquanto os cidadãos procuram por diversão, acabam por tirar a tranquilidade daqueles que já vinham de um processo de mudanças em suas vidas e, em seu cotidiano, em decorrência da UHE Serra do Facão.

Se alguns buscam esses espaços para descanso ou promoção de festas, outros veem como oportunidade para furtos, esconderijo de produtos roubados ou drogas. Um dos casos que chamou a atenção nos foi narrado por Sandra. Segundo a entrevistada, o proprietário de uma obra no centro urbano de Catalão teve seu *container* roubado²⁷⁶. Ao ser convencido por um amigo a pescar na região, onde hoje foi feito o loteamento, acabou encontrando seu *container* em uma das chácaras. Ainda conforme o relato de Sandra, o proprietário acionou a polícia e, ao abri-lo, teriam encontrado diversos objetos furtados na cidade de Catalão/GO.

[...] Mas ali num mora todo mundo, diz que ali vem só no fim de semana [...] lá tem poucos moradores, que mora definitivo tem, mas... Ali eles acharam outro dia desmanche de carro... achou um container cheio de coisa roubada! Foi até o trem mais engraçado. O rapaz tava numa construção lá em Catalão e aluga o container né? E o cara foi lá e roubou o container dele. E ele ficou descabriado, ele tinha pago doze mil desse container. Aí o amigo dele falou: "- vamo pescá! / - sei lá, to tão descabriado / - não, vamo!". Veio! Menino, não há de vê que chegou ali e achou o container dele? Aí fotografou né? O número, tudo... falou nada pro amigo dele... chegou lá em Catalão foi lá na delegacia, mostrou... veio aí, abriu o container e tinha televisão... tinha um monte de coisa que roubaro! Aí levaro. [...]²⁷⁷

A polícia se tornou presença constante na região da Fazenda Pires. A tensão e o medo aumentaram, da mesma forma que a vida calma cedeu espaço para o alerta e o desassossego. Além do grande trânsito de pessoas diferentes mudar a rotina do lugar, a nova realidade também trouxe prejuízos com a fuga de animais por porteiras deixadas abertas e/ou mal amarradas, bem como os

²⁷⁵ Sobre a análise da mesma questão, no entorno de outra usina, veja: SILVA, Andreia. **Usina Hidrelétrica de Miranda e as mudanças socioespaciais em Indianópolis - MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012. p. 21.

²⁷⁶. Atualmente, é comum em obras o aluguel ou compra de *container* com paredes de ferro ou aço para guardar ferramentas e parte de materiais de construção.

²⁷⁷ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

pedidos de socorro de veículos nos momentos de descanso. Silvio, por morar ao lado do loteamento, é um dos que mais sofrem esses problemas.

[...] Aquilo ali também trouxe uma coisa difícil né? Porque a água tava na porta aqui, tudo bem! Agora não, agora eles vêm eles passa tudo na minha porta, todo dia tem gente toda hora, um passa num amarra uma porteira bem, um colchete de roça, tem dia que... ali esses dia mesmo as água empurrou a porteira ali tava mal amarrada, nós tava tirando leite e viu... se fosse outra hora... já foi muitas vez que entrou lá dentro. Porque passa cem vem, mas tem dois ruim desses cem... [...] eles não importa, eles pensa só neles. Pra passar eles passa tudo, pra vim embora eles vêm tudo doido, passado da hora, atrasado, vêm tudo correndo né? Então não pensa em fechar as coisa direito. [...] cê tem a hora que cê tá descansando dia de domingo, cê vai parar agora de tarde, o cara encosta o carro lá na berada do lago, a água baixo tá moiado, tá mole, quando vai sair não sai, cê tem que ir lá arrastar, de noite, de baixo de chuva... Ih já aconteceu demais! Então sempre tem esses problema. [...] ²⁷⁸

A construção da barragem, mesmo que de forma indireta, foi responsável por esta nova realidade. A despeito dos transtornos, assim como Sandra e Lourdes nos depoimentos anteriores, Sílvio reafirma que nem todos os novos moradores são ruins ou causam problemas. Novas relações identitárias com o lugar e com a vizinhança estão sendo criadas na região, pois, segundos nos disse:

[...] tem outras coisa boa também, cê passa a ter muita amizade, as pessoa vem... Só que eles que conhece a gente, eu não dou conta de conhecer eles tudo né? Os nome mesmo nem metade eu sei. Esse pessoal que tá ali também é outro pessoal bão, tem noventa por cento bão, mas tem dez alí também que num é [...] ²⁷⁹

Todavia, de qualquer forma, com o loteamento de chácaras, como foi o caso da região da Fazenda Pires, tem-se ainda como consequência a diminuição de terras férteis que poderiam ser utilizadas para a agricultura e/ou pecuária. Este é um panorama característico de grande parte das regiões afetadas por usinas hidrelétricas, o que já foi apontado por Andreia Silva ao analisar os impactos na região da UHE de Miranda, entre Uberlândia/MG e Indianópolis/MG:

[...] A formação do Lago e, por consequência, do Condomínio Beira Lago, acarretaram mudanças resultando em uma nova forma de

²⁷⁸ Entrevista de Silvio Correia de Mesquita (produtor rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁷⁹ Id. Ibid.

ocupação [...] trouxeram consequências que foram sentidas diretamente no desenvolvimento das atividades locais, como por exemplo, a diminuição da área de terras férteis, potencialmente utilizável para a agricultura e a pecuária. [...] ²⁸⁰

Para além das questões econômicas e de produção, não podemos deixar de mencionar os problemas ambientais. Um condomínio de chácaras representa um conjunto expressivo de novos moradores que geram lixo doméstico em grande quantidade e, por vezes, descartados de forma inadequada, o que causa impacto ambiental direto. A situação se agrava quando há a canalização do esgoto diretamente ao lago, ou quando as fossas sépticas são perfuradas a menos de 30 metros da margem do lago. Conforme Borges:

[...] A má disposição do lixo doméstico pode trazer problemas ecológicos, tais como: a criação de substrato para a colonização de micro-organismos como fungos, algas e protozoários; a possibilidade de refúgio de animais e insetos indesejáveis sob o ponto de vista sanitário; a degradação estética do ambiente; o acúmulo de substâncias tóxicas; a emissão de odores fétidos. Estes são problemas que vêm-se avolumando no entorno do reservatório (de Miranda). [...] ²⁸¹

Uma gestão ineficiente e inadequada de dejetos líquidos e sólidos gera um imperativo real de preservação do meio ambiente, o que não é preocupação de muitos. Em especial, se levarmos em consideração que os problemas ambientais ocorrem, principalmente, devido às ações humanas, percebe-se que o problema se repete em vários outros loteamentos de chácaras e ranchos, os quais margeiam os lagos artificiais de usinas hidrelétricas em todo o país.

A nova realidade nos levou a pensar sobre a decisão de José da Luz, de se mudar da região. Justo ele, que se angustiava sobremaneira com a chegada da água e a possibilidade de ter que se transferir para a cidade, ou para outra região. Talvez os ventos dos novos tempos também se somassem à dor da morte de sua esposa Natalina, anos atrás, e às agora difíceis lembranças de um lugar que não volta mais. Afinal, o que hoje se observa é uma mudança

²⁸⁰ SILVA, Andreia. **Usina Hidrelétrica de Miranda e as mudanças socioespaciais em Indianópolis** - MG. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012. p. 82.

²⁸¹ BORGES, Adairlei Aparecida da Silva. **Diagnóstico ambiental e proposta de monitoramento da área do Lago de Miranda, pertencente ao município de Indianópolis/MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2006. p. 47

geográfica brutal, que encontra também as relações humanas e econômicas na região. O progresso prometido com a chegada da barragem, na realidade, abriu caminho para modificações que anteriormente não se poderia imaginar.

Durante a pesquisa inicial, em 2009, por certo considerávamos em nossas reflexões as perspectivas futuras de mudanças na vida dos moradores afetados e a chegada de outros sujeitos naquela região. Todavia, é preciso reconhecer que não previmos um impacto desta magnitude, pois a construção de um condomínio de ranchos e chácaras levou para o meio rural problemas que geralmente são mais característicos nas áreas urbanas. A violência crescente que teve lugar na cidade, conforme já discutimos nesta tese, também migrou para o campo, trazendo um leque de crimes e uma nova rotina, agora marcada pelo desassossego.

O meio rural, visto como sinônimo de calma e tranquilidade, habitado por gente “humilde”, com uma cultura marcada pela hospitalidade, mais uma vez vem sendo empurrado pelos ventos do “progresso”. As lembranças daquele mundo, em parte perdido, também cultivamos na condição de pesquisadores. Como esquecer de Dona Jaci, “a mãe da Sandra”, que recusava o calçado para ter contato direto com a terra e, quando batíamos à sua porta, se apressava em passar um café, servido quentinho com um quitute para nos receber. Impossível recusar!

Quando chegamos em sua propriedade, em 2009, Dona Jaci parou todos seus afazeres para nos receber. E, enquanto conversávamos em sua cozinha, foi logo tirando as panelas e nos oferecendo café com biscoito frito na hora. Este movimento se repetiu em praticamente todas as residências que visitamos durante nossas andanças. Sandra, filha de dona Jaci, reforça o espírito hospitaleiro da região, sobretudo de sua mãe. Segundo ela,

[...] o pessoal da roça é muito hospitaleiro né? Vai em Catalão nos vizim pro cê ver se você ganha um café? Nada! Na roça o pessoal, Nossa Senhora! Minha mãe então, todo mundo que chegava lá ela já corria pra pegar as panela pra fazer janta ou fazer almoço... pegar um frango... aí Nossa Senhora... minha mãe, enquanto ela pode fazer comida pros outro ela fez! [...] ²⁸²

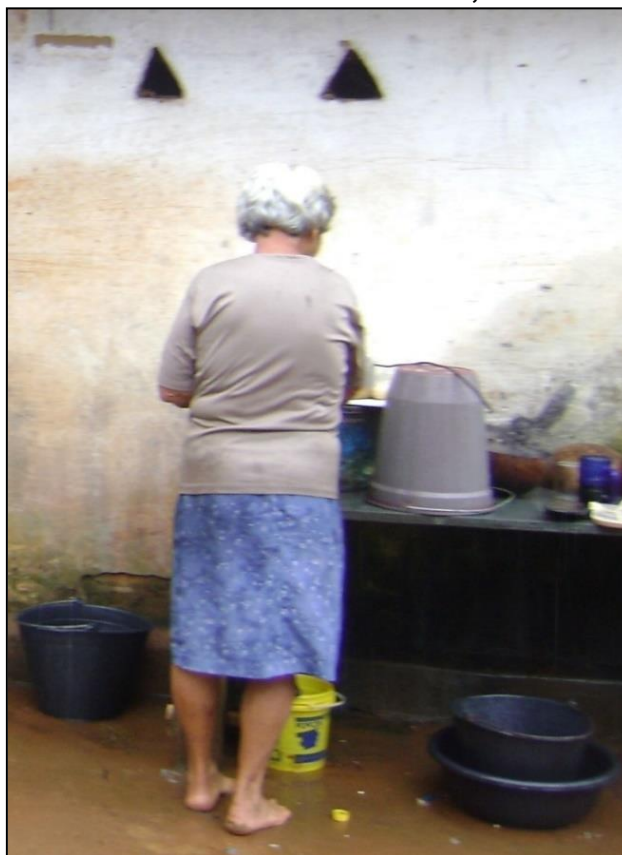
²⁸² Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

FIGURA 28. Fotografia. Dona Jaci fazendo café e biscoito frito para receber a equipe em sua casa. Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009



Fonte: Fotografia de Anderson A. G. de Oliveira. Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

FIGURA 29. Fotografia. Dona Jaci descalça em meio às suas atividades rotineiras Fazenda Pires - Catalão/GO, 2009



Fonte: Fotografia de Anderson A. G. de Oliveira. Acervo do "Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural: caminhos da Memória, caminhos de muitas Histórias", 2009.

Um dos grandes medos dos moradores, à época da construção da usina hidrelétrica, era justamente perder essa característica tão relevante para as relações da região. Enquanto mantinha seus pés descalços no chão batido, entre um café e outro Dona Jaci nos dizia, com sua linguagem humilde, que temia se mudar para a cidade e perder a experiência de sociabilidade espontânea, marca característica da vivência. Ela afirmou que não trocaria o fogão a lenha pelo conforto de um fogão a gás. Tratava-se, é claro, de não querer perder os sabores e saberes de uma vida humilde, vivida com relativa fartura e temperos próprios.

[...] A gente fica até sem jeito né, de pensar em mudar para cidade. Você não costuma com nada, você tem o fogão de lenha aqui, você tem tudo, você tem a lenha, vai morar em Catalão tem só fogão a gás, faz comida ruim, sem graça, bom é aqui mesmo. [...] ²⁸³

Dona Jaci faleceu há alguns anos, embora permaneça existindo na memória daqueles que a conheceram e privaram de sua hospitalidade. Durante a entrevista feita em 2020, com sua filha Sandra, esta mencionou que uma das melhores coisas que aconteceram no período de construção da barragem foi a confecção do livro e do documentário produzido pela equipe do projeto "Caminhos da Memória". Segundo nos disse, considera o material muito importante, pelo fato de levar o conhecimento daquela gente aos lugares mais distantes e para um grande número de pessoas. No entanto, um sentimento nostálgico e de saudades invade a entrevista ao lembrar que sua mãe foi uma das entrevistadas, aparecendo entre os personagens principais do livro e do vídeo documentário. Ao questionar se eu estava entre aqueles que comeram o "bolo frito" de sua mãe, ambos sentimos nossos olhos marejados, tocando o pesquisador e sujeito social, envolvido na tessitura das suas lembranças:

[...] Sabe a única coisa que eu achei disso aí? (sobre a construção da barragem) foi aquilo lá! Vocês passar pro livro pra todo mundo saber o que que acontecia, o que que tinha nas regiões, as festas, tudo... Eu vou te falar, a única coisa dessa SEFAC que eu achei que foi bom foi aqueles livro... e o CD, mais nada de bom... porque a gente num ganhô mais nada disso aí né? Mas aquilo lá foi bom, eu achei! Bom que todo mundo ficou sabendo. Pro cê vê, cê ficou conhecendo tanta... conhecendo assim, por escrito né? Só os nome... nossa, eu achei bom demais aquilo lá... Tem foto da minha mãe fazendo o bolo frito... Foram vocês que comeram o bolo frito dela? Ah meu Deus! É,

²⁸³ Entrevista de Jaci Martins Borges (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2009.

aquele dia eu não estava aqui [...] Isso! tem também o sabão de bola... É, de vez em quando eu dou uma olhada lá pra mim vê... Ah meu Deus, é mesmo! Foi naquela época! É, minha mãe fazia, o bolo frito é da minha mãe eu não consigo... Eu nunca consegui fazer o bolo dela! Eu falo, eu acho que cada um tem seu, a sua mania de fazer as coisa e cê não consegue aprender a fazê. Meu tio fala: "-ah não Sandra! A sua comida é igual da sua mãe", eu falo: "-não comida da minha mãe não existe... igual não!" Porque a gente faz parecido né? Mas igual, igual não... É... Nossa... Foi bom aquilo! Aquilo foi muito bom... [...] Ah, mais foi bom né? [...]²⁸⁴

Lourdes de Neiva Mesquita, que era vizinha de Dona Jaci, também recorda a sua presença marcante no material: “[...] a senhorinha faleceu... ela até tá no livro né? Tá só o esposo... ela faleceu! [...] Nossa foi uma perda muito grande, pra gente né... Eu lembro de ela tá no livro embolando sabão que vocês filmaram ela né? [...]²⁸⁵”

Esse material demonstrou ter relevância sentimental para os moradores afetados pela UHE Serra do Facão, em parte pelas pessoas que já não estão entre nós ou por se verem figurados. Mas, sobretudo, por se reconhecerem identitariamente através das memórias ali registradas.

4.4 - Caminhos da Memória: (re) conectando saberes

Apesar do episódio já mencionado na introdução desta tese, de que a empresa se recusou a distribuir para os moradores o livro e o filme resultantes do projeto “Caminhos da Memória”, com recursos próprios os entregamos para o máximo possível de pessoas. Desta feita, os resultados da pesquisa puderam ser socializados, sendo distribuídos nos mais variados rincões da região e utilizados por muitos pesquisadores para discutir o tema. Foi este, por exemplo, o caso de Lourdes, uma das moradoras afetadas e entrevistada na pesquisa. Estudante do curso de “Educação do Campo”, na Universidade Federal de Goiás, UFG, decidiu utilizar o livro e o filme em seu estágio. Ela apresentou o material aos seus professores e colegas, os quais, prontamente decidiram usá-lo. Segundo a entrevistada, foi uma rica experiência que despertou grande interesse entre os

²⁸⁴ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁸⁵ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

alunos de uma escola estadual de Catalão/GO, durante as atividades realizadas. Em sua entrevista, Lourdes reafirma a relevância do material em tratar a realidade local através dos aspectos socioculturais, abordando o cotidiano do homem do campo.

[...] Eu tive umas aulas de... que é assim... a gente tem que mostrar as aulas nossas lá da faculdade, da educação do campo a gente tem que mostrar mais o lado social, porque o nosso curso é voltado pra educação popular, aí ele tem que mostrar o social e mostrar o conteúdo em si, os dois né? O conteúdo do conteúdo em si, mas tem que mostrar o conteúdo da disciplina. Aí nós levamos pra escola e no final da aula a gente apresentou (o livro São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura) e fez uma discussão com os alunos e eles gostaram demais! Perguntaram demais como é que tá, porque lá fala que a gente... que eles (os vizinhos) ia ficá sem os seus lugar de origem né? Ia ter muito transtorno pra eles... aí eles também perguntaram como é que estão as pessoas... aí nós explicamos, eu e outra aluna, foi muito bom mesmo! Eu tinha o CD sabe? (o filme Sertão de Dentro) Só que eu emprestei pra uma professora lá da universidade mesmo, o livro e o CD, o livro ela me entregou, mas o CD não, mas aí a gente buscou e tá jogado na internet né? [...] Gente, mas foi muito bom! Aí a professora mesmo, a Eloisa aqui da UFG [...] Ela mesma descobriu que tinha e me deu, e nós passamos... Foi muito bom ver o lado social da hidrelétrica e aí a gente mostrou no último dia levou um monte de alimento, por exemplo, tudo aquilo que produz aqui na fazenda que... teve muita área aí que não produziu isso mais porque... a gente citou lá porque a água veio e as família teve que sair, então muito pequeno produtor já não produziu o que a gente levou lá né? Eu ainda produzia porque eu continuei aqui, mas a maioria perdeu todo esse vínculo com o campo e a maioria tá na cidade [...] a gente explicou desse jeito porque nosso tema era eletricidade. A história da Serra do Facão mesmo, assim, sobre o prejuízo dela, mais pro lado do prejuízo mesmo que foi pros morador daqui. Foi muito bom viu? (a aula) [...] É o EJA de Catalão [...] Educação de Jovens e Adultos [...] É uma juventude... acho que tem até de trinta anos [...] Inclusive a gente pegou eles, depois de dar essas aulas, citar o filme e tudo, a gente levou pra visitar lá na Serra do Facão [...] lá na usina mesmo [...] até um professor de lá mesmo que financiou, deu o transporte pros alunos de lá e a gente foi, eu e a minha colega que tava dando a disciplina pra eles lá, fazendo estágio. E foi muito interessante... nossa foi muito boa nossa aula! E esse documentário ajudou a gente demais! Foi tudo citado... Eu tenho o meu... a minha aula tudo... tá mais com a minha colega, porque ela que ficou com mais, a aula que foi planejada em cima do documentário mesmo né? Porque o documentário registrava o social né? [...] ²⁸⁶

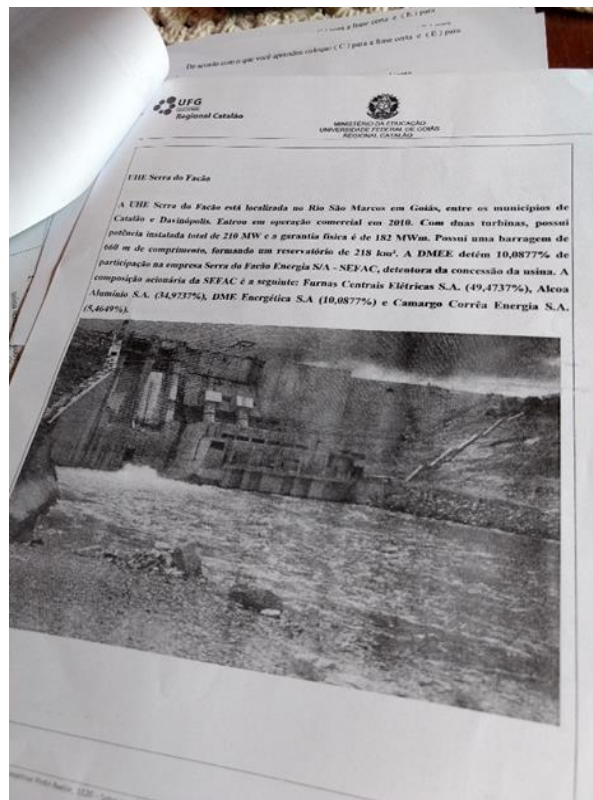
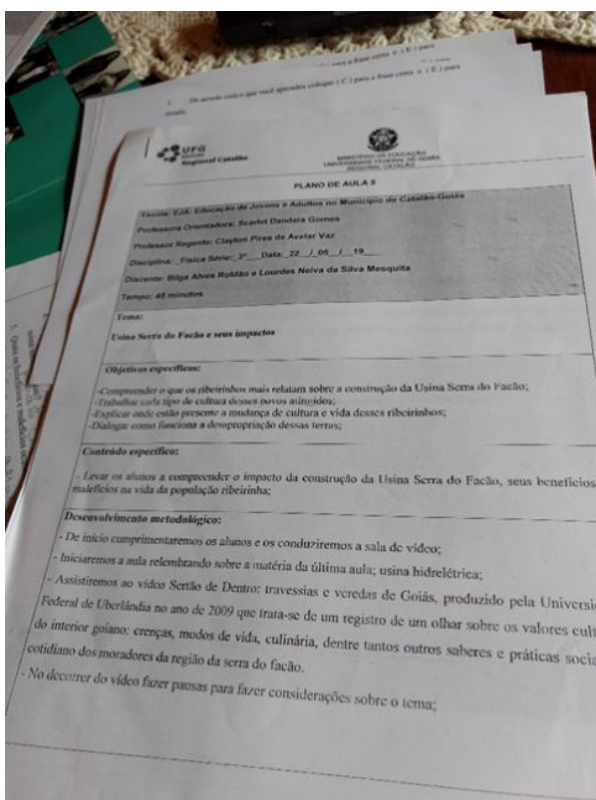
Durante a entrevista, Lourdes fez questão de apresentar as atividades e planos de aula de seu estágio. Era perceptível seu sentimento de realização e

²⁸⁶ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

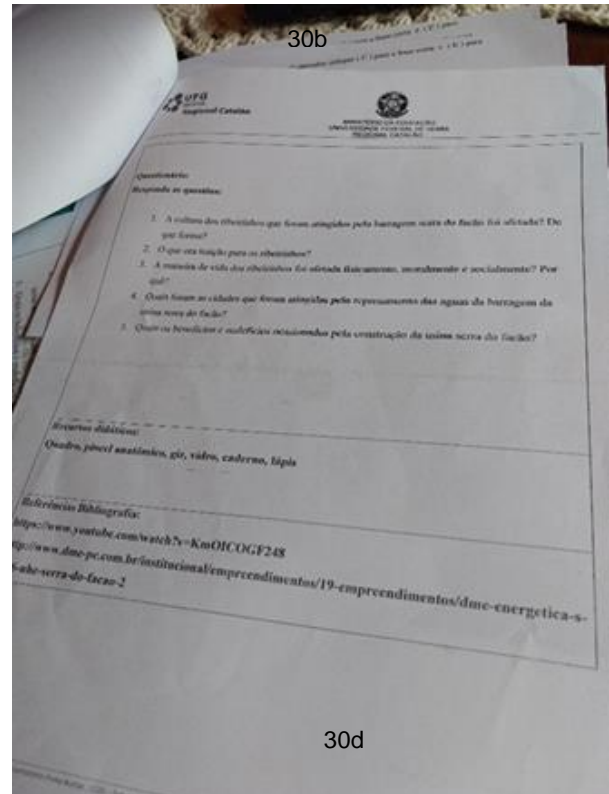
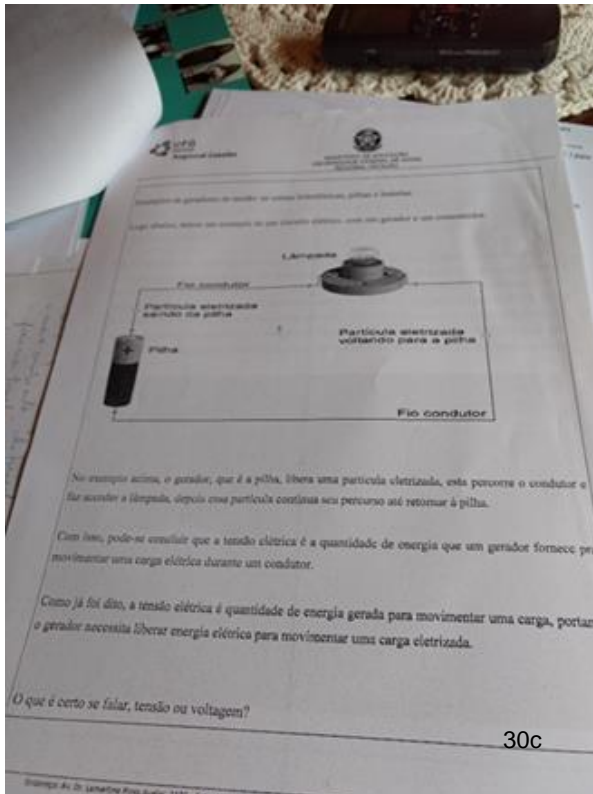
orgulho, tanto por utilizar e estar no livro e filme, quanto por poder partilhar com seus alunos de EJA, as memórias, as práticas e vidas dos moradores afetados.

Lourdes afirmou, ainda, que havia perdido o DVD contendo o filme "Sertão de Dentro: travessias e veredas em Goiás", um dos produtos gerados pelo projeto "Caminhos da Memória", e que teria sido importante encontrá-lo em plataformas da internet. No entanto, se analisarmos os materiais que ela nos apresentou, podemos observar nas imagens abaixo, que um dos links apresentados nas referências da atividade remete a uma das plataformas digitais em que o vídeo está disponível.²⁸⁷

FIGURAS 30a, 30b, 30c e 30d. Fotografias. Planos de aula utilizados por Lourdes de Neiva mesquita em suas aulas de estágio, 2020



²⁸⁷ Mesmo o filme tendo sido distribuído a vários afetados de forma física e à revelia da empresa, a equipe decidiu por democratizar o acesso ao material, disponibilizando-o na internet. Atualmente, o material encontra-se em quatro espaços: 01 - Canal Youtube - Anderson Gonçalves: <https://www.youtube.com/watch?v=Gg9h8VXKAV0>; 02 - Canal Youtube - NOTURNA cinematográfica: <https://www.youtube.com/watch?v=KmOICOGF248>; 03 - Site do Laboratório de Pesquisa em Ensino, Cultura Popular e Vídeo Documentário (DOCPop), vinculado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU): <http://www.docpop.inhis.ufu.br/node/35>; 04 - Portal Ypadê, que é uma iniciativa da Comissão Nacional para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – CNPCT, composta por membros da sociedade civil (representantes de povos e comunidades tradicionais) e governo: <http://portalypade.mma.gov.br/videos?view=video&slg=sertao-de-dentro-travessias-e-veredas-em-goias&orderby=default>



Fonte: Fotografias do autor, 2020.

A relação entre o Projeto e a educação sempre foi marcante. Não apenas nos dias atuais, com o livro e filmes prontos e distribuídos, mas como um dos pontos centrais para intervenção nas comunidades afetadas. Foram realizadas inúmeras visitas em escolas e, como mencionado pela Professora Sandra, nestas foram coletados inúmeros poemas e crônicas relacionados ao tema. Além disso, também foram realizadas inúmeras oficinas patrimoniais desenvolvidas com os jovens das escolas da região de influência da barragem. Grande parte desses jovens compunha o grupo de afetados, o que tornou o trabalho ainda mais relevante. Tanto no âmbito educacional, quanto na valorização da história local e regional. É válido ressaltar que tais atividades aconteceram com professores da rede estadual de ensino das cidades afetadas, conforme se observa nas imagens a seguir:

FIGURAS 31a e 31b. Fotografias. Oficina de fotografia Realizada na Escola Municipal rural Arminda Rosa de Mesquita – Catalão, GO. 2009



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2009.

Foram realizadas oficinas patrimoniais com alunos das escolas rurais da área de influência da barragem e, ainda, com os profissionais da educação que trabalhavam nessas áreas. No caso dos estudantes, a dinâmica envolvia o olhar do sujeito com relação ao que ele considerava relevante para sua memória e de sua família. Já os professores, foram incentivados a trabalhar as experiências e sentimentos dos alunos face às transformações ocorridas em suas vidas, com a instalação da UHE Serra do Facão.

FIGURAS 32a e 32b. Fotografias. Oficinas pedagógicas com professores da Rede Estadual de ensino de Campo Alegre e Davinópolis, GO. 2009



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2009.

Alguns professores envolvidos no projeto também faziam parte do quadro de moradores afetados pelo empreendimento hidrelétrico. Naquele momento, tivemos a oportunidade de trabalhar as experiências múltiplas dos diversos sujeitos, em um Museu Temporário, montado com objetos particulares dos

alunos e professores das áreas de influência da barragem, como podemos observar nas imagens abaixo. Parte dos objetos foi cedida temporariamente para a realização do Museu, mas muitos deles doados para a equipe do projeto "Caminhos da Memória". Os objetos doados, posteriormente foram entregues ao "Centro de Referência do Cerrado", que hoje recebe o nome de Centro Integrado do Cerrado - CIC.

FIGURAS 33a e 33b. Fotografias. Exposição do Museu Temporário – Colégio Estadual Dona Iayá – Catalão-GO. Evento realizado em avenida da cidade, 2009



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2009.

Neste Museu Temporário, erguido a céu aberto, a comunidade escolar pôde perceber que os objetos expostos não representavam grandes nomes da história oficial, mas partiam de uma história vinculada às suas práticas culturais e costumes. Assim, naquele espaço museal, cada elemento da coleção ligava-se à memória regional e local, que passara também a se relacionar com a Serra do Fação Energia S.A. Esta nova relação mnemônica, pode ser vislumbrada nos trabalhos expostos pelos de alunos do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Gilberto Arruda Falcão, no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, em Catalão/GO, registrados a seguir.

FIGURAS 34a, 34b, 34c e 34d. Fotografias. Trabalho dos alunos do Colégio Estadual Gilberto Arruda Falcão no Distrito de Santo Antônio do Rio Verde – Catalão – durante o museu temporário, 2009



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural SEFAC/UFU, 2009.

As escolas locais também realizaram suas atividades relativas à construção da barragem. Dentre estas atividades, está a crônica de Igor Neiva de Mesquita, filho de Silvio e Lourdes. Ela apresentou o texto com uma mistura de sentimentos: orgulho pelo prêmio de seu filho pelo texto, mas tristeza ao lembrar da morte de um dos filhos, em uma das pontes construídas pela SEFAC.

Lourdes se lembrou de que a escola em que seus filhos estudaram também foi diretamente afetada com a chegada da Usina. Afinal, com a mudança dos moradores para a cidade ou para outras regiões, a escola rural “Arminda Rosa”, assim como outras que estavam na área de abrangência da barragem, passou a ter um número reduzido de alunos.

[...] Isso aqui é que meu menino oh... eles fez um trabalho na escola e ele ganhou um prêmio com isso aí! [...] o mais novinho que nós... [...] inclusive no encerramento eu li ele, porque na época a barragem tava pra vim sabe? Aí ele foi da Arminda Rosa aqui sabe? A escola

que foi atingida também né? Que os aluno de lá perdeu demais aluno [...] Ele era aluno lá, aí ele fez a redação e ganhou [...]²⁸⁸

Ao ler o texto produzido por Igor, são nítidos os sentimentos de perda, tristeza, incerteza e apreensão com o que estava por vir. Mesmo sendo uma criança na época em que empreendimento foi construído, ele já observava as dificuldades de trabalho, a saudade dos lugares e da vida simples; e da possibilidade de utilização de energias que não impactassem negativamente na vida das pessoas. Como se lê na crônica abaixo, Igor considerava que a barragem traria muita dor:

Um lugar com ar puro, bastantes vacas, muitas árvores, muitos pássaros, roças de milho, frutas gostosas e muito mais, este é o lugar onde vivo! Um lugar muito bom, ando de bicicleta sem medo, chupo jabuticaba, brinco com meu cachorro, vejo televisão, olho as estrelas a noite e sempre faço um pedido para a estrela dos desejos. Mas tem uma coisa que eu não ando gostando nadinha, é a barragem! Por causa dela meu pai não poderá trabalhar, pois, a maioria das lavouras vão acabar, quase todas as roças vão ficar debaixo d'água, os córregos que tomamos banho vão virar um lago e todos que forem lá terão medo de nadar, afinal ele ficará mais cheio e mais fundo. Talvez nós tenhamos que mudar desse lugar tão bom, mas nunca me esquecerei das flores cheirosas, das jabuticabeiras, dos pés de amora, dos mamões, dos pés de pimenta, da horta com seus repolhos e cenouras. Nem mesmo depois que tudo isso ficar debaixo d'água! As pessoas que constroem a barragem não sabem o que estão fazendo, eles estão inundando, acabando com a vida e alegria de muitas pessoas, inclusive a minha. Parece que eles só pensam no dinheiro, no lucro que vão ganhar, afinal não são eles que vão ter que sair de suas casas. Se eles vivem à situação com os nossos olhos, verão que estão fazendo muitas pessoas sofrerem e aí eles irão ver que a barragem não é boa para ninguém da minha região. Eu sei que a barragem vai produzir energia para todos nós da zona rural e das cidades, mas, eu queria que o governo fizesse outra fonte de energia para que as pessoas que tem que deixar sua casa não corram o risco de morrer de tristeza."²⁸⁹

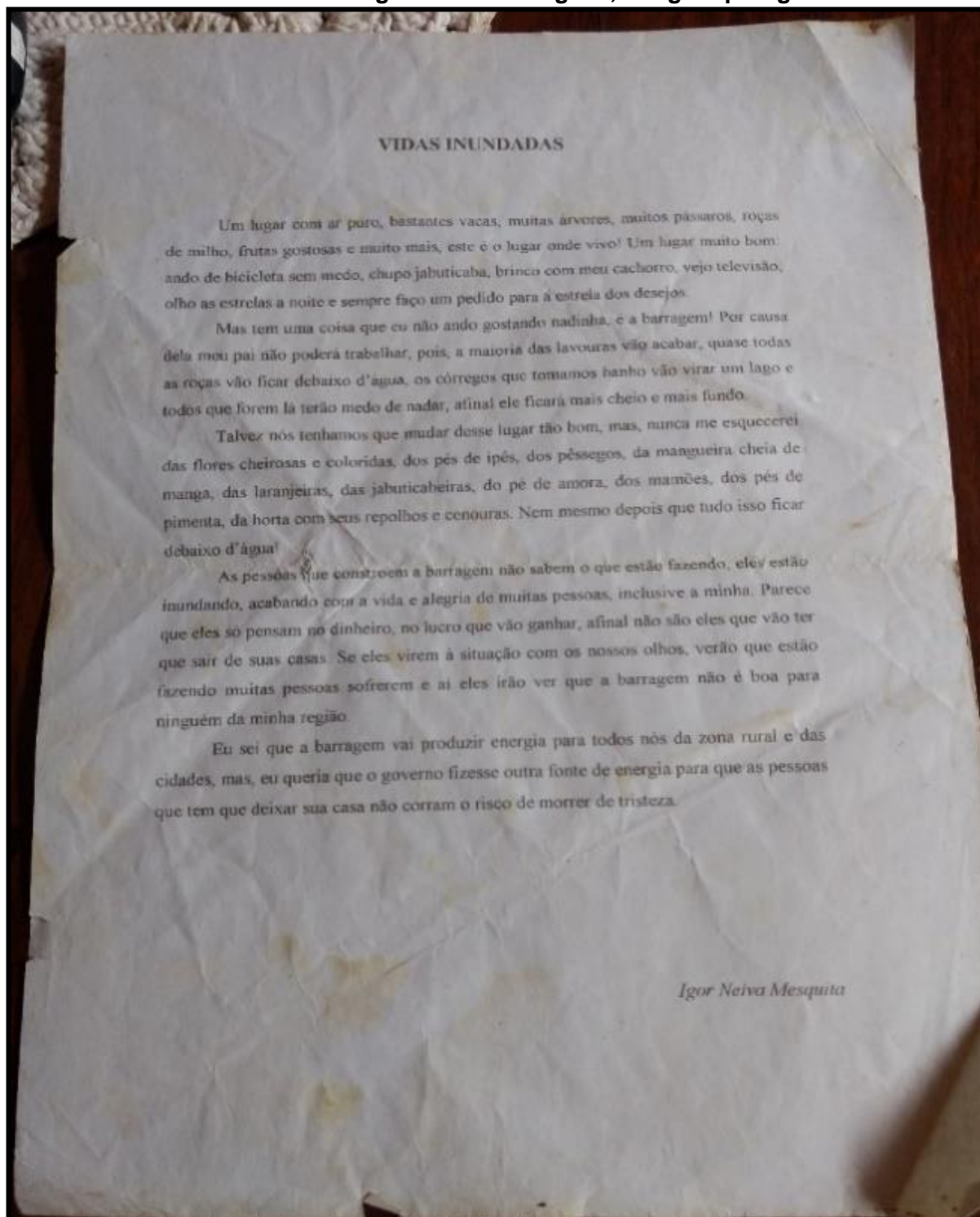
O pedaço de papel um pouco amassado, surrado pelo tempo, mas guardado com carinho por Lourdes de Neiva Mesquita, não representa uma simples atividade do filho na escola. A crônica representa a memória local e os sentimentos multifacetados frente à chegada da UHE Serra do Facão. Lourdes guardou o documento e, sempre que pode, utiliza os materiais gerados pelo projeto "Caminhos da Memória", pois a experiência compartilhada na sua

²⁸⁸ Entrevista de Lourdes de Neiva Mesquita (produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

²⁸⁹ VIDAS INUNDADAS - Igor Neiva de Mesquita, 2009.

tessitura também integra a vida e da memória dos afetados nas regiões de influência da barragem.

FIGURA 35. Fotografia. Texto original, redigido por Igor



Fonte: Acervo pessoal de Lourdes de Neiva Mesquita

4.5. Um possível lugar de memória.

Diante das transformações inevitáveis e do impacto que estas trariam para as vidas e as práticas culturais das pessoas que seriam afetadas pela construção da barragem e pelo alagamento da região, um dos objetivos do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural e do Projeto de Pesquisa "Caminhos da Memória: Caminhos de Muitas Histórias" era incentivar a montagem de um "Centro de Referência" com objetos, fotografias e documentos escritos, capazes de evidenciar parte da história local e que viessem a ser doados durante o trabalho, bem como e contribuir com a sua organização.²⁹⁰ É válido ressaltar que, para além do programa "Caminhos da Memória", o espaço também abarcaria parte do acervo de outros programas.

Em um acordo firmado entre a Universidade Federal de Uberlândia, a SEFAC e a direção do então Campus Avançado de Catalão, da Universidade Federal de Goiás, estabeleceu-se a criação do Centro de Referência que, ao final, passou a se chamar *Centro Integrado do Cerrado* - CIC. Um novo prédio seria construído pela empresa e dirigido pela UFG-Catalão/GO, por meio de seu departamento de História e Ciências Sociais. Como observado em um dos trechos do relatório final do projeto "Caminhos da Memória":

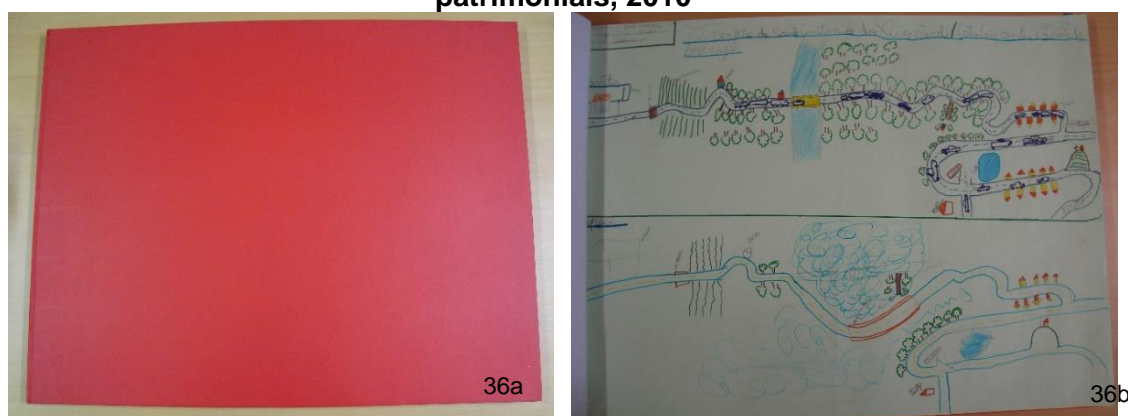
[...] Realizamos durante os doze meses de pesquisa sessenta e cinco viagens a campo para coleta de dados e oficinas de Educação Patrimonial, além das idas à Catalão para as reuniões com a empresa, com a Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, a qual será responsável pela guarda do material da pesquisa, pois abrigará o Centro de Referência que ficará sob a responsabilidade do departamento de História e Ciências Sociais. Acordo firmado com a SEFAC mediante negociação da coordenação dessa pesquisa – UFU com a coordenação dos cursos mencionados e que, posteriormente, a SEFAC S/A estabeleceu parceria com a direção do Campus Avançado de Catalão e outras entidades para consolidação das obras do espaço físico para abrigar o Centro de Referência [...]²⁹¹

²⁹⁰ Relatório Final encaminhado à SEFAC Energia S/A, conforme indicativo contratual **SEFAC SA 037/2008**, referente à pesquisa realizada nos municípios da área de abrangência da pesquisa. Ver: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves. **Relatório final Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural** - Caminhos da memória, caminhos de muitas histórias: Levantamento e registro do Patrimônio Histórico-Cultural dos municípios atingidos pela UHE Serra do Facão. Uberlândia, 2010.

²⁹¹ Id., Ibid.

Todavia, o novo prédio nunca sairia do papel. No ano de 2010, após a finalização do projeto, como previsto no indicativo contratual deveríamos entregar toda a documentação gerada durante os dois anos de realização das pesquisas. Mesmo sem o local físico apropriado, e firmado através do acordo mencionado acima, enviamos todo o material para a Universidade Federal de Goiás, Campus avançado de Catalão/GO, instituição que teria a responsabilidade de salvaguardar os produtos gerados, além dos objetos doados pelos afetados como rodas de fiar, janelas, tear, panelas, dentre tantos que faziam parte da cultura material local e remetiam à memória daqueles sujeitos sociais. Também cabia à UFG, Campus Catalão, a obrigação contratual de salvaguardar os trabalhos realizados com os alunos durante as atividades patrimoniais e os relatórios de tais atividades, ilustrados nas imagens a seguir:

FIGURAS 36a e 36b. Fotografias. Livro contendo os trabalhos realizados nas oficinas patrimoniais, 2010



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

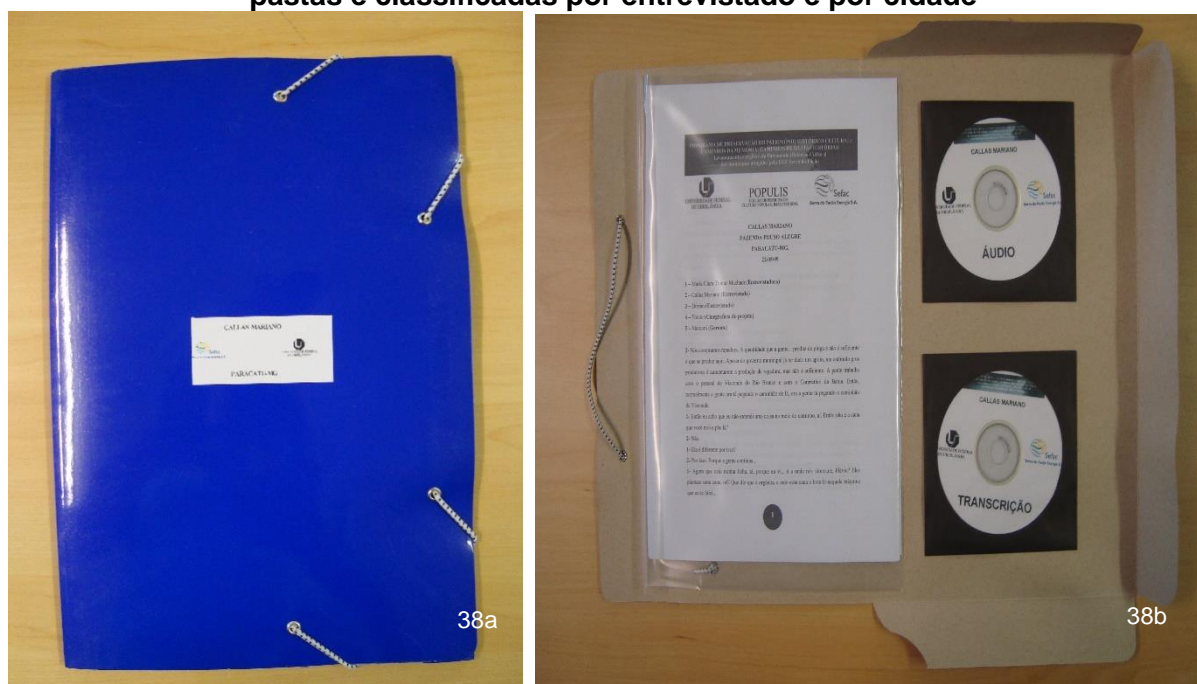
FIGURA 37. Fotografia. Relatórios das atividades realizadas nas oficinas de patrimônio



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

Entre os produtos entregues, podemos citar todas as entrevistas realizadas com os moradores afetados. Cada uma delas seguiu em uma pasta contendo o áudio original e a parte impressa, transcrita, para que os futuros pesquisadores pudessem ter uma gama maior de possibilidades perceptivas dos momentos relacionados às entrevistas.

FIGURAS 38a e 38b. Fotografias. Transcrições/Áudios/Resumos subdivididos em pastas e classificadas por entrevistado e por cidade



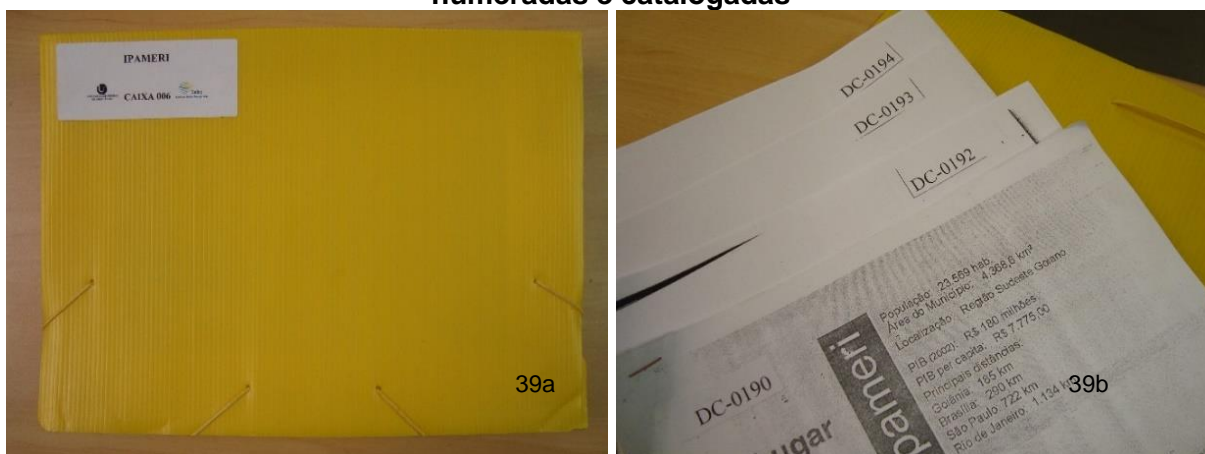
Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

Além das entrevistas, há, ainda, a documentação relativa às regiões e aos moradores afetados, arrolados e organizados pela equipe. Esse material também foi replicado e entregue. Entre esses documentos encontram-se:

- 1) uma vasta bibliografia e filmografia sobre as cidades afetadas e construção de barragens nas mais diversas regiões do país;
- 2) os dados socioeconômicos dos moradores afetados, a partir das entrevistas realizadas pela própria empresa com os atingidos;
- 3) mapas
- 4) outros levantamentos que nos auxiliaram no período de pesquisas.

Seguem as imagens:

FIGURAS 39a e 39b. Fotografias. Fontes/Documents subdivididos em pastas numeradas e catalogadas



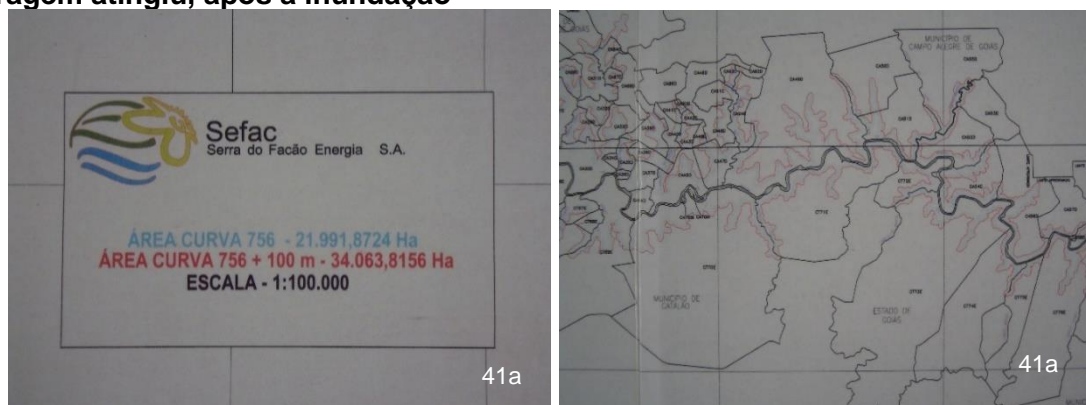
Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

FIGURAS 40a e 40b. Fotografias. Banners contendo informações das cidades e pessoas afetadas pela usina



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

FIGURAS 41a, 41b e 41c. Fotografias. Mapa do Rio São Marcos com as margens que a barragem atingiu, após a inundação





Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

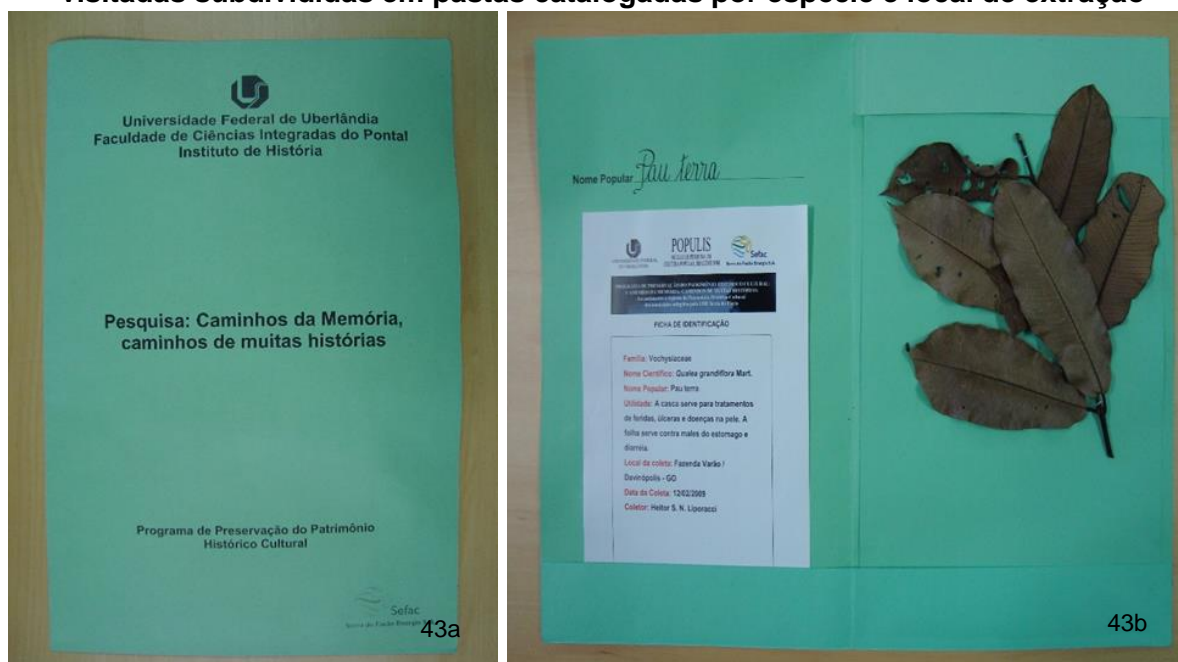
FIGURAS 42a e 42b. Fotografias. Filmes que compuseram a filmografia da pesquisa



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

Como o projeto foi desenvolvido por uma equipe multidisciplinar, composta por pesquisadores das áreas de História, Geografia, Sociologia e Biologia, uma das atividades previstas era realizar um levantamento e estudar as plantas e frutos característicos da região. Registre-se que, além daqueles coletados no cerrado, grande parte de frutos e plantas estavam nos quintais das casas dos moradores afetados, integrando todo um patrimônio de cultura imaterial composto por saberes e modos de fazer. O material coletado foi desidratado, costurado em uma pasta e identificado através de ficha. Conforme podemos observar nas imagens abaixo:

FIGURAS 43a e 43b. Fotografias. Pastas das plantas dos quintais das fazendas visitadas subdivididas em pastas catalogadas por espécie e local de extração

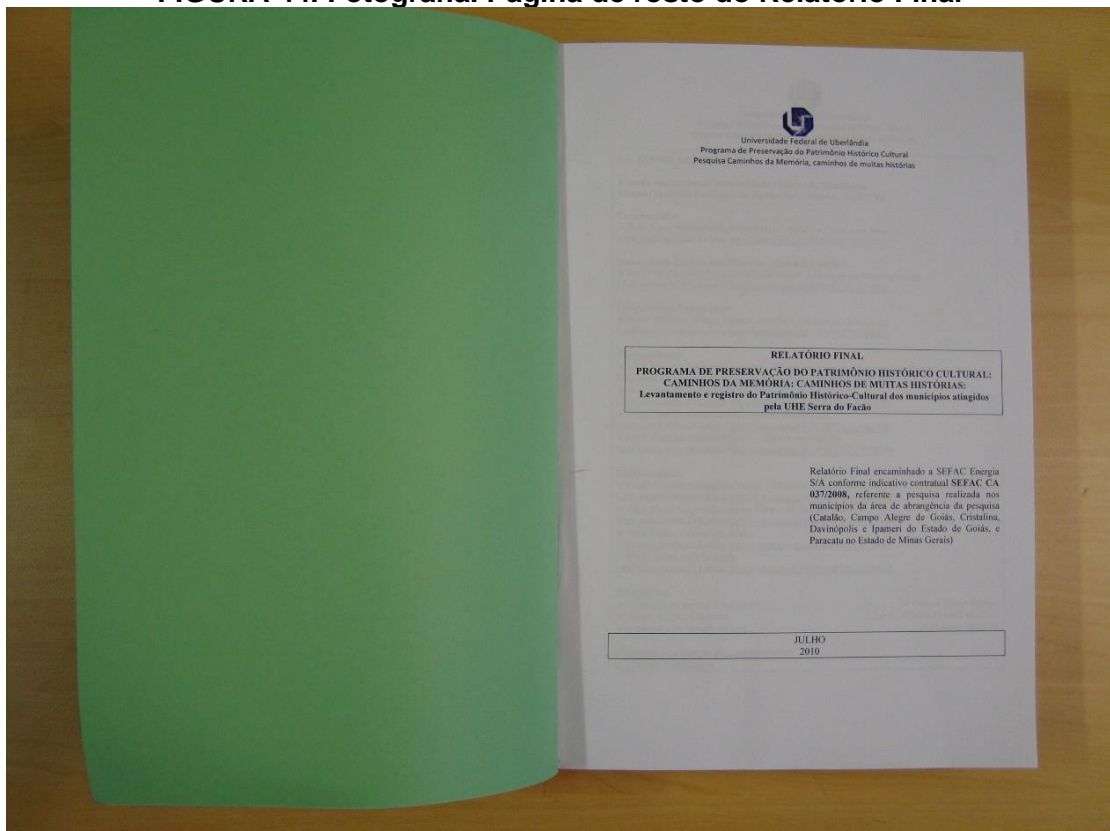


Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

Por ser um projeto aprovado em edital e ter obrigações contratuais, relatórios semestrais foram elaborados no decorrer das pesquisas de campo e levantamento de dados. Posteriormente, todas as informações foram compiladas em um relatório final apresentado à empresa. Este mesmo relatório foi duplicado e entregue ao CIC para que, desta forma, os futuros pesquisadores e/ou qualquer pessoa interessada, pudessem ter acesso ao processo de desenvolvimento das atividades do projeto, bem como os resultados obtidos pela equipe.

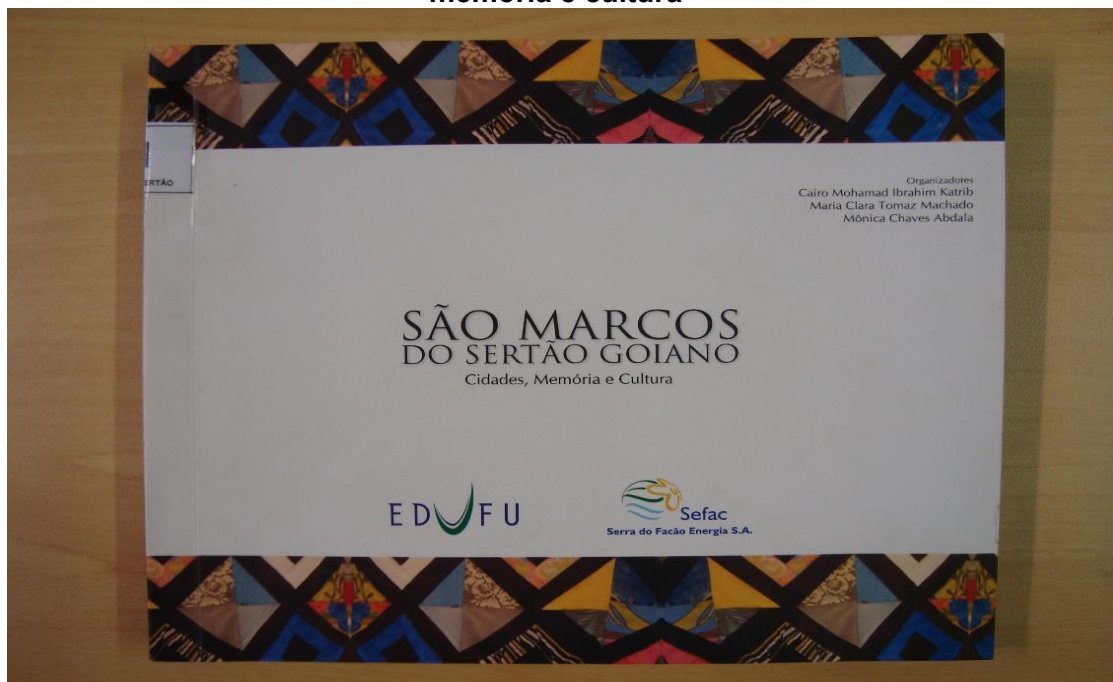
Por fim, e não menos importante, foram entregues cópias do livro e do vídeo documentário produzidos pelo projeto. A disponibilização do material no CIC seria fundamental para o acesso, não apenas dos pesquisadores, mas daqueles sujeitos, afetados pela barragem, que não conseguimos encontrar para efetuar a entrega.

FIGURA 44. Fotografia. Página de rosto do Relatório Final



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

FIGURA 45. Fotografia. Capa do livro “São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memória e cultura”



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

FIGURA 46. Encarte do Vídeo Documentário “Sertão de dentro: travessias e veredas em Goiás”



Fonte: Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural Sefac/UFU, 2010.

Voltando ao CIC, após alguns anos de idas e vindas, no lugar da construção de um espaço próprio decidiu-se pelo aluguel de uma casa que abrigaria o Centro Integrado do Cerrado, em Catalão, GO. Em meados do ano de 2014, o Centro foi finalmente inaugurado ganhando destaque na imprensa local.

CENTRO INTEGRADO DO CERRADO É INAUGURADO EM CATALÃO (título)

- Projetado para divulgar a memória e as práticas culturais da região do entorno da usina Serra do Facão, o Centro Integrado do Cerrado (CIC) foi inaugurado na última semana, resultado do convênio entre a Serra do Facão Energia S.A. e a Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, por meio da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais. O local abriga o Centro de Referência de Memória e História Regional e o Museu Antropológico do Cerrado. Sua estrutura possui três salas para exposições permanentes e temporárias, uma sala multimídia, onde ocorrerão palestras e filmes, além de salas de reserva técnica, restauração e pesquisa. O CIC surgiu com o objetivo de conservar a memória das comunidades que foram impactadas pelo empreendimento, resultando num acervo constituído por objetos, mobiliário, artefatos, entrevistas, fotografias, resgatado e identificado pelos Programas de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural e Arqueológico da Sefac (grifos do autor).²⁹²

Em um vídeo exibido pela TV da UFG no ano de 2015, podemos observar a relevância do novo espaço cultural e dos materiais nele expostos, em grande maioria cedidos pela equipe de pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia. Durante a matéria, a reportagem, enfatiza que o CIC reuniria a documentação de um processo de mudança na vida dos moradores afetados pela barragem. Além disso, destaca a integração do espaço com a comunidade e estudantes da Universidade Federal de Goiás.

[...] O Centro Integrado do Cerrado, o CIC, está localizado em Catalão/GO. O espaço abriga o Centro de Memória que reúne documentação do Serra do Facão, uma usina hidrelétrica que foi construída na região e mudou a vida dos moradores na cidade. O Museu Antropológico do Cerrado também faz parte do centro [...]
[...] O espaço funciona para a apresentação de exposições de resgate da cultura dos moradores que tiveram suas vidas transformadas com a chegada da usina, além de realizar pesquisas e oficinas voltadas para a comunidade, e estudantes de história [...]²⁹³

As informações apresentadas pela reportagem são corroboradas por trechos de uma entrevista gravada com a primeira diretora do CIC, a Prof.^a Dr.^a

²⁹² Centro Integrado do Cerrado é inaugurado em Catalão (título). Matéria jornal Portal de Catalão. 20 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/centro-integrado-do-cerrado-e-inaugurado-em-catalao,MTYxNjM.html>

²⁹³ Texto de narração da matéria. Programa Vida no Campus - TV UFG - Se Liga na UFG! - Centro Integrado do Cerrado. Reportagem de Geovane Gomes e narração de Mayara Caramaschi. Data de exibição: 10/12/15. Disponível em: <https://youtu.be/61KquoDSNrU>

Regma Maria dos Santos. Na oportunidade, a professora informou que o espaço era composto pelo Centro Integrado do Cerrado (CIC) e pelo Museu Antropológico do Cerrado (MAC). Deixou claro que a documentação e os objetos entregues pelo projeto "Caminhos da Memória" faziam parte de uma exposição permanente, pelo fato de ser uma expressão da cultura material de sujeitos expulsos do campo para a cidade. Por fim, enfatizou que o CIC era, ainda, um espaço de pesquisa integrado ao Programa de Pós-Graduação em História da Regional Catalão/UFG:

[...] O CIC, ele congrega esses dois espaços né? E esse museu, a documentação, toda a... parte, o acervo desse museu, também da cultura material das pessoas que viveram, que moraram nessa região que foi alagada. Então nós temos portas, janelas, tear, roda de fiar, painéis... essas coisas que eram dessa cultura material e que foram... e que foi transformada já que essas pessoas tiveram que sair do campo e vir pra cidade. [...]

[...] O nosso mestrado, ele tem uma característica diferenciada que o produto, o que os alunos vão produzir, não necessariamente é só um texto escrito, não é só uma dissertação. Eles vão poder fazer também um produto. Então a ideia é a gente integrar o CIC a esses produtos, a essa... a como fazer esses produtos [...]²⁹⁴

O site do Museu do Cerrado, que pertencente ao CIC²⁹⁵, também menciona a preservação das práticas culturais e das memórias dos afetados pela SEFAC, além de citar seu papel e responsabilidades. E, no texto de apresentação da página, a criação do espaço recebe lugar de destaque.

O Centro Integrado do Cerrado (CIC) é um órgão suplementar ligado à Direção da Regional Catalão, que coordenado pelo atual Departamento de História e Ciências Sociais que apresenta suas demandas e de outros órgãos a ele pertencentes: MACER (Museu Antropológico do Cerrado) e CERMH (Centro de Referência de Memória e História Regional). O CIC – Centro Integrado do Cerrado congrega o Centro de Referência de Memória e História Regional (CERMH), e o Museu Antropológico do Cerrado (MACER). Tem como objetivo tratar a questão da memória e das práticas culturais através de diferentes perspectivas, sejam elas históricas, sociais, políticas e ambientais regionais. O CERMH abrigará documentos que expõem as práticas culturais e de sociabilidades da região do sudoeste goiano. Seu objetivo é possibilitar o conhecimento

²⁹⁴ Fala da Prof.^a Dr.^a Regma Maria dos Santos, diretora do CIC. Programa Vida no Campus - TV UFG - Se Liga na UFG! - Centro Integrado do Cerrado. Reportagem de Geovane Gomes e narração de Mayara Caramaschi. Data de exibição: 10/12/15. Disponível em: <https://youtu.be/61KguoDSNrU>

²⁹⁵ Ver: <https://cic.catalao.ufg.br/>

aprofundado, registro e divulgação dos espaços culturais dessa região e, também, suas transmutações, apropriações, significados individuais e coletivos. O Museu Antropológico do Cerrado (MACER) é uma instituição de caráter permanente, administrado para interesse geral, com a finalidade de recolher, conservar, pesquisar, divulgar e valorizar de diversas maneiras conjuntos de múltiplos elementos de valor e significados cultural, imaginário, simbólico e ambiental. Dentre estes, podemos citar coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos e registros etnográficos, registros audiovisuais e demais produtos culturais significativos para indivíduos, comunidades e coletivos locais e regionais. Portanto, a proposta do CIC, como espaço cultural, determina, com suas múltiplas tarefas, investimentos e estratégias sociais e políticas, o estabelecimento de uma instituição sem fins lucrativos, aberta ao público, e que se destina à coleta, inventário, documentação, preservação, segurança, exposição e comunicação de seu acervo. A criação do CIC é uma iniciativa da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC visando abrigar o acervo histórico e etnográfico recolhido na região do Rio São Marcos, onde foi instalada a usina hidrelétrica SEFAC – Serra do Facão Energia S.A., localizada no estado de Goiás, região centro-oeste do Brasil, entre os municípios de Catalão e Davinópolis. O acervo da primeira coleção etnográfica do Museu decorre das memórias das comunidades que tiveram que ser deslocadas para outras regiões. Trata-se, pois, de uma forma de preservação das práticas culturais, de memória e de agenciamentos coletivos dos grupos populacionais afastados de sua ambiência tradicional e afetados por barragens. Assim, a construção do Centro de Memória e do Museu Antropológico na UFG-RC cumpre o papel de zelar por um legado do patrimônio cultural brasileiro que, perdido diante de uma obra de caráter desenvolvimentista, deve ser preservado através da memória coletiva da comunidade afetada.²⁹⁶

O site da SEFAC, por sua vez, apresenta na aba “meio ambiente” um conteúdo que aborda o CIC. Nele, a empresa se refere brevemente ao processo histórico-cultural, memórias e experiências dos afetados, mencionando a relevância de objetos e espaços para esses sujeitos. Segundo a nota do site, esse patrimônio está disponível no Centro Integrado do Cerrado, mediante uma parceria firmada entre o Empreendimento e a Universidade Federal de Goiás.

²⁹⁶ Texto de apresentação do site: <https://museucerrado.com.br/centro-integrado-do-cerrado/>

FIGURA 47. Print site SEFAC – sobre o CIC

Webmail Imprensa Trabalhe Conosco

Sefac
Serra do Fação Energia S.A.

EMPRESA ▾ ENERGIA ▾ MEIO AMBIENTE ▾ RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL ▾ FALE CONOSCO ▾

PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL

A forma como os grupos sociais ocupam o espaço e nele se organizam decorre de um processo histórico-cultural. Cada lugar reúne histórias e possui significados, estabelecendo uma relação entre o lugar e as identidades sociais da população que ali vive. Essas histórias, vividas e contadas, compõem a memória individual e coletiva do grupo, ganham valores e contornos de formas variáveis, de acordo com as vivências e experiências cotidianas e com as práticas socioeconômicas. Somadas aos objetos e instrumentos de trabalho, aos padrões construtivos das habitações e estruturas anexas, como currais, casas de queijo, moñjolas, fornos, regos d'água e pomares, constituem o patrimônio imaterial e material da área de influência do AHE Serra do Fação. Todo esse material é compartilhado com a sociedade por meio da parceria da SEFAC com a Universidade Federal de Catalão, especificamente as atividades executadas no Centro Integrado do Cerrado, mantido pela SEFAC, na cidade de Catalão.

Visite a Usina >

Certificação

Demonstrações Financeiras

Compensação Financeira

Próximos eventos

Não há eventos se aproximando neste momento.

Links relacionados

ANA - Agência Nacional de Águas
ANEEL - Agência Nacional de Energia Elétrica
CCEE - Câmara de Comercialização de Energia Elétrica
IBAMA - Instituto Brasileiro de meio Ambiente
MME - Ministério de Minas e Energia
MMA - Ministério do Meio Ambiente

CIC - Rua Frederico Campos, 1026 Bairro Nossa Senhora de Fátima Catalão-GO

Fonte: Site SEFAC. Disponível em: <https://sefac.com.br/meio-ambiente/programas-ambientais/meio-socioeconomico/preservacao-do-patrimonio-historico-cultural/>

Como é possível observar no texto e na imagem acima, o CIC e suas ações aparecem de forma tímida. A única imagem na página é a da fachada da casa alugada que atualmente abriga o Centro Integrado do Cerrado, não sendo apresentado nenhum dos elementos mencionados do referido patrimônio, assim como não são apontadas as ações já realizadas.

No entanto, temos conhecimento de que o CIC vem realizando inúmeras atividades de pesquisa, ensino e extensão, desde sua inauguração. E, ao encerrarmos o estudo, fica a certeza de que este Centro se pauta pelo compromisso ético de apresentar à comunidade essa parte da memória registro desconhecida por muitas pessoas, inclusive propiciando aos moradores do entorno do São Marcos revisitarem suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muitas vezes, ao longo desta tese, tratamos da construção da Hidrelétrica Serra do Facão e da própria SEFAC utilizando a expressão “empreendimento hidrelétrico”. Esta escolha foi intencional. A palavra “empreendimento” está associada ao ato de uma pessoa, física ou jurídica, assumir ou realizar uma tarefa ou uma responsabilidade. Nestes termos, o projeto Serra do Facão assumiu a responsabilidade de impactar diretamente a vida de inúmeras famílias e de uma região, para além dos impactos indiretos que ocorreram nas regiões circunvizinhas e nos centros urbanos. No entanto, ao final do processo, a pesquisa demonstrou que seu comprometimento, de fato, sempre esteve com os interesses dos *seus acionistas*. Erguendo a bandeira do “desenvolvimento” da região e do país, a SEFAC defendeu rigorosamente os interesses do capital tendo por justificativa a necessidade do “progresso”.

Sendo assim, ao substantivarmos empresa e barragem como *empreendimento*, entendemos uma e outra como sinônimos e também como expressão material de uma certa ideia de progresso. Referimo-nos ao progresso que atropela a vida das pessoas, sobretudo aquelas que não possuem equidade de força nem de luta, para fazer frente aos grandes empreendimentos, erguidos país a fora. Em nome de um progresso predatório, que se assenta sobre a destruição, naturalizam-se os impactos ambientais, sociais e culturais como coisa comum, corriqueira ou “necessária”. De tal sorte que, na outra ponta, onde habitam as comunidades afetadas, sejam camponeses, índios, pobres ou pretos, o empreendimento simplesmente os *silencia*.

Ora, a UHE Serra do Facão não foi a única empresa, ou neste caso empreendimento, que trouxe mudanças para a região na qual foi erguida. No entanto, é fato inconteste que a construção da barragem trouxe mudanças sem precedentes nas vidas dos sujeitos e em todos os aspectos identificadores da região. Suas ações, portanto, com a região e com os sujeitos sociais foram e continuam sendo determinantes para os moradores de sua área de influência. Não por acaso, ao preferir silenciar-se sobre os impactos da construção da barragem e elidir a memória são escolhas que definem o caráter e o

compromisso do empreendimento. Como dissemos acima, com o capital e não com os sujeitos e suas memórias submersas.

Não obstante, a ideia de progresso que permanece animando a SEFAC e justificando as suas ações, só pode ser erguida como bandeira porque encontrou eco no discurso e na forma de ver o mundo das elites locais. No caso de Catalão, esta ideia de progresso pode ser encontrada em estado latente na própria narrativa histórica da cidade, construída, principalmente, por memorialistas. Todas as visões em relação à cidade se dão a partir da ideia de progresso e de modernidade, disseminada ao longo das décadas entre aqueles que vivem nela e/ou em seu entorno. Dessarte, bombardeada por uma visão muito específica de história e de progresso, a população passou a viver numa utopia de cidade em desenvolvimento.

Neste processo, na construção da memória histórica da cidade, os sujeitos que não se destacam, ou seja, que não pertencem à elite política e econômica, são eliminados e/ou negligenciados pelas narrativas de conquistas construídas pela e para a elite, ficando à margem da história oficial local.

Ao longo da trajetória histórica de Catalão, este mesmo discurso moldado pela ideia de desenvolvimento e de progresso, foi constantemente revisitado e adequado aos novos tempos. Seja na chegada da ferrovia, na construção das autoestradas que ligam a cidade à capital do país, ou na chegada de grandes empresas multinacionais que se instalaram na região, a sina do progresso inevitável sempre acompanhou o discurso histórico da cidade. Seu ápice, a concretização da promessa vindoura e inelutável deu-se, enfim, com a construção da Usina Hidrelétrica Serra do Facão.

Observe-se que a empresa não apenas se “apropria” do discurso de modernidade e desenvolvimento da região. Ela o instrumentaliza de forma a legitimar sua instalação, trazendo para si a representação última de progresso. Desta forma, ela se coloca como protagonista e responsável pela continuidade da história local, pautada no sucesso e no empreendedorismo rumo ao... *progresso*. Assim, ao construir uma imagem positiva de si mesma como responsável pelo desenvolvimento da cidade e da região, a SEFAC elimina, por consequência, toda e qualquer ação ou memória contrária à sua

autorrepresentação. Nestes termos, a cidade passa a aceitar e legitimar essa imagem, recebendo a empresa como representante desse movimento rumo ao progresso, e minimizando os impactos negativos através da aquiescência das ações compensatórias promovidas pela SEFAC, tomadas como benesses.

Mesmo que alguns dos impactos tenham ocorrido de forma indireta, as regiões de abrangência da barragem da UHE Serra do Facão sofreram inúmeras transformações, desde sua construção até os dias atuais. Entre as regiões, Catalão mereceu lugar de destaque, pois no centro urbano ou na área rural, foi o município mais afetado.

Como cidade considerada polo da microrregião, era de se esperar um movimento econômico e de desenvolvimento, bem como de aumento populacional, desemprego e violência. No entanto, os fatores negativos acabaram sendo, de certa forma, maquiados pelas propagandas, investimentos e ações realizadas na região, em particular, em Catalão/GO. A leitura de que o resultado da chegada da SEFAC foi negativo, na área diretamente afetada, se repete nos relatos dos entrevistados que falaram conosco, dez anos depois da sua instalação.

[...] quando eu tava dando aula ainda...naquela época eu ainda trabalhava né, na escola quando eles construiu (a barragem)... então a gente fizemo muito manifesto pra ver se (barrava a construção)... num conseguiu mais... é federal eu acho, o governo, não sei... não tem como impedir! Eu não sei nem porque o motivo que eles fizeram essa barragem... diz que foi pra gerar energia... pra onde? Pra nós num foi né? Eu acho... [...] as roça que tinha aqui pra baixo, porque aqui plantava muita lavoura né? Então acabou tudo, a água tomou conta. Depois a água foi embora, ficou só aquele... parece assim um esqueleto, parece quando morreu e ficou só o que num presta lá... Eu acho... num gostei muito dessa barragem não! Mas fazer o que né? [...]²⁹⁷

O trecho acima, destacado da entrevista da professora Sandra Maria Mesquita Dias, a aproxima de tantos outros que lutaram contra a construção da barragem na região. No entanto, a luta foi travada até o momento em que ficou claro que não adiantaria mais lutar contra a construção da Hidrelétrica. Seria

²⁹⁷ Entrevista de Sandra Maria Mesquita Dias (professora aposentada e produtora rural), Fazenda Pires, Catalão/GO, 2020.

inevitável que o paredão de concreto armado represasse as águas do Rio São Marcos, criando um lago colossal que inundaria casas, currais, estradas, memórias e vínculos.

Mesmo sendo, na prática, interesse de empresas privadas, a SEFAC foi considerada uma obra de "interesse público" e para o "desenvolvimento do país", delineada através de um projeto de geração de energia aprovado pela ANEEL – Agência Nacional de Energia Elétrica – reguladora do setor energético; apoiada pelo governo federal por meio do Ministério da Economia e, em parte, financiada pelo BNDES.

A aprovação por parte do governo, associada ao financiamento do BNDES, significava, portanto, que não haveria recuo em relação à instalação do empreendimento. Isso denota que a luta diária contra a construção da usina hidrelétrica não teria outro vencedor se não o “progresso”, laureando as empresas que representavam o consórcio SEFAC. As estratégias e táticas utilizadas, em especial durante as negociações relativas às indenizações, não foram utilizadas com receio de que os afetados pudessem impedir a construção da barragem, mas temendo retardar sua inauguração, mediante ações judiciais que poderiam causar prejuízo às empresas envolvidas.

Os produtos gerados pelo projeto "Caminhos da Memória", por exemplo, deveriam ter sido determinantes para a liberação, ou não, do funcionamento da usina hidrelétrica, pois se tratava de ações afirmativas e de compensação de impacto social. A empresa seria, então, responsável por distribuir o material aos sujeitos afetados e aos órgãos públicos, para que a conclusão e geração de energia pudesse se efetivar. Contudo, a SEFAC não cumpriu essa obrigação, pois os livros e o filme foram entregues pela própria equipe do projeto. A única dúvida que persiste, quanto ao encaminhamento dado pela SEFAC, é se algum material produzido pela equipe do projeto foi entregue aos órgãos competentes, responsáveis pela liberação.

Ao final deste trabalho, podemos perguntar se seria possível outro desfecho. Ou seja, seria possível impedir o início das atividades da UHE Serra do Facão pelo descumprimento de sua parte no acordo de ações compensatórias de impacto social? Ou, ainda, da negativa de moradores afetados de venderem

e/ou saírem de suas terras, após a conclusão das obras com o financiamento na casa de milhões? Enfim, seria possível impedir o funcionamento da usina com as terras já inundadas? A resposta é não. Os vencedores dessa queda de braço já eram conhecidos antes mesmo das máquinas tomarem conta do lugar e da barragem tomar forma.

Todavia, compreendemos que a luta real nunca foi barrar a construção ou recusar-se a sair da terra, pois aqueles que se recusassem a negociar com a empresa teriam os valores depositados em juízo. A verdadeira luta se dava pela *sobrevivência*, em especial, das práticas culturais, dos vínculos identitários e das memórias.

Dez anos se passaram, mas as transformações dos lugares e na vida dos sujeitos sociais continuam. A SEFAC permanece atuante nas táticas de silenciamento e esquecimento, utilizando-se de expedientes sutis para soterrar toda e qualquer memória que lhe seja dissonante. No entanto, o projeto “Caminhos de Memória” não se perdeu. Afinal, ao longo da sua trajetória foi deitando sementes, justamente, *pelos caminhos*. Sobretudo por meio da educação, as memórias dos sujeitos afetados pela barragem, seus modos de vida, sua cultura, seus sonhos e esperanças novamente ganham vida. E assim, através de professores e professoras, a sala de aula – seja ela virtual ou não – se transforma naquilo que Walter Benjamin conferiu à História: a porta estreita pela qual pode entrar o Messias. Não se trata aqui, por óbvio, de salvação. Mas, da possibilidade sempre presente de se escrever uma História a contrapelo.

REFERÊNCIAS

ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I. Histórias em transformação: experiências e tensões na pesquisa sobre empreendimento hidrelétrico. *In*: MACHADO, M. C. T.; RAMOS, A. F. (org.). **Nas Veredas da História**: itinerários e transversalidades da cultura. Uberlândia: EDUFU, 2012.

_____.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano**: cidades, memórias e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-242-7>

ALVES, Paulo César. (org.). **Cultura**: múltiplas leituras. Bauru/SP: Edusc, 2010.

AMÂNCIO, Thiago; PRADO, Avenir. Matança no interior. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 dez. 2017, online. Disponível em: temas.folha.uol.com.br/matanca-no-interior/catalogo-go/guerra-de-faccoes-e-mortes-viram-rotina-ate-em-cidade-pacata-de-goias.shtml Acesso em: 13 jul. 2020.

AMARAL, Cleomara Nunes do; e GUARIM NETO, Germano Guarim. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222008000300004>

ANA, Nota Técnica 331, de 22 de agosto de 2005. Disponível em: http://portal1.snirh.gov.br/arquivos/drdh/NT_UHE_Batalha.pdf Acesso em janeiro de 2020.

ARAÚJO, Daniel Séjour. Sociabilidade e vizinhança nos caminhos do São Marcos. *In*.: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.). **São Marcos do Sertão Goiano**: cidades, memórias e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos Araújo; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Prelúdio: travessias e (in) certezas às margens do rio São Marcos. *In*.: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano**: cidades, memórias e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

ARAÚJO, Kalliandra de Moraes Santos. **"O Sertão virou mar"**: a Usina Hidrelétrica Serra do Facão e as desapropriações do entorno do rio São Marcos. (2000-2010). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

ARAUJO, V. da S. Cidade, modernidade e imaginação: as metrópoles do século XXI na imprensa ilustrada carioca e bonaerense do século XX. **Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v.16, n.2, supl., p. 33-45, abr./jun, 2018.

AZEVEDO, Cecília et. al. **Cultura política, memória e historiografia**. São Paulo: FGV Editora, 2009.

AZZI, Antônio J. **Catalão Ilustrado**. SP: Linotecnica, 1938.

BAKHTIN, Mikhail. **L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance**. Paris: Gallimard, 1970.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986.

BENTIVOGLIO, Júlio César. **Os pontos cegos da História: a produção e o direito ao esquecimento no Brasil - breves notas para uma discussão**. OPSIS, Catalão/GO, v. 14, n. 2, p. 378-395, 2014. <https://doi.org/10.5216/o.v14i2.30129>

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORGES, Adairlei Aparecida da Silva. **Diagnóstico ambiental e proposta de monitoramento da área do Lago de Miranda, pertencente ao município de Indianópolis/MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TA Queiroz Editor 1979.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

BRECHT, Bertolt. A Ópera dos Três Vinténs. Tradução Wolfgang Bader, Marcos Roma Santa, Wira Selanski. In: _____. **Teatro Completo**. v. 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BOUDON, Raymond (org.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

BUENO, Edir de Paiva. **Dinâmica demográfica e a conformação socioespacial da cidade de Catalão (GO): uma análise dos níveis de desenvolvimento humano entre 1970 e 2000**. Tese (Doutorado Geografia) -

Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Curso de Pós-Graduação em Geografia. Rio Claro (SP): UNESP, 2006.

CAMPOS, M. D. **Catalão Estudo Histórico e Geográfico**. Bandeirantes, 1976.

CASTANHO, Roberto Barboza; KATRIB, Cairo Mohamad Ibraim; SILVA, Lucas Roberto Guirelli. Cartografia do universo rural do sudeste goiano: nos caminhos do vivido. *In.*: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

CELG EMITE NOTA DE ESCLARECIMENTO SOBRE AS CONSTANTES FALTAS DE ENERGIA EM CATALÃO E REGIÃO. **Blog Zap Catalão Notícias**, Catalão, 09, janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2018/01/09/celg-emite-nota-de-esclarecimento-sobre-constante-falta-de-energia-em-catalao-e-regiao/>

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Editora, Papirus, 1995.
_____. **A invenção do cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
_____. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2 ed. 1982.

CHARTIER, Roger. **A história com a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica: 2009.
_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.
_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, 11(5), 1991. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.

CHAUD, Miguel Jorge. **Memorial do Catalão**. Goiânia: Agepel, 2000.

CHAUL, Narsh Fayad. Catalão e a República do Trem de Ferro. **Revista UFG: Dossiê Ferrovias**. Catalão, Ano XIII nº 11., dez. 2011.

COELHO, B. J. **Um Homem e sua família**. Goiânia: Ed. Kelps, 1997

DAMERGIAN, Sueli. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade. *In.*: TASSARA, E. T. O. (org.). **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia ambiental do urbano**. São Paulo: EDUC/Fapesp, 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: autêntica, 2006.

DEMOCH, Edson. **1810: das terras da Mãe de Deus a Catalão.** Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008.

DEUS, João Batista de. **O sudeste goiano e a desconcentração industrial.** Brasília: Ministério da Integração Nacional, Universidade Federal de Goiás, 2002.

_____. **O sudeste goiano: as transformações territoriais decorrentes da desconcentração industrial brasileira.** São Paulo, 2002. Tese. (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo – FFLCH, 2002.

DIEHEL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação.** Bauru – SP: EDUSC, 2002.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das Ciências e da Filosofia das Imagens.** Rio de Janeiro: Difel 2004.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: Ed Unesp, 2008.

EM NOTA, ENEL ESCLARECE A FALTA DE ENERGIA NOS BAIRROS SANTA TEREZINHA E VEREDA DOS BURITIS. **Blog Zap Catalão Notícias**, Catalão, 14, novembro de 2018. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2018/11/14/em-nota-enel-esclarece-a-falta-de-energia-nos-bairros-santa-terezinha-e-vereda-dos-buritis/>

ENEL APRESENTA AO MP JUSTIFICATIVAS PARA INTERRUPTÕES NO FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉTRICA EM GOIÁS. **Blog Zap Catalão Notícias**, Catalão, 13, fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2019/02/13/enel-apresenta-ao-mp-justificativas-para-interruptoes-no-fornecimento-de-energia-eletrica-em-goias/>

FARIAS, Francisco Pereira de. Clientelismo e democracia capitalista: elementos para uma abordagem alternativa. **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba: nov. 2000, n.15. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782000000200004>

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996; LOWENTHAL, David et al. Como conhecemos o passado. **Projeto História**. São Paulo, n. 17, nov., p. 63-201, nov.1998.

FERREIRA, Rosa Maria da Silva. **As águas e o tempo: memórias de Nova Ponte.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 1996.

FLEURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jalcione. A construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte: conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento. **Revista Ambiente e Sociedade**. v.16, n.4, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2013000400009>

FREQUENTES QUEDAS DE ENERGIA INCOMODAM MORADORES DE SANTO ANTÔNIO DO RIO VERDE. **Blog Zap Catalão Notícias**, Catalão, 21, setembro de 2018. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2018/09/21/frequentes-quedas-de-energia-incomodam-moradores-de-santo-antonio-do-rio-verde/>

GARRIDO, Adriana Cristina O. Fatores sociais de criminalidade. **Revista do Núcleo de Criminologia**. v. 13. Faculdade Atenas, Paracatu, 2014. p. 2.

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. *In*: _____. (org.). **Turismo, investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989. p. 37-38.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996. p.29.

GOMEZ, Luis Palacín; CHAUL, Nasr Fayad; BARBOSA, Juarez Costa. **História política de Catalão**. Goiânia (Go): Editora UFG, 1994.

_____. **Coronelismo em Goiás**, Goiânia: Cegraf, 1992.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

GRANDO, Raquel Lopes Sinigaglia Caribé. **O momento de plantar e o momento de colher**: estudo etnoecológico na Vila do Forte, Vão do Paranã – Goiás. Dissertação (Mestrado em Política e Gestão Ambiental), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

GULLAR, Ferreira. "**Corpo a corpo com a linguagem**", publicado em 1999. Fonte: <https://citacoes.in/citacoes/120143-ferreira-gullar-a-historia-humana-nao-se-desenrola-apeenasnos-camp/>.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História e audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

HALL, Stuart. Identidade cultural e Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional**, n. 24, 1996.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores no nordeste do Brasil**. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. E-book. Disponível em: file:///C:/Users/Yan/Downloads/HEREDIA_A_morada_da_vida_FINAL.pdf.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JÚNIOR, Geraldo Coelo de Oliveira (org.). **Estudo das Microrregiões**. Revista do Observatório do Mundo do Trabalho. IFG, Goiânia, 2014. p. 3.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984.

_____. **Foi assim que me contaram: recriação dos sentidos do sagrado e do profano no congado na festa de Nossa Senhora do Rosário**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Brasília, Brasília-DF, 2009.

_____. **Histórias e confissões: páginas escolhidas** – Goiânia: O Popular, 1987.

_____. MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves. **Relatório final Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural** - Caminhos da memória, caminhos de muitas histórias: Levantamento e registro do Patrimônio Histórico-Cultural dos municípios atingidos pela UHE Serra do Facão. Uberlândia, 2010.

_____. GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias. Religiosidade e devoção: caminhos para pensar a cidade. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 24, n. 37, ago. 2017. <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2017v24n37p65>

KELMAN, Jerson; KELMAN, Rafael; PEREIRA, Mario Veiga Ferraz. **Energia firme de sistemas hidrelétricos e usos múltiplos dos recursos hídricos**. PSR - energy consulting and analytics. Disponível em: file:///C:/Users/DOCPOP%20-%20PC/Downloads/K-K0002.pdf

KROIN, Leonardo. Quintais faxinalenses: uma forma de sociabilidade. **Revista Discente Ofícios de Clio**, Pelotas, v. 4, n. 7, julho - dezembro de 2019. <https://doi.org/10.15210/clio.v4i7.16182>

KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins e MELLO, Maria Thereza Ferraz Negrão (org.). **Os espaços da história cultural**. Sobradinho/DF: Paralelo 15, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LEHMKUHL, Luciene. **Fazer História com imagens**. In: PARANHOS, Kátia. et al. (org.). **História e imagens: textos visuais e práticas de leituras**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

LOPES, A. S.; GUILHERME, L.R.G. Fertilidade do solo e produtividade agrícola. In: NOVAIS, Roberto Ferreira de Novais et al., (org.). **Fertilidade do Solo**. Viçosa: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosângela; RAMOS, Alcides Freire. **História e Cultura: Espaços Plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002.

_____. Serra do Facão: na encruzilhada dos sertões. In.: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano: cidades, memórias e cultura**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

MACHADO, Raphael de Sousa. **A cultura política do coronelismo e suas representações sociais: Araguari/MG - 1930/1945**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2016.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MARTINS, Priscila Celeste. **Os "gigantes" na dinâmica urbana de Catalão (GO): a atuação do capital - da especulação à verticalização (1975-2010)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia - Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão. Catalão, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. **A urdidura do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste Goiano**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade

de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.

MORADORES E COMERCIANTES dos bairros Ipanema e Aeroporto ficam sem energia elétrica nesta terça feira. **Blog Zap Catalão Notícias**, Catalão, 13, novembro de 2019. Disponível em: <https://www.zapcatalao.com.br/2019/11/13/moradores-e-comerciantes-dos-bairros-ipanema-e-aeroporto-ficam-sem-energia-eletrica-nesta-terca-feira/>

MORADORES RELATAM falta de energia elétrica em Catalão. **Portal Catalão Notícias**, Catalão, 21, setembro de 2018. Disponível em: <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/moradores-relatam-falta-de-energia-eletrica-em-catalao,MjAyNjE.html>

NASCIMENTO, Aline Cristina; ROSA, Marcelo do Nascimento. **E cadê os camponeses que estavam aqui?** Expropriação e resistência camponesa a partir da construção da hidrelétrica Serra do Facão. Sociedade e Território, v. 27. Edição Especial I – XXII ENGA. Natal, 2015.

_____. **E cadê o campesinato que estava aqui?** A transformação do território do Vale do Rio São Marcos a partir da hidrelétrica Serra do Facão. Dissertação (Mestrado Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal de Goiás. Catalão, 2014.

NÓBREGA, Pedro Ricardo Cunha. Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade do estudo da vida cotidiana na reprodução do urbano. **Revista Rural & Urbano**, v. 02, n. 02, p. 26-46. Recife, 2017.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, n.10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Anderson Aparecido Gonçalves de. **Lá vem chegando São Sebastião, vem aqui te visitar:** festas, andanças e folias no interior goiano (1960/2013) Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História - UFU, Uberlândia, 2014.

O GOYAZ. 29 de março de 1889, n. 1, 610. Apud: CHAUL, Narsh Fayad. Catalão e a República do Trem de Ferro. **Revista UFG: Dossiê Ferrovias**. Ano XIII nº 11. Catalão, Dez. 2011.

PASSOS, Márcia Maria Barros dos; ALBINO, Rayane da Cruz; FEITOZA-SILVA, Michele; OLIVEIRA, Danilo Ribeiro de. A disseminação cultural das garrafadas no Brasil: um paralelo entre medicina popular e legislação sanitária. **Saúde debate**. 2018, v.42, n.116, p.248-262. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811620>

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PM PRENDE TRÊS foragidos nas últimas 24 horas em Catalão. **Portal Catalão Notícias**, Catalão, 29, outubro de 2015. Disponível em: <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/seguranca/pm-prende-tres-foragidos-nas-ultimas-24-horas-em-catalao,MTczODE.html>

PM PRENDE SUSPEITO de arrombar caixa eletrônico em Catalão. **Portal Catalão Notícias**, Catalão, 29, outubro de 2015. Disponível em: <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/seguranca/pm-prende-suspeito-de-arrombar-caixa-eletronico-em-catalao,MTczNzk.html>

QUEDAS DE ENERGIA elétrica incomodam os catalanos. **Portal Catalão Notícias**, Catalão, 10, outubro de 2015. Disponível em: <https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/cidade/quedas-de-energia-eletrica-incomodam-os-catalanos,MTczNDA.html>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória, História e Cidade – lugares no tempo, momentos no espaço. **ARTCULTURA**. Uberlândia, v. 4. n.4, p. 23-35, junho, 2002.

_____. Pedra e Sonho: os caminhos do imaginário urbano. *In: O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

_____. Um novo olhar sobre a história: a nova história cultural e as representações do urbano. *In: MAUCH, Cláudia, et al. Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade*. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1994

_____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, nº 16, 1995.

PINHEIRO, D. C. **Reestruturação do setor elétrico no Brasil e suas consequências no tratamento de questões sociais e ambientais: O Caso da Usina Hidrelétrica de Cana Brava, GO**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PIRES, C. M. **Catalão (GO): uma contribuição no estudo de cidades médias**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Uberlândia (MG), 2009.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro et al. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. v. 14, 1997.

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido. *In.*: PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006.

RAMALHO FILHO, A.; BEEK, K. J. **Sistema de avaliação da aptidão agrícola das terras**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Embrapa-CNPQ, 1995.

RAMINELLI, Ronald. Compor e decompor: ensaio sobre a história em Ginzburg. **Revista Brasileira de História**. v. 13, n. 25-26. São Paulo, ago 93.

RAMOS, Cornélio. **Catalão de ontem e de hoje** (curiosos fragmentos de nossa história). Catalão: Kalil, 1984.

_____. **Catalão: poesias, lendas e histórias**. 3ª edição. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 1997.

_____. **Histórias e confissões: páginas escolhidas** – Goiânia: O Popular, 1987.

REINALDO, Helen Cássia; MESQUITA, Helena Angélica de. Davinópolis (GO) e a Hidrelétrica Serra do Facão no Rio São Marcos: algumas controvérsias. **Revista OKARA: Geografia em debate**, v.7, n.1, p. 96-111. João Pessoa, PB, 2013.

REIS, João Francisco Garcia; SOUZA, Jaime Luiz Cunha de. Grandes projetos na Amazônia: A hidrelétrica de Belo Monte e seus efeitos na segurança pública. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v.9, maio/ ago.,2016.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento** (2003). Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. **Revista Brasileira de História**. v. 9, n. 19, set. 1989 / fev. 1990.

SANTANA E SILVA, Sebastião de. Saudade. **Gazeta do Triângulo**. (Página Literária) ago. 1959. p. 6.

SANTOS, H.G. et al. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 3 ed. Brasília: Embrapa, 2013, 353p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; SOUZA, Maria Adelia Aparecida de (org.). **Território, globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAUER, I. L. Energia elétrica no Brasil contemporâneo: a reestruturação do setor, questões e alternativas. *In*: BRANCO, A. M. (org.). **Política energética e crise de desenvolvimento**: a antevisão de Catullo Branco. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.128.

SEBBA, Paulo Fayad. Significado de um Acontecimento. **Gazeta do Triângulo**. Agosto de 1959, p. 22.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. nº 0 (1981). São Paulo: EDUC, 1981.

SEGPLAN/GO. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento, Goiás. **Aliança municipal pela competitividade**: Catalão. Caderno de entregas e resultados. [S.l.], 2018. Disponível em: <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2018-02/05---catalao---caderno-de-encargos.pdf>

SEIXAS, Jacy Alves de. Halbwachs e a memória-reconstrução do passado: memória coletiva e história. **História** (UNESP. Impresso). São Paulo, v. 20, 2001.

_____. Comemorar entre memória e esquecimento: reflexões sobre a memória história. **História. Questões e Debates**. Curitiba, v. 32, n.32, 2000.

_____. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? **Projeto História** (PUCSP), São Paulo, v. 24, 2002.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço**: habitar, fundar, distribuir e transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SERRA DO FACÃO ENERGIA S.A. **Termo de referência**: Programa de Preservação do Patrimônio Histórico-cultural. (SEFAC-PBA-TR-012-07) Catalão/GO, ago. 2007.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.20, maio/jun./jul./ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>

SILVA, Andreia. **Usina Hidrelétrica de Miranda e as mudanças socioespaciais em Indianópolis - MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2012.

SILVA, Jaciely Soares da. **Medo do passado ou passado do medo?** História, memória e violência em Catalão-GO (1978-2012). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2019.

_____. **Violência e religiosidade popular em Catalão-GO**: a construção da santidade de Antero 1932-2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História UFU. Uberlândia, 2014.

SILVA, José Graziano da. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas: Unicamp-Instituto de Economia, 1996.

SILVA, Maria Aparecida Daniel da. **Terra "sem lei, sem rei"**: Goiás (1822/1850). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias. Goiânia, 2002.

SILVA, Paulo Sérgio Moreira da. Paracatu, do ouro à modernidade: cultura, negritude e fé. *In*: ABDALA, M. C.; KATRIB, C. M. I.; MACHADO, M. C. T. (org.); **São Marcos do Sertão Goiano**: cidades, memórias e cultura. Uberlândia: EDUFU, 2010.

SILVA, Phillip César Albuquerque. **A interiorização da violência**: a dinâmica dos homicídios no Brasil (2004-2015). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Recife, 2018. p. 92.

SILVA, Ronaldo da. **A implantação da Mitsubishi em Catalão**: estratégias políticas e territoriais da indústria automobilística nos anos 90. 2002. 198 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia, 2002.

SILVA, Rosa Maria Ferreira da. **A República dos Patos, ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes**: representação, memórias e conflitos. Cidade de Patos, 1889-1933. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

THOMPSON, Paul. Folclore, Sntropologia e História social. *In*: _____. **As peculiaridades dos ingleses e outros ensaios**. Campinas/SP: Unicamp, 2001.

_____. **História oral**: a voz do passado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 388, 1992

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das letras. 1988.

VESENTINI, Carlos Alberto. **A Teia do fato**. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4. ed. rev. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Ed.UNB, 1998.

_____. **A Teia do fato**. Uma proposta de estudo sobre a memória histórica. São Paulo: HUCITEC/História Social, USP 1997.

VIANA, Márcio Greik. **O crescimento econômico e demográfico de Catalão (GO):** as incongruências percebidas através das ruas. Dissertação (Mestrado Geografia). Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019.

WANDERLEY, Maria Nazaré Baudel. Raízes históricas do campesinato brasileiro. *In*: TAVARES, E.D., MOTA, D.M.; IVO, W.M.P.M. (Ed.). Encontro de pesquisa sobre a questão agrária, nos tabuleiros costeiros de Sergipe, 2, 1997, Aracaju-SE. Agricultura familiar em debate - **Anais**. Aracaju: Embrapa-CPATC, 1997. p.9-40.

WASELFISZ, Julio Jacobo **Mapa da violência 2011:** os jovens no Brasil. Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

25° HOMICÍDIO FOI registrado em Catalão. **Portal Catalão Notícias**, Catalão, 01, novembro de 2015. Disponível em:

<https://portalcatalao.com.br/portal/noticias/seguranca/25-homicidio-foi-registrado-em-catalao,MTczODY.html>